

***Agonística buarquiana: Sérgio Buarque de Holanda em combates com  
Gilberto Freyre e Alceu Amoroso Lima***



DALTON SANCHES

***Agonística buarquiana: Sérgio Buarque de Holanda em combates com  
Gilberto Freyre e Alceu Amoroso Lima (1920-1960)***

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em História.

**Área de concentração:** Poder e Linguagens  
**Linha de pesquisa:** Ideias, Linguagens e Historiografia

**Orientador:** Prof. Dr. Mateus Henrique de F. Pereira (PPGHIS-UFOP)

**Coorientador:** Prof. Dr. Emílio Carlos R. Maciel (POSLETRAS-UFOP)

MARIANA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
2019

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S211a Sanches, Dalton.

Agonística buarquiana [manuscrito]: Sérgio Buarque de Holanda em combates com Gilberto Freyre e Alceu Amoroso Lima (1920-1960). / Dalton Sanches. - 2019.  
244 f.

Orientador: Prof. Dr. Mateus Henrique de F Pereira.

Coorientador: Prof. Dr. Emílio Carlos R Maciel.

Tese (Doutorado). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.

Área de Concentração: História.

1. Holanda, Sérgio Buarque de, 1902-1982. 2. Freyre, Gilberto, 1900-1987. 3. Lima, Alceu Amoroso, 1893-1983. 4. História intelectual. 5. Historiografia - Brasil. I. Maciel, Emílio Carlos R. II. Pereira, Mateus Henrique de F. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 930(81)(043.2)

Bibliotecário(a) Responsável: Michelle Karina Assunção Costa - CRB 6 - 2164



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
REITORIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**FOLHA DE APROVAÇÃO****Dalton Sanches*****"Agonística buarquiiana: Sérgio Buarque de Holanda em combates com Gilberto Freyre e Alceu Amoroso Lima"***

Membros da banca

Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata (Membro) - Universidade Federal de Ouro Preto  
Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (Membro) - Universidade Federal de Ouro Preto  
Prof. Dr. Henrique Estrada Rodrigues (Membro) - Pontifícia Universidade Católica - Rio  
Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (Membro) - Universidade Estadual de Campinas

Versão final

Aprovado em 11 de janeiro de 2019

De acordo

Professor (a) Orientador (a) Prof. Dr. Mateus Henrique de Faria Pereira (Orientador)



Documento assinado eletronicamente por **Mateus Henrique de Faria Pereira, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 22/07/2020, às 14:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0069405** e o código CRC **B68365D7**.

**Referência:** Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.005260/2020-11

SEI nº 0069405

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000  
Telefone: 3135579406 - www.ufop.br



## **Agradecimentos**

Em tempos tão duros para o conhecimento e a pesquisa brasileiros, devo agradecer, primeiramente, à Universidade Federal de Ouro Preto, pelo apoio fundamental com bolsa concedida por meio da sua Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, e também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa do Programa de Doutorado-sanduíche no Exterior (PDSE), com a qual pude, entre os meses de abril e outubro de 2017, aperfeiçoar parte desta pesquisa, bem como enriquecer minha experiência e formação no âmbito da Università di Bologna, na Itália. Sou grato, ainda, à equipe dessa agência, pelo aceite da candidatura e, também, pelo cuidadoso andamento de todo o processo.

Agradeço, igualmente, ao Programa de Pós-graduação em História (PPGHIS-UFOP), por ter aceitado o projeto de pesquisa submetido ao seu processo seletivo, assim como pela aprovação do projeto apresentado à candidatura para o Doutorado-sanduíche, sob supervisão do professor Roberto Vecchi. Ainda no âmbito do PPGHIS, devo agradecer enormemente pelo apoio e pelo diálogo proporcionados pelo seu quadro de competentes professores, cujos ecos, certamente, se inscrevem nas melhores partes desta tese. Entre eles, devo destacar, primeiramente, o meu orientador, Mateus Henrique de Faria Pereira, pelo apoio incondicional durante todo o processo da pesquisa. A ele, sou enormemente grato, ainda, pelo imensurável aprendizado em relação aos tortuosos, “simmelianos” e intensos caminhos da pesquisa, mas também pela capacidade extraordinária de, ao longo desses anos, sempre se disponibilizar à abertura da escuta, tanto das questões relacionadas à pesquisa quanto das relativas à amizade. Se este trabalho não reflete, minimamente, a autonomia intelectual por ele estimulada, bem como as preciosas sugestões e caminhos de investigação, o ônus é inteiramente meu. À frente da secretaria do Programa devo agradecer, especialmente, à Luciana Nascimento e à Mariana Cunha Fontes, pelo solícito e competente auxílio quanto aos trâmites fundamentais para o bom funcionamento de todo o processo.

Sou grato, ainda, ao coorientador, Emílio Carlos Roscoe Maciel, do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto, pelas preciosas ideias e leituras atentas de partes deste trabalho. Espero que as contribuições do campo da teoria e da crítica literária possam enriquecê-lo de algum modo. Além da parte acadêmica, devo registrar, também, as vivências regadas a dicas de

discos, filmes e boas risadas nos encontros sempre divertidos pelos bares e cafés de Mariana.

Quanto ao período na Università di Bologna, devo agradecer imensamente ao professor Roberto Vecchi, por ter, de pronto, aceitado e abrigado a pesquisa no âmbito do Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Moderne (LILEC-UNIBO). Espero que partes fundamentais deste trabalho possam minimamente fazer jus a todo o suporte oferecido e às iluminadoras conversas acerca do objeto estudado. Ainda no LILEC, menciono a acalorada recepção diária, as boas conversas e o auxílio dos caros Michelangelo Serra, Pietro Anania e Nicola Pierro. Não poderia deixar de agradecer aos sempre bem-humorados Vincenzo De Filippis e Davide Tebaldi, do Mood Caffè, pela amistosa recepção e pelos melhores cappuccinos dos intervalos de estudo. Ainda na Itália, sou grato às amigas bolonhesas, às quais represento em nome de Diogo Rodrigues, Veronica Sommariva, Maristela Novaes, Nayara Romagnoli, Suzana Lopes, Elena Gengaroli, Elena Nuti, Giovanna Cappone, Arianna Graciotti, André Rodrigues, Giuliana Beneventi, Luca Signorelli, Francesco Rissi e Stefania Bartoccioni. Em Roma e em Nápoles, agradeço, respectivamente, ao Alberto Alfieri e ao Ferdinando Tricarico, pelo amistoso acolhimento nos poucos, porém intensos, dias de andanças pelas cidades.

Ao Henrique Estrada, ao Marcelo Rangel, ao Sérgio da Mata e ao Thiago Nicodemo, devo imensuráveis agradecimentos pelo aceite imediato para compor a banca de defesa, mas, antes, pelo incessante diálogo acerca dos objetos ao longo de todos esses anos. Se, acaso, não aproveitei, aqui, de modo minimamente satisfatório, muito dessa enriquecedora interlocução, o ônus, igualmente, é todo meu. Ainda nos estudos buarquianos, menciono os profícuos diálogos, diretos e indiretos, com os amigos Raphael Guilherme de Carvalho e Mauro Franco, com João Cezar de Castro Rocha, que contribuiu com iluminadores *insights* em ocasião de encontro em Ouro Preto, e com Fernando Nicolazzi, que foi quem me lançou nessa vasta seara da historiografia brasileira, ainda numa Iniciação Científica.

Quanto à experiência docente no âmbito da Faculdade Dinâmica, agradeço imensamente por todos esses anos de aprendizado, compreensão e amizade em nome de Leilson Viana, Wânia Candida, Priscila Bianchi Couto, Luiz Gustavo Cota, Vicente Batista Lima Júnior, Rodrigo Siqueira Batista, Raquel Briggs e Rafael Mansur.

Ao Mauro Franco e ao Guilherme Bianchi, agradeço pelo incessante diálogo e pelos memoráveis e divertidos anos de vivência na “Daltonlândia”; ao Francisco Gouvea de Sousa, agradeço pela amizade e pelos calorosos incentivos e leituras incontornáveis de parte do trabalho; aos colegas e amigos Andre Freixo, Luiz Estevam Fernandes, Marcelo Abreu, Luisa Rauter, Helena Mollo e Valdei Araújo, pelo diálogo nas oportunidades dos eventos, mas, ainda, nos bons encontros ocasionais pelos espaços do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS-UFOP); às amigas e aos amigos Cairo Barbosa, Bruna Stutz, Carolina Monay, Pablo Souza, Carolina Figueira, Aline Araújo, Pedro Silveira, Isis Castro, Melliandro Galinari, Alexandre Agnolon, Felipe Pascucci, Bruno Oliveira (Paim), Mariana Fontes, Mariana Silveira, Lívia Gonzáles, Lorraine Frois e Graça de Oliveira Machado, pelos laços que, de algum modo, nos ligam ao ICHS e à Mariana.

Aos meus pais, Maria das Graças Bigão e Luiz Antonio Sanches, e aos meus irmãos, Alex Luiz Sanches e Alisson Sanches, pelo incondicional apoio.

Por fim, àquelas e àqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho e que por falta de memória não foram mencionados, agradeço imensamente pela força e pelos incentivos dispensados.



## **RESUMO:**

Tendo como fio condutor a imagem nietzscheana da *agonística* ateniense, esta tese aborda as disputas intelectuais de Sérgio Buarque de Holanda com Gilberto Freyre e Alceu Amoroso Lima. Ao lançar mão de variada estratégia discursiva e textual no combate com os dois interlocutores, Sérgio Buarque representa-se e erige sua memória intelectual assente nesse jogo de pares antitéticos, cujo móvel é a negação das empreitadas intelectivas e projetos postos em curso por eles. Como personagens nodais em cujas trajetórias se entreveem muitas das questões candentes que figuram ao longo da periodização aqui delineada, sustentamos que, *compósita e plasticamente*, Buarque de Holanda molda-se por e molda tal relação triangular em *três tempos*: estético-político, ético-político e político-epistemológico. O primeiro, que terá como fontes privilegiadas publicações de artigos de imprensa, configura-se no ambiente dos modernismos na década de 1920, no qual se projetam os anseios e as disputas por interpretações seletivas de cunho estético em busca de uma “expressão nacional”; o segundo, já nas décadas de 1930 e 1940, que terá como excelência analítica as duas primeiras edições de *Raízes do Brasil* (1936-1948), é o ambiente no qual emergem poderosas e sedutoras propostas de leituras sobre o passado nacional e cujas rivalidades sobre modelos interpretativos, seguidas de apagamentos, construção de identidades e contração de memórias podem ser antevistas nas permutas efetuadas no clássico livro; no terceiro tempo, por fim, veremos que, por meio do *combate pelas resenhas* estampadas nos jornais ao longo das décadas de 1950 e 1960, o ensaísta, mantendo ainda vivas as disputas com os seus dois grandes oponentes, comporá o *front* nos campos disciplinares que se impunham gradativamente como matrizes hegemônicas e cujas dinâmicas de consagração se pautarão por seus combates pela história, não menos pela sociologia e – dimensão escassamente estudada em sua obra – pela filosofia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sérgio Buarque de Holanda; Gilberto Freyre; Alceu Amoroso Lima; História Intelectual; História da Historiografia Brasileira.

**ABSTRACT:**

With the Nietzschean image of Athenian *agonistics* as its guiding thread, this thesis addresses the intellectual disputes of Sérgio Buarque de Holanda with Gilberto Freyre and Alceu Amoroso Lima. By using a varied discursive and textual strategy in the combats with both interlocutors, Sérgio Buarque represents himself and builds his intellectual memory based on this game of antithetical pairs, whose motive is the negation of the intellectual endeavors and projects put in place by them. As nodal characters whose trajectories intertwine many of the main questions that appear throughout the periodization outlined here, we maintain that, *composite and plastically*, Buarque de Holanda shapes himself and shapes this triangular relationship in *three times*: aesthetic-political, ethical-political and political-epistemological. The first, having as a privileged source publications of press articles, is configured in the environment of modernisms in the 1920s, in which the desires and disputes for selective interpretations of an aesthetic nature are projected in search of a “national expression”; the second, in the 1930s and 1940s, which will have as analytical excellence the first two editions of *Raízes do Brasil* (1936-1948), is the environment in which powerful and seductive reading proposals about the national past emerge and whose rivalries over interpretative models, followed by erasures, construction of identities and contraction of memories can be foreseen in the exchanges performed in the classic book; in the third time, finally, we will see that, through the *combats through reviews* published in newspapers throughout the 1950s and 1960s, the essayist, keeping alive the disputes with his two great opponents, will set the front in the disciplinary fields that gradually imposed themselves as hegemonic matrices whose consecration dynamics will be guided by their combats for history, not least for sociology and – a dimension scarcely studied in his work – for philosophy.

**KEYWORDS:** Sérgio Buarque de Holanda; Gilberto Freyre; Alceu Amoroso Lima; Intellectual History; History of Brazilian Historiography.

## **SUMÁRIO:**

### **Introdução, 13**

### **I. Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre: do competidor ao anatemático, 33**

- Das competições. Ou: Ulisses em boa Eris, 41*
- “Sem querer, misturei Sérgio com Gilberto Freyre”, 49*
- Da competição no “taco a taco” à disputa, 53*
- Combates pelo Prefácio, 57*
- O “autor da casa” recebe o estreante, 61*
- Plásticas convergências, 64*
- Entre desalinho e desleixo – acurácia e rigor, 66*
- Combates por Sérgio Buarque, 72*
- Das competições ao anatemático. Ou: da boa à má Eris, 75*

### **II. Sérgio Buarque de Holanda e Alceu Amoroso Lima: dos limiares aos limites, 87**

- Raízes do Brasil – 1948: em torno do liberalismo conservador, 95*
- Combates por Cairu, 98*
- Raízes da formação, Raízes na formação, 103*
- De Raízes do Brasil para os tempos dos modernismos, 106*
- No outro lado dos “outros lados”? Ou: entre a boa e a má Eris, 114*
- Combates por Cairu II, 121*
- A Inteligência: do tomismo ao liberalismo conservador, 126*

### **III. Combates pela resenha: disputas político-epistemológicas nos anos 1950 e 1960, 134**

- Combates (pela resenha) pela história, 140*
- Combates por Sérgio Buarque II, 144*
- Goethe, Eris e a anatemização do passado, 149*
- Persona em cena: pouca erudição e muita imaginação... ou vice-versa, 153*
- Impressionismos no front, 159*
- Combates pela sociologia, 172*
- A diferença. Ou: o mal-estar da profissionalização, 174*
- Ensaio, esse significante flutuante, 180*
- O ensaísta desautoriza o ensaio?, 190*
- Combates pela filosofia, 198*
- Existencialismos no front, 209*

### **Considerações finais, 220**

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 224**

### **NOTA PARA A LEITURA**

Procuramos consultar, sempre que possível, as primeiras edições das obras estudadas ou, quando fosse o caso, edições relativas ao período de estudo. As citações feitas neste trabalho orientam-se pela seguinte escolha: em língua portuguesa, elas seguem *ipsis literis* a fonte consultada, sem que houvesse qualquer atualização ortográfica ou gramatical para os textos mais antigos; aquelas feitas de textos em outras línguas seguem com nossa tradução. Os grifos em itálico são de nossa autoria, salvo quando vierem especificados, no corpo do texto ou em nota, como pertencentes aos seus autores.

**Exceção: Bernanos, que se dizia escritor de sala de jantar**

*Por que é o mesmo o pudor  
de escrever e defecar?  
Não há o pudor de comer,  
de beber, de incorporar,  
e em geral tem mais pudor  
quem pede do que quem dá.  
Então por que quem escreve,  
se escrever é afinal dar,  
evita gente por perto  
e procura se isolar?  
Escrever é estar no extremo  
de si mesmo, e quem está  
assim se exercendo nessa  
nudez, a mais nua que há,  
tem pudor de que outros vejam  
o que deve haver de esgar,  
de tiques, de gestos falhos,  
de pouco espetacular  
na torta visão de uma alma  
no pleno estertor de criar.  
(Mas no pudor do escritor  
o mais curioso está  
em que o pudor de fazer  
é impudor de publicar:  
com o feito, o pudor se faz  
se exhibir, se demonstrar,  
mesmo nos que não fazendo  
profissão de confessar,  
não fazem para se expor  
mas dar a ver o que há.)*

João Cabral de Melo Neto<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> NETO, João Cabral de Melo. *Selected Poetry, 1936-1990*. Djelal Kadir, editor. With translations by Elizabeth Bishop *et al.*. Wesleyan University Press. Published by University Press of New England, Hanover, 1994, p. 136.

## Introdução

**N**ão são poucos os motivos, hoje, para se debruçar sobre determinados autores já incontornáveis entre os chamados “intérpretes do Brasil”,<sup>2</sup> os quais, a depender das interpretações, das abordagens, dos usos, dos abusos e das apropriações, constituem-se quase que como metonímias e antonomásias da cultura e da formação social brasileira, a fornecer elementos para, além da ampliação e da complexificação do pensamento crítico no campo das humanidades, se pensar verticalmente – e a despeito de juízos e valores preestabelecidos – as imagens, imaginários e autoimagens da nacionalidade que suscitam.<sup>3</sup> Entre essas figuras, encontra-se, certamente, o crítico literário, historiador e ensaísta Sérgio Buarque de Holanda, sobre o qual extensos e exaustivos trabalhos no campo da historiografia intelectual e da historiografia brasileira, mas também na crítica literária, estudos culturais e, de um modo mais geral, nas ciências sociais, se dedicam, sob múltiplas abordagens e interesses, a releituras de sua obra, assim como ao seu legado para a reflexão acerca do Brasil. Ademais, deve-se destacar que os ditos intérpretes suscitaram até mesmo algumas recentes empreitadas biográficas dessa entidade – caso se ecoe a tópica jobiniana – para não principiantes.<sup>4</sup>

Como poucos intelectuais brasileiros, o autor se apresenta na contemporaneidade como matriz indispensável a permanecer oferecendo matéria compósita para se pensar o país – ainda que se convertendo em objeto de críticas que beiram à iconoclastia. Um reflexo da sua sólida consagração se manifesta na amplitude e na projeção com que é requisitado por algumas iniciativas institucionais para além das fronteiras nacionais: registra-se, por exemplo, a “Cátedra Sérgio Buarque de Holanda”, na Freie Universität Berlin, cujo objetivo é receber professores visitantes brasileiros recrutados de diferentes campos e disciplinas, a fim de fomentar o intercâmbio, no âmbito dos estudos latino-americanos, entre essa universidade e o Brasil. Como versa o site da instituição, as exigências interdisciplinares e internacionais do programa

---

<sup>2</sup> Noção, assim como a de “pensamento social brasileiro”, em certa medida problemática, como apresentaremos em nota, mais adiante.

<sup>3</sup> Cf., nesse sentido, BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>4</sup> Pensamos, aqui, nessa personagem biografada pelas penas de Lilia Schwarcz, de Heloísa Starling e, mais provocativamente, de Francisco Oliveira. Cf., respectivamente, SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloísa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015; OLIVEIRA, Francisco. *Brasil: uma biografia não autorizada*. São Paulo: Boitempo, 2018.

perpassam pela combinação entre as ciências humanas e sociais de Sérgio Buarque de Holanda, bem como pelo destaque de sua relação pessoal e profissional com a Berlim do princípio dos anos 1930.<sup>5</sup> Na Itália, os estudos em torno da obra do autor, assim como as supervisões de teses de doutorado e pós-doutorado de pesquisadoras e pesquisadores brasileiros, são representados por Ettore Finazzi-Agrò, professor de Literatura Portuguesa e Brasileira no Dipartimento di Studi Europei, Americani e Interculturali da Facoltà di Lettere e Filosofia, em Sapienza Università di Roma; em Bolonha, por Roberto Vecchi, professor de Literatura Portuguesa e Brasileira no Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Moderne da Università di Bologna; e, em Genova, por Chiara Vangelista, do Dipartimento di Antichità, Filosofia e Storia da Università Degli Studi di Genova. Vale ressaltar que tal convergência entre os três italianos brasilianistas redundou, entre outras, na publicação da organização, por Sandra Jatahy Pesavento, do livro *Um historiador nas fronteiras: o Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*, produto de um diálogo proporcionado pela participação dos autores no Grupo Internacional Clíope, o qual trabalha, há mais de uma década, com as relações entre história e literatura.<sup>6</sup> É digno de nota, ainda, o fato de o próprio Sérgio Buarque ter contribuído para as costuras dessa rede de interlocução entre Itália e Brasil, em plena década de 1950; momento para o qual concorrem algumas condicionantes políticas e institucionais que acabam por inseri-lo num circuito hegemônico de construção de uma via de claros interesses para a cultura, o conhecimento em geral e a colaboração do país em âmbito internacional: na política, o segundo governo Vargas, de 1951 a 1954, impulsiona um vasto e elaborado projeto de incentivo à difusão da cultura brasileira no exterior, com o intuito de investir o país de uma posição de *status* de potência perante o mundo do pós-Segunda Guerra. Na condicionante institucional, em grande medida em decorrência da primeira, o intelectual – já diretor do Museu Paulista e professor da Escola de Sociologia e Política – compõe a comissão da UNESCO, “encarregada de elaborar uma história científica e cultural da humanidade em 1951”,<sup>7</sup> e, no ano seguinte, torna-se “professor da recém-fundada Cátedra de Estudos Brasileiros na Universidade de Roma”.<sup>8</sup> Sua estada na Itália

---

<sup>5</sup> Consultado em: <<https://www.lai.fu-berlin.de/pt/brasil/gastprofessor/index.html>>

<sup>6</sup> Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Um historiador nas fronteiras: o Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

<sup>7</sup> NICODEMO, Thiago Lima. “Sérgio Buarque de Holanda e a dinâmica das instituições culturais no Brasil 1930-1960”. In: MARRAS, Stelio (org.). *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Edusp/ Instituto de Estudos Brasileiros, 2012, p. 118.

<sup>8</sup> *Loc. cit.*

“se enquadrava em um projeto de criação de mais de quinze cátedras de ‘estudos brasileiros’ em universidades de renome na América Latina e na Europa”.<sup>9</sup> Por último, e não menos importante, temos a atuação de Pedro Meira Monteiro, um dos influentes estudiosos da obra de Holanda, no Department of Spanish and Portuguese da Princeton University, onde orienta pesquisadoras e pesquisadores interessados pelos estudos brasileiros e latino-americanos.

No que toca à nossa alçada, compomos uma parte no rol dos estudos que, de algum modo, privilegiam a interlocução estabelecida entre Sérgio Buarque e autores como o próprio Gilberto Freyre, mas, igualmente, Oliveira Vianna, Mário de Andrade, Antonio Candido, entre outros; principalmente em se tratando da interlocução – implícita ou explícita – inscrita na vasta produção do paulista, mesmo antes de seu primeiro livro, *Raízes do Brasil*.<sup>10</sup> Após extensa leitura, consideramos que parcela significativa da fortuna crítica dedicada às múltiplas perspectivas da obra do autor pauta-se pelo que compreendemos ser uma leitura, sob diversos níveis e matizes, laudatória no trato do diversificado conjunto da sua produção intelectual. Tendo em vista as possibilidades teóricas e os problemas suscitados por sua ampla bibliografia, bem como algumas abordagens trazidas por iniciativas de uma leitura, digamos, a

---

<sup>9</sup> *Idem, Ibidem*, p. 119.

<sup>10</sup> Cf., entre outros, BOTELHO, André; BRASIL JR., Antonio. “Primos entre si? Rural e urbano em *Raízes do Brasil e Populações meridionais do Brasil*”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil. Edição crítica e comemorativa de 80 anos*. Pedro Meira Monteiro e Lilia Moritz Schwarcz (orgs.); estabelecimento de texto e notas: Mauricio Acuña e Marcelo Diego – São Paulo: Companhia das Letras, 2016; EUGÊNIO, João Kennedy. *Um ritmo espontâneo: o organicismo em Raízes do Brasil e Caminhos e fronteiras, de Sérgio Buarque de Holanda*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2010; MONTEIRO, Pedro Meira. “‘Coisas sutis, ergo profundas’: O diálogo entre Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda”. In: \_\_\_\_ (org.). *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: correspondência*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras: Instituto de Estudos Brasileiros: Edusp, 2012; NICODEMO, Thiago Lima. “Para além de um prefácio: ditadura e democracia no diálogo entre Antonio Candido e Sérgio Buarque de Holanda”. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 36, n. 73, jul./dez., 2016, p. 159-180; RODRIGUES, Henrique Estrada. *Fronteiras da democracia em Sérgio Buarque de Holanda*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005; RODRIGUES, Henrique Estrada. “Uma história cordial: Oswald de Andrade leitor de Sérgio Buarque de Holanda”. In: CLOULET, Ana Rosa; NICOLAZZI, Fernando; PEREIRA, Mateus (orgs.). *Contribuições à história da historiografia luso-brasileira*. São Paulo: Ucipec/Belo Horizonte: Fapemig, 2013; ROCHA, João Cezar de Castro. *Literatura e cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira*. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998; ROCHA, João Cezar de Castro. *O exílio do homem cordial; ensaios e revisões*. – Rio de Janeiro: Museu da República, 2004; ROCHA, João Cezar de Castro. “Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre: raízes de uma rivalidade literária”. In: *Dicta&contradicta*, n. 9, Guilherme Malzoi Rabello (org.) – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: IFE, 2012; WAIZBORT, Leopoldo. “O mal-entendido da democracia: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 1936”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 26, n. 76, jul., 2011; VENANCIO, Giselle; WEGNER, Robert. “Uma vez mais, Sérgio e Gilberto: debates sobre o ensaísmo no suplemento literário do *Diário de Notícias* (1948-1953)”. In: *Varia Historia*. Belo Horizonte, vol. 34, n. 66, set/dez 2018, p. 729-762; e WEGNER, Robert. *A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2000.



contrapelo da tradição interpretativa da obra do crítico e historiador, encetadas principalmente pelos estudos que se debruçaram sobre o cotejamento e a análise contrastiva das modificações efetuadas em *Raízes do Brasil*,<sup>11</sup> fomos motivados a encampar uma abordagem que, igualmente, fosse mais crítica a esse “grande reinante” brasileiro, para falarmos com Dominick LaCapra.<sup>12</sup> Assim, como nos propusemos a estabelecer uma interlocução com alguns dos trabalhos atuais que seguem tal voga, e no qual destacamos aqueles que, em alguma medida, se aproximam ou – ainda que divirjam no tipo de abordagem e problemática – se orientam por diversa investida sobre a obra de Sérgio Buarque de Holanda, é preciso, ainda, elucidar alguns dos motivos pelos quais privilegiamos momentos decisivos de sua – para já anteciparmos a categoria adotada no título desta tese – profícua ética *agonística* praticada no confronto com o pernambucano Gilberto Freyre e com o fluminense Alceu Amoroso Lima.

Consideramos, em certa medida, exíguos os trabalhos que se propõem a contrastar, de modo mais cerrado, determinadas interseções entre o historiador paulista e os autores acima mencionados, principalmente no que toca ao segundo. Entre a vasta rede que compõe a constelação intelectual a figurar em toda a obra buarquiana,<sup>13</sup> indubitavelmente são dois dos mais proeminentes que, durante toda a sua trajetória, dos escritos dos tempos de modernismos, na década de 1920, passando pela ensaística da década de 1930 até aquela praticada dentro já da consagrada malha historiográfica universitária, a partir dos anos 1950,<sup>14</sup> bem como pelas crônicas de imprensa abarcadas

---

<sup>11</sup> E que culminaram recentemente na edição crítica e em um importante número da *Revista Brasileira de História*, ambos dedicados aos 80 anos do mencionado livro: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil. Edição crítica e comemorativa de 80 anos, op. cit.*; e *Revista Brasileira de História*. Vol. 36, n. 73, São Paulo, Setembro-dezembro de 2016.

<sup>12</sup> LACAPRA, Dominick. “Repensar la historia intelectual e leer textos”. In: PALTÍ, Elias (org.). *Giro Lingüístico e historia intelectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998, p. 270.

<sup>13</sup> Acerca de redes intelectuais e da suspeita noção reificadora de um contexto como horizonte interpretativo anterior à leitura, diz LaCapra, “[...] a noção de textualidade serve para tornar menos dogmático o conceito de realidade ao apontar para o fato de que um está ‘sempre já’ envolto em problemas de uso da linguagem na medida em que intenta obter uma perspectiva crítica sobre eles, e coloca a questão tanto das possibilidades como dos limites do significado. Para o historiador, a reconstrução mesma de um ‘contexto’ ou uma ‘realidade’ se produz sobre a base de restos ‘textualizados’ do passado”. *Idem, Ibidem*, p. 241. Cf., ainda, ARMANI, Carlos Henrique. “História intelectual e redes contextuais”. In: *Anos 90*. Porto Alegre, v. 20, n. 37, jul., 2013, p. 137-150, para quem “não há, antes de qualquer história intelectual, uma rede constituída que formaria um contexto prévio e apriorístico. O contexto é rede e as redes, levando em consideração as mútuas relações e os seus desdobramentos, são contextos nos quais a escrita de uma obra ou de um conjunto de obras se temporaliza”. *Idem, Ibidem*, p. 140, 141.

<sup>14</sup> Recusamos aqui a noção teleológica, encampada por certa historiografia e sociologia, que preconiza, sob variados graus e matizes, a depender da abordagem, uma linha evolutiva que leva do ensaio praticado na década de 1930 ao trabalho monográfico *tout court* das décadas subsequentes. Esse último, gestado no

pelo recorte temporal adotado neste trabalho, serão evocados assídua e sistematicamente. Justifica-se, ainda, a escolha de Amoroso Lima e de Freyre, porque, além da perene constância com que são envolvidos direta e indiretamente pela crítica de Buarque de Holanda, mantêm, enquanto ainda vivos, os seus projetos e embates ético-políticos correndo paralelos, mas também em interseções com aqueles do paulista. Um índice sintomático ao reforço de nossa eleição dos dois significativos autores do século XX encontra-se no fato de se constituírem como objeto nodal que perpassa pelas modificações efetuadas por Holanda na edição de 1948 do seu livro de estreia, e seguem sendo pro-vocados até em uma das últimas entrevistas por ele concedida; e, detalhe: não aludidos nominalmente nas perguntas. Como marca de historicidade que possibilitará entrever as disputas de Sérgio Buarque de Holanda no campo intelectual que se formava na década de 1940, *Raízes do Brasil* – 1948 condensará um dos pontos altos das divergências entre os três autores, em que o pernambucano e sua leitura acerca do legado português se tornarão uma espécie de anátema a ser, em parte, eliminado, ao passo que o fluminense será alvo de novas linhas agregadas àquela edição e cuja finalidade será denunciar o seu alegado atraso em relação ao debate político-econômico então vigente, como intentaremos demonstrar mais detalhadamente a partir da análise contrastiva de algumas das revisões ao texto de 1936.<sup>15</sup> E aqui lançamos uma

---

ambiente injuntivo da universidade, portanto supostamente mais científico e profissional, teria suplantado o ensaísmo de outrora, antípoda plasmado segundo critérios mais ou menos frouxos, improvisados, e cujas abordagens alegadamente mais generalizantes logo o fariam congruente com um ambiente institucional “deficitário”, se comparado aos departamentos das instituições de ensino europeias e norte-americanas. Sobre a exaustivamente usada noção de “intérpretes do Brasil” ou “interpretações do Brasil”, ela acaba por, em certo grau, “acentuar a discrepância entre um padrão cognitivo ‘interpretativo’ da sociedade, no limite aparentado à literatura de ficção que desde o romantismo havia assumido a tarefa de decifrar/cifrar a ‘realidade’ brasileira, do caráter ‘explicativo’ como objetivo último e possibilidade efetiva garantida pela adoção de um novo padrão cognitivo. Ainda hoje quando se fala em ‘interpretações’ ou ‘intérpretes’ do Brasil para se referir aos ensaios e ensaístas atualiza-se, num certo sentido, essa perspectiva positivista original presente no processo de institucionalização das Ciências Sociais”. BOTELHO, André; LAHUERTA, Milton. “Interpretações do Brasil, pensamento social e cultura política: tópicos de uma necessária agenda de investigação”. In: *Perspectiva*. São Paulo, nº 28, 2005, p. 08. No caso de Sérgio Buarque – e na contramão de Freyre –, ao passar quase incólume pelas marcas negativadoras desse processo de institucionalização, continua a praticar, ao mesmo tempo em que, com outros nomes consagrados da sociologia, principalmente, contribui para desautorizar a ensaística, como veremos mais detalhadamente em seções desta tese.

<sup>15</sup> Tivemos oportunidade de efetuar, entre os anos 2009 e 2011, melindroso trabalho de cotejamento entre as três primeiras edições do livro de estreia de Sérgio Buarque de Holanda, e cujos resultados nos impuseram alguns dos problemas relacionados às substanciais modificações realizadas pelo autor. Cf. SANCHES, Dalton. *Entre “formas hesitantes e bastardas”: ensaísmo, modernismo e escrita da história em Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Mariana, Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto (Dissertação de mestrado), 2013.

provocação: se o livro é “meio ‘alemão’”,<sup>16</sup> como já se disse, em que medida não é muito brasileiro no que toca ao seu envolvimento nas lutas, nos dilemas e nos grandes problemas impostos às comunidades discursivas do seu tempo?

Acerca da agonística, em “A disputa de Homero”, um dos pequenos textos que compõem os seus *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*, Nietzsche empreende uma firme defesa do princípio grego do *agon*, ou seja, a disputa e a competição entre os concidadãos, como a condição primeira e fundamental para que se perpetue o bem-viver no espaço da *pólis*. Assim, seja como previsto na *Ilíada*, ao designar o combate de dois heróis nos jogos e nas competições, quer nas disputas, competições e rivalidades entre artistas, ou entre os sofistas, oradores e mesmo entre filósofos, o *agon* representa, segundo o alemão, a busca incessante por poder como dever imprescindível ao desenvolvimento cultural da cidade-estado. Na medida mesma em que não prevalecesse o “domínio de um só”,<sup>17</sup> tal como denunciado pelo filósofo para o caso dos modernos, mas também para o dos antigos e seus maus embates e rivalidades, isto é, sua má *Eris* – deusa da discórdia –, a disputa e a rivalidade eram o esteio responsável por criar condições para a não preponderância do “melhor” entre todos, e sim a prevalência – no dissenso – da convivência entre múltiplos “melhores” forjados no bom embate, ou seja, na boa *Eris*. Para os antigos, argumenta Nietzsche, “o objetivo da educação ‘agônica’ era o bem do todo, da sociedade cidadina. Assim, cada ateniense devia desenvolver-se até o ponto em que isso constituísse o máximo de benefício para Atenas, trazendo o mínimo de dano”.<sup>18</sup> Como já afirmado, ao contrário da “ambição do desmedido e do incalculável, como a maioria das ambições modernas, ao correr, jogar ou cantar nas competições, o jovem pensava no bem de sua cidade natal; era a fama dela que ele queria redobrar na sua própria; ele “consagrava aos deuses de sua cidade-estado as coroas que o juiz punha honrosamente em sua cabeça”. Tal ética ou, como quer o autor de *Assim falou Zaratustra*, tal educação era estimulada “desde a infância”, e “cada grego percebia em si o desejo ardente de, na competição entre cidades, ser um instrumento para a consagração de sua cidade: isso acendia o seu egoísmo, mas, ao menos tempo, o refreava e limitava”.<sup>19</sup> Ao

<sup>16</sup> CANDIDO, Antonio. “Introdução”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Francisco de Assis Barbosa (org.). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2ª ed., 1989, p. 123.

<sup>17</sup> NIETZSCHE, Friedrich. “A disputa de Homero”. In: \_\_\_\_\_. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Trad. Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 1996, p. 30.

<sup>18</sup> *Loc. cit.*

<sup>19</sup> *Loc. cit.*

fazer remissão, por exemplo, a um fragmento de Heráclito, que expressa a expulsão, pelos efésios, de Hermodoro: “Entre nós ninguém deve ser o melhor; se alguém for, todavia, então que seja em outra parte e na companhia de outros”,<sup>20</sup> Nietzsche recupera o sentido original do ostracismo como instituição encarregada de banir a ideia exclusivista de um só vitorioso que imperaria soberano sobre todos e, ao mesmo tempo, servisse como estímulo “para que o jogo da disputa desperte novamente”.<sup>21</sup> Diz ele: tal pensamento é “inimigo da ‘exclusividade’ do gênio, em sentido moderno, mas supondo que, em um ordenamento natural das coisas, há sempre vários gênios que se estimulam mutuamente para a ação, assim como se mantêm mutuamente nos limites da medida”.<sup>22</sup> Eis, de acordo com o alemão, o princípio da noção helênica de disputa: ao passo que ela veta o “domínio de um só e teme seus perigos”<sup>23</sup> – perigos esses entrevistos na possibilidade de uma regressão ao abismo do período pré-homérico, em que, segundo Nietzsche, vigorava a má *Eris*, isto é, “uma cruel selvageria do ódio e do desejo de aniquilamento”<sup>24</sup> –, ela “cobiça, como proteção contra o gênio – um segundo gênio”.<sup>25</sup> Em suma, previsto um triunfo soberano no funcionamento do *agon*, que suprimisse as vitais competições, disputas e rivalidades, teríamos, logo, a sua queda e o seu esmagamento, cuja consequência seria, igualmente, a perda da liberdade da competição aberta, pública e respeitosa entre os cidadãos da *pólis*.

Ao inscrevermos, portanto, a antiga ética agonística, retomada por Nietzsche, na dinâmica de atuação de Sérgio Buarque no campo intelectual que consolidou, e por ele se moldou por meio dos múltiplos processos de consagração inerentes aos mecanismos de aquisição de capital simbólico, argumentaremos, ao longo desta tese, que, implicado em múltiplas e intrincadas estratégias discursivas das quais lança mão nas competições, disputas e rivalidades travadas com Amoroso Lima e Freyre, o autor nos revela sua disposição tanto para a boa quanto para, em muitos e decisivos momentos, a má *Eris*. Porém, a partir e, algumas vezes, a despeito de tais performances, procedimentos e estratégias, Holanda dotava-se ético-politicamente do princípio segundo o qual, do espaço do dissenso estimulado pelas figuras de relevância com quem combatia, se

---

<sup>20</sup> *Idem, Ibidem*, p. 29.

<sup>21</sup> *Loc. cit.*

<sup>22</sup> *Loc. cit.*

<sup>23</sup> *Idem, Ibidem*, p. 30.

<sup>24</sup> *Idem, Ibidem*, p. 31.

<sup>25</sup> *Idem, Ibidem*, p. 30.

perenizaria a vitalidade e a solidificação da esfera pública, bem como do campo intelectual que almejava consolidar durante toda a sua investida ao longo do século XX. Assim, ao fim e ao cabo, ainda que, a certa altura de sua trajetória profissional, gozasse de inquestionável “peso funcional”<sup>26</sup> e prestígio institucional, podemos dizer, simetricamente desiguais àqueles alcançados pelos seus interlocutores aqui eleitos para estudo, não poderia sobressair soberanamente vitorioso sobre eles, pois, como pares antitéticos, se complementam e se estimulam no *polemos*<sup>27</sup> do universo acadêmico e, mais genericamente, cultural do século passado.<sup>28</sup> Talvez, o que evidencie que Sérgio Buarque de Holanda, em última instância, tivesse de reconhecer que, no *agon*, deva prevalecer “sempre vários gênios que se estimulam mutuamente para a ação, assim como se mantêm mutuamente nos limites da medida”,<sup>29</sup> seja o fato de Gilberto Freyre e Alceu Amoroso Lima, dada a dimensão incontornável de seus espectros, serem evocados, como já afirmado, até o final de sua vida em emblemática entrevista datada de 1981. O mesmo se dá nas vias das outras mãos, quando, em necrológio ao paulista, por exemplo, datado de 1987 e materializado em edição especial da outrora prestigiada *Revista do Brasil*, o pernambucano e o fluminense dedicam linhas de reconhecimento, respeito e afeto pelo seu rival e sua obra, embora mediante amistosas e eloquentes *personae* – inimaginável nos enunciados sempre mais comedidos daquele. A propósito dessa revista epítome do modernismo triunfante, contou, na referida edição, com a organização de Francisco de Assis Barbosa, e na qual se agregam desde velhos amigos do autor, como o próprio Assis Barbosa, Antonio Candido, Mário de Andrade, Ribeiro Couto,

---

<sup>26</sup> BOURDIEU, Pierre. “Campo intelectual e projeto criador”. In: POUILLON, Jean *et al.* *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 106.

<sup>27</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Stasis: La guerra civile come paradigma politico*. (Homo sacer, II, 2). Bollati Boringhieri editore – Torino, 2015.

<sup>28</sup> Nas décadas de 1960 e 1970, enquanto Sérgio Buarque goza de prestígio e autoridade que lhe outorgam, por exemplo, o direito de criar nada menos do que o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, bem como de continuar publicando livros da magnitude da série *O Brasil monárquico*, além de assinar inúmeros prefácios para livros de terceiros, receber infundáveis convites para participação em bancas de concursos Brasil afora e orientar trabalhos de pós-graduação, Freyre retira-se do campo de disputas com os sociólogos e historiadores triunfais na batalha em torno da ordem disciplinar do discurso sobre a interpretação e a *explicação* do país. “Escrevendo de agora em diante de Apipucos, move-se simbolicamente em direção ao único refúgio do universal capaz de manter e reproduzir sua verdade não universitária: a *literatura*, reino da palavra ‘liberada’ e da linguagem sensível do gosto e do amor à arte”. SORÁ, Gustavo. “A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande & Senzala* de Gilberto Freyre”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – vol. 13, nº 36, 1998, p. 13. (grifo do autor) Cf., ainda, HOLANDA, Maria Amélia Buarque de. “Apontamentos para a cronologia de Sérgio Buarque de Holanda”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil. Edição comemorativa dos 70 anos*. Ricardo Benzaquen de Araújo e Lilia Moritz Schwarcz (orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 442-446.

<sup>29</sup> NIETZSCHE, Friedrich. “A disputa de Homero”, *op. cit.*, p. 29.

Manuel Bandeira, Sérgio Milliet, passando pelos controversos Freyre e Amoroso Lima, até discípulos e renomados divulgadores de sua obra, como Maria Odila Leite da Silva Dias, que contribui com uma “Pequena biografia”, Fernando Henrique Cardoso, e os brasilianistas Richard Graham e Richard Morse. Os pequenos artigos aí reunidos, em parte recolhidos de publicações anteriores em jornais, outros escritos especialmente para a iniciativa, ressaltam desde aspectos do conjunto da obra do historiador, como comemorações ao cinquentenário de *Raízes do Brasil* e destaques à importância dos mitos edênicos tratados em *Visão do Paraíso*, perpassam pelas memórias sobre as amizades com o paulista, como são os casos de Candido e Morse, até os discursos de caráter estritamente necrológicos, como os textos de Frei Beto, “A despedida”, e o de Amoroso Lima, “No limiar dos cruzamentos”.<sup>30</sup>

Ainda sobre essa unidade no dissenso constituinte do campo intelectual e cultural, Bourdieu assevera que áreas e gerações intelectuais e culturais podem se determinar por uma “referenciação dos conjuntos de questões e de temas obrigatórios que definem o campo cultural de uma época”.<sup>31</sup> Segundo o sociólogo, “seria deixar-se levar pelas aparências concluir em todos os casos divergências patentes que opõem os intelectuais de uma época no que se chama algumas vezes ‘os grandes problemas do tempo’ a uma falta de integração lógica”, pois “os conflitos manifestos entre as tendências e as doutrinas dissimulam, aos próprios olhos daqueles neles engajados, a cumplicidade que supõem e que surpreende o observador estranho ao sistema”.<sup>32</sup> Em suma, “o *consenso* no *dissenso* que faz a unidade objetiva do campo intelectual de uma época dada, *consenso* inconsciente sobre os pontos focais do campo cultural que a escola forma ao formar o impensado comum aos pensamentos individuais”.<sup>33</sup>

Entre outros fatores, sustentamos que, dentro da lógica de *disputas* e *competições* que permeia e funda determinado campo intelectual e disciplinar,<sup>34</sup> Buarque de Holanda *se representa* e, em determinadas situações, se dota de articuladas *personae*<sup>35</sup> a partir

<sup>30</sup> Cf. BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Revista do Brasil. Número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Rioarte – Fundação Rio, Ano 3, n. 6, 1987.

<sup>31</sup> BOURDIEU, Pierre. “Campo intelectual e projeto criador”, *op. cit.*, p. 142.

<sup>32</sup> *Loc. cit.*

<sup>33</sup> *Loc. cit.* (grifos do autor)

<sup>34</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, p. 105.

<sup>35</sup> Categoria essa que será balizada pela reflexão de COSTA LIMA, Luiz. “Persona e Sujeito Ficcional”. In: \_\_\_\_\_. *Pensando nos trópicos (Dispersa demanda II)*. Rocco: Rio de Janeiro, 1991, p. 43, 46, 48, 52, 53, 54, 55.

desse jogo de pares antitéticos e, em alguma medida, assimétricos, num movimento de autoafirmação motivado pela *negação* das empreitadas intelectivas postas em curso por seus interlocutores. E aqui vale evocar a contribuição de Paolo Virno, em seu *Saggio sulla negazione*, para o qual a negação não necessariamente expressa o *contrário*, mas o *diferente*. O “não”, para o italiano, designa um signo bifronte, pois que marca uma distinção ao “compartilhar o mesmo conteúdo semântico da afirmação correspondente”,<sup>36</sup> ou ao se configurar como assimétrica a ela. Como exemplifica o autor, “quando digo ‘esta comida *não* é doce’ ou ‘a mulher do sonho *não* é minha mãe, aplico a um certo estado de coisas o operador lógico que concerne em primeiro lugar as relações negativo-diferenciais subjacentes a cada enunciado”.<sup>37</sup> Assim sendo, a negação, “como um célebre anjo pintado por Paul Klee, age no mundo com a cabeça voltada para trás, mantendo fixo o olhar sobre a vida interior da linguagem”.<sup>38</sup> Quando se diz, por exemplo, “a parede não é branca” e “este alimento não é doce” não se está a defender, “nem mesmo implicitamente, que a parede seja negra e o alimento amargo”.<sup>39</sup> Já em Platão, n’*O Sofista*, “negar um predicado significa afirmar que o objeto do discurso é ‘diferente’ (*héteron*) em relação às propriedades a ele atribuídas por aquele predicado. Não contrário, ressalte-se, mas diverso”.<sup>40</sup> Pensando no objeto deste trabalho, as reflexões de Virno podem se oferecer como um ganho analítico significativo no que diz respeito à interpretação da heterogeneidade dos discursos conflitantes, bem como das marcas da diferença impressas pelos enunciados dos interlocutores em questão. Ora, as objeções dirigidas, por exemplo, ao gênero ensaio, por parte de Sérgio Buarque, como um mecanismo privilegiado de aquecimento da ordem do discurso da profissionalização nos anos 1950, assim como para se afastar do seu rival pernambucano, ou a inabalável afirmação dessa forma de escrita pelo segundo, como um modo de se afirmar como escritor e, ao mesmo tempo, de negar, nesse período, o que considerava os ríspidos imperativos da academia, entre outras coisas, mantém o significante ensaio em presente tensão. Os variados matizes da negação a ele atribuídos não interferem nos predicados: “não os altera, nem os desagrega”. O “não”, nesse sentido, “diz respeito somente à relação entre enunciados e fatos, sem modificar de algum modo as características dos

<sup>36</sup> VIRNO, Paolo. *Saggio sulla negazione. Per una antropologia linguistica*. Bollati Boringhieri editore – Torino, 2013, p. 36.

<sup>37</sup> *Loc. cit.*

<sup>38</sup> *Loc. cit.*

<sup>39</sup> *Idem, Ibidem*, p. 37.

<sup>40</sup> *Loc. cit.*

fatos dos quais falam os enunciados”.<sup>41</sup> Por fim, salienta Paolo Virno que “a propriedade da assimetria contribui, ela mesma, para traçar uma intransponível linha fronteira entre negação e oposições não verbais: duas percepções contrastantes colocam-se sempre sobre o mesmo nível lógico, a atração e a repulsa são simétricas”.<sup>42</sup>

Pois bem, ao engendrar, por meio das negações, um conjunto articulado do que denominaremos *significantes bélicos*, indagaremos sobre as implicações envoltas pelo uso que Sérgio Buarque de Holanda faz, por exemplo, de palavras como *conservadorismo*, *paroquialismo*, *particularismo* e demais variantes semânticas da tópica do atraso. Nesse sentido em particular, são amplos e mais visitados os debates que se dedicam a confrontar a relação do estudioso com o seu, porventura, principal antípoda: Oliveira Vianna. Conquanto não despendamos detida reflexão sobre esse autor nas páginas que se seguirão, ainda assim, Vianna e outras personagens do início do século XX, bem como alguns dos chamados pensadores conservadores do oitocentos, como Visconde de Cairu, relido por Amoroso Lima, serão trazidos à baila como níveis contextuais<sup>43</sup> a complementarem qualitativamente o problema que perpassa a visada ético-política de Holanda a esses, por ele tidos como restos de passados incômodos e indesejados que permanecem nas ideias e nos gestos dos seus contemporâneos. Como nos adverte LaCapra, “as mesmas ‘comunidades’ [de discurso] delimitadas nas quais participam importantes intelectuais modernos podem estar mais constituídas pelos mortos ou os ausentes que pelos vivos ou os presentes”.<sup>44</sup>

Para retornarmos à questão da agonística buarquiana como uma das categorias balizadoras de parte dos problemas deste trabalho, e como problema de âmbito mais geral, tomaremos o autor de *Visão do Paraíso*, dessarte, como uma espécie de *condensação metonímica* de parcela significativa dos elementos constituintes da cultura letrada brasileira entre os anos de 1920 e 1960, mais precisamente. Aventaremos que o ensaísta, a partir de seu envolvimento efetivo nas dinâmicas das diversas instituições desse período, nos oferece, como poucos de sua geração, preciosos e precisos índices do modo como engendrou, como agente de primeira ordem, condições de possibilidade de produção e circulação seletiva dos produtos culturais nos espaços e tempos em que

---

<sup>41</sup> *Loc. cit.*

<sup>42</sup> *Loc. cit.*

<sup>43</sup> Cf. LACAPRA, Dominick. “Repensar la historia intelectual e leer textos”, *op. cit.*, p. 252-277; e ARMANI, Carlos Henrique. “História intelectual e redes contextuais”, *op. cit.*, p. 139.

<sup>44</sup> LACAPRA, Dominick. “Repensar la historia intelectual e leer textos”, *op. cit.*, p. 270.



atuou. Num outro nível, sugeriremos que as competições, as disputas e as rivalidades travadas com Gilberto Freyre e Alceu Amoroso Lima – e, mais pontualmente, com outras personagens secundárias que figurarão, aqui e acolá, no último capítulo da tese – são indicadores fundamentais do processo de construção de memórias, demarcação de campos ideológicos – que, a depender da situação em jogo, implica também em campos epistemológicos – e *autorrepresentações* investidas por estratégias de consagração ou mesmo de deslegitimação de certos autores e obras, bem como das instituições que os abrigam.<sup>45</sup> Nesse arco temporal, um dos capítulos incontornáveis perpassa pela interlocução dos agentes que, por várias frentes, deram feição àquele evento que, a partir de uma data que se torna epifenomenal, a “Semana de 22”, concebemos como singular coletivo “modernismo”. Mediante dupla dinâmica de consagração e monumentalização desse significativo movimento da primeira metade do século XX brasileiro, bem como a conseqüente autoconsagração promovida pelas personalidades que em torno dele se organizaram – às vezes, diga-se de passagem, dotando-se de posturas radicalmente divergentes –, pode-se obter um importante índice da constituição dos espaços de poder e dos dispositivos pelos quais se forma um determinado campo intelectual, político e cultural. E mais, como determinadas personalidades-chave se valem desses mecanismos a fim de promover incessantes jogos de representação e autorrepresentação, a partir dos quais se tornam inevitáveis construções de memórias em que se alinhavam e selecionam os traços que se quer vazar na exposição de suas trajetórias.<sup>46</sup> Mapear parte desse movimento é, ainda, um exercício interpretativo sobre projetos políticos, culturais e intelectuais que, de certa forma, ou foram moldados e sedimentados na cultura por essas memórias, ou foram suprimidos, e cujos contornos, desníveis, desigualdade de condições, rupturas e mesmo alianças

---

<sup>45</sup> No que diz respeito ao campo disciplinar propriamente dito, Mateus Pereira nos convida a pensar acerca da noção de disciplina, bem como de subdisciplinas, uma vez que, afirma o autor, esses problemas nos colocam diante dos “efeitos simbólicos de uma disciplina no interior de um campo ou comunidade de saber, criando hierarquizações no interior de uma dada ‘episteme’, definida como uma instância de regulação entre relações entre diferentes formas de saber em um dado momento histórico”. PEREIRA, Mateus Henrique de F. “Fim do tempo das sínteses? Questões a partir da perspectiva de Mircea Eliade em *História das Crenças e das Idéias Religiosas (1976-1983)*: um ‘estudo de caso’ como motivo à reflexão teórica e metodológica”. In: *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*. Vol. 8, ano VIII, nº 2, maio/junho/julho/agosto, 2011, p. 16, 17.

<sup>46</sup> Para uma densa crítica ao papel de grandes personagens na autodescrição triunfalista do modernismo, bem como sua normalização como teoria do Brasil ou da cultura brasileira, cf. MORESCHI, Marcelo Seravali. *A façanha auto-histórica do modernismo brasileiro (Brazilian Modernism as an Auto-histographical Avant-Garde)*. Tese de doutorado. Santa Barbara: University of California, 2010 e FARIA, Daniel. *O mito modernista*. Uberlândia – MG: EDUFU, 2006.

preestabelecidas podem ser reveladores de certos sentidos das identidades individuais e coletivas, assim como das autoimagens da nacionalidade que plasmas os signos da formação sociocultural brasileira.

No âmbito das performances discursivas e das estratégias textuais postas em curso por Sérgio Buarque, em confronto – na alternância entre o bom e o mau combate, ou seja, entre a boa e a má *Eris* – com as dos seus interlocutores, indagaremos pelos meandros da crítica buarquiana ao mobilizar certos significantes circunscritos, como já salientado, na ampla tópica do atraso, a fim de classificar os seus adversários: quais os níveis de construção dessa linguagem, e em que medida ela, como signo, revela, dissimula ou mesmo oculta em tais enunciações?<sup>47</sup> É já bastante estudada a inseparável trama entre política e história na formação e na operação historiográfica do autor.<sup>48</sup> Embora, a rigor, não se possa compreender e analisar de modo totalmente apartado as esferas política, epistemológica e aquela que diz respeito à formação universitária, conformadoras da sua empreitada intelectual, tencionaremos reler as críticas, as polémicas e as diatribes dirigidas aos seus renomados interlocutores, para verificar, com efeito, em que medida o ponto de partida da crítica, sendo político, num primeiro momento, não ataca de fundo o caráter teórico-metodológico de determinada perspectiva de leitura do real; por exemplo, aquele sobre a formação social e cultural da sociedade brasileira. O movimento inverso também será contemplado: como um ponto de partida epistemológico pode enunciar uma disputa de fundo político-institucional. Ao partir desses pressupostos, nos proporemos a investigar os mecanismos discursivos que, na trama entre memória, história e política, contribuirão para a cuidadosa estratégia representacional de uma das figuras indispensáveis da tradição do pensamento e da cultura brasileiros.

Como problema mais específico, por fim, pretendemos ressaltar que, nas forças tensionadas entre Freyre e Amoroso Lima, ao lançar mão de uma miríade de estratégias, Buarque de Holanda representa-se e, com efeito, deixa-se entrever como personagem nodal pela qual perpassa muitas das questões candentes que figuram na periodização

---

<sup>47</sup> BAKHTIN, Mikhail. “Estudo das ideologias e filosofia da linguagem”. In: \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 14 ed. – São Paulo: Hucitec, 2010, p. 32 e seg.

<sup>48</sup> Cf., entre outros, NICODEMO, Thiago Lima. *Urduidura do Vivido: Visão do Paraíso e a Obra de Sérgio Buarque de Holanda nos Anos 1950*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

delineada por esta tese: *compósita e plasticamente*, moldando e deixando-se moldar pelas situações e pelos espaços de poder, situou-se, em *três tempos*, perante problemas que denominaremos estético-políticos, no ambiente da década de 1920, e no qual se projetavam os anseios de uma interpretação seletiva de cunho estético em busca de uma “expressão nacional” – significante flutuante<sup>49</sup> mobilizado por grupos de orientações ideológicas as mais diversas e díspares –, ou seja, uma forma política que ainda tinha na literatura o seu objeto especular;<sup>50</sup> num segundo tempo, postou-se diante de problemas que chamaremos ético-políticos, já na década de 1930 e em parte da ulterior, ambiente no qual emergiram poderosas e sedutoras propostas de leituras e introspecções sobre o passado nacional, de cujas disputas sobre matrizes interpretativas que se queriam como as mais autorizadas e legítimas acerca do país, seguiram apagamentos, construções mútuas de identidades, tentativas de imposição de projetos institucionais etc.;<sup>51</sup> num terceiro tempo, deparamo-nos com problemas que classificaremos político-epistemológicos: ao compor linha de frente do batalhão triunfal dos campos disciplinares que se impuseram como matriz disciplinar de distinta ordem, a partir da década de 1950, Sérgio Buarque empreende o seu combate *pela* história – e não menos pela sociologia, a despeito de, estrategicamente, como veremos, declarar rejeição à denominação de sociólogo que lhe atribuíam em certas ocasiões. Momento esse, ainda, que, em conformidade com a ordem do discurso disciplinar que se queria plasmar sobre a geração “precursora” das ciências sociais nacionais, o ensaísta, em seus inúmeros e frequentes *combates pela resenha* estampados nos grandes periódicos da época, enceta seu expediente de desautorização do ensaísmo como forma legítima de representação do social. Ainda nessa instância da frequente e sistemática crítica de imprensa,

---

<sup>49</sup> Isto é, palavra que se apresenta como verdadeiro tapa-buracos, com a qual se pode, em determinadas ocasiões, expressar tudo – e nada – ao mesmo tempo. Em suma, ao não remeterem a um número de significados razoavelmente precisos, se aproximam daquilo que Lévi-Strauss denominou “significantes flutuantes”. Cf. LÉVI-STRAUSS, Claude. “Introdução à obra de Marcel Mauss”. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 43.

<sup>50</sup> Para uma reflexão acerca da equação literatura = sociedade, ou seja, para uma elucidação dos motivos pelos quais se consolidou, no Brasil, uma tradição documental tendo a literatura como um instrumento privilegiado para se “fotografar” a “realidade objetiva”, cf. VELLOSO, Mônica Pimenta. “A literatura como espelho da nação”. In: *Estudos Históricos*. Vol. 1, n. 2, 1988, p. 239-263.

<sup>51</sup> Momento tal que converge para um contexto de maior reflexão acerca dos principais temas políticos que norteavam os programas “construtivistas” de figuras proeminentes das várias vertentes de modernismos. Entre outros, cf. LAFETÁ, João Luiz. “Os pressupostos básicos”. In: \_\_\_\_\_. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. “Um exame comparativo, superficial que seja, da fase heróica e da que se segue à Revolução mostra-nos uma diferença básica entre as duas: enquanto na primeira a ênfase das discussões cai predominantemente no *projeto estético* (isto é, o que se discute principalmente é a linguagem), na segunda a ênfase é sobre o *projeto ideológico* (isto é, discute-se a função da literatura, o papel do escritor, as ligações da ideologia com a arte)”. *Idem, Ibidem*, p. 28.

envolvendo perspectivas epistemológicas de toda ordem, veremos o estudioso se levantar contra a, por ele alegada, “imaturidade alarmante” do campo disciplinar filosófico em constituição na Universidade de São Paulo, donde se presenciará um outro capítulo da agonística travada com Alceu Amoroso: das incursões do católico pela filosofia existencialista, corrente acaloradamente celebrada na época, tem-se que o paulista as receberá sob a esteira classificatória do dogmatismo, visto que o fluminense busca contrapor a esse pensamento a formação tomista de entidades influentes, como o Centro Dom Vital, do qual era parte orgânica junto a outras figuras proeminentes da intelectualidade laica da estrutura eclesiástica.

E qual não era, em síntese, uma disputa pela hegemonia dos saberes no campo das humanidades e das ciências sociais a ser vazada naquela realidade, mais acentuadamente, nos anos 1940 em diante? Em uma ponta, estava em jogo um paradigma antropológico sustentado por Freyre e umbilicalmente tributário da tradição de pensamento filosófico, literário e das ciências sociais erigida no Nordeste, mais específica e fortemente prolongada pela Escola do Recife,<sup>52</sup> até culminar no Instituto Joaquim Nabuco, complexo e ambicioso intento atribuído ao ensaísta pernambucano. Como patrono, o autor delineia um projeto que, além das chamadas ciências sociais, versava sobre diretrizes para se abarcar domínios afins, dialogando com um “campo heurístico amplo e ao mesmo tempo plástico, que além da sociologia – espécie de núcleo duro do Instituto –, incluía as demais áreas disciplinares”;<sup>53</sup> no centro, tensionado,

---

<sup>52</sup> A tradição das polêmicas e disputas travadas nos jornais e nas revistas brasileiros remonta, mais intensamente, à segunda metade do século XIX, e tem como carro-chefe alguns dos membros da chamada Escola do Recife. Entre os escritores, polemistas e bacharéis que despontam e se destacam pelos usos e abusos desses suportes, indissociáveis da polêmica, a fim de exercer a crítica literária e divulgar suas ideias, encontra-se a figura mais representativa: Sílvio Romero. Inserida no movimento crítico da Escola do Recife, sua verve polêmica acompanha a virada antirromântica a partir de 1870, que correspondeu, em termos de crítica literária, “à introdução do naturalismo, do evolucionismo e do cientificismo, e tomou as noções de *raça* e *natureza*, com o fim de dar fundamentos ‘objetivos’ e ‘imparciais’ ao estudo da literatura. [...] Ao longo das polêmicas entre Romero, Veríssimo, Araripe, Capistrano de Abreu e Teófilo Braga, surgem questões até hoje presentes na crítica literária: o predomínio da história ou da estética na interpretação literária, o destaque de fatores extrínsecos ou intrínsecos à obra, a análise do tema e conteúdo ou da forma e linguagem, o conceito genérico ou específico da literatura”. VENTURA, Roberto. “Escritores, polemistas e bacharéis”. In: \_\_\_\_\_. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil. 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 11.

<sup>53</sup> MOTTA, Antonio. “A Fundação Joaquim Nabuco e o legado do departamento de antropologia”. In: *Ciência & Trópico*. Recife, v. 33, n. 1, 2009, p. 26. Segundo Gustavo Sorá, as “tentativas de construção [por Freyre] de uma posição universitária sociológica foram abortadas pelos dilemas da institucionalização nas ciências sociais no Rio de Janeiro. Nos anos 40, lecionou Sociologia na Faculdade de Direito do Recife e, desde começos dos anos 50, sua atuação intelectual-institucional passou a girar em torno do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, na mesma cidade. Freyre pretendeu criar um modernismo reconvertendo posições sociais ‘tradicionais’. Sua acidentada trajetória intelectual no Brasil redirecionou

Sérgio Buarque, representante dos mais proeminentes da fundação do paradigma universitário consagrado pela Universidade de São Paulo, se empenha no sentido de unir forças para o deslocamento desse influente e sobrepujante, até então, eixo intelectual do Nordeste para o Sudeste; ao passo que, da outra ponta, antevia-se Amoroso Lima à frente, com Jackson de Figueiredo, da revista *A Ordem* e do referido Centro Dom Vital se despontar como uma das mais representativas personagens do laicato da igreja a abrir flancos para a disputa do projeto católico pelos rumos, na era Vargas, das mais diversas instâncias da vida social: economia, política, trabalho, e, mais enfaticamente, a retomada pela administração da educação básica e superior.<sup>54</sup>

\*\*\*

No primeiro capítulo, seguiremos os passos da agonística buarquiana travada com Gilberto Freyre, tendo em vista a historicidade da gama de estratégias textuais e discursivas, assim como das nuances do modo de se representar e ser representado, postas em curso pelo intelectual nos *dois tempos* relativos às competições político-literárias, isto é, aquelas dos anos de formação nos modernismos, entre as décadas de 1920 e 1930, e às rivalidades ético-políticas, cujo objeto precípua de disputas será a

---

sua atenção para o reconhecimento pela via internacional, trabalhada desde seus primeiros estudos universitários”. SORÁ, Gustavo. “A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande & Senzala* de Gilberto Freyre”, *op. cit.*, p. 11.

<sup>54</sup> Diretamente ligado ao ministro da educação de Vargas, Gustavo Capanema, durante os anos 1930 a 1945, Alceu Amoroso Lima esteve ativamente atuante na reforma do sistema educacional encetada por aquele, e que ficou conhecida como Reforma Capanema. Entre os planos de ação traçados em parceria da pasta com a *intelligenza* católica, representada por Amoroso Lima, encontrava-se o pacto pela aprovação das “emendas religiosas” inscritas na Constituinte de 1934, que definiam, entre outras coisas, a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas públicas. Não menos importante é o fato de que, nesse período, o Brasil assistia ao debate travado entre os grupos dirigentes em torno da educação pública versus a educação privada. Debate que, “oriundo da Europa, marcava a oposição entre os defensores do ensino leigo, universal e público, no caso brasileiro os ‘pioneiros da Escola Nova’ e a Igreja – com seu corpo de intelectuais – defensora do ensino privado e confessional”. SILVA, Breno Carlos da. “Capanema, a Igreja e a *Intelligentsia* Católica”. In: \_\_\_\_\_. *Gustavo Capanema: A Construção das Relações entre a Intelligentsia Nacional e o Estado no Brasil (1934-1945)*. Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. (Dissertação de Mestrado), 2010, p. 53. Como desfecho de tal disputa, é digno de nota, ainda, o fato de o intelectual católico ter sido um dos fundadores das Pontifícias Universidades Católicas brasileiras, instituições privadas reconhecidas pela excelência no ensino superior. Por último, não custa mencionar uma iniciativa atípica e muito pouco explorada na obra de Sérgio Buarque de Holanda: aquela que diz respeito à confecção, por ele e por Octavio Tarquínio de Sousa, de uma *História do Brasil*, publicada, em 1944, pela editora José Olympio e destinada ao ensino secundário. Além do intento de consolidar uma renovação no interior da produção do conhecimento histórico-historiográfico sobre o Brasil, que já se plasmava desde a década anterior, não é despropositado associá-lo, pois, ao contexto maior de disputa pelo Estado no tocante às diretrizes que se queriam como orientadoras dos currículos escolares de então. Cf. FRANZINI, Fábio; LOURENÇO, Elaine. “Quando historiadores foram à escola: a *História do Brasil* de Octavio Tarquínio de Sousa e Sérgio Buarque de Holanda (1944) e os ecos da nova historiografia brasileira”. In: *Revista Expedições*. Morrinhos, Goiás, v. 8, n. 1, jan./abr., 2017.

formação social e cultural brasileira e suas vicissitudes, já entre os anos 1930 e 1940. A partir de algumas das expressivas e emblemáticas emendas efetuadas da primeira para a segunda edição de *Raízes do Brasil* – 1936-1948 –, reconstituiremos a tensão que nelas se dá com o pernambucano e o seu celebrizado *Casa-grande & Senzala* – 1933. Sabe-se que as duas obras capitais despontaram e, cada qual a seu tempo, consagraram-se junto a outras poderosas e sedutoras propostas de leituras acerca do passado nacional. Porém, arriscamos a afirmação segundo a qual nenhuma outra, entre tantas a propor, nesse período, matrizes interpretativas que ansiavam, igualmente, estabelecerem-se como as mais autorizadas e legítimas acerca dos elementos formadores da sociedade brasileira, suscitou, como os livros de 1933 e 1936, abordagens e apropriações capazes de fundar e refundar tão fortemente as imagens, os imaginários e as autoimagens da nacionalidade, desde a época de suas publicações até o contemporâneo. Nessa simbiose-problema entre obras e autores, portanto, veremos que, de ponto de partida e inspiração intelectual nutrida desde o tempo das competições literárias, Freyre converte-se, para Holanda, a partir de finais da década de 1940, em par antitético com o qual se representam e se projetam ambições de toda ordem naquele campo cultural e intelectual que se abria, com todo o complexo mercado de bens simbólicos até então relativamente restrito. Interna e externamente a *Raízes do Brasil*, notaremos como o recifense, vendo-se já derrotado na batalha simbólica com a matriz sociológica que se gestava na Universidade de São Paulo, e a despeito de seu livro capital se ver agraciado, na altura do ano de 1946, com a quinta edição, será peça fundamental no jogo de apagamentos, construções mútuas de memórias, injunções de projetos institucionais, classificações de toda ordem etc.

Para o segundo capítulo, buscaremos reconstituir parcela da outra frente agonística buarquiana: aquela travada com Alceu Amoroso Lima. Teremos oportunidade de notar como, por meio da série de estratégias textuais e discursivas, assim como das formas múltiplas com as quais se representa no confronto com o seu rival católico, desde os tempos de afãs vanguardistas múltiplos abarcados pelo singular coletivo “modernismo”, Sérgio Buarque de Holanda costura as suas redes inter-relacionais de aquisição de capital social e cultural. Da historicidade desse primeiro tempo das competições e rivalidades político-literárias dos seus anos de formação, se terá aquela própria das disputas ético-políticas acerca da formação social e cultural, bem como a dos

elementos do pensamento político e econômico nela implicados temporalmente. Perfiladas nos meandros, também, das duas primeiras edições de *Raízes do Brasil*, principalmente, tais rivalidades se dotam de características um pouco distintas daquelas travadas com Freyre e o seu *Casa-grande & Senzala*. Se, na edição de 1948 do livro de estreia de Buarque de Holanda, o mau combate se efetiva, em certas situações, mediante a anatematização do nome do pernambucano, e nem tanto de suas ideias, quanto ao fluminense, a sua inscrição no livro se dá de forma mais elíptica, porém não menos intensa se se leva em conta os reveses e os aspectos espaço-temporais das redes contextuais a ele atreladas.

Dedicado ao *terceiro tempo*, correspondente às décadas de 1950 e 1960, o terceiro e último capítulo se debruçará sobre os problemas que denominaremos político-epistemológicos. Notaremos, aí, que, ao compor linha de frente do batalhão triunfal dos campos disciplinares que se impuseram como matriz disciplinar de distinta ordem naquele contexto, Sérgio Buarque empreende o seu combate *pela* história – e não menos pela sociologia, a despeito de, estrategicamente, declarar rejeição à denominação de sociólogo que lhe atribuíam em determinadas situações. Em consonância com a ordem do discurso disciplinar que se aspirava plasmar sobre a geração “precursora” das ciências sociais nacionais, o intelectual, em seus assíduos *combates pela resenha* estampados nos grandes periódicos da época, passa a se inscrever ao passo que inscreve mais intensamente os seus antigos pares de combates numa permanente e condensada semântica cujas peças culminam na tópica geral do atraso. Nesse sentido, engendrará uma gama relativamente coesa e articulada de *significantes bélicos*, tais como *paroquialismo, patriciado, nostálgico, conservadorismo, particularismo, exclusivismo, impressionismo, dogmatismo, tomismo e positivismo*, com a qual efetiva a sua agonística na esfera do poder simbólico e, entre outras coisas, agrega novos pesos funcionais à sua identidade historiadora. Ainda no que toca às lutas no campo disciplinar, abalizaremos as implicações atinentes às tensões entre aspectos formais e o mal-estar da profissionalização, tomando como paradigma a paulatina desautorização do gênero ensaio por parte do ensaísta em seu processo de inscrição na batalha epistemológica peculiar àquele momento de mudança das condições de produção intelectual. Sustentaremos, nesse sentido, que, por meio de tal expediente, Sérgio Buarque de Holanda intentava, entre outras coisas, se afastar das primeiras edições de *Raízes do*

*Brasil* – forjando-se, assim, na demanda por especialização –, ao mesmo tempo em que desabonava, no campo da ordem do discurso disciplinar, o ensaio como estratégia para se afastar do seu opositor pernambucano, declarado entusiasta da prática ensaística, como se sabe. Na arena das estratégias representacionais, veremos como o autor se arma, em específicas situações, de uma espécie de *persona* que se quer dotada de certo distanciamento crítico quanto ao objeto visado, porém, ao mesmo tempo, impondo-se como nome próprio portador incontestado das credenciais aptas aos assuntos epistemológicos do campo das humanidades e ciências sociais. Além das searas sociológicas e historiográficas, propriamente ditas, ao final, presenciaremos a intervenção do historiador na alçada da produção filosófica. Nesse âmbito de competência, comentará parte dos trabalhos resultantes do Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia, sediado na Universidade de São Paulo, no ano de 1950. Entre essa série de artigos de 1951, com os quais Buarque de Holanda revisa teses, avalia, se contrapõe, destaca contradições, reconhece méritos e avanços pontuais, mas, também, “imaturidades alarmantes”, encontram-se, emblematicamente, as ásperas resenhas a propósito do livro de Amoroso Lima sobre o existencialismo. Em meio, portanto, aos significantes múltiplos mobilizados pelo paulista, estará a velha e reiterada crítica ao alegado dogmatismo do intelectual católico.



*Quero ser breve: se compararmos as diferentes formas da literatura com a luz do sol refratada pelo prisma, os escritos dos ensaístas seriam os raios ultravioletas.*

Georg Lukács<sup>1</sup>

*A linguagem, antes de significar alguma coisa, significa para alguém.*

Jacques Lacan<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> LUKÁCS, Georg. "Sobre a essência e a forma do ensaio: uma carta a Leo Popper" [1910]. Trad. Mario Luiz Frungillo. In: *Revista UFG*. Ano 10, nº 04, 2008, p. 5.

<sup>2</sup> LACAN, Jacques. "Para além do 'Princípio de realidade'" [1936]. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 86.

## I. Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre: do competidor ao anatemático

Seja a favor ou contra, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre apresentam-se quase que como autores-antonomásias da cultura intelectual brasileira, como já sugerido. Sendo assim, não poderia não haver já significativos trabalhos que abordem e reconstruam as suas trajetórias, visando pontos de encontro e bifurcações<sup>3</sup> movidos por divergências políticas, ideológicas e epistemológicas, mas, ainda, por construções mútuas de memórias, jogos de representações e disputas institucionais, que perpassam pelo problema geopolítico, especificamente, pelo deslocamento do eixo intelectual do Nordeste para o Sudeste do país. Certamente, essa última implicação deve ser levada em conta, pois, ainda que não determinante, é a, ainda hoje, sistêmica desigualdade de condições socioeconômicas entre o eixo Rio-São Paulo e as regiões Norte e Nordeste do país que, em algum nível, fomenta as disputas e as competições entre os dois autores. Como Sérgio Buarque, a certa altura de sua trajetória, entre Rio e São Paulo, se apropria e, em alguma medida, se alimenta das prerrogativas e dos prestígios institucionais para, então, se representar, bem como travar mais acirradamente a sua agonística naquele campo intelectual em constituição? E Freyre, que, por seu turno, também a certa altura, busca obstinadamente a autoconsagração, se alimentando, no Recife, da imagem de gênio sempre preocupado em manter viva a sua obra capital, *Casa-grande & Senzala*, como uma espécie de metonímia do conjunto da sua empreitada intelectual, bem como da sua própria *persona* autoral?<sup>4</sup> Para além das motivações pessoais – cuja insistente superinterpretação poderá levar o investigador a um indesejável psicologismo –, sugeriremos que, no limiar da boa e da má *Eris*, para recuperamos, uma vez mais, a lição nietzscheana, o paulista toma o pernambucano, inicialmente, como um firme ponto de apoio e de inspiração intelectual, ainda que não assumido, para dele, paulatinamente, se distanciar como uma espécie de mediador que, de competidor amistoso, se tornará um

---

<sup>3</sup> Cf., por exemplo, ROCHA, João Cezar de Castro. “O exílio como eixo: bem-sucedidos e desterrados. Ou: por uma edição crítica de *Raízes do Brasil*”. In: \_\_\_\_\_. *O exílio do homem cordial; ensaios e revisões*, op. cit. p. 105-141; ROCHA, João Cezar de Castro. “Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre: raízes de uma rivalidade literária”, op. cit. p. 10-28; MONTEIRO, Pedro Meira. “Raízes rurais da família brasileira: Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre”. In: \_\_\_\_\_. *Signo e desterro: Sérgio Buarque de Holanda e a imaginação do Brasil*. 1. ed. – São Paulo: Hucitec, 2015, p. 54-77; e BASTOS, Elide Rugai. “*Raízes do Brasil – Sobrados e Mucambos*: um diálogo”. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda – Perspectivas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2008, p. 227-244; VENANCIO, Giselle; WEGNER, Robert. “Uma vez mais, Sérgio e Gilberto: debates sobre o ensaísmo no suplemento literário do *Diário de Notícias* (1948-1953)”, op. cit.

<sup>4</sup> Cf. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e Paz: Casa-grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994; e SORÁ, Gustavo. “A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande e Senzala* de Gilberto Freyre”, op. cit.

rival cujas diatribes e mesmo menções diretas, nas diversas formas de texto, os acompanharão até o fim das suas vidas, como se infere, principalmente, nas últimas entrevistas concedidas por Buarque de Holanda, na década de 1980. Entrevistas cujos tons destoam consideravelmente do tom amigável com que Freyre mobiliza o seu discurso sobre o antigo parceiro de modernismo, como já salientado. Nesse arco temporal das suas trajetórias, em que medida e como se valem os autores dos dispositivos de difusão e comunicação do sistema intelectual engendrado, em parte, pelo ambiente modernista: trocas de missivas, edição e publicação de artigos em revistas e jornais, livros, ocupação de cargos institucionais como editoras, institutos e universidades? Serão essas algumas das perguntas que tentaremos responder, tendo como matéria as obras e os textos esparsos de Sérgio Buarque de Holanda em que são evocadas e convocadas ao confronto as obras e os textos do ilustre cidadão de Apipucos, compondo, assim, contextos capazes de elucidar todo o processo de autorrepresentação e composição meticulosa da rede inter-relacional montada pelo paulista dentro do recorte delineado por este trabalho.

No que diz respeito a Gilberto Freyre, sua interlocução com Sérgio Buarque inicia-se, num primeiro momento, indiretamente, nas páginas impressas dos jornais, já nos primeiros anos de modernismos, e cujo evento marcante se dá na ocasião de rumores entre os jovens vanguardistas do Rio de Janeiro acerca de uma resenha publicada pelo recifense, ainda com 24 anos, no *Diário de Pernambuco*, em 1924, na qual o resenhado é nada menos do que James Joyce e o seu monumental *Ulisses*. As linhas sobre a obra do escritor irlandês – grande e aguardada novidade do universo da literatura de língua inglesa – chegam ao conhecimento dos eminentes modernistas do Sudeste com muito furor, mediante envelope entregue das mãos de Câmara Cascudo a Sérgio Buarque de Holanda, segundo depoimento tardio do último, como veremos. Emergirá daí, quiçá, a primeira *competição* literária entre os dois intelectuais: Buarque de Holanda, com apenas 22 anos, se empenhava, no Rio, a editar a revista *Estética*, junto ao amigo Prudente de Moraes, neto, enquanto Freyre, do Recife, se revelava como promissor escritor nas colunas de jornal.<sup>5</sup> Se, do Nordeste, esse já havia pioneiramente escrito sobre *Ulisses*, no Sudeste, aquele prometia, nas contribuições “a sair nos

---

<sup>5</sup> Para uma breve história da breve revista modernista, cf. MARQUES, Ivan. “*Estética* (1924-1925)”. In: \_\_\_\_\_. *Modernismo em revista: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013. Cf., também, BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3ª edição. São Paulo: Cultrix, 1989, p. 386, 387.

próximos números” de *Estética*,<sup>6</sup> as suas linhas, também, sobre o livro de Joyce. De difícil acesso até então, fora graças ao amigo e mecenas do projeto vencedor do modernismo, Paulo Prado, em viagem à Europa, que, segundo o futuro historiador, a tão aguardada novidade lhe caíra em mãos. Em sua sanha de leitura e produção exclusivista sobre a obra, no Brasil, Sérgio Buarque se impusera o desafio de consumir compulsivamente as 756 páginas da “grossa brochura azul, com títulos em letras brancas”,<sup>7</sup> como escreverá em “Depois da ‘Semana’”, artigo de 1952, publicado por ocasião dos 30 anos do “movimento modernista” e republicado em 1979, no livro *Tentativas de Mitologia*; porém, como notaremos, a corrida pela exclusividade se vê frustrada, uma vez que Gilberto Freyre já o havia antecipado em tal empreitada. Como, em dupla camada, representa-se o já institucionalmente consagrado Sérgio Buarque de Holanda, 28, primeiramente, e 55 anos depois: tinha “a nítida lembrança da passagem [no texto de Freyre] onde há referência a críticos que, ‘à sombra das bananeiras cariocas’ já se metem a anunciar artigos sobre o difícil Joyce”.<sup>8</sup> Por fim, o que viria figurar no próximo número da paradigmática revista, mais precisamente, no quarto, e ainda com a proposta do paulista de publicar o pequeno trabalho do pernambucano, acaba não acontecendo, pois *Estética* findara já no seu terceiro número.

Num segundo momento, o contato entre Sérgio Buarque e Gilberto Freyre se efetiva em forma de encontros, quando, mediados pela amizade em comum, representada por Manuel Bandeira, também recifense e “ponte” que ligava os projetos vanguardistas do Nordeste e do Sudeste, se estreitam os laços entre ele, Holanda e Prudente de Moraes, neto. Como marca material dessa proximidade entre Bandeira e Freyre, basta recordar de “Evocação do Recife”, poema escrito pelo primeiro, em 1925, para o *Livro do Nordeste*, empreendimento comemorativo dos 100 anos do *Diário de Pernambuco* e organizado pelo segundo.<sup>9</sup> De tal convívio, além das boemias pelas

---

<sup>6</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Depois da ‘Semana’”. In: \_\_\_\_\_. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 276.

<sup>7</sup> *Idem, Ibidem*, p. 277.

<sup>8</sup> *Loc. cit.*

<sup>9</sup> É o poeta responsável, também, por promover o primeiro encontro de Gilberto Freyre com um outro paulista do modernismo triunfal: Mário de Andrade. Selada por olhares de soslaio e desconfianças recíprocas, tal ocasião se deu num passeio de lancha sobre o rio Capibaribe, no ano de 1928. A despeito do já comprovado intento memorialístico travestido de diário de juventude, as impressões do pernambucano, em *Tempo morto e outros tempos*, possivelmente sobre esse encontro, podem ser um valioso índice dessa sempre tensa oscilação entre reconhecimento, aproximação e distanciamento, físico, metodológico e, claro, geopolítico, que deixa entrever a disputa pela hegemonia regional da representatividade dos signos compartilhados nacionalmente. Vejamos: “Má impressão pessoal de M. de A. Sei que sua obra é das mais

madrugadas do Rio, regadas a chope e composições de Donga, de Pixinguinha e os seus *Oito Batutas*, de Patrício e outros, criam-se ocasiões para o acirramento das competições intelectuais e literárias entre os futuros autores de *Casa-grande & Senzala* e *Raízes do Brasil*. Segundo testemunho do escritor de Apipucos, muitas décadas depois, em 1982, num controverso artigo-necrológico denominado “Sergio, mestre de mestres”, Bandeira era “um como que nosso tio intelectual”,<sup>10</sup> que, certa feita, teve a ideia, em Santa Tereza, de “provocar uma *competição* entre nós dois, Prudente também presente, para saber quem, se Sergio, se eu, mais conhecia literatura em língua inglesa. Cada um que fizesse uma pergunta ao outro. Isto? Aquilo? Manuel Bandeira, juiz”.<sup>11</sup>

Adentrando a década de 1930, podemos dizer que, da competição estimulada nesses primeiros anos de formação, vai-se gradativamente configurando, a certa altura desse decênio, uma *rivalidade* e, em algumas situações, uma tensa e, às vezes, ríspida *disputa* entre os dois intelectuais, como intentaremos elucidar ao longo desta tese. Desse modo, entendemos que as atitudes são distintas e com historicidades próprias, tendo em vista o pressuposto de que a primeira, isto é, a competição, denota algo de razoavelmente consciente e relativamente acordado entre as partes do jogo, ao passo que as segundas, rivalidade e disputa, revelam certa *ruptura*, em que interesses e ações racionais com fins se dão de modo antagônico, alimentados pelo mau combate, a depender das situações e das experiências em jogo. Para um breve adendo etimológico, a palavra competição deriva do latim, *competitio*, e o seu infinitivo, *competere*, implica litigar, lutar, procurar *ao mesmo tempo*. *Com-*, junto, mais *petere*, designaria, então, disputar, procurar, inquirir *com* alguém. A palavra rivalidade, por sua vez, se aproxima mais, em significado, da palavra disputa. Do Latim, *rivus*, curso d’água, riacho, arroio e,

---

importantes que um intelectual já realizou no Brasil. Que entende de música como um técnico e não apenas como um artista intuitivo. Que une muita erudição à intuição poética. Mas me parece artificial e postiço em muita coisa. E sua pessoa é o que acentua: o lado artificioso de sua obra de renovador das artes e das letras no Brasil. Seu modo de falar, de tão artificioso, chega a parecer – sem ser – delicado em excesso. Alguns dos seus gestos também me parecem precários. Mesmo assim, um grande, um enorme homem-orquestra, que está sendo para o Brasil uma espécie de Walt Whitman. Um semiWalt Whitman”. FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos. Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade 1915-1930* [1975]. Apresentação de Maria Lúcia Pallares-Burke. 1ª edição digital. São Paulo: Global Editora, 2012, p. 401. Para a reconstituição desse encontro e a extração, a partir dele, dos elementos que mais unem do que cindem os projetos intelectivos de ambos os intelectuais, cf. DIMAS, Antonio. “Barco de proa dupla”. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 54, junho/agosto, 2002, p. 112-126.

<sup>10</sup> FREYRE, Gilberto. “Sergio, mestre de mestres”. In: BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Revista do Brasil. Número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda*, op. cit., p. 117. (publicado originalmente na *Folha de São Paulo*, em 11 de maio de 1982, por ocasião do falecimento do autor, em 24 de abril de 1982)

<sup>11</sup> *Loc. cit.*

mais próximo do português, rio. Segundo consta, “na Roma antiga, os cursos d’água eram canalizados e divididos entre vizinhos agricultores, podendo ser fechados ou abertos para irrigar as plantações”. Em decorrência disso, surgiu a situação em que uns “tentassem prejudicar os outros para aproveitar melhor a água em benefício próprio. Como resultado, não era raro se formarem verdadeiras inimizades, *rivalidades*”. Já, disputar, do latim *disputare*, designaria sentidos próximos a pensar, supor, calcular, isto é, *putare*, de modo relativamente apartado, separado, dissentido, *dis-*, em relação a alguém.<sup>12</sup>

Sendo assim, o que se presencia, na relação entre Sérgio Buarque e Gilberto Freyre, nos seus primeiros anos de formação, é menos, por enquanto nesses momentos entre as décadas de 1920 e 1930, uma disputa ou rivalidade do que uma, digamos, saudável competição entre jovens amigos em torno da cultura e, mais especificamente, da literatura universal. É, mais uma vez, o velho Freyre quem nos fornece o seu depoimento acerca do “segundo round”, já na década seguinte, da acirrada competição entre ambos. Dessa vez, as ambições em jogo seriam consideravelmente maiores e, de fato, as tacadas certeiras e definitivas iriam dividir águas em relação às interpretações em voga dos “passados sociais do Brasil”, como quer o pernambucano:

Até que nos defrontaríamos, tacho a tacho, noutra competição: quem, dos dois, mais sociólogo da História na interpretação de passados sociais do Brasil. Se eu emergia com *Casa-Grande e Senzala*, Sérgio não tardaria a aparecer, de início, com *Raízes do Brasil*; depois, com outros ensaios magnificamente perceptivos, eruditos, *scholarly*.<sup>13</sup>

A passagem sugere metonimicamente aquela virada entre tempos que propusemos em nota na introdução: de uma preocupação estético-política, que alguns críticos denominam “fase heroica” das políticas literárias, esquematicamente entre os anos 1917 e 1928, vê-se a abertura do tempo ético-político, contexto de reflexão e tensas disputas acerca dos temas políticos e ideológicos candentes que norteavam, já nos anos 1930, os programas e projetos intelectuais de figuras proeminentes do período.<sup>14</sup> Além disso, vale dizer, as linhas implicam questões acerca do deslocamento do eixo intelectual do Nordeste para o Sudeste, e, como veremos, os dois autores mobilizam, cada qual à sua maneira, os mais diversos móveis estratégicos para ingresso no campo intelectual que se

---

<sup>12</sup> Verbetes: “Competição”; “Rivalidade”; “Disputa”. In: *Origem da Palavra*. <<http://origemdapalavra.com.br>> (consultado em 16/11/2018)

<sup>13</sup> FREYRE, Gilberto. “Sérgio, mestre de mestres”, *op. cit.*, p. 117.

<sup>14</sup> Cf. LAFETÁ, João Luiz. “Os pressupostos básicos”, *op. cit.*

constituía, de modo acentuado, na parte meridional do país. Já em 1935, para se ter ideia, o pernambucano perfura as barreiras de consagração fundadas nesse eixo e, com o êxito vertiginoso de *Casa-grande & Senzala*, consolida sua proposta sócio-antropológica, que “o leva a concretizar sua escolha como um dos principais artífices das primeiras cátedras de Sociologia, Antropologia Social e Cultural e Pesquisa Social da nova Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro”.<sup>15</sup> Tal prestígio o conduz, nesse mesmo ano, a um cargo significativamente relevante no campo editorial da época: assume a direção da *Coleção Documentos Brasileiros*, empreendimento ambicioso da recém-fundada e bem-sucedida Livraria José Olympio Editora. Como veremos, nessa casa, o nordestino idealizou “um projeto editorial que marcou época”: a publicação de *Raízes do Brasil*, prefaciado pelo próprio Freyre e carro-chefe da aclamada coleção.<sup>16</sup>

Por ora, voltemos à passagem fixada acima. Antes, vale destacar o tom amistoso com que, nas duas passagens do necrológio, Gilberto Freyre se dirige a Sérgio Buarque. Como veremos, tal gesto destoa drasticamente, em momentos-chave de suas trajetórias, daqueles que, a bem da verdade, caracterizam-se como verdadeiras celeumas, contendas e mesmo vetos, principalmente da parte do paulista, ao nome do pernambucano, dentro e fora de seus livros pós-década de 1930. Depoimento emblemático nesse sentido, já no século XXI, é dado por um dos incontornáveis nomes das ciências sociais brasileiras e amigo de afinidades, em muitos aspectos, com as interpretações do autor de *Monções* sobre a formação social brasileira: o autor de *Nordeste* era nome proibido para Buarque de Holanda, “como Sérgio com o de Gilberto Freyre. Nunca a descrição de um e outro me permitiu saber a causa do distanciamento de ambos, realmente muito estranha, tendo em conta que Gilberto Freyre escreveu o prefácio da primeira edição de *Raízes do Brasil*”.<sup>17</sup>

Concentrando-nos, ainda, nas proximidades entre os dois intelectuais, são dignas de destaque as convergências, referenciadas pelos “conjuntos de questões e de temas obrigatórios que definem o campo cultural de uma época”,<sup>18</sup> acerca de problemas sobre os quais ambos vinham se debruçando de meados para finais da década de 1930 e em

---

<sup>15</sup> SORÁ, Gustavo. “A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande & Senzala* de Gilberto Freyre”, *op. cit.*, p. 5.

<sup>16</sup> *Loc. cit.*

<sup>17</sup> FAORO, Raymundo. “Mestre Sérgio”. In: *Folha de São Paulo. Caderno Mais!*. São Paulo, 23 de junho de 2002, p. 6.

<sup>18</sup> BOURDIEU, Pierre. “Campo intelectual e projeto criador”, *op. cit.*, 142.

todo o decênio seguinte, após publicarem os trabalhos que os consagrariam, embora em tempos diferentes, nos meios intelectuais brasileiros e no âmbito das instituições de ensino dos grandes centros. Problemas tais de ordem institucional e epistemológica, que, figurando nas páginas dos jornais, dedicavam-se a refletir acerca do avanço dos projetos de universidade, bem como sobre o desenvolvimento do pensamento e das práticas científicas que, porventura, suplantariam a “mera intuição e generalizações” para privilegiarem a investigação metódica, presidida por parâmetros científicos e matrizes disciplinares sólidas e estabelecidas.<sup>19</sup> Enfim, em que medida, de fato, levarão a cabo tais reflexões e imperativos? Ainda, em que medida os objetos por eles concretizados não se darão como elementos que, na bifurcação dos caminhos tomados pelos autores a partir, mais intensamente, da década de 1940, exacerbarão as disputas e as rivalidades, aquecendo, portanto, de modo perene, o bom e o mau combate dentro do que chamamos, aqui, a agonística buarquiana? Alguns desses elementos se encontram, certamente, condensados na historicidade que perpassa, de modo mais substancial, as três primeiras edições de *Raízes do Brasil* – 1936, 1948, 1956 –, considerando que, como marcas dessa historicidade que constituirá tais camadas agonísticas, na década de 1940, as permutas efetuadas na segunda edição representarão, de modo mais paradigmático – e não menos sintomático –, o ponto alto da rivalidade entre os dois autores, onde o pernambucano se tornará uma espécie de anátema a ser eliminado. Como intentaremos demonstrar mais adiante, em sua quase maníaca revisão do texto de 1936, algumas emendas feitas aos trechos em que apareciam apropriações implícitas, ou mesmo citações diretas do autor de *Casa-grande & Senzala*, são simplesmente eliminadas, ou, quando muito, alteradas, às vezes mantendo o núcleo argumentativo, mas excluindo o nome. São as motivações meramente de ordem pessoal? Questão que envolve a má *Éris* e que tentaremos responder, esperemos, de modo relativamente satisfatório.

Entre os decisivos anos de 1946 e 1948: o autor de *Caminhos e Fronteiras* deixa o Rio de Janeiro e transfere-se para São Paulo a fim de assumir a direção do Museu Paulista. Cerca de um ano depois, revisa sistematicamente o seu primeiro livro – o prefácio no qual anuncia, entre outras coisas, essas modificações data de 1947<sup>20</sup> – dando-lhe contornos mais profissionalizantes e adensando-o documentalmente, além

---

<sup>19</sup> Cf. capítulo conclusivo de ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e Paz: Casa-grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*, op. cit.

<sup>20</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Prefácio à segunda edição”. In: \_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. 2ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1948.



dos outros aspectos e problemas que ainda desdobraremos. No ano de 1948, dá continuidade ao seu cargo de diretor do museu e, finalmente, publica a segunda edição de *Raízes do Brasil*, “revista e ampliada”, como inscrito em sua capa, ao passo que leciona História Social e História Econômica do Brasil na Escola de Sociologia e Política. Nesse mesmo ano, é eleito, também, representante das Instituições Complementares da Universidade de São Paulo, junto ao Conselho Universitário.<sup>21</sup> Como se observa, Sérgio Buarque de Holanda se assenta de modo orgânico nas instituições, assumindo principalmente cargos importantes nas universidades.<sup>22</sup> No caminho oposto, já se antevê Gilberto Freyre iniciar sua empreitada deliberadamente autobiográfica e explicitamente automonumentalizadora, afirmando-se como escritor por vocação, ao mesmo tempo em que recusa terminantemente convites para atuar tanto nas universidades brasileiras quanto nas estrangeiras, como Yale e Harvard.<sup>23</sup>

Por fim, o que estaria implicado nessas mudanças de trajetórias e rotas? Como Sérgio Buarque se apropria e, em certa medida, se alimenta dessas novas prerrogativas e prestígio institucionais para, então, se representar e, em certos momentos, figurar sua *persona* autoral como meio de travar as batalhas simbólicas em torno de suas obras? Freyre, por seu turno, alimenta-se obstinadamente, no Recife, da sua *persona* de gênio, buscando manter vivo o seu livro capital como uma espécie de metonímia de sua obra, mas não menos, podemos dizer, da formação sociocultural brasileira. Afora as motivações pessoais, indicaremos, pois, que o paulista se ampara no pernambucano, inicialmente, como uma firme inspiração intelectual, ainda que não assumida, para dele gradativamente se distanciar.

O capítulo que ora se desenvolverá tomará como fonte principal as duas primeiras edições de *Raízes do Brasil*, mas também se beneficiará de artigos de imprensa anteriores à década de 1930 e posteriores à década de 1950, num deliberado “efeito sanfona” que nos auxiliará no destaque de algumas das marcas dos andaimes que auxiliaram na sedimentação, por parte do autor, das memórias contraídas pouco a pouco

---

<sup>21</sup> Cf. HOLANDA, Maria Amélia Buarque de. “Apontamentos para a cronologia de Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*, p. 434-439.

<sup>22</sup> Para um estudo detalhado da atuação do historiador e escritor no âmbito das instituições, cf. NICODEMO, Thiago Lima. “Sérgio Buarque de Holanda e a dinâmica das instituições culturais no Brasil 1930-1960”, *op. cit.*

<sup>23</sup> Cf. SORÁ, Gustavo. “A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande & Senzala* de Gilberto Freyre”, *op. cit.*, p. 7, 8.

ao longo de sua paradigmática trajetória. Metáfora dos andaimes, aliás, que compõe parte ingrediente da *persona* do autor, pois que a mobiliza no sentido de designar o processo árduo e sofrível pelo qual passa a sua formação, mas que, ao fim, retirando esse elemento essencial, porém provisório, tal qual na construção civil, bem como tapando os buracos que os sustentavam, se apresenta ao *outro* como natural, sem marcas, sem ancoragem nesse processo real da *Bildung*:

Só eu sei o que isso me custou de aplicação obstinada, às vezes quase desesperada, de arrebatamentos, vigílias, insônias, leituras ou releituras, paciências, impaciências, horas de transe e desfalecimentos. Para sair-me sofrivelmente da empreitada que aceitei, teria de passar por isso, sem me descuidar de desfazer depois as marcas do meu esforço ainda sensíveis. Parecia-me indispensável dissipar essas marcas, que eram como andaimes destinados a desaparecer na construção acabada.<sup>24</sup>

O foco de tal dramatização sacrificial a respeito do processo de refinamento da sua *forma* de escrita pode bem ser estendido a outras dimensões de sua *formação* e afirmação como intelectual, a fim de nos oferecer um índice do modo como se representa, deixa-se representar e constrói memórias, que, a depender de certos momentos, seguem os mesmos moldes desse expediente entrevisto na citação acima, ainda que – e, nesse sentido, ele difere bastante da postura de um Mário de Andrade<sup>25</sup> – não declarada explicitamente no interior dos seus livros e artigos, tal como faz na emblemática “Apresentação” desse livro de 1979.

#### *Das competições. Ou: Ulisses em boa Eris*

Principiemos pelo que, porventura, seria o primeiro contato entre os dois autores, ainda por meio de potenciais textos iniciais de suas trajetórias que, não fosse

---

<sup>24</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Apresentação”. In: \_\_\_\_\_. *Tentativas de Mitologia*, op. cit., p. 16.

<sup>25</sup> Para o tom grandiloquente, sacrificial, fatalista e voluntarista, por exemplo, da conferência proferida, por Mário de Andrade, para a Casa do Estudante do Brasil, em 1942, por ocasião dos 20 anos do “movimento modernista”, cf. MORESCHI, Marcelo Seravali. “A conferência, o historiador de si mesmo e a consolidação da façanha”. In: \_\_\_\_\_. *A façanha auto-históricográfica do modernismo brasileiro*, op. cit.. “O momento ‘atual’ de Mário seria, segundo ele, ‘o primeiro movimento de independência da Inteligência brasileira, que a gente possa ter como legítimo e indiscutível’. Criar modelos estéticos e formas próprias de expressão seriam direitos e não necessitariam mais de um ‘movimento destruidor’, como o modernismo, para garanti-los. A ‘Inteligência brasileira’ então se expressaria livremente porque os modernistas já teriam servido de vítima sacrificial capaz de fundar a ‘expressão livre’ no Brasil. Os jovens, para Mário, já podem se dar ao luxo de uma certa liberdade, ‘um direito às suas inquietações e pesquisas’, sem precisar se sujeitar ao que os modernistas se sujeitaram (‘a vaia acesa, o insulto público, a carta anônima, a perseguição financeira...’) e sem precisar ‘destruir’ nada”. *Idem, Ibidem*, p. 244. Para o texto de Andrade, o qual configura-se, segundo Moreschi, como a “síntese auto-históricográfica” do modernismo triunfal, cf. ANDRADE, Mário de. “O movimento modernista” [1942]. In: \_\_\_\_\_. *Aspectos da literatura brasileira*. 5ª ed. São Paulo, Martins, 1974, p. 242. (artigo originalmente publicado no jornal *O Estado de São Paulo* por ocasião do 20º aniversário da Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1942)

por um impasse sobre o qual discorreremos em breve, se cruzariam na imprensa daqueles tempos de modernismos. Rumores e certo suspense despertado em Buarque de Holanda sobre Gilberto Freyre foram suscitados por uma carta que lhe chegara às mãos por meio de Câmara Cascudo, e na qual constava um artigo redigido pelo segundo. Nele, eis o objeto provocador do, quiçá, primordial *agon* entre o paulista e o pernambucano: nada menos do que James Joyce e o seu monumental *Ulisses*. O ano era 1924. Enquanto o jovem Holanda encontrava-se envolvido na edição da revista *Estética*, junto a seu dileto companheiro Prudente de Moraes, neto, o também jovem Freyre era já um assíduo frequentador das páginas do *Diário de Pernambuco*, onde publicava seus artigos, entre eles, aquele sobre *Ulisses*. Desenvolvamos minimamente os encadeamentos de tal evento: no tempo em que, no Nordeste, o segundo já havia escrito o seu texto, no Sudeste, o primeiro prometia, nas contribuições “a sair nos próximos números”,<sup>26</sup> os seus escritos sobre a obra do irlandês. O livro era, até então, de difícil acesso e, segundo o futuro historiador, fora graças a Paulo Prado, em viagem à Europa, que o cobiçado petardo lhe caíra em mãos. Em seu afã de vanguarda na produção de uma reflexão exclusiva da obra em território nacional, dera logo cabo de consumir obsessivamente as 756 páginas da “grossa brochura azul, com títulos em letras brancas”,<sup>27</sup> porém, logo se frustraria em sua corrida pela exclusividade, pois, como dito anteriormente, o seu futuro, ao menos por um período, amigo de muitas competições já o havia antecipado em tal empreitada. Como recorda o próprio Sérgio Buarque de Holanda, que, embora não detivesse o tal texto, tinha “a nítida lembrança da passagem onde há referência a críticos que, ‘à sombra das bananeiras cariocas’ já se metem a anunciar artigos sobre o difícil Joyce”.<sup>28</sup> Ao fim e ao cabo, o que viria a se consubstanciar no próximo número de *Estética* – mais precisamente, no quarto, como anunciado no anterior –, e ainda com a proposta do paulista de publicar os escritos do pernambucano, acaba não acontecendo, pois a emblemática revista findara logo nesse terceiro número.

Recuperado parte desse remoto e indireto encontro entre os dois intelectuais, o que não poderemos nos furtar em destacar toca o fundamental detalhe que diz respeito ao fato de todo esse episódio vir a ser narrado justo por Holanda, já na década de 1950. Como se sabe, *Tentativas de Mitologia*, publicado em 1979, com exceção da

---

<sup>26</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Depois da ‘Semana’”, *op. cit.*, p. 276.

<sup>27</sup> *Idem, Ibidem*, p. 277.

<sup>28</sup> *Loc. cit.*

“Apresentação” que o conduz – poderoso paratexto responsável por orientar o/a leitor/leitora no sentido da coerência narrativa e, no limite, autobiográfica de toda a trajetória do autor –, condensa uma antologia de textos de crítica historiográfica e literária publicados esparsamente na imprensa das décadas de 1940 e 1950.<sup>29</sup> E, estrategicamente, o artigo que o encerra chama-se “Depois da ‘Semana’”, publicado originalmente no *Diário Carioca*, em 24 de fevereiro de 1952, com o qual Sérgio Buarque busca empreender um processo de (auto)historização do modernismo em sua data epifenomenal. Por meio desse expediente de aplainamento de memórias, portanto, uma vez que a única fonte testemunhal de tal acontecimento, do modo como foi refigurado, provém de sua autorrepresentação, tem-se um processo de retrospectão que, retirados os andaimes da narrativa construída *a posteriori*, resulta no passar em balanço o modernismo consagrado, legando, assim, “os fundamentos pelos quais gostaria de ser descrito e avaliado ulteriormente”.<sup>30</sup>

Uma revelação deveras curiosa, e que nos faz pensar se o historiador a admitiria na época a que pertence o evento narrado, isto é, 1924, diz respeito à modesta afirmação segundo a qual, caso escrevesse o prometido artigo, de longe não seria melhor do que aquele que recebera no envelope entregue por Câmara Cascudo. Aventamos que tal postura – além daquele desprendimento com o qual sugere ter chegado a propor a publicação do artigo do pernambucano, também, no próximo número da efêmera revista modernista, como pode ser vislumbrado na passagem abaixo – só se viabiliza se se leva em consideração a inscrição desses relatos de cunho relativamente biográfico nos estratos e nas fusões temporais condensados na antologia de finais da década de 1970. Ora, ainda ali, dois anos após a “Semana”, tratava-se meramente de uma competição literária, e não de uma rivalidade acentuadamente política, tal qual se dará, mais intensamente, a partir da década de 1960; ou tampouco epistemológica, a partir da década de 1940, momento de afirmação e de constituição dos campos de saber em

---

<sup>29</sup> Relativamente pouco frequentado pela sua fortuna crítica, este livro será, entre outros, objeto privilegiado da análise minuciosa de Raphael Guilherme de Carvalho, que se propôs a deslindar as estratégias do historiador, tanto no âmbito individual como coletivo, com fins de erigir uma escrita de si que desse vazão à sua inscrição, a partir da década de 1960, na memória disciplinar e no lugar consagrado da historiografia brasileira do período. Para tal empreitada, o estudioso primou por um criterioso *corpus* textual concernente aos discursos do autor sobre si e sua obra, bem como a memória que se construiu em torno dele ao longo das décadas de 1970 e 1980. Cf. CARVALHO, Raphael Guilherme de. *Sérgio Buarque de Holanda, do mesmo ao outro: escrita de si e memória (1969-1986)*. (Tese de doutorado em História, defendida na Universidade Federal do Paraná) – Curitiba, 2017.

<sup>30</sup> MORESCHI, Marcelo Seravali. “A conferência, o historiador de si mesmo e a consolidação da façanha”, *op. cit.*, p. 111.

processo de profissionalização. Em outras palavras, o alvo a ser construído e mirado no campo das batalhas simbólicas, doravante, perpassava menos pelo Freyre dos anos 1920 – esse, a bem da verdade, figurava como elemento engrandecedor do processo de escrita de si *no* outro e *com* o outro –, do que pelo renomado e disputado cientista social, cuja crítica, já em 1937, o referia e a seu projeto antonomasicamente como “*escola sociológica de Gilberto Freyre*”.<sup>31</sup> Vejamos a passagem:

Embora a alusão zombeteira [“críticos que ‘à sombra das bananeiras cariocas’ já se metem a anunciar artigos sobre o difícilíssimo Joyce”] tivesse meu endereço, o trabalho deixou-me boa impressão. *Era melhor do que tudo que eu fosse capaz então de escrever sobre o assunto*, por isso aceitei meio esportivamente a direta. E como o terceiro número de *Estética* já andasse no prelo, resolvi que reproduziríamos, em resenha, no quarto, que afinal não chega a sair.<sup>32</sup>

Um intrigante detalhe que enriquece a reconstituição de tal remoto encontro diatríbico pelas páginas da imprensa diz respeito à figura de Graça Aranha, esse “pontífice” do modernismo, tal como o classificou ironicamente Holanda em outro escrito,<sup>33</sup> e que sugere um sutil golpe “cordial” dado por Aranha no jovem editor de *Estética*, quando, ao ler as elogiadas linhas escritas pelo jovem Freyre, aconselha o paulista a não as publicar. Estaria o sugerido veto implicado no fato de o pernambucano, além dos mencionados críticos sob as bananeiras, alfinetar impiedosamente o autor de *Canaã*? Eis o trecho:

[...] em Joyce é preciso não esquecer a influencia da educação jesuítica. Da vida em collegio de padres rhythmada pelos exercícios espirituaes e pela psalmodia grave. Educação que o ia predispondo para o mais intenso mysticismo – o de padre S. J. – quando o crucifixo lhe cahiu das mãos gothicas e adolescentes; e partiu-se. Educação que o acabou predispondo para o esthetismo – o pan-esthetismo, diria, si o sr. Graça Aranha não houvesse barateado a expressão – em que hoje se aguça a attitude de Joyce perante a vida.<sup>34</sup>

Fato curioso é que, a despeito de Sérgio Buarque se recordar, ainda que parcialmente, da frase que considera a ele endereçada – e que, a bem da verdade, é um pouco mais elíptica do que aquela da sua memória: “Mas o livro vae vencendo: e até sob as bananeiras do Rio já se vae pronunciando o inglez facil do nome de Joyce. O inglez das

<sup>31</sup> SORÁ, Gustavo. “A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande & Senzala* de Gilberto Freyre”, *op. cit.*, p. 18 (nota 13 – grifo do autor).

<sup>32</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Depois da ‘Semana’”, *op. cit.*, p. 277.

<sup>33</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Em torno da Semana”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011, p. 173. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 17 de fevereiro de 1952)

<sup>34</sup> FREYRE, Gilberto. “James Joyce: O creador de um rhythmo novo para o rómance”. In: *Diário de Pernambuco*. Recife, 11 dez., 1924. Acessado no Acervo Digital da Biblioteca Nacional, em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_10/13601](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_10/13601)>

suas obras, é que será o difícil de soletrar”<sup>35</sup> –, não traz, em seu relato de 1952, republicado em 1979, a demolidora menção a Aranha, barateador, segundo Freyre, de expressão que, se antes era digna de designar o gesto literário e a “atitude de Joyce perante a vida”, doravante se desgasta em significantes propalados pelo autor por meio do seu famoso livro *Estética da Vida*. Não é despropositado, ainda, recordar que vem de Graça Aranha a sugestão para nomear como *Estética* a revista modernista, e que, a julgar pelo depoimento posterior de Buarque de Holanda, “tenho certeza de que concordamos um tanto contra a vontade e na falta de inspiração melhor”.<sup>36</sup> A palavra “estética”, justifica o paulista, “encerrava um significado amplo, capaz de abrigar as mais diversas expressões de modernismo [...]. Graça, no entanto, pensava claramente em sua ‘concepção estética do Universo’ na filosofia expressa em *Estética da Vida*”.<sup>37</sup> Será a não menção a Aranha, também, puro e natural esquecimento? Apesar disso, reproduz o severo conselho do companheiro mais velho que, pretensamente, se queria como o líder do “movimento modernista”: “Este Freyre é nosso inimigo. Estive sabendo que foi pessoa do Oliveira Lima na briga com Nabuco. Não *nos* convém publicar”.<sup>38</sup> Primeiramente, atente-se para o grifo do próprio articulista na majestática forma oblíqua do pronome pessoal, sugerindo a “atitude absorvente”,<sup>39</sup> de “pontífice”<sup>40</sup> e de “apostolado”<sup>41</sup> adotada por Graça Aranha, e sempre ressaltada em alguns desses artigos da década de 1950 pelos quais o historiador pretendia reavaliar, passar a limpo e pretensamente desmistificar as leituras que se faziam dos eventos, das memórias e das propostas constituintes dos primeiros momentos do modernismo triunfante como sendo algo unitário e coeso em sua dinâmica interna.<sup>42</sup> Porém, passar a limpo e desmistificar a suposta unidade desse emblemático “movimento” estético brasileiro, significava, também, incluir, excluir e selecionar, num obstinado e cuidadoso processo de (auto)historização, os nomes a desfilar de um lado e do outro do difuso, complexo e não menos controverso movimento vanguardista. Não é despropositado recuperar, a fim

---

<sup>35</sup> *Loc. cit.*

<sup>36</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Depois da ‘Semana’”, *op. cit.*, p. 276.

<sup>37</sup> *Loc. cit.*

<sup>38</sup> *Idem, Ibidem*, p. 277.

<sup>39</sup> *Loc. cit.*

<sup>40</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Em torno da Semana”, *op. cit.*, p. 173.

<sup>41</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Depois da Semana”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*, *op. cit.*, p. 176.

<sup>42</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Em torno da Semana”, *op. cit.*; HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Depois da ‘Semana’”, *op. cit.* e HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Depois da Semana”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*, *op. cit.*

de adensar a própria e quase imediata inserção de Sérgio Buarque de Holanda no lado canônico do modernismo, a publicação de título “O lado oposto e outros lados”. Pequeno ensaio, publicado originalmente na *Revista do Brasil*, em 15 de outubro de 1926, no qual, ainda tomado pelo espírito de “22”, Buarque de Holanda pretendeu empreender marcos e revisões internamente ao “movimento” e aos seus, às vezes dispares, projetos estéticos. Com isso, encadeou reações que, a contragosto, vieram de quem, em tese, não se via listado entre aqueles dos “outros lados” contra os do “lado oposto”. Texto esse “estabanado”, que resvalou em aliados do quilate de Mário de Andrade, que “não se sentiu bem-representado no ‘nós’ invocado contra os outros, os acadêmicos modernizantes. Sérgio colocou a tropa em combate sem avisar, inclusive, os mais graduados”.<sup>43</sup> Texto estabanado, ainda, “porque mostra o quanto o autor havia sido dissimulado ao elevar Graça Aranha à condição de ‘um homem essencial’. Foi do louvor ao vitupério sem muitas mediações”.<sup>44</sup> Entre esses, classificados como “acadêmicos ‘modernizantes’”, figuravam, além do renomado crítico Alceu Amoroso Lima, à época sob a alcunha de Tristão de Athayde, Ronald de Carvalho, Renato Almeida, Guilherme de Almeida, Graça Aranha, propriamente dito, e outros, que compunham o que seria a ala girondina do modernismo, de acordo com as classificações antitéticas impressas pelo grupo ao qual pertencia Buarque de Holanda. Ala que, segundo o jovem crítico, pretendia impor um roteiro bem delineado de doutrinas provenientes de certos segmentos sociais, e a partir de soluções artificiais assentadas sob a noção de construtivismo estético-político. Tal insistência no que denominou, no artigo, “panaceia abominável da *construção*”,<sup>45</sup> levava aqueles do “lado oposto” a *realizar*, mediante suas “políticas literárias”,<sup>46</sup> a milagrosa formação do país; políticas literárias essas, entrevia talvez Sérgio Buarque, que, atualizadas sob moldes metafórico-conceituais herdados de períodos idos de uma narração nacional – portanto uma metáfora –, sacralizavam o nexo entre a modernidade e a modernização.<sup>47</sup> Como assevera o jovem articulista, em 1926:

---

<sup>43</sup> GOMES JÚNIOR, Guilherme Simões. “Crítica, combate e deriva do campo literário em Alceu Amoroso Lima”. In: *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 23, n. 2, nov., 2011, p. 121.

<sup>44</sup> *Loc. cit.*

<sup>45</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O lado oposto e outros lados” [1926]. In: \_\_\_\_\_. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda, op. cit.*, p. 87.

<sup>46</sup> *Idem, Ibidem*, p. 85.

<sup>47</sup> VECCHI, Roberto. “A insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e ressentimento do tempo dentro e fora do cânone modernista”. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (Res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004, p. 463.

gente bem-intencionada e que esteja de qualquer modo à altura de nos impor uma hierarquia, uma ordem, uma experiência que estrangulem de vez esse nosso maldito estouvamento de povo moço e sem juízo. Carecemos de uma arte, de uma literatura, de um pensamento enfim, que traduzam um anseio qualquer de construção, dizem.<sup>48</sup>

Ao longo desse texto-estopim, que encadeou o primeiro grave cisma no “movimento vanguardista” brasileiro, Sérgio Buarque de Holanda se dota de um *nós* que o lança – a despeito de sua não participação de corpo presente na “Semana” – como um dos agentes de primeira hora da “façanha auto-historiográfica”<sup>49</sup> empreendida, desse momento em diante, pela rede de construtores do cânone e das memórias oficiais do modernismo, principalmente nas datas co(re)memorativas, cujo exemplo entre os mais paradigmáticos é o, já evocado em nota, texto de Mário de Andrade, “O movimento modernista”, proferido em conferência, em 1942, na Casa do Estudante do Brasil, e publicado no jornal *O Estado de São Paulo* por ocasião do 20º aniversário da Semana de Arte Moderna.

Após tais considerações, retornemos ao trecho de “Depois da ‘Semana’” no qual, após o conselho de Aranha para não publicarem o artigo de Gilberto Freyre sobre Joyce, Sérgio Buarque desnuda a mais pura cordialidade – se se tome, ainda, tal conceito como traço sociocomportamental que permeava e atravessava as relações dos atores da rede de sociabilidade que compunha aquele ambiente estético-literário da Primeira República<sup>50</sup> –, tomando como metonímia, nessa ocasião, o autor de *Canaã*. Esse, ao desprezar argumentos em favor do objeto da crítica, preferia se concentrar nas figuras pessoais e nas afetividades por elas suscitadas:

Ora, nada tínhamos pessoalmente, Prudente e eu contra Oliveira Lima, ou contra seus amigos. Apenas a antiga incompatibilidade que o separou de Joaquim Nabuco – uma das constantes devoções de Graça Aranha (à mesa de cabeceira ele tinha sempre uma fotografia de Nabuco, ladeado dele, Graça, e de Magalhães de Azevedo) – bastava, a seu ver, para interdizer qualquer contato com o modernismo tal como o entendia.<sup>51</sup>

Por fim, vale ressaltar que, até onde pudemos verificar, dois pequenos textos que deram conta de parte dessa prematura competição entre os dois intelectuais seguiram demasiadamente o roteiro narrativo do próprio Sérgio Buarque, incorrendo na retrospecção por ele empreendida e, a nosso ver, reforçando as suas contradições. O

---

<sup>48</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O lado oposto e outros lados”, *op. cit.*, p. 87.

<sup>49</sup> MORESCHI, Marcelo Seravali. *A façanha auto-historiográfica do modernismo brasileiro*, *op. cit.*

<sup>50</sup> Cf. ROCHA, João Cezar de Castro. *Literatura e cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira*, *op. cit.*

<sup>51</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Depois da ‘Semana’”, *op. cit.*, p. 277.



primeiro e menos conhecido é o de Robert Wegner, que, ao reconstituir interseções convergentes nas trajetórias iniciais dos jovens autores, como aquelas dos projetos em torno dos modernismos e da construção de um ensaio interpretativo do Brasil, bem como as circunstâncias várias que, mais tarde, provocarão intensas cisões, parece, contudo, desconsiderar que o texto de encerramento das *Tentativas de Mitologia* é parte incontornável do cabal processo de consagração, pelos pares e diletos amigos, e obviamente autoconsagração do quase octogenário intelectual paulista no âmbito das instituições.<sup>52</sup> Ora, definitivamente àquela altura, momento em que Holanda reabilita e historiza em camadas temporais a “Semana” na publicação de 1979, não estavam os dois em pé de igualdade em termos de “peso funcional” dentro das linhas de força constituintes do campo intelectual<sup>53</sup> e das redes de sociabilidade acadêmicas na parte meridional do país. Já na primeira camada da (auto)historização efetuada pelo paulista, 1952, o pernambucano, desse ano em diante, “é deslocado pela primeira geração de sociólogos brasileiros, herdeiros dos ‘missionários’ estrangeiros da USP e já situados como titulares de cátedra das nodais Sociologia I e II”.<sup>54</sup> Tais iniciativas constituem-se como “focos centrais em um processo de substituição de importações acadêmicas para a construção de uma Sociologia científica e nacional”.<sup>55</sup> Politicamente falando, lembremos de seu apoio ao regime de força português, com Salazar no poder,<sup>56</sup> e seu futuro suporte à Ditadura Militar de 1964, no Brasil.<sup>57</sup>

De João Cezar de Castro Rocha é o outro pequeno ensaio no qual deslinda a rivalidade literária entre os dois autores, e em que remonta àquele mesmo episódio a fim de recuperar aspectos indispensáveis dessa longa e infundável celeuma que, além de revelar, na filigrana do discurso, operações textuais que denunciam atitudes cordiais da parte do próprio crítico dessa presumida forma de sociabilidade – como no famoso caso da polêmica travada com Cassiano Ricardo em torno do conceito –, descortina um dos

---

<sup>52</sup> Cf. WEGNER, Robert. “Da genialidade à poeira dos arquivos: Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda”. Comunicação apresentada no GT “Pensamento social no Brasil”, no *XXVII Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu, 2003.

<sup>53</sup> BOURDIEU, Pierre. “Campo intelectual e projeto criador”, *op. cit.*, p. 126.

<sup>54</sup> SORÁ, Gustavo. “A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande & Senzala* de Gilberto Freyre”, *op. cit.*, p. 8.

<sup>55</sup> *Loc. cit.*

<sup>56</sup> Cf. VECCHI, Roberto. “Periphery as a Work Eccentric Modernities and Lusophone-Tropical Rearrangements”. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 58, jun., 2014, p. 17-34.

<sup>57</sup> FALCÃO, Joaquim. “A luta pelo trono: Gilberto Freyre versus USP”. In: \_\_\_\_; ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de (orgs.). *O imperador das idéias. Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001, p. 156, 157.

problemas estruturais do sistema intelectual e cultural brasileiro: a assimetria geopolítica entre recursos, canais de difusão e financiamento das instituições que abrigam intelectuais ligados ao eixo hegemônico Rio-São Paulo e os do Nordeste do país.<sup>58</sup> No entanto, Castro Rocha, por seu turno, não leva em conta, também, que, na altura do ano de 1952 – um detalhe importante é que esse texto é produzido em comemoração aos 30 anos do modernismo –, “Depois da ‘Semana’”, na tripla camada de tempos que o constitui, ou seja, desde o possível episódio, em 1924, passando por sua figuração narrativa, em 1952, como co-memoração de um grande evento, até a sua rememoração-refiguração como leitor da sua própria trajetória em finais da década de 1970, deixa de ser um texto marcado apenas por uma rivalidade literária para, enquanto pretexto, dotar-se de forte conotação autobiográfica. Compõe-se, portanto, como uma das peças que marcam a historicidade da posituação de sua autorrepresentação como autoridade intelectual. Como também já salientado, a admissão por parte de Buarque de Holanda acerca da excelência do texto de Freyre sobre *Ulisses*, conforma, dos anos 1940 em diante, aquelas pequenas concessões de crítico acerca da produção do outro opositor na esfera pública e intelectual, como tentaremos destacar em vários dos textos produzidos pelo primeiro dentro da vasta crítica jornalística. Muitas vezes, é bem verdade, adotando aquele tom elíptico com que, muito agudamente irônico em determinados momentos, enaltece as qualidades da produção e do seu produtor para, logo em breve, pretensamente pôr-lhes em seus devidos lugares no espectro das contribuições ao assunto em questão. Intentaremos sugerir, ao longo desta tese, que, em grande parte da argumentação do autor de *Monções*, as sentenças parecem ser maniacamente construídas a fim de, mediante hipotaxes e circunlóquios mobilizados, surtir um efeito de leitura amistoso e sinuoso, porém, ao final, machadianamente corrosivo; ou mesmo aniquilador das ideias do adversário da ocasião. Em termos coloquiais, o velho bate e assopra.

*“Sem querer, misturei Sérgio com Gilberto Freyre”*

Saltemos para o ano de 1926: em visita à capital, centro irradiador do capitalismo periférico, da efervescência cultural e das novidades tecnológicas da vida moderna, mas também dos “bairros africanos”, como eram chamados, desde finais do século XIX, os

---

<sup>58</sup> Cf. ROCHA, João Cezar de Castro. “Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre: raízes de uma rivalidade literária”, *op. cit.*

conglomerados nos quais iam habitar os ex-escravos e trabalhadores pobres sem terra, e, mais tarde, chamados de favela,<sup>59</sup> Gilberto Freyre cria oportunidades e situações que o levam às boemias intelectuais e musicais em companhia dos jovens Prudente de Moraes, neto, e Sérgio Buarque de Holanda. Juntos, além das noitadas nos bares do Rio, sobem o morro em busca do que mestres como Donga, Pixinguinha e os seus *Oito Batutas* iam produzindo de mais genuinamente brasileiro no choro e no samba. Nesses encontros, entra em cena, a propósito, outro modernista: Heitor Villa Lobos, que, bebendo também da fonte desses emblemáticos nomes da música popular, desenvolve seus experimentos e rigorosa pesquisa no âmbito de seu monumental projeto erudito, como se pode apreciar, por exemplo, da sua bela série dos *Choros de Câmara*, composta entre 1920 e 1929, e da sua *Suíte Popular Brasileira*, composta em 1928. Atenhamo-nos ao depoimento do próprio pernambucano, 56 anos depois, por ocasião da morte de Buarque de Holanda, a quem se refere como “mestre de mestres”:

Boêmios pelo gosto da música popular brasileira. Da afro-brasileira. Da carioca. Daí, mais de uma vez amanhecemos, bebendo chope, em bares tradicionalmente cariocas, ouvindo os para nós brasileiríssimos e como que nossos mestres, além de amigos, de cultura brasileira, Donga, Patrício e Pixinguinha. Fontes, para nós três, de uma cultura autenticamente popular e extraeuropéia, nas suas bases, que estava, em grande parte, na música de que eles eram mestres. Nenhum de nós três, musicólogos. Mas dos três, o que, nessas noitadas inesquecíveis, sentava-se a pianos boêmios e tocava músicas saudosas, que ele sabia de cor, era Sergio: o depois mestre de mestres de Ciências Sociais. Nessa época, modernistas, os três, a nosso modo. Mas também saudosistas. *Afinidades desse modernismo – o de Estética – com o “regionalismo” irradiado do Recife.*<sup>60</sup>

Segundo sugestão de Pedro Meira Monteiro, “a mística em torno desses encontros marca quase um *topos* da imaginação do modernismo brasileiro”.<sup>61</sup> Todavia, deve-se ressaltar que, para que um enunciado em forma tópica assumo o seu caráter universalizante, isto é, se faça partilhado como valor por determinada comunidade linguística e se generalize a ponto de se tornar aplicável em situações diversas e relativamente análogas, é preciso, antes, que se sedimente diacrônica e sincronicamente nas experiências dos falantes, contando, ainda, com níveis de construções *a posteriori* de

---

<sup>59</sup> Para uma viva e pulsante tela dessa Rio da Primeira República, com suas manifestações culturais populares e suas resistências perante à engenharia social iniciada pelas reformas de Pereira Passos, além da reconstituição do ambiente das contendas políticas e intelectuais da *belle époque* tropical, cf. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

<sup>60</sup> FREYRE, Gilberto. “Sergio, mestre de mestres”, *op. cit.*, p. 117.

<sup>61</sup> MONTEIRO, Pedro Meira. “Raízes rurais da família brasileira: Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre”. In: \_\_\_\_\_. *Signo e desterro: Sérgio Buarque de Holanda e a imaginação do Brasil*, *op. cit.*, p. 55. Para a reconstituição desse célebre encontro entre Freyre e Sérgio Buarque com *Os Oito Batutas*, no Rio, em 1926, cf. VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

memórias que reforçam esses lugares comuns. Parte dessa força ilocucionária responsável por criar, reforçar ou resignificar certas tópicos advém do modo como os agentes enunciativos de determinada comunidade linguística se encontram em suas respectivas posições de prestígio e de representatividade, constituindo, assim, e a depender de dada situação, processos autorrepresentativos hegemônicos e canônicos. É o que se pode inferir do depoimento de Freyre acima fixado, o qual, já em finais de sua trajetória profissional, mobiliza formas e estratégias de narrar que estão permeadas por ambos os expedientes, quais sejam, o de reforçar memórias, bem como (auto)historizar seus percursos, fazendo desaparecer os andaimes que sustentavam tais construções que se entrelaçavam e se constituíam mutuamente. Afinal, como vimos, a começar pelos tempos das competições dos anos de formação, não nos pareceu haver, assim, tão completas “afinidades desse modernismo – o de *Estética* – com o ‘regionalismo’ irradiado do Recife”. Embora se admita que o discurso de um necrológio seja naturalmente permeado de tonalidades laudatórias e, até mesmo, autobiográficas, como é o caso do enunciado freyriano acima, ainda assim nos oferece um bom índice do testemunho apaziguador que explicitamente apaga os conflitos e os dissabores – entre eles, os de ordem pessoal – que singularizam irredutivelmente as biografias de ambos. A imagem de uma inquebrantável relação amistosa entre os dois intelectuais torna-se frágil quando minimamente reconstituídas e esmiuçadas as suas trajetórias ao longo dos anos de juventude até o momento de estabilização no sistema intelectual universitário brasileiro. Se existem pontos de convergência e interseções nas jornadas intelectivas dos dois grandes escritores e cientistas sociais do século XX, o certo é que o que prevalece são biografias que correm paralelas, quando não nos aparecem divergentes drástica e dramaticamente, ainda que, em determinadas ocasiões, corram sub-repticiamente para o mesmo norte, numa espécie de vertiginosa viagem em barco de proa dupla.<sup>62</sup> Nesse sentido, e permanecendo nesse avanço no tempo em relação ao ano do mítico encontro entre os amigos de boemia carioca, leiamos o emblemático testemunho de Raymundo Faoro, já na entrada deste milênio, sobre seus encontros com Sérgio Buarque entre fins da década de 1960 e início da seguinte, e que desestabiliza sobremaneira o tom enfaticamente amistoso que o pernambucano confere ao “mestre de mestres”:

[...] quando [Sérgio Buarque de Holanda] vinha ao Rio, em geral no fim de semana, sempre o encontrava, quer na casa de Francisco ou no hotel. Seguia-se o jantar nos

---

<sup>62</sup> Tomamos de empréstimo, aqui, a imagem do texto de DIMAS, Antonio. “Barco de proa dupla”, *op. cit.*

restaurantes mais badalados. Nessas noitadas agregavam-se a Francisco e a Sérgio [o escritor] Pedro Nava e Afonso Arinos, ambos também, como Francisco, cercados de amigos. Afonso Arinos gostava de receber os amigos na sua biblioteca, na sua imensa e bem cuidada biblioteca, que ocupava um grande espaço de sua espaçosa casa. Tanto na casa de Arinos quanto na de Nava e de Francisco apareciam outras pessoas, como Prudente de Moraes Neto, o Prudentinho, que eu conhecia há muitos anos, devendo a ele a publicação de alguns artigos meus no “Diário Carioca”. Uma vez, recebi dele a intimação para escrever alguma coisa sobre [o senador] Pinheiro Machado (1851-1915), por ocasião de seu centenário. Não deixa de ser estranha a fascinação de Prudentinho, Arinos e Nava – e de Gilberto Freyre – por Pinheiro Machado, que, se vivesse, os teria como seus adversários. Gilberto Freyre (1900-1987) era o mais interessado admirador póstumo de Pinheiro Machado. [...] Sem querer, misturei Sérgio com Gilberto Freyre, nome proibido para Sérgio, como Sérgio com o de Gilberto Freyre. Nunca a discrição de um e outro me permitiu saber a causa do distanciamento de ambos, realmente muito estranha, tendo em conta que Gilberto Freyre escreveu o prefácio da primeira edição de *Raízes do Brasil*.<sup>63</sup>

A questão é: se, num primeiro tempo, as celeumas entre os dois intelectuais se davam, ora latentemente, ora explicitamente, mediante as deliberadas competições sobre visões e ambições individuais no campo estético e literário, como intentamos demonstrar até aqui, num segundo tempo, mais especificamente a partir da década de 1930 e em parte da seguinte, elas tomam os seus contornos mais ríspidos no campo da disputa ético-política. Desse período em diante, pois, os temas e os assuntos enredados no combate pautam-se de modo acentuado pelos pressupostos de ambos acerca da interpretação do Brasil, e cujos motivos e pretextos acaloram o debate intelectual sobre aspectos da formação social, bem como as diatribes ou menções explícitas na seara político-institucional, nos momentos, por exemplo, de discussão sobre projetos universitários, alimentada sobretudo pelos principais periódicos do período. É o que se entrevê na seção a seguir, a partir das modificações efetuadas por Sérgio Buarque de Holanda na primeira edição de *Raízes do Brasil*, e donde essa *virada, na crítica, de uma competição para uma disputa ou ríspida rivalidade*, revela-se de modo mais patente. Talvez essas marcas de historicidade sejam, a propósito, o primeiro indício de tal distanciamento, latente por décadas em que esteve sob *controle* de leituras, que, por múltiplas condicionantes, não se dispuseram a esmiuçá-lo. Para falarmos com Dominick LaCapra, “a interação entre as tendências documentária e de ser-obra provoca uma tensão que só é neutralizada através de processos de controle e exclusão”.<sup>64</sup> Segundo o teórico, essa dupla dimensão constituinte de um texto complexo – documentária e ser-obra – incide sobre a função fundamental da referencialidade, no caso da primeira, e

<sup>63</sup> FAORO, Raymundo. “Mestre Sérgio”, *op. cit.*, p. 6.

<sup>64</sup> LACAPRA, Dominick. “Repensar la historia intelectual e leer textos”, *op. cit.*, p. 248.

estabelece uma interseção entre uma tradição prolongada e o tempo específico, no caso da segunda. A irreducibilidade do ser-obra perante outras dimensões do texto, enquanto apenas referenciais, requer do intérprete capacidade imaginativa e crítica, na medida em que, a partir do *efeito* extraído dessas continuidades e rupturas interpretativas, o texto atesta seu caráter gregário e, ao mesmo tempo, conflitante. Pois, como assevera LaCapra, um grande texto possui, também, sua força autoimpugnadora, tanto em relação àquele tipo de interpretação que deseja circunscrevê-lo em contextos determinados, sem problematizá-los, quanto em relação ao desejo de fechá-los em ideias e “estruturas de consciências”, sem ao menos investigar quais os mecanismos de funcionamento de tais ideias e estruturas na linguagem do próprio texto. “O ser-obra”, portanto, “é crítico e transformador, porque desconstrói e reconstrói o dado, em um sentido repetindo-o, mas também trazendo ao mundo, nessa variação, modificação ou transformação significativa, algo que não existia antes”.<sup>65</sup> Poderíamos dizer, “com enganosa simplicidade”, que, “enquanto o documentário assinala uma diferença, o ser-obra constitui uma diferença, que compromete o leitor em um diálogo recreativo com o texto e os problemas que coloca”.<sup>66</sup> Certamente, um dos elementos fundamentais dessa diferença constituinte perpassa pelas drásticas modificações efetuadas ao longo das edições de *Raízes do Brasil*.

#### *Da competição no “taco a taco” à disputa*

Como já ressaltado, a partir da segunda edição de *Raízes do Brasil*, vislumbra-se, mais intensamente, a tentativa de Holanda de se afirmar como historiador *stricto sensu*, isto é, dotado dos requisitos e das propriedades de posições necessárias no campo intelectual, e, sobretudo, como proponente de uma matriz interpretativa respaldada pelo crivo universitário e de outras tantas instituições, uma vez que o próprio contribuía para a consolidação de um dos projetos vencedores da ideia de universidade no Brasil, ao mesmo tempo em que sua formação era por ele plasmada. Recordemo-nos que, entre 1936 e 1948, o historiador assume vários e prestigiosos cargos institucionais, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo. Em 1936, a convite de Prudente de Moraes, neto, então diretor da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, Buarque de Holanda assume o cargo de assistente do francês Henri Hauser, na cadeira

---

<sup>65</sup> *Idem, Ibidem*, p. 246.

<sup>66</sup> *Loc. cit.*

de História Moderna e Econômica, assim como assiste, também, na cadeira de Literatura Comparada, outro francês, Henri Tronchon.<sup>67</sup> Após a partida dos franceses, em 1937, ele assume as cadeiras de História da América e de Cultura Luso-brasileira. Temos aí, portanto, uma substituição de importações no mercado simbólico constituinte do campo intelectual. Nesse mesmo ano, a convite de Gustavo Capanema, encampa a Comissão de Teatro do Ministério da Educação. Em 1939, é convidado por Augusto Meyer para assumir a seção de publicações do Instituto Nacional do Livro, recém-fundado pelo Ministério da Educação. Não custa lembrar que, a essa altura, a Universidade do Distrito Federal, projeto ambicioso concretizado por Anísio Teixeira e outras figuras proeminentes do “escolanovismo”, fora autoritariamente extinta, e cujo bastião da reação católica a representar a pressão ideológica sobre os quadros da instituição fora nada menos do que Alceu Amoroso Lima. Antes do fechamento, vale dizer, o influente intelectual assumira a sua direção entre os anos de 1937 e 1938.<sup>68</sup> No Instituto Nacional do Livro, o autor de *Monções* conviveu com colegas de trabalho entre os quais figurava Mário de Andrade, Américo Facó, Liberato Soares Pinto, Francisco de Assis Barbosa, Eneida de Moraes, José Honório Rodrigues, Souza da Silveira e Manuel Said Ali. Em 1944, do Instituto Nacional do Livro passa para a Biblioteca Nacional, onde dirige a divisão de consultas. No ano de 1945, em São Paulo, é eleito presidente da seção carioca da Associação Brasileira de Escritores, que promove anteriormente o Congresso de Escritores, e daí assina a “Declaração de Princípios”, documento contra a Ditadura Vargas. No mesmo ano, vale assinalar, compõe o grupo dos fundadores da Esquerda

---

<sup>67</sup> Para a experiência de Sérgio Buarque de Holanda na Universidade do Distrito Federal, cf. CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. *Outros Lados: Sérgio Buarque de Holanda, Crítica Literária, História e Política*. Tese de Doutorado. Campinas, IFCH-Unicamp, 2003, p. 181 e 182.

<sup>68</sup> O conluio entre o Ministério da Educação e as forças do “partido da igreja” – como define Sergio Miceli – para o controle do quadro institucional da universidade revela-se em carta enviada a Capanema por Alceu Amoroso Lima, em 16 de junho de 1935: “A recente fundação de uma universidade municipal, com a nomeação de certos diretores de faculdades, que não escondem suas ideais e pregação comunistas, foi a gota d’água que fez transbordar a grande inquietação dos católicos. Para onde iremos, por este caminho? Consentirá o governo em que, à sua revelia mas sob sua proteção, se prepare uma nova geração inteiramente impregnada dos sentimentos mais contrários à verdadeira tradição do Brasil e aos verdadeiros ideais de uma sociedade sadia?”. LIMA, Alceu Amoroso *apud* SILVA, Breno Carlos da. “Capanema, a Igreja e a *Intelligentsia* Católica”, *op. cit.*, p. 57. Não custa pontuar que, diferentemente do “funcionário-escritor” e do “escritor-funcionário”, por exemplo, a relação de Sérgio Buarque com os dois governos Vargas se dara tendo em vista posições funcionais radicalmente distintas “tanto do ponto de vista do trabalho que [desenvolve] como no que se refere à sua proximidade dos centros de poder”. Assumira cargos, como os acima citados e o de diretor da divisão de consulta da Biblioteca Nacional, “em cujo desempenho [podia] fazer valer, em alguma medida, o seu cabedal de saber especializado”. MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)* [1979]. In: \_\_\_\_\_. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 273 (nota 24) e 213.

Democrática, índice, entre outros, que ajuda a compreender o caráter progressista investido na segunda edição de *Raízes do Brasil*.

Sobre essa temática do político, de um lado, e do epistemológico, do outro, em se tratando das análises contrastivas entre as edições de *Raízes do Brasil*, o artigo “O mal-entendido da democracia: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 1936”,<sup>69</sup> evidencia o paulatino veio político progressista de Buarque de Holanda, iniciado com colorações marcadamente ideológicas no período da “democratização” pós-Vargas, momento da publicação da segunda edição da obra, e orienta parte das modificações efetuadas nas reedições do livro primeiro do estudioso da história do Brasil. O autor argumenta que, no ambiente histórico e cultural da edição de 1936 – a despeito de o “Prefácio” de Candido imprimir, na obra, como veremos adiante, um democratismo de cunho radical que ainda não figurava lá, infere-se um intelectual comprometido com soluções não-democráticas – “identifica-se com um regime oligárquico, tingido por lideranças pessoais (talvez populistas)”<sup>70</sup> – para o novo horizonte que se ia descortinando. Tal estudo indica, com efeito, que as permutas ao longo de toda a obra evidenciam o descontentamento – senão desconforto – do historiador em relação aos matizes políticos inscritos na edição de 1936. Redigido “em algum momento entre a Revolução de 1930 e o advento do Estado Novo”, o ensaio “provoca um desconforto grande e perturbador, a ponto de exigir um remanejamento substantivo do texto para a segunda edição, de 1948 – portanto em pleno período de ‘redemocratização’”.<sup>71</sup> Tal remanejamento, assevera o autor, “tem como principal questão melhor solucionar (ou embaralhar) a perspectiva política contida na argumentação original. Também aqui é possível aquilatar a importância funcional do ‘prefácio’ de Antonio Candido, que oferece uma moldura apascentadora para o livro”.<sup>72</sup>

Em 1946, Holanda assume a direção do Museu Paulista, por meio da qual viabiliza a ampliação de suas atividades ao criar as seções de história, etnologia, numismática e linguística. No ano de 1947, a Esquerda Democrática converte-se em Partido Socialista, pelo qual o autor é lançado pleiteante a vereador a fim de completar o número exigido de candidatos para a apresentação da chapa. Finalmente, no ano de 1948, além da

---

<sup>69</sup> Cf. WAIZBORT, Leopoldo. “O mal-entendido da democracia”, *op. cit.*

<sup>70</sup> *Idem, Ibidem*, p. 42.

<sup>71</sup> *Idem, Ibidem*, p. 40.

<sup>72</sup> *Loc. cit.*



direção do museu, leciona História Social e História Econômica do Brasil na Escola de Sociologia e Política. Nesse mesmo ano, é eleito representante das Instituições Complementares da Universidade de São Paulo, junto ao Conselho Universitário.<sup>73</sup>

Pois bem, qual o expediente adotado por Sérgio Buarque de Holanda no tocante a Gilberto Freyre entre as, segundo nossos cálculos, mais de 700 emendas efetuadas em *Raízes do Brasil* – 1948? O mais gritante, decerto, diz respeito ao ocultamento, em alguns trechos, e, como veremos, expurgo por completo do nome do recifense e da sua obra das páginas do referido livro. Em alguns casos, exclui-se o nome, porém mantém-se o teor do argumento, numa atitude que, para jogarmos com o autor e o seu próprio *phármakon*, pode ser caracterizada como puramente cordial. Vale recordar que somente àquela altura, 12 anos após a publicação da primeira edição, é que o livro se vê agraciado com a sua segunda edição, ao passo que *Casa-grande & Senzala* já ultrapassara a marca de cinco edições até 1946, além das vertidas para línguas estrangeiras, como a argentina, publicada em 1942, pela Comisión Revisora de Textos de Historia y Geografía Americana, vinculada ao Ministerio de Justicia e Instrucción Pública. Nesse mesmo país, publica-se a segunda edição, dessa vez, pela Emecé Editores. Tempos depois, em 1946 e em 1947, sai, nos Estados Unidos e na Inglaterra, respectivamente, *The Masters and The Slaves*. Ao longo das décadas de 1950 e 1960, chegam, enfim, ao público leitor de Itália, França e Alemanha, as traduções do prestigiado livro do escritor nordestino.<sup>74</sup> A propósito desse descompasso entre a recepção, a difusão e a consagração das duas obras seminais, e levando em conta que *Raízes do Brasil* ganha a sua terceira edição somente em 1956, vale despendar algumas linhas.

---

<sup>73</sup> Cf. HOLANDA, Maria Amélia Buarque de. “Apontamentos para a cronologia de Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*, p. 434-439. No que tange à atuação do historiador e escritor no âmbito das instituições, cf. NICODEMO, Thiago Lima. “Sérgio Buarque de Holanda e a dinâmica das instituições culturais no Brasil 1930-1960”, *op. cit.*

<sup>74</sup> Cf. FRANZINI, Fábio. “Os espelhos da história”. In: \_\_\_\_\_. *À sombra das palmeiras: A coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Tese de doutorado em História. São Paulo: USP, 2006, p. 157 (nota 43). Cf., também, SORÁ, Gustavo. “A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande & Senzala* de Gilberto Freyre”, *op. cit.*, p. 18 (notas 16, 17, 18 e 19). “[...] como indício da posição ascendente que gozava Gilberto Freyre em começos da década [de 1940], *Casa-grande e senzala* ganhou a revisão literária de Aurélio Buarque de Holanda, autor do ‘mais completo’ dicionário de português brasileiro. Isto evidencia o status de Freyre entre agentes encarregados de produzir a ‘língua nacional standard’ e ‘a unificação do mercado de dominação simbólica’”. *Idem, Ibidem*, p. 18 (nota 18 – grifo do autor).

### Combates pelo Prefácio

Como antecipado, um dos primeiros textos a dar relevo à obra de Sérgio Buarque, a partir de *Raízes do Brasil*, fora escrito em 1963, quando Antonio Candido, no “Prefácio” à quarta edição do ensaio,<sup>75</sup> traz a lume o embrião do texto de título “O significado de *Raízes do Brasil*”, que se projetará tal qual um persuasivo e militante livreiro dentro do livro a partir da quinta edição, 1969.<sup>76</sup> Persuasivo porque, além da virtude da escrita precisa e elegante do autor nos dar o seu testemunho geracional em rememoração aos “intérpretes do Brasil”, nos “vende o seu peixe” ressaltando as qualidades do livro, sejam essas de ordem literária, formal, teórica, metodológica e, obviamente, política. A empreitada do dileto amigo de Holanda é tão bem-sucedida que, desde então, colam-se um ao outro, prefácio e livro, a ponto de as suas subseqüentes edições nunca abandonarem *aquela* “significado” de *Raízes do Brasil*. Num arco temporal de 56 anos, considerando o “Prefácio” de 1963 e as edições comemorativas dos 70 e 80 anos do livro, publicadas em 2006 e 2016,<sup>77</sup> temos um mútuo, dinâmico e imbricado processo de canonização da simbiose entre a biografia da obra e a do autor – que, diga-se de passagem, ao longo dos anos 1960 em diante, ao mesmo tempo em que verbalizava sua preferência por *Visão do Paraíso*, presenteava os netos e as netas com... *Raízes do Brasil*, persuadindo-os a ler aquele em detrimento desse, como atestam depoimentos registrados pela película de Nelson Pereira dos Santos.<sup>78</sup> Bem, para permanecermos, ainda, na imagem do livreiro, evoquemos depoimento do velho Holanda, já em 1981, sobre o êxito das múltiplas reimpressões de seu primeiro livro:

O livro custou muito a ter uma reedição, que só veio em 1947. Depois dessa, a mais importante foi a quarta edição, da Universidade de Brasília, encomendada pelo Darcy Ribeiro. O prefácio foi feito pelo Antonio Candido, e tenho a impressão de que isso deu sorte, porque a partir dali o livro passou a ter muita reimpressão, às vezes duas por ano.<sup>79</sup>

<sup>75</sup> Cf. CANDIDO, Antonio. “Prefácio”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 4ª ed. Brasília, Editora UnB, 1963.

<sup>76</sup> Cf. CANDIDO, Antonio. “O significado de *Raízes do Brasil*”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 1969.

<sup>77</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil. Edição comemorativa dos 70 anos, op. cit.* e HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil. Edição crítica e comemorativa de 80 anos, op. cit.*

<sup>78</sup> Cf. SANTOS, Nelson Pereira dos. *Raízes do Brasil – Uma Cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda*. Regina Filmes, Video Filmes e Rio Filme. Patrocínio – Petrobras, 2004.

<sup>79</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Corpo e Alma do Brasil: entrevista de Sérgio Buarque de Holanda” [1981]. Laura de Mello Souza *et al.* In: *Novos Estudos CEBRAP*, n. 69, jul., 2004, p. 6.

Três anos antes de tal declaração, contudo, o mesmo prefaciador ficará a cargo das páginas de apresentação do livro de um outro Sérgio. Já no parágrafo de abertura, no intento de salientar a magnitude e a autonomia da obra e, em virtude disso, a pouca ou nenhuma utilidade do seu prefácio, definirá do seguinte modo a finalidade da sua empreitada: “O que caracteriza a maioria dos prefácios é a falta de necessidade. Ou o prefaciador resume o livro, ou produz um ensaio marginal a partir dele. Em ambos os casos pouco pode fazer pelo texto, que vale ou não por si mesmo”.<sup>80</sup> A julgar pela notoriedade de *Raízes do Brasil* desde a edição de 1963 até a data em que o renomado crítico literário escreve essas linhas, pode-se atestar seguramente que aquele “Prefácio”, especificamente, não se situa em meio a essa maioria desnecessária, tampouco é um simples resumo do ensaio, e, no segundo caso, muito menos se constitui como apenas um ensaio marginal àquele. Ora, o prefácio como um paratexto, entre os outros dispositivos localizados dentro e fora dos livros, tais como títulos, epígrafes, notas etc., seja talvez o que instaura a mais forte mediação ilocucionária entre autor, editores e leitores, uma vez que, se oferecendo à leitura já após a capa e as folhas de rosto, orientamos a uma via da verdade autoral nele proposta. Ao tratar do chamado “prefácio alográfico”, Gérard Genette assevera que “basicamente, as funções do prefácio alográfico coincidem em parte com – mas ao mesmo tempo acrescentam certa especificidade – as funções do prefácio autoral original (promover e orientar a leitura da obra)”,<sup>81</sup> uma vez que “as funções características dos prefácios autorais posteriores dificilmente caem no terreno de um escritor de prefácios alo-gráfico (doravante referidos simplesmente como *escritores de prefácios*)”.<sup>82</sup> As especificações adicionadas, prossegue o crítico literário, “são, obviamente, atribuíveis à mudança no emissor, pois dois tipos de pessoas não podem executar exatamente a mesma função. Aqui, portanto, grandes elogios ao texto tornam-se uma recomendação, e informações sobre o texto tornam-se uma apresentação”.<sup>83</sup>

---

<sup>80</sup> CANDIDO, Antonio. “Prefácio”. In: MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, *op. cit.*, p. 71. A bem da verdade, o prefácio ao livro de Miceli é resultado de um texto elaborado, ainda em 1978, para a ocasião da defesa da tese, sob o mesmo título, do pesquisador. O trabalho teve como orientador Pierre Bourdieu, no âmbito da École des Hautes Études en Sciences Sociales, e contou com a participação do próprio Antonio Candido na banca.

<sup>81</sup> GENETTE, Gérard. “Allographic prefaces”. In: \_\_\_\_\_. *Paratexts: Thresholds of Interpretation*. Cambridge: Cambridge University Press (Literature, Culture, Theory 20), 1997, p. 264, 265.

<sup>82</sup> *Idem, Ibidem*, p. 265.

<sup>83</sup> *Loc. cit.*

Sendo assim, o enunciado performativo empreendido por Candido, no texto de abertura, insere a obra e o seu autor num circuito de leitura significativamente mais amplo e mais complexo em relação àquelas tímidas recepções no calor dos momentos de publicação das três primeiras edições de *Raízes do Brasil*, entre 1936 e 1956.<sup>84</sup> Não se deve, ainda, desconsiderar o sub-reptício embate político que o prefaciador trava no momento da feitura do texto de 1967, bem como os seus efeitos em camadas nas subsequentes edições. Ora, com a perpetração do deplorável estado de coisas após o Golpe dado pelos militares, entre Atos Institucionais que legitimavam o Estado em sua função de cercear direitos e de censurar manifestações políticas e culturais, assim como atribuir foro de ilegalidade a algumas importantes instituições, além de instaurar a tortura como rotina que não poupava desde crianças a mulheres grávidas nos porões do DOPS, era mais do que urgente e necessário empunhar, no campo de batalha, uma obra que, forjada no terreno do “radicalismo potencial das classes médias”, e cuja visada a contrapelo do passado brasileiro, antissaudosista e não legitimadora das estruturas vigentes, pudesse servir como “arma para abrir caminhos aos grandes movimentos democráticos integrais, isto é, os que contam com a iniciativa do povo trabalhador e não o confinam ao papel de massa de manobra, como é uso”.<sup>85</sup> No entanto, como brevemente pontuado, o tema do radicalismo é um tanto controverso quando abordado tendo em vista, ao menos, a historicidade da edição de 1936 do famoso ensaio.

Pois bem, após estado de quase infertilidade em se tratando do considerável intervalo entre as gestações das três primeiras edições do “clássico de nascença”<sup>86</sup>... de “reconhecimento lento e gradual”,<sup>87</sup> cujas raízes, entre outros fatores, foram consideradas “‘agrídoce’ e ‘duro de roer’”<sup>88</sup> por parte da crítica imediata à aparição da primeira publicação, presencia-se, finalmente, o empuxo dado pelo texto de Antonio

---

<sup>84</sup> Para essas primeiras recepções de *Raízes do Brasil*, logo após a sua primeira publicação, cf. CARVALHO, Raphael Guilherme de. “Tensão e sentido histórico em *Raízes do Brasil*”. In: \_\_\_\_\_. *Um “estudo compreensivo”: historicidade em Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná – Curitiba, 2013, p. 160 e seg..

<sup>85</sup> CANDIDO, Antonio. “O significado de *Raízes do Brasil*”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil. Edição comemorativa dos 70 anos, op. cit.*, p. 252.

<sup>86</sup> *Idem, Ibidem*, p. 236.

<sup>87</sup> FRANZINI, Fábio. “Reconhecimento lento e gradual”. In: *Revista de História*. Rio de Janeiro, dez., 2010, s/p. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/leituras/reconhecimento-lento-e-gradual>> (consultado em: 26/07/2013)

<sup>88</sup> *Idem, Ibidem*.

Candido nas consecutivas reimpressões de *Raízes do Brasil*.<sup>89</sup> Dos mais de 10 anos entre a primeira e a segunda, e os quase 10 entre essa e a terceira – considerando que, nesse ínterim, tem-se a publicação de uma edição italiana, em 1954, e uma espanhola, em 1955, baseadas no texto de 1936 –, somente a partir da quinta, de 1969 – na qual, a propósito, Buarque de Holanda definitivamente se conforma com as emendas efetuadas até a anterior –, o livro se vê agraciado, até o ano 2000, com publicações cujo intervalo será de, no máximo, três anos, sendo que, entre três edições japonesas, uma alemã, uma chinesa, uma francesa e uma segunda italiana, receberá, em 2006, sua edição comemorativa dos 70 anos da primeira publicação. Desse ano até 2016, a obra ganhará uma edição em inglês, pela University Notre Dame Press, e outra albanesa, ambas em 2012, uma segunda edição alemã, em 2013, finalmente, uma edição argentina e a edição comemorativa dos 80 anos, em 2016. Ao todo, serão 43 edições, nacionais e estrangeiras.<sup>90</sup> Em compensação, em meio às efemérides e a todo esse vertiginoso processo de perenização efetuado sob múltiplas mãos e variantes – entre essas, claro, o recíproco trabalho de quatro mãos entre Holanda e Candido, a partir do prefácio que “deu sorte” –, tem-se que *Monções*, seu terceiro livro, de 1945, recebe uma segunda edição somente no ano de 1976. A terceira, acrescida de um apêndice com os três capítulos reescritos, chega às livrarias no longínquo ano de 1990!

---

<sup>89</sup> Vale ressaltar que, em parte considerável da cronologia da fortuna crítica dedicada ao autor, é quase incontornável o fato de se constituir como praticamente inseparável dos temas em torno de *Raízes do Brasil*. Como já se debruçaram muitas das análises sobre essa verdadeira simbiose-problema, isso se dá em virtude da amistosa recepção atribuída a ele por Antonio Candido. O “clássico de nascença” – na conhecida e controversa expressão do prefaciador – ganha, por décadas a fio, análises que vão da defesa do legado à grandeza e à singularidade do autor perante as abordagens históricas vigentes, tanto em território nacional como no exterior, até as que, mais recentemente, empreendem uma irreconciliável decomposição quase ao nível da iconoclastia do livro de estreia de Buarque de Holanda. Cf., entre outros, CARVALHO, Raphael Guilherme de. *Sérgio Buarque de Holanda, do mesmo ao outro: escrita de si e memória (1969-1986)*, op. cit., p. 23, 44 e *passim*; SANCHES, Dalton. “As escritas de (e sobre) *Raízes do Brasil*: possibilidades e desafios à história da historiografia”. In: *História da Historiografia*. Ouro Preto (UFOP), n. 9, agosto, 2012, p. 202, 203; EUGÊNIO, João Kennedy. *Um ritmo espontâneo: o organicismo em Raízes do Brasil e Caminhos e fronteiras, de Sérgio Buarque de Holanda*, op. cit., p. 292 e seg.; NICODEMO, Thiago Lima. “Para além de um prefácio: ditadura e democracia no diálogo entre Antonio Candido e Sérgio Buarque de Holanda”, op. cit., p. 160 e seg.; MONTEIRO, Pedro Meira. *Signo e desterro: Sérgio Buarque de Holanda e a imaginação do Brasil*, op. cit., p. 36; SILVA, Rafael Pereira da. *A morte do Homem cordial: trajetória e memória na invenção de um personagem (Sérgio Buarque de Holanda, 1902-1982)*. (tese de doutorado em História, defendida da Universidade Estadual de Campinas) – Campinas, 2015, p. 61 e seg.; e WAIZBORT, Leopoldo. “O mal-entendido da democracia”, op. cit., p. 39, 40.

<sup>90</sup> Cf. MONTEIRO Pedro Meira; SCHWARTZ, Lilia Moritz. “Cronologia de *Raízes do Brasil*”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil. Edição crítica e comemorativa de 80 anos*, op. cit., p. 479-485.

*O “autor da casa” recebe o estreante*

Da mística que permeia aquele emblemático encontro, em 1926, nas noites e madrugadas cariocas, até finais da década de 1930, Freyre publicara o seu seminal ensaio e, já bem assentado na rede de sociabilidade composta por grandes nomes da intelectualidade brasileira,<sup>91</sup> é solicitado a escrever, três anos depois, a apresentação de *Raízes do Brasil*. Mede-se, ainda, o prestígio do pernambucano a partir de transbordantes elogios vindos, por exemplo, de figuras como Erico Verissimo, significativamente três anos antes de vir a lume a segunda edição de *Raízes do Brasil*, enquanto, a essa altura, recordemos, *Casa-grande & Senzala* já alcançara a edição de número quatro. Em capítulo de título “Uma literatura chega à maioridade”, Verissimo insere os dois ensaios, contudo, é notável a assimetria entre as linhas dedicadas a um em relação ao outro:

Os problemas sociais do Nordeste foram atacados com muita habilidade por Gilberto Freyre, que é talvez o mais destacado dos sociólogos vivos do Brasil. Ele escreve informalmente, de modo muito colorido, e deve-se dizer que despojou a sociologia de sua camisa engomada e de seu sobretudo – para fazê-la usar roupas leves e esportivas. Lê-se seus livros com verdadeiro gosto, como se fossem romances altamente divertidos.<sup>92</sup>

Para o paulista, em compensação, o escritor dispensa apenas uma cinzenta e ríspida pincelada: “Sérgio Buarque de Hollanda é autor de um ensaio bem escrito, *Raízes do Brasil*”.<sup>93</sup> Estariam tais mecanismos de legitimação e prestígio aquecendo, em variegados níveis, as disputas entre os dois intelectuais do modernismo ao longo de quase todo o século XX, como nos sugere Faoro em excerto de seção anterior? Alguns dos estudiosos, como os anteriormente mencionados, já responderam parcialmente a questão, porém, existem, certamente, elementos que, para além das rugas pessoais, perpassam por ambições de ordem política e epistemológica, após superada, já na década de 1940, aquela de ordem estética e literária. Mas, antes, retornemos ao convite feito a Freyre para escrever a apresentação de *Raízes do Brasil*. O livro estreante de Holanda é nada menos do que a primeira publicação a inaugurar o monumental

---

<sup>91</sup> Franzini demonstra o rápido prestígio alcançado por Freyre ao destacar a rede de renomados intelectuais que recebe, no calor do momento, o seu clássico, seja por meio de elogiosas resenhas publicadas na imprensa, seja por cartas trocadas entre amigos, como, por exemplo, Manuel Bandeira. Cf. FRANZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras*, op. cit., p. 89-99.

<sup>92</sup> VERISSIMO, Erico. “Uma literatura chega à maioridade” [1945]. In: \_\_\_\_\_. *Breve história da literatura brasileira*. Trad. Maria da Glória Bordini. São Paulo: Globo, 1995, p. 120, 121.

<sup>93</sup> *Idem*, *Ibidem*, p. 121.

empreendimento do editor José Olympio, denominado *Coleção Documentos Brasileiros*. Além de redigir a apresentação, Gilberto Freyre é convocado a assumir a direção da significativa coleção de estudos interpretativos do Brasil. Daí se pode inferir a posição de relevância firmada pelo pernambucano dentro da divisão do trabalho intelectual daquele período. Para além da concepção idealista da autoridade do editor simplesmente como “homem de bom gosto” a farejar os projetos de potencial sucesso, Bourdieu nos fornece alguns dos fatores condicionantes que determinam o ingresso de uma obra numa casa editorial de renome: “na maioria das vezes, [os manuscritos] já trazem a marca do intermediário (ele próprio já situado no campo intelectual como diretor de coleção, leitor, ‘autor da casa’, crítico conhecido por seus julgamentos seguros ou audaciosos, etc.) através do qual chegam até o editor”.<sup>94</sup> Mais, os manuscritos “são o resultado de uma espécie de seleção prévia que os próprios autores fizeram com referência à ideia que fazem do editor, da tendência literária que representa [...] e que pôde orientar seu projeto criador”.<sup>95</sup>

Bem, mediante a catacrese orgânica do título, pretendia-se submeter em introspecção – termo usado pelo próprio pernambucano em sua apresentação – o passado, ou melhor, os passados do país em suas mais profundamente cravadas raízes, sejam elas boas ou da má-formação, como sempre ambíguo e ironicamente vazado o livro parece sugerir. Após apresentar ao leitor os objetivos e as iniciativas editoriais que a série iria abrigar, o ensaísta recifense, já no terceiro parágrafo, evoca o paulista mediante tom elogioso, no qual pontua a data quase precisa em que, de acordo com suas recordações, Buarque de Holanda “aparece” na cena intelectual, exatamente quando do episódio do recebimento, por esse, do envelope em que continha o misterioso artigo sobre *Ulisses*, redigido por aquele. Vamos ao trecho:

Os organizadores desta collecção foram ainda felizes podendo fazer do trabalho de Sergio Buarque de Hollanda o seu volume nº 1. O escritor paulista é uma daquellas intelligencias brasileiras em que melhor se exprimem não só o desejo como capacidade de analysar, o gosto de interpretar, a alegria intellectual de esclarecer. Quando apareceu, ha dez ou doze annos, ao lado de Prudente de Moraes, neto (Pedro Dantas) –

---

<sup>94</sup> BOURDIEU, Pierre. “Campo intelectual e projeto criador”, *op. cit.*, p. 121.

<sup>95</sup> *Loc. cit.* “Freyre é confirmado como ‘autor da Casa’. Isto significa a inserção em um meio de produção cultural ‘patriarcal’, onde José Olympio gerava uma comunidade enlaçada por estreitos vínculos de parentesco. As relações de José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Gilberto Freyre, principalmente, com ‘Jotaoh’ e sua família eram de ‘compadrio’, formando um sistema de trabalho impossível de ignorar no estudo de suas obras”. SORÁ, Gustavo. “A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande & Senzala* de Gilberto Freyre”, *op. cit.*, p. 18 (nota 16).

*talvez a vocação mais pura de crítico que já surgiu entre nós* – foi logo revelando qualidades e o gosto, que agora se afirmam victoriosamente.<sup>96</sup>

Não deixa de ser curiosa, na passagem, a menção implícita ao empreendimento da revista *Estética*, uma vez que foi no ano de 1924 que, ao lado de Prudente de Moraes, neto, Sérgio Buarque funda o periódico que viria a preencher a lacuna deixada por *Klaxon*. Não menos curiosa é a sentença que, a nosso entender, soa como uma matreira provocação por meio da qual o tom elogioso dispensado ao crítico, que, “sob as bananeiras do Rio”, se metera outrora a enfronhar-se em Joyce, se vê parcialmente embotado pelo destaque – entre sugestivos travessões – dado ao seu amigo: possuidor da vocação mais pura de crítico já surgida “entre nós”. O pronome na primeira pessoa do plural não deixa de ser revelador como marca da relativa inserção de Gilberto Freyre no meio intelectual do Sudeste; diferentemente da demarcação espacial bem definida no artigo de 1924, citado indiretamente por Holanda, em 1952 e em 1979, no qual, de Pernambuco, Freyre falava obliquamente de um determinado grupo num determinado espaço-tempo: do Rio, “já se vae pronunciando o inglez facil do nome de Joyce”.<sup>97</sup> Tudo indica, portanto, que a agonística, em parte ainda literária, continuava a vibrar na narrativa da edição primeira de *Raízes do Brasil*, se alimentando de jogos de subentendidos nas estratégias discursivas de ambos os lados; e sem deixar, com efeito, de apresentar as marcas implícitas dos respectivos lugares geopolíticos de representação dos quais cada um se enunciava. Num âmbito mais particular, porém, tem-se índices representativos de que, longe de azedar, as amizades familiares entre o paulista e o pernambucano pareciam seguir sólidas década de 1930 adentro. Dedicatórias de amizade e admiração destinadas ao primeiro e à sua esposa podem ser atestadas nas folhas de rosto das primeiras edições de *Casa-grande & Senzala* e *Nordeste*, de posse do intelectual e atualmente abrigadas pela *Coleção Especial Sérgio Buarque de Holanda*, na Biblioteca Central Cesar Lattes, da Universidade Estadual de Campinas. Em *Nordeste*, por exemplo, se lê: “Para Sergio e Maria Amelia, com toda a amizade. Gilberto Freyre, Rio, 1937”.<sup>98</sup>

---

<sup>96</sup> FREYRE, Gilberto. “Apresentação”. In: HOLLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936, p. V.

<sup>97</sup> FREYRE, Gilberto. “James Joyce: O creador de um rhythmo novo para o rómance”, *op. cit.*

<sup>98</sup> Cf. FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala. Formação da familia brasileira sob o regimen de economia patriarchal*. Rio de Janeiro: Maia & Schimidt Ltda., 1933; (consultado na *Coleção Especial Sérgio Buarque de Holanda* – Biblioteca Central Cesar Lattes, Universidade Estadual de Campinas) e FREYRE, Gilberto. *Nordeste. Aspectos da influencia da canna sobre a vida e a paizagem do nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937. (consultado na *Coleção Especial Sérgio Buarque de Holanda* –



*Plásticas convergências*

Adentremos mais detidamente, a partir de agora, as edições a fim de verificarmos em que medida, no livro de 1936, se dá esse movimento de aproximações e leituras relativamente convergentes acerca de aspectos da formação social brasileira, para, no de 1948 – momento, vale destacar, em que Sérgio Buarque já goza mais acentuadamente de prestígio e posição expressiva dentro da divisão do trabalho intelectual –, ver-se irromper a cisão que, das competições de cunho estético e literário, passa a pautar, como já afirmado, as disputas que, por décadas a fio, se orientarão pelas questões ético-políticas e epistemológicas, ainda que essas últimas – que, a bem da verdade, incidem, em alguns casos, sobre problemas de linguagem – se revelem como um pretexto para as questões políticas. Tentaremos salientar, ainda, que todo esse processo é marcado pelas formas com as quais o autor se representa e, no limite, figura suas *personae* como um rendimento especial das memórias a prepararem sua recepção<sup>99</sup> no campo da crítica literária e da historiografia. Pois bem, principiemos com trecho do eloquente e controverso parágrafo de abertura da edição primeira de *Raízes do Brasil*:

Todo estudo compreensivo da sociedade brasileira há de destacar o facto verdadeiramente fundamental de constituirmos o unico esforço bem sucedido, e em larga escala, de transplantação da cultura européa para uma zona de clima tropical e sub-tropical. Sobre territorio que, povoado com a mesma densidade da Belgica, chegaria comportar um numero de habitantes igual ao da população actual do globo, vivemos uma experiencia sem símile<sup>100</sup>

Por suas breves e peremptórias linhas, convidamos a/o leitora/leitor a ouvir o núcleo de seus enunciados como eco do parágrafo, também de abertura, do clássico de Gilberto Freyre:

Quando em 1532 se organizou econômica e civilmente a sociedade brasileira, já foi depois de um século inteiro de contatos dos portugueses com os trópicos; de demonstrada na Índia e na África sua aptidão para a vida tropical. Mudado em São Vicente e em Pernambuco o rumo da colonização portuguesa do fácil, mercantil, para o agrícola; organizada a sociedade colonial sobre base mais sólida e em condições mais

---

Biblioteca Central Cesar Lattes, Universidade Estadual de Campinas) Agradecemos à Isabella Nascimento Pereira e à Joana D'Arc da Silva Pereira, que, à frente da Coleção Especial, à época, foram extremamente solícitas no auxílio e na seleção do material relacionado ao escopo da pesquisa.

<sup>99</sup> COSTA LIMA, Luiz. "Persona e Sujeito Ficcional", *op. cit.*, p. 55.

<sup>100</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., *op. cit.*, p. 3.

estáveis que na Índia ou nas feitorias africanas, no Brasil é que se realizaria a prova definitiva daquela aptidão.<sup>101</sup>

Em ambos, observam-se pontos de partida acentuadamente convergentes no que diz respeito ao sucesso da empreitada colonizadora em terras tropicais, com diferença, no caso de Freyre, da transbordante e explícita tonalidade marcadamente positiva em relação à “aptidão” – expressão empregada duas vezes – dos portugueses para a exploração da parte sul do continente americano. Em Holanda, o acento caracteristicamente elíptico e contido da sentença não nos entrega de imediato uma interpretação cujo protagonismo exclusivo de Portugal se faça patente. Daí afirmarmos o caráter controverso do parágrafo do livro de 1936, que suscitou, aliás, algumas poucas, mas substantivas, considerações por parte de alguns dos críticos contemporâneos.<sup>102</sup> Em razão do caráter elíptico e sibilino da escrita buarquiana, não é, de fato, despropositada a sugestão segundo a qual o ensaísta estivesse se referindo a outros países, que não somente Portugal, a moldarem a vida social brasileira no arco daquele terceiro decênio do século XX. A título de reforçar tal conjectura, fixemos o subsequente período daquele parágrafo: “Trazendo de paizes distantes as nossas formas de vida, nossas instituições e nossa visão de mundo e timbrando em manter tudo isso em um ambiente muitas vezes desfavoravel e hostil, somos ainda uns desterrados em nossa terra”.<sup>103</sup> Recomponhamos todo o trecho: se a tentativa de implantação da cultura europeia em território de magnitude continental deu-se, a despeito de toda adversidade, como experiência sem símile, temos, não obstante, que as formas de sociabilidade, “de convívio”, “instituições” e “ideias” nele forjadas, posto que trazidas de países distantes – atente-se para o termo colocado no plural! – acabam por fazer com que sejamos ainda uns desterrados em nossa terra”; consequência do fato de não se atentarem as elites dirigentes para o “ritmo espontâneo”, as “essências íntimas” e a “plasticidade” que, dos portugueses, os brasileiros herdaram. De qualquer modo, e ao fim e ao cabo, o que se deixa entrever em ambos os excertos é a alusão ao caráter plástico da experiência

---

<sup>101</sup> FREYRE, Gilberto. “Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida”. In: \_\_\_\_\_. *Casa-grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* [1933]. São Paulo: Círculo do Livro, 1980, p. 43.

<sup>102</sup> Cf. ROCHA, João Cezar de Castro. “O exílio como eixo: bem-sucedidos e desterrados. Ou: por uma edição crítica de *Raízes do Brasil*”, *op. cit.*; e FELDMAN, Luiz. “Um clássico por amadurecimento: *Raízes do Brasil*”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, n. 82, jun., 2013, p. 119-140.

<sup>103</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., *op. cit.*, p. 3.

brasileira que, queiramos ou não, foi herdado da “aptidão” adaptativa, modeladora, no limite, maleavelmente contemporizadora dos portugueses.<sup>104</sup>

*Entre desalinho e desleixo – acurácia e rigor*

A propósito dos estilos e das formas de escrita, já se disse do pernambucano que sua escrita se despoja no à vontade da rede, da prosa de sesta ou de quem se espreguiça,<sup>105</sup> plasmando um “grande livro que fala dessa nossa leseira, brasileira”.<sup>106</sup> Quanto ao paulista, escrita geralmente fluida a dar conta de temporalidades movediças, configurando-se como a de um ensaísta... *ma non troppo*(?), uma vez que notaremos, a partir de finais da década de 1940, mais acentuadamente, escritos que demonstram a sua preocupação com o declarado rigor do método, ainda que entendido como a busca pelo sentido e emprego precisos dos conceitos, bem como pelo trato filológico na perquirição de situações pretéritas. Nesse ângulo, a contração dessa memória laudatória por parte de terceiros acerca da forma de exposição com a qual o autor vazava as realidades históricas, se antes encontra-se já inscrita no performático prefácio de Antonio Candido,<sup>107</sup> conta com grande fôlego no eloquente artigo de Maria Odila da Silva Dias, de 1988, sugestivamente denominado “Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda”. Diz ela: “A perspectiva do historiador situado no tempo obriga-o a captar a alteridade do pensamento dos homens do passado e a procurar palavras adequadas a transmitir matizes da mudança do linguajar através do tempo”.<sup>108</sup> A julgar por tais linhas, nada de tão distinto da prática de escrita freyriana, na medida em que, uma e

---

<sup>104</sup> Interpretação que se aproxima da nossa foi empreendida por Ana Ferreira: “[...] compreendo que neste ponto transcrito Sérgio não está se referindo especificamente à cultura portuguesa (não está propriamente realizando um juízo de valor quanto aos lusos e nossa relação com eles), mas sim se remetendo à maneira como temos nos relacionado com qualquer sugestão estrangeira; em segundo lugar, porque Sérgio me parece tem em mente, ao longo de toda a referida Obra, que ‘contatos’ são inevitáveis (e até mesmo necessários), ainda que, aos Seus olhos, seja urgente que se processem de maneira crítica. Para mim, aliás, entre Suas palavras citadas acima destaca-se o verbo ‘timbrando’, mais que o verbo ‘trazendo’ – ‘timbrar’ denota abuso e embuste; ‘trazer’, é, ali, um pressuposto”. FERREIRA, Ana L. O. D. “Sérgio Buarque de Holanda: conceitos e métodos de abordagem em *Raízes do Brasil*”, 2007. In: *Proyecto Ensayo Hispánico*. Disponível em: <[www.ensayistas.org/filosofos/brasil](http://www.ensayistas.org/filosofos/brasil)> (consultado em 20/01/2019)

<sup>105</sup> NETO, João Cabral de Melo. “Casa-grande & Senzala, 40 anos” [1975]. In: \_\_\_\_\_. *Museu de tudo. Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 387.

<sup>106</sup> BANDEIRA, Manuel. “Casa-grande & Senzala” [1965]. In: FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* [1933]. São Paulo: Global, 2003, p. 12.

<sup>107</sup> CANDIDO, Antonio. “O significado de *Raízes do Brasil*”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil. Edição comemorativa dos 70 anos, op. cit.*, 2006, p. 236 e 237.

<sup>108</sup> DIAS, Maria Odila L. da Silva. “Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda”. In: NOGUEIRA, Arlinda Rocha et al. (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo do Estado; IEB, 1988, p. 74.

outra, partem em algum nível da condição de subsunção do ensaísta no ensaiado, isto é, do autor no seu objeto. A relação íntima e empática com a matéria estudada requer do ensaísta que reflita “sobre si mesmo, [a fim de] encontrar-se e construir algo próprio com o que lhe é próprio”.<sup>109</sup> Para Gilberto Freyre, tal fator é pré-condição para o seu acesso ao passado colonial desde a casa-grande, uma vez que a sua própria investida na dinâmica da vida social da família patriarcal se revestia de traços biográficos relativos à sua origem nesse meio sociocultural. Nas elogiosas metáforas oculares de Fernando Nicolazzi, “em se tratando da experiência patriarcal da formação histórica da sociedade brasileira, Freyre vê com seus olhos e com olhos alheios, mas definitivamente enxerga com sua alma, que acaba por fazer as vezes de memória”.<sup>110</sup> Porém, se voltarmos ao texto de Silva Dias, teremos que, imediatamente após o trecho acima citado, a discípula de primeira hora do autor de *Visão do Paraíso* estabelece um corte em relação ao gesto e à dicção freyrianos, posto que pouco provável é que o pernambucano concordaria com alguns dos semas e sintagmas concatenados no enunciado que exprime as condições para a feitura de uma “história rigorosa e verdadeira”. Antes, contudo, que exponhamos a passagem, chamemos a atenção do/da leitor/leitora para um flagrante detalhe: a historiadora se apropria da versão preliminar datilografada de famoso texto publicado no *Estado de São Paulo*, em 1973, “Sobre uma doença infantil na historiografia”.<sup>111</sup> Momento, deve-se ressaltar, em que Holanda, nas etapas finais de sua *agon* intelectual, de reforço e constituição da sua memória, empreende – ao menos no campo dos discursos – investidas contra a forma ensaio em seu afã de imposição de uma memória disciplinar do campo historiográfico determinantemente situado em termos espaço-temporais. Eis o trecho: “A história digna de tal nome... a história *rigorosa*, verdadeira justamente porque quer exprimir a verdade, requer *acurado* trabalho de redação e elaboração, que, *difícilmente admite a linguagem desleixada*”.<sup>112</sup>

A partir desse expediente, e como no texto “Sérgio Buarque de Holanda, historiador”, considerado páginas adiante, Maria Odila, ao usar o termo *obra* de modo

---

<sup>109</sup> LUKÁCS, Georg. “Sobre a essência e a forma do ensaio: uma carta a Leo Popper”, *op. cit.*, p. 11.

<sup>110</sup> NICOLAZZI, Fernando. “Uma retórica da identidade: a memória e a representação do mesmo”. In: \_\_\_\_\_. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio. Sobre Casa-grande & Senzala e a representação do passado*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008, p. 262, 263.

<sup>111</sup> Cf. DIAS, Maria Odila L. da Silva. “Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*, p. 78 (nota 9).

<sup>112</sup> *Idem, Ibidem*, p. 74, 75.

metonímico, acaba por embaralhar as historicidades inerentes a cada período de produção do autor, aplainando, com efeito, as modulações da escrita de Sérgio Buarque ao longo da sua trajetória profissional, bem como os próprios discursos de segunda ordem realizados por ele sobre a escrita e os problemas de linguagem a ela vinculados. Tendo em vista que Sérgio Buarque de Holanda, a partir de finais da década de 1940, já começa a construir a memória negativa do gênero e, conseqüentemente, se afastar de Gilberto Freyre, também, mediante tal estratégia, e se endossarmos a perspectiva de Maria Odila ao reforçar a dicotomia – talvez um tanto frágil se se tem em mente a primeira edição de *Raízes do Brasil* – entre as formas de escrita dos dois ensaístas, poderíamos sugerir que Freyre se posta mais próximo a Michel de Montaigne, que “escreveu com um olho no mundo e o outro nele mesmo”,<sup>113</sup> ao passo que Buarque de Holanda se agrupa na estirpe do “ensaísta moderno, *sub specie academiae*, [que] trabalha com um olho no objeto de estudo enquanto o outro nervosamente examina os métodos a partir dos quais ele está autorizado a conhecer ou interpretar”.<sup>114</sup> A propósito, ainda, de Montaigne, Gilberto Freyre certamente não recusaria a filiação, afinal, “definir um ensaísta consiste amiúde hoje em lhe afiliar, elaborar a lista dos elementos que lhe aproximam do grande ancestral, e o valor de um texto se mede tendo, com prazer, este ar de família”.<sup>115</sup> Elemento que atesta parcialmente a associação encontra-se em seu diário de juventude – ou melhor, em sua “autobiografia à prestação”,<sup>116</sup> –, no qual, ao discorrer eloquentemente, em 1924, sobre livro dos Goncourt encontrado na biblioteca pública de Recife, o coloca como caracteristicamente universal, ao lado de Pascal, Michelet e do autor dos *Essais*:

Outro livro delicioso. Não há na literatura francesa do século XIX obra mais interessante que a dos Goncourt: única pelo que junta de inteligência à sensibilidade. Muito francesa, essa obra de combinação tão rara do lógico e do intuitivo; muito europeia; muito do século XIX. Mas com alguma coisa universal que a torna uma das grandes combinações francesas para a compreensão do homem pelo homem, dentro da tradição dos Pascal, dos Montaigne e dos Michelet.<sup>117</sup>

---

<sup>113</sup> KAUFFMANN, Robert Lane. “The Skewed Path: Essaying as Unmethodical Method”. In: *Essays On The Essay: Redefining the Genre*. Alexander J. Butrym (ed). Athens, Georgia: University of Georgia Press, 1989, p. 233.

<sup>114</sup> *Loc. cit.*

<sup>115</sup> MACÉ, Marielle. “Mémoire du genre”. In: \_\_\_\_\_. *Le temps de l'essai. Histoire d'un genre en France au XXe siècle*. Tours: Belin, 2006, p. 12.

<sup>116</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. “‘Um Livro Marcante’, ou uma Autobiografia à Prestação”. In: FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*, op. cit.

<sup>117</sup> FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos. Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade 1915-1930*, op. cit., p. 286.

Quanto a Sérgio Buarque, não é improvável que muitos fragmentos tenham sido descartados da edição segunda de *Raízes do Brasil* por se assemelharem expressamente à ensaística freyriana, que sofrerá, exatamente à época das emendas efetuadas no livro de 1948, acusações de impressionismo, como ainda veremos a partir de algumas das crônicas e das resenhas publicadas em jornais ao longo da década seguinte. Mas, antes, o que dizer de um sintomático parágrafo suprimido da referida edição, no qual, valendo-se, o autor, no livro de 1936, da loquaz poeticidade característica da prosa do escritor recifense, reforça seus elogios à sinuosidade – ou melhor, ao “*desleixo*”<sup>118</sup> – das cidades construídas pelos portugueses em aquém-mar? A partir de temática que envolve jardins e flores, citando diretamente Freyre e extraíndo trecho *ipsis literis* de seu escrito – porém, desleixadamente sem a remissão por meio de nota –, Buarque de Holanda realça, em dicção sinestésica, a plasticidade<sup>119</sup> da cultura brasileira herdada dos portugueses, anunciando, como num prelúdio, as notas daquele famoso contraponto entre as atitudes arquitetônicas e urbanísticas de Espanha e Portugal, que ganhará plena forma somente na publicação de 1948, com o capítulo “O sementeiro e o ladrilhador”. Vejamos, enfim, a passagem:

As casas eram semeadas com *desalinho* em volta de uma igreja toda branca e situada quase sempre no lugar mais elevado; com um desalinho que faz pensar um pouco nesses jardins de Portugal evocados por Gilberto Freyre, cheios de uma poesia meio selvagem e onde aparecem, aqui e ali, flores de nomes “que pedem poemas. Flor de noiva, Três Marias, Cinco Chagas, Brinco de Princesa, Flor de Viuva, Suspiros, Saudades, Resedá, Palmas de Santa Rita”.<sup>120</sup>

Em realidade, a citação é retirada de crônica publicada pelo pernambucano no *Diário de Pernambuco*, em 3 de maio de 1925.<sup>121</sup> Contudo, é bem provável que o paulista tivesse em mãos a coletânea chamada *Artigos de Jornal*, de 1935, na qual consta o escrito de 1925, denominado “Acerca de jardins”.<sup>122</sup> Por ora, o que nos interessará é a convergência manifesta dos planos da formação social postos em curso pelos dois ensaístas na década de 1930. Como ainda veremos em seção seguinte, havia, ainda aqui,

---

<sup>118</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., *op. cit.*, p. 62.

<sup>119</sup> Para um estudo esmiuçado dessa temática no livro estreado do autor, cf. SILVA, Gabriel Santos da. *Sua fraqueza foi sua força: a plasticidade em Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio, 2012.

<sup>120</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., *op. cit.*, p. 62, 63.

<sup>121</sup> Cf. FREYRE, Gilberto. “Acerca de jardins”. In: *Diário de Pernambuco*. Recife, 3 de maio, 1925. Acessado no Acervo Digital da Biblioteca Nacional, em: <[http://memoria.bn.br/docreader/029033\\_10/14701](http://memoria.bn.br/docreader/029033_10/14701)>

<sup>122</sup> Cf. FREYRE, Gilberto. *Artigos de Jornal*. Recife: Edições Mozart, 1935.

ao menos nos pontos de partida interpretativos de ambos os autores, a defesa da herança ibérica, em cujo bojo se abrigava o personalismo e, conseqüentemente, o espírito aventureiro, contra a impessoalidade característica das formas estranhas e exóticas ao “temperamento nacional”.<sup>123</sup> Formas essas que, importadas de outras configurações socioculturais e mal assentadas como regras fixas e pré-moldadas, estimulavam, com efeito, a renitente sensação de desterro a atravancar um verdadeiro devir histórico que valorizasse, tal como a formação das cidades de aquém e além-mar, os contornos plásticos e desalinhados dessas paragens, a moldar uma civilização que se desenvolvesse os seguindo em seu próprio desenho natural e irredutível. Sugestivas nesse sentido são as linhas do mesmo artigo de Gilberto Freyre, localizadas em parágrafo um pouco acima daquelas apropriadas por Sérgio Buarque de Holanda, em que se pode ler, de modo surpreendente, as antagônicas técnicas e os estilos de jardinagem como uma metonímia da contraposição ora sugerida e, não menos, da lógica do semeador e do ladrilhador a despontar na segunda edição de *Raízes do Brasil*:

A tradição portugueza é sem duvida a que devia estar sendo aqui desenvolvida, com um maior e mais forte relevo dos efeitos de espontaneidade, e sobretudo, procurando-se nos jardins o máximo de sombra. Mas com a mania das avenidas à franceza e à americana, veio também a mania destes canteiros symetricos, geometricos, rigidamente alinhados. Canteiros de cimento imitando troncos de arvores para dar uma nota de rustico.<sup>124</sup>

Colemos, agora, as linhas iniciais que precedem o passo que contém a citação a Freyre no parágrafo expurgado da edição de 1948:

Assim, a cidade que os portugueses construíram na America não é producto mental, não chega a contradizer o quadro da natureza, e sua silhueta confunde-se com a linha da paisagem. Nenhum rigor, nenhum methodo, sempre esse abandono característico, que se exprime bem na palavra “desleixo” – a palavra que o escriptor Aubrey Bele considerou tão typicamente portuguesa como “saudade” e que, na sua opinião, não exprime tanto falta de energia, como a convicção de que “não vale a pena...”.<sup>125</sup>

Nada mais exemplar do que o fato de, ainda que em determinados aspectos interpretativos, Sérgio Buarque coloque um sinal de negativo onde Freyre colocaria um de positivo, se encontrar, no limiar dos pontos de partida e os de chegada de ambos, a presença pujante do segundo na arqueologia da obra do primeiro, em sintonia com essa patente indefinição, no limite, esse déficit de formalização da vida social brasileira. Bem, queria o paulista, na década posterior, em decorrência de passagens como as acima

<sup>123</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., *op. cit.*, p. 154.

<sup>124</sup> FREYRE, Gilberto. “Acerca de jardins”, *op. cit.*

<sup>125</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., *op. cit.*, p. 62.

evocadas, se livrar do impressionismo do qual acusará o escritor de Apipucos em vários dos artigos escritos poucos anos depois de vir a lume a segunda edição de *Raízes do Brasil*? Acusação que, como ainda pontuaremos com mais vagar, recairá sobre o próprio quando sua perspectiva intelectual será aproximada, já nas décadas de 1960 e de 1970, daquela de Gilberto Freyre por parte de intelectuais empenhados a ler significativa parcela da tradição do “pensamento social brasileiro” sob a lente da crítica da ideologia. Aludimos aqui, mais especificamente, às obras de Dante Moreira Leite e de Carlos Guilherme Mota.<sup>126</sup> Ainda: em que medida o *desalinho* e o *desleixo*, corolários da plasticidade representada concretamente pelo paradigma das cidades coloniais e portuguesas, deixarão de plasmar a própria escrita do historiador e crítico literário nos

---

<sup>126</sup> Cf. LEITE, Dante Moreira. “Sérgio Buarque de Holanda e o homem cordial”. In: \_\_\_\_\_. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia* [1954]. 6 ed. rev. – São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 386, 387 e 388; e MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica* [1975]. 9ª edição. São Paulo: Ática, 1994, p. 30, 31. Mais contemporaneamente, é Jessé Souza quem, partindo de semelhante chave crítica, retoma o conceito consagrado por Sérgio Buarque de Holanda, a cordialidade, para denunciá-lo como uma poderosa ideologia prático-política que, segundo o sociólogo, oblitera o verdadeiro problema da secular desigualdade social do Brasil. Enquanto que, para certa tradição interpretativa, o uso da cordialidade como ferramenta conceitual serve para negatizar a dimensão perversa da cultura política brasileira e suas vicissitudes, desde a mão de obra escrava e o domínio patriarcal, concentrando-se, para tal, no papel dessa dinâmica intestina ao Estado patrimonialista, Souza evoca o conceito para negá-lo como negação desse mesmo Estado. Para o autor, as leituras que preconizam a relação de promiscuidade entre o Estado e a suposta cordialidade, plasmando, desse modo, o patrimonialismo, encobertam o verdadeiro vetor da corrupção no Brasil: o mercado e suas atrasadas elites financeiras da rapina e do saque. “O patrimonialismo é uma espécie de amálgama institucional do personalismo, de resto compartilhando com efeito todos os seus duvidosos pressupostos inseridos para fins pragmáticos na construção do ‘mito’ freyriano”. Ao basear-se na tese do que denomina “culturalismo científico”, isto é, uma versão em plano mais elaborado ideologicamente e consequentemente velado do “racismo científico”, vigorante até finais da década de 1920 e início da próxima, Souza afirmará que, a partir da obra de Freyre, *Casa-grande & Senzala*, esse se converte da “superioridade ‘racial’ dos povos brancos e de olhos azuis” para “a versão ‘culturalista’ do racismo”, que “parte da superioridade de certo ‘estoque cultural’ das sociedades do ‘Atlântico Norte’ como fundamento da ‘superioridade’ dessas sociedades”. Porém, adverte o autor, será fundamentalmente três anos depois, em *Raízes do Brasil*, que essa autoimagem especular do brasileiro como a antítese desse “estoque cultural” superior das sociedades do Atlântico Norte se tornará uma poderosa ideia-força. Daí se sedimentará a noção “pré-moderna” – rotinizada desde o debate político institucional até às conversas de botequim – de que o brasileiro age, antes de tudo, com o coração, criando provisórias redes interpessoais de sociabilidade que lhe favoreçam, ou ao seu próximo, e apelando, com efeito, apenas para as afetividades em detrimento da suposta impessoalidade exigida pelo espaço burocrático típico da racionalidade moderna. Na ideia original de Gilberto Freyre, afirma, “inexiste a influência de Max Weber, mas a versão mais poderosa, e até hoje francamente predominante, se deve a uma reformulação – baseada em conceitos weberianos – levada a cabo por Sérgio Buarque a partir da interpretação freyriana”. Partindo da ideia central da sua tese, de que tal leitura unidimensional da obra de Weber a fins de um determinado uso político-pragmático favoreceu, entre os “intelectuais” e logo após espalhada para toda a sociedade, a ideia de que o universo do capitalismo ocidental é orientado pela ética, o sociólogo assevera que se naturalizou no país a visão positiva e imaculada do mercado como paradigma da boa gestão, destituído, portanto, da corrupção encarnada no Estado patrimonial. Respectivamente, SOUZA, Jessé. “Um teatro de espelhos do patrimonialismo brasileiro”. In: \_\_\_\_\_. *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*. São Paulo: LeYa, 2015, p. 27; SOUZA, Jessé. “A falsa ciência”. In: \_\_\_\_\_. *A tolice da inteligência brasileira, op. cit.*, p. 17; SOUZA, Jessé. “Um teatro de espelhos do patrimonialismo brasileiro”, *op. cit.*, p. 24; *Idem, Ibidem*, p. 22 e 23.



períodos pós-*Raízes do Brasil*, a despeito do *rigor* e da *acurácia* da “redação e elaboração, que, *dificilmente admite a linguagem desleixada*”,<sup>127</sup> como anunciados na passagem do texto de 1973, apropriada por Maria Odila? Há uma tensão entre a prática do gênero ensaio e o discurso sobre ele, tendo em vista as injunções da memória negativa que o próprio Sérgio Buarque de Holanda ajuda a construir acerca dessa forma de exposição? Negar o ensaísmo é, também, uma forma de negar o seu renomado adversário e combatente, ao passo que erige sua memória intelectual em cooperação com as estratégias discursivas postas em curso pelos agentes mais próximos no interior das relações sociais constituintes do campo intelectual?

### *Combates por Sérgio Buarque*

*Sérgio Buarque de Holanda*, volume inserido na antologia *Grandes Cientistas Sociais*, de 1985, constitui-se como um dos pontapés iniciais ao reforço à memória e ao legado do autor após a sua morte. Ao contar com a organização de Maria Odila Leite da Silva Dias, que também encampa o prefácio ao livro, concentra-se na trajetória intelectual de Buarque de Holanda, estabelecendo diálogos entre *Raízes do Brasil* e as obras ulteriores do historiador. Ao traçar o desenvolvimento da concepção de história ao longo da trajetória de Sérgio Buarque, Maria Odila, a bem da verdade, empreende, como já explicitado em seção anterior, um processo de *continuum* temporal no qual estabelece um *futuro passado* no livro de estreia do autor:

Esta antologia tem como objetivo reunir os textos de sua obra como historiador, que foi a parte mais significativa, porém não a exclusiva de sua vasta produção intelectual, e as páginas que seguem constituem um estudo da sua contribuição de *vanguarda* para a historiografia brasileira, no decorrer dos quarenta e cinco anos de atividades de pesquisa histórica, inauguradas, em 1936, pelos primeiros quatro capítulos de *Raízes do Brasil*, a parte propriamente histórica do livro.<sup>128</sup>

A julgar pela sugestão da historiadora, no livro de 1936, já continham em potência os elementos que seriam naturalmente amadurecidos tanto nas posteriores edições do ensaio – que desconsidera no seu texto – quanto em publicações como *Monções e Caminhos e Fronteiras*, *Visão do Paraíso* e *Do Império à República*, de 1972, como se pode ler em passo duas páginas adiante: “*Raízes do Brasil* já continha as fontes de conceituação de suas obras futuras, às quais acrescentou gradativamente a maestria

<sup>127</sup> DIAS, Maria Odila L. da Silva. “Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*, p. 74, 75.

<sup>128</sup> DIAS, Maria Odila L. da Silva. “Sérgio Buarque de Holanda, historiador”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ática, 1985. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 51), p. 9.

do estilo, que foi aperfeiçoando com tenacidade vida afora”.<sup>129</sup> Outro detalhe que salta aos olhos na reconstrução, pela autora de *A Interiorização da Metrópole*, da trajetória do historiador paulista a partir e através de *Raízes do Brasil*, e que reforçou, por longo período, o aplainamento da complexa historicidade do livro, bem como a sedimentação das memórias em torno do seu suposto progressismo, desde as raízes vanguardistas dos tempos do modernismo até a publicação de 1936, encontra-se em excerto no qual aventa que,

em suas leituras, demonstrava preferência pela Escola de Frankfurt com relação aos marxistas estruturalistas; admirava as obras de Theodor Adorno, Horkheimer e Walter Benjamin. Comprazia-se, sobretudo na última fase de sua obra, quando se voltou para a história política, em trabalhar as relações entre as transformações econômicas e a emergência de novas lideranças políticas. É o que já delineava em *Raízes do Brasil* a respeito da ascensão da burguesia mercantil em Portugal no século XIV [...].<sup>130</sup>

Tal questionável proposição aparecerá, alentada, mais de uma década depois, em artigo no qual dá relevo à dimensão política na intelecção interpretativa da sociedade brasileira elaborada pelo autor. Em verdade, o texto inicial é direcionado a mesas redondas que, nos dias 26 e 27 de novembro de 1997, se dedicaram a temas que, segundo “Apresentação”, de Antonio Candido, favoreceram “uma visão compreensiva da obra de Sérgio Buarque de Holanda, tão original e criadora, sempre atual graças à solidez da vasta erudição, a beleza da escrita e a inspirada segurança dos pontos de vista”.<sup>131</sup> Compondo um dos capítulos dessa fase da fortuna crítica laudatória do legado intelectual do autor, com a qual se ressalta frequentemente o seu viés progressista democrático, os artigos, nesse pequeno livro reunidos, rendem “homenagem a um grande historiador e crítico literário que se incorporou, desde o primeiro momento, ao Partido dos Trabalhadores, no qual sempre acreditou sem hesitar e do qual foi, até a morte, membro entusiasta e dedicado”.<sup>132</sup> Entre os participantes, encontram-se, além do próprio Candido, Ronaldo Vainfas, Raymundo Faoro, Antonio Arnoni Prado e Maria Odila. Em sua contribuição, denominada “Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda”, a autora, entre outros aspectos, joga luz no engajamento político do autor desde o momento de seu alegado contato com os intelectuais à esquerda da República de

---

<sup>129</sup> *Idem, Ibidem*, p. 11.

<sup>130</sup> DIAS, Maria Odila L. da Silva. “Sérgio Buarque de Holanda, historiador”, *op. cit.*, p. 19.

<sup>131</sup> CANDIDO, Antonio. “Apresentação”. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 1998, p. 7.

<sup>132</sup> *Loc. cit.*

Weimar, onde viveu e atuou, entre 1929 e 1931, como correspondente dos *Diários Associados*:

Em 1929, durante sua estada em Berlim, pôde usufruir da leitura, por exemplo, dos artigos de Krakauer [sic] nos jornais de Frankfurt e de Berlim. Ou dos escritos de Theodor Adorno e Walter Benjamin, cuja interpretação do processo social aderiria aos microcosmos, aos eventos imperceptíveis, às unidades de sentido provisórias, que procuravam captar no seu vir a ser no tempo, desvinculadas do enquadramento prefixado em etapas cronológicas, seja as que pudessem levar o historiador a um exagerado fascínio pelo conceito, que considerava falacioso do “espírito de uma época” ou a deixar-se fixar no estudo de supostas “etapas de consolidação do Estado nacional”.<sup>133</sup>

Embora Maria Odila indique suposto contato do eminente crítico com os escritos dos destacados autores da Teoria Crítica frankfurtiana, tal genealogia de uma leitura filosófica à esquerda se torna um pouco frágil se vislumbrada nas filigranas, ao menos, da primeira edição de *Raízes do Brasil*. As matrizes teóricas, aí, pautam-se, em realidade, pelo vitalismo característico de autores ditos irracionistas, como Klages e outros, e que, em certos momentos, rivalizam frontalmente com a tão propalada matriz weberiana. Não obstante o acervo atual da *Coleção Especial Sérgio Buarque de Holanda* não conter todos os exemplares que pertenceram ao autor, ou que porventura tinha em mãos quando da confecção da primeira edição do livro, pudemos, por aproximação, constatar que edições de obras de Adorno, Horkheimer e Benjamin datam todas da década de 1960. São elas: ADORNO, Theodor. *Eingriffe: neun kritische Modelle*. Frankfurt: Suhrkamp, 1963; ADORNO, Theodor. *Jargon der Eigentlichkeit: zur deutschen Ideologie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1964; ADORNO, Theodor. *Kierkegaard: Konstruktion des Asthetischen*. Frankfurt: Suhrkamp, 1962; ADORNO, Theodor. *Noten zur Literatur*. Berlin: Suhrkamp, 1958-1961; ADORNO, Theodor. *Prismen: Kulturkritik und Gesellschaft*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1969; HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor. *Sociologica II*. Madrid: Taurus Ediciones, 1966; HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor. *Sociologica II: Reden und Vortrage*. Frankfurt am Main: Europaishe Verlagsanstalt, 1967; e a única BENJAMIN, Walter. *Einbahnstrasse*. Frankfurt: Suhrkamp, 1969. No que diz respeito às obras de Siegfried Kracauer, ao menos no acervo atual da *Coleção*, não consta uma sequer.<sup>134</sup> Por fim, a constelação de intelectuais que orbitou a compleição conceitual, metodológica e política do livro de 1936 era composta, a bem da verdade,

---

<sup>133</sup> DIAS, Maria Odila L. da Silva. “Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda”. In: CANDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil, op. cit.*, p. 18.

<sup>134</sup> Cf. *Base Acervus do Sistema de Bibliotecas da Unicamp*: <<http://acervus.unicamp.br>>

pelo que de mais descompassado poderia haver no pensamento social e filosófico daquele país, à época, se comparado ao que se produzia em relação às perspectivas de renovação do campo epistemológico das humanidades no período do Entreguerras, bem como às já sólidas pesquisas no campo da Teoria Crítica encampadas pela Escola de Frankfurt, propriamente dita. Autores que figuram na edição primeira, Oswald Spengler, Ludwig Klages, Kurt Breysig e Carl Schmitt, à época à direita do debate político, já não eram, em 1948, pós-Segunda Guerra, portanto, vistos com bons olhos. Daí a tarefa de, senão expurgar totalmente os seus ecos e dicções ao longo do livro, ao menos esconder, aqui e acolá, as remissões às suas obras.<sup>135</sup>

*Das competições ao anatemático. Ou: da boa à má Eris*

Ainda nas constitutivas confluências de alguns dos pontos de partida interpretativos de Sérgio Buarque e de Gilberto Freyre, em meados daquele terceiro decênio, destacaremos, primeiramente, o que se funda em parágrafo de *Casa-grande & Senzala* relativo à hipotética rápida acomodação dos adventícios nas Américas portuguesa e espanhola, uma vez que, de acordo com suas leituras, quase milenarmente foram impelidos à contemporização efetivada com povos e culturas distintas, tanto endógena, como no caso da expansão islâmica no sétimo século depois de Cristo, quanto externamente à península, com as explorações em Índia e África. Vejamos trecho do livro de 1936:

Qual a base em que assentam as formas culturaes dessa *região indecisa entre Europa e Africa*, que vae dos Pyreneus até Gibraltar? Como explicar essas formas, sem recorrer a indicações mais ou menos vagas e que jamais nos conduziriam a uma estricte objectividade? Precisamente a comparação entre ellas e as da Europa de alem-Pyreneus, da Europa que evoluiu do Imperio de Carlos Magno, faz resaltar uma característica bem peculiar á gente da Peninsula Iberica, uma característica que ella está longe de partilhar, pelo menos na mesma intensidade, com qualquer de seus visinhos do continente. É que nenhum desenvolveu a tal extremo essa cultura da personalidade, que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispânica, desde tempos imemoriais. Pode dizer-se, realmente, que pela importância particular que atribuem ao valor próprio da pessoa humana, a autonomia de cada um dos homens em relação aos semelhantes, devem hespanhoes e portugueses muito de sua originalidade nacional.<sup>136</sup>

---

<sup>135</sup> Cf. MATA, Sérgio da. "Tentativas de desmitologia: a revolução conservadora em *Raízes do Brasil*". In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 36, n. 73, p. 159-180, jul./dez, 2016.

<sup>136</sup> HOLLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., op. cit., p. 4, 5.

Façamos, agora, a comparação com trecho, também das páginas de abertura do livro de 1933:

A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de *povo indefinido entre a Europa e a África*. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob a européia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura; o ar da África, um ar quente, oleoso, amolecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas; corrompendo a rigidez moral e doutrinária da Igreja medieval; tirando os ossos ao cristianismo, ao feudalismo, à arquitetura gótica, à disciplina canônica, ao direito visigótico, ao latim, *ao próprio caráter do povo*. A Europa reinando mas sem governar; governando antes a África.<sup>137</sup>

Mesmo se não tivéssemos grifado parte dos enunciados de ambos os extratos, certamente, saltaria aos olhos da/o leitora/leitor a consonância significativa entre a imagem de uma zona indecisa, indefinida e fluida entre os grandes continentes, Europa e África, a distinguir alguns dos traços particulares dos povos ibéricos. Traços esses que, tendo como corolário, por sua vez, a plasticidade, são constitutivos de uma sociedade presidida pelas relações de tipo afetivo, personalista e passional; em suma, permeadas mais por performances em que predominam a corporeidade dos concidadãos na esfera pública do que pela ritualidade acentuada pelo distanciamento exigido pelo mundo burocrático da letra da lei e das relações horizontais. Essas últimas condicionantes, segundo as duas perspectivas, situam-se manifestamente na Europa de além-Pirineus, herdeira do direito canônico e da expansão de Carlos Magno. Perspectiva que, a despeito da tentativa de distanciamento de Sérgio Buarque em relação a Gilberto Freyre, a partir da década de 1940, como temos proposto, não abandonará o primeiro, ainda que de modo, talvez, mais elaborado e, em alguns momentos, implícito em seus enunciados historiográficos. Problema que suscitará, aliás, polêmicos pareceres provenientes de autores contemporâneos, como Jessé Souza, que sustenta que essa investida epistemológica, ao tomar a Europa Central como parâmetro categórico da ideia de racionalidade, aos moldes weberianos, torna a análise refém de uma autoimagem especular que submete a pesquisa, assim como a comunidade de pesquisadores e, no limite, as vicissitudes particulares da formação nacional de origem colonial a uma posição de renitente e passiva inferioridade em face do modelo; para não dizer da

---

<sup>137</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala*, op. cit., p. 43, 44.

infindável reprodução de uma espécie de “racismo científico” a balizar sub-repticiamente as clássicas interpretações.<sup>138</sup>

Pois bem, apesar das semelhanças ressaltadas, percebem-se, também, em muitos pontos de tensão da primeira edição do livro do paulista, diferenças constitutivas no quesito linguagem acerca das perspectivas sobre o passado colonial brasileiro. Enquanto, em Sérgio Buarque, o tom é relativamente mais comedido e hesitante em algumas proposições e predicados, impondo, inclusive à sua abordagem, o tom provisório em virtude da ausência de uma “estrita objetividade”<sup>139</sup> – condição característica do gênero ensaio, diga-se de passagem<sup>140</sup> –, em Gilberto Freyre, a linguagem é conduzida por tonalidades fortes e sinestésicas, em que cores, cheiros, sentidos corporais etc. atraem a/o leitora/leitor para essa trama de uma região demiúrgica com predisposições à colonização diferenciada devido ao seu passado secular de convivência e de equilíbrio vocacional de antagonismos, que, tempos depois, serão transplantadas de modo bem-sucedido para a exploração e fixação no Novo Mundo.<sup>141</sup> Talvez fosse esse, também, um dos fatores que impeliu o historiador paulista a tentar escapar, da década de 1950 em diante, das redes interpretativas que o arrastavam para a alçada freyriana.<sup>142</sup> Antes, avancemos quatro anos após a publicação da edição primeira de *Raízes do Brasil* e fixemos trechos de resenha na qual o paulista efetua observações acerca de um livro do pernambucano, *Um engenheiro francês no*

<sup>138</sup> Cf., por exemplo, SOUZA, Jessé. “A falsa ciência” e “Um teatro de espelhos do patrimonialismo brasileiro”. In: \_\_\_\_\_. *A tolice da inteligência brasileira*, op. cit., p. 13-45.

<sup>139</sup> HOLLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., op. cit., p. 4.

<sup>140</sup> Cf., entre outros, MONTAIGNE, Michel de. *Ensaíos*. Trad. Sérgio Milliet. *Montaigne. Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1972; LUKÁCS, Georg. “Sobre a essência e a forma do ensaio: uma carta a Leo Popper”, op. cit.; ADORNO, Theodor. “O ensaio como forma”. In: \_\_\_\_\_. *Notas de literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003; KAUFFMANN, Robert Lane. “The Skewed Path: Essaying as Unmethodical Method”, op. cit.; STAROBINSKI, Jean. “Peut-on définir l’essai?”. In: \_\_\_\_\_. *Pour un temps/Jean Starobinski*. Paris: Centre Georges Pompidou, 1985; MACÉ, Marielle. “Mémoire du genre”, op. cit. e COSTA LIMA, Luiz. “A sagração do indivíduo: Montaigne” In: \_\_\_\_\_. *Limites da Voz (Montaigne, Schlegel, Kafka)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2ª ed, 2005.

<sup>141</sup> Para a noção de *hybris* em Gilberto Freyre, cf. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e Paz: Casa-grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*, op. cit., p. 99 e *passim*.

<sup>142</sup> “A reflexão brasileira sobre a formação nacional, por volta dos anos 30 do século XX, concentrou-se, em particular, no pensamento do antropólogo Gilberto Freyre, acentuando pela primeira vez a importância dos escravos negros na construção da identidade híbrida, mestiça e brasileira. A princípio, tal visão foi rejeitada e considerada perigosa pelo regime salazarista, devido à importância dada à miscigenação. Nos anos cinquenta, o mesmo regime assumiu esse pensamento exterior (periférico) para destacar que a história portuguesa nessa perspectiva deve ser reformulada não como uma narrativa colonial, mas, pelo contrário, como um projeto civilizatório precoce fundado em um universalismo ‘humanitário’ moderno precoce, assumindo as características dessa etapa do que é renomeado, como especificidade, ‘lusotropicalismo’”. VECCHI, Roberto. “Periphery as a Work Eccentric Modernities and Lusophone-Tropical Rearrangements”, op. cit., p. 28.

*Brasil*. O livro constitui-se como “um vasto inquérito que empreende Gilberto Freyre acerca da influência francesa em nosso desenvolvimento cultural e social”.<sup>143</sup> Acerca da matéria enredada, que tem como ponto de apoio e partida, a estada do francês Vauthier na Pernambuco de meados do século XIX, dirá Sérgio Buarque:

Longe de constituir simples glosa às observações do engenheiro Vauthier durante os seus seis anos de residência em Pernambuco, onde chegou a chefe de repartição de obras públicas, esse ensaio logo se emancipa de seu motivo inicial para ganhar vida própria. A oportunidade não poderia ser mais feliz para que o autor nos mostrasse, ainda uma vez, seu saber e sua competência já largamente comprovados em assuntos dessa natureza.<sup>144</sup>

Os elogios, consoantes a gestos semelhantes em *Raízes do Brasil* – 1936, dispensam, por ora, considerações para nos atermos a passo adiante, no qual parece corroborar, ainda, embora mais implicitamente nessa ocasião, a tese freyriana da típica adaptação e acomodação dos adventícios portugueses em terras americanas. Contudo, na medida em que, em algum nível, atribui aos franceses análogo tipo de expediente acomodatório realizado pelos vizinhos do lado ocidental dos Pirineus, não acaba, o autor, por se implicar em contradição caso se retome passagem do seu livro de estreia, acima reproduzida, em que atesta tal manifesta e singular característica dos povos ibéricos, que estão “longe de partilhar, pelo menos na mesma intensidade, com qualquer de seus vizinhos do continente”? Vejamos:

O livro começa por um estudo em torno dos primeiros contatos dos franceses, mercadores e navegantes quinhentistas, com a terra do Brasil, quando lhes caberia, ao lado dos portugueses, reduzir nossa natureza ainda bravia a uma natureza cristã e doméstica. Creio que se pode, sem exagero, atribuir aos franceses, em seu afã colonizador, muitas das qualidades de adaptação e acomodação que Gilberto Freyre costuma, *com bons motivos*, considerar típicas dos portugueses. É sabido que quando não conseguiam elevar o nível da cultura dos indígenas, “*franciser les sauvages*”, como se dizia ao tempo de Luiz XIV, muitos não hesitavam em descer ao nível deles.<sup>145</sup>

Quanto às linhas finais da curta resenha, Sérgio Buarque não deixa de reiterar suas radiantes exaltações – de ordem formal e epistemológica – ao ensaísta recifense, expurgadas asperamente da reedição de *Raízes do Brasil*, oito anos depois, mas verificáveis em muitos dos seus escritos anteriores a finais da primeira metade daquele século:

---

<sup>143</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O problema das culturas II”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro I (1920-1949)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado no *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, em 10 de novembro de 1940)

<sup>144</sup> *Idem, Ibidem*, p. 192, 193.

<sup>145</sup> *Idem, Ibidem*, p. 194.

Sente-se mesmo um desapego mal dissimulado ante certos quadros tradicionais que entravam a ação da técnica europeia, desapego quase surpreendente em quem escreveu *Uma cultura ameaçada* e tantas outras páginas de envolvente ternura pelas coisas de nosso passado português colonial. É que em Gilberto Freyre a visão do historiador e do sociólogo pode ser nítida sem precisar ser friamente científica. Assim, as qualidades excepcionais do escritor, longe de distrair, antes reforçam no pesquisador uma inteligência, não direi serena, mas bem equilibrada e, naturalmente, generosa.<sup>146</sup>

Vale recordar que, se contrastado ao prestígio simbólico e institucional inquebrantável que Gilberto Freyre detinha nesses anos iniciais da década de 1940, como pontuado anteriormente neste capítulo, “o crítico literário, historiador e funcionário público (recém-mudado do Instituto Nacional do Livro para a Biblioteca Nacional) Sérgio Buarque de Holanda ainda não dispensava apresentações”,<sup>147</sup> a despeito de ter já publicado *Raízes do Brasil*, que, como vimos, passara praticamente por três décadas de lentas e graduais estratégias de reconhecimento e consagração. A notoriedade do ensaísta recifense, por sua vez, dá-se a ver, ainda em 1937, a partir do cunho metonímico construído em torno do seu nome: “a crítica falava da *escola sociológica de Gilberto Freyre*”.<sup>148</sup> Proeminente figura da crítica literária do período, Agripino Grieco “dispensava analisar a obra de Freyre, já que, em 1936, junto a José Lins do Rego, Jorge Amado e Érico Veríssimo, a ela já se haviam dedicado inúmeros trabalhos analíticos”.<sup>149</sup> Trabalhos cujas características, à época – porém em notável vigor desde a primeira metade do século XIX, tendo como distintivo motor a polêmica<sup>150</sup> –, pautavam ininterruptamente a imprensa; espaço do qual Buarque de Holanda saberá, como ninguém, se apropriar a fim de criar condições de acesso aos bens simbólicos daquele específico campo intelectual.

Ao avançarmos para a edição de 1948 do livro do paulista, temos que algumas emendas feitas aos trechos em que apareciam apropriações implícitas ou mesmo citações diretas do autor pernambucano são simplesmente eliminadas, ou, quando muito, alteradas, às vezes mantendo-se o núcleo argumentativo, mas eliminando-se o

---

<sup>146</sup> *Idem, Ibidem*, p. 196, 197.

<sup>147</sup> FRANZINI, Fábio; LOURENÇO, Elaine. “Quando historiadores foram à escola: a *História do Brasil* de Octavio Tarquínio de Sousa e Sérgio Buarque de Holanda (1944) e os ecos da nova historiografia brasileira”, *op. cit.*, p. 05.

<sup>148</sup> SORÁ, Gustavo. “A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande & Senzala* de Gilberto Freyre”, *op. cit.*, p. 18 (nota 13).

<sup>149</sup> *Loc. cit.*

<sup>150</sup> Cf. ROCHA, João Cezar de Castro. *Literatura e cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira*, *op. cit.*



nome. Eis, portanto, a má *Eris* em ação, para retornarmos à imagem de Nietzsche, em seu “A disputa de Homero”. Ainda na edição de 1936, escreve Holanda:

Nosso catholicismo tão característico, que permite tratar aos santos com uma intimidade quase desrespeitosa, e que deve parecer tão escandaloso às almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos. Gilberto Freyre, que tão bem se ocupou dessa liturgia “antes social que religiosa”, em *uma obra que representa o estudo mais serio e mais completo sobre a formação social do Brasil*, falamos dos anjos e santos, que só falta tornarem-se carne e descerem dos altares, nos dias de festa, para se divertirem com o povo; nos bois entrando pelas igrejas para serem benzidos pelos padres; nas mães ninando os filhos com as mesmas cantigas de louvar o menino Deus, etc. A popularidade, entre nós, de uma Santa Thereza de Lisieux – Santa Therezinha – resulta muito do caracter intimista que pode adquirir seu culto, um culto amavel, quasi fraterno, que se accomoda mal às cerimoniaes e que repelle as distancias.<sup>151</sup>

Fixemos, agora, a passagem da segunda edição, a partir da qual o/a leitor/leitora notará, de imediato, que o que restou de Freyre foi apenas alguns longínquos e abafados ecos. Além de supressão de todo o trecho um tanto humorado, extraído quase que *ipsis literis* do livro de 1933: “Os santos e os anjos só faltando tornar-se carne e descer dos altares nos dias de festa para se divertirem com o povo; os bois entrando pelas igrejas para ser benzidos pelos padres; as mães ninando os filhinhos com as mesmas cantigas de louvar o Menino-Deus [...]”,<sup>152</sup> e que dá lugar a um enunciado de tom mais grave e enxuto, desaparecem, também, de modo virulento, o nome do recifense e o tributo ao seu estudo. O anátema, pois, são menos suas ideias do que propriamente o autor:

Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa, e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provem ainda dos mesmos motivos. A popularidade, entre nós, de uma Santa Tereza de Lisieux – Santa Terezinha – resulta muito do caráter intimista que pode adquirir seu culto, culto amável e quase fraterno, que se acomoda mal às cerimônias e suprime as distâncias.<sup>153</sup>

Acerca da já considerada permeabilidade e capacidade contemporizadora do português em face de outras culturas, especificamente em relação à África, simplesmente elimina-se, a partir dessa edição, todo o trecho, abaixo reproduzido, de nota de rodapé em que continha o nome do autor, citação direta com registro bibliográfico do seu livro, bem como o argumento a partir do qual estabelece alguns

---

<sup>151</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., *op. cit.*, p. 105.

<sup>152</sup> FREYRE, Gilberto. “Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida”. In: \_\_\_\_\_. *Casa-grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, *op. cit.*, p. 59.

<sup>153</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 2ª ed., *op. cit.*, p. 219, 220.

matizes e ressalvas à tese do pernambucano. Da nota, permanece, nas edições subsequentes, apenas referência à obra *Rassekunde Europas*, publicada em 1926, pelo “Dr. Hans Günther”,<sup>154</sup> antropólogo e eugenista considerado mentor das políticas raciais nazistas<sup>155</sup> e um dos intelectuais que, ao longo dos anos da República de Weimar, eram identificados à “revolução conservadora”.<sup>156</sup> O autor alemão, no caso, vem ao auxílio do brasileiro na medida em que atesta a distinção racial dos portugueses em relação aos “seus próprios vizinhos e irmãos, os hespanhoes, por ostentarem um contingente maior de sangue negro”.<sup>157</sup> Daí a “ausencia completa, ou praticamente completa, entre elles, de qualquer orgulho de raça”, o que constitui uma das faces bem típicas de sua “extraordinaria plasticidade social”.<sup>158</sup> Leiamos, enfim, o excerto relativo a Gilberto Freyre, que se inscrevia na nota a fins de referendar esse seu argumento elaborado no capítulo “Trabalho e Aventura”:

O Snr. Gilberto Freyre, contrariando uma afirmativa de Waldo Frank, declara, ao comparar o português e o hespanhol, que o primeiro é dos dois, talvez, “o menos gothico e o mais semita, o menos europeu e o mais africano: em todo caso o menos definidamente uma coisa e outra. O mais vago e impreciso”. V. Gilberto Freyre – *Casa Grande e Senzala*, Maia & Schmidt, 1934, pg. 7. Si é possível, todavia, falar-se em “gothico” a proposito do castelhano, será mais difficil fazel-o, com a mesma justiça, a proposito do andaluz, do gallego e do proprio catalão.<sup>159</sup>

Outra sutil emenda efetuada por Sérgio Buarque, no livro de 1948, diz respeito a argumento corroborado, também, por nota de rodapé – levada para as últimas páginas de “Referências” dessa edição<sup>160</sup> – relativa a artigo do *Livro do Nordeste*, publicado pelo pernambucano em 1925. Como nos excertos expostos anteriormente, o enunciado permanece relativamente intacto. No entanto, nesse caso, em lugar da mera alusão ao autor, mediante locução elogiosa “conhecedor fidedigno”, tem-se o seu próprio nome acompanhado do distintivo tratamento “Snr.”. A nota que remete a esse trabalho de Gilberto Freyre – publicado anteriormente a *Casa-grande & Senzala*, observe-se –, confirma considerações sobre o domínio do *pater familia* e a sua influência solar na verdadeira autarquia que era o seu engenho. Porém, um detalhe que chama atenção,

<sup>154</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., op. cit., p. 28 (nota 6).

<sup>155</sup> Cf. WAIZBORT, Leopoldo. “O mal-entendido da democracia”, op. cit., p. 60 (nota 27).

<sup>156</sup> MATA, Sérgio da. “Tentativas de desmitologia: a revolução conservadora em *Raízes do Brasil*”, op. cit., p. 5.

<sup>157</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., op. cit., p. 27, 28.

<sup>158</sup> *Idem, Ibidem*, p. 27.

<sup>159</sup> *Idem, Ibidem*, p. 28 (nota 6).

<sup>160</sup> Cf. HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 2ª ed., op. cit., p. 292 (nota 103, relativa ao cap. III. “Herança Rural”).

nesse passo do capítulo denominado “Passado Agrário”, na primeira edição, e “Herança Rural”, na segunda, refere-se, a nosso ver, ao uso de mesmo enunciado a servir a chaves interpretativas distintas e, quiçá, bifurcadas acerca de valorações – orientadas pelos respectivos momentos de publicação das edições – concernentes a certos aspectos da formação social. Ora o escritor-sociólogo se vê mobilizado indiretamente como fonte legítima a informar a opulência aristocrática dos bens mobiliários produzidos no âmbito do próprio engenho, ora parece ser insinuantemente evocado, no texto principal, apenas como uma metonímia, por assim dizer, representativa de todo o aristocratismo sustentado pela estrutura autossuficiente da monocultura do açúcar. No seu conjunto, portanto, sugerimos que, a partir de *Raízes do Brasil* – 1948, o argumento convém ao intuito de referendar as críticas mais duras feitas à sociedade patriarcal. Atente-se a/o leitora/leitor para os grifos no trecho a seguir:

O engenho, sob o seu commando, era um organismo completo e que repousava sobre si mesmo. Tinha força armada para defendel-o em casos de emergencia. Tinha capella, onde se rezavam as missas nos domingos. Tinha escola de primeiras letras, onde o padre-mestre desemperrava e instruia os meninos. A alimentação diaria dos moradores e aquella com que se recebiam os visitantes frequentemente agasalhados, procediam das plantações, das creações, da caça ou da pesca, proporcionadas no proprio lugar. Tambem no lugar montavam-se as serrarias de onde sahiam promptos o mobiliario e apetrechos do engenho, alem da madeira para as casas; a obra dessas serrarias chamou a attenção e *causou a admiração* do viajante Tollenare, pela sua “execução perfeita”. Hoje mesmo, em certos lugares do Nordeste, *onde foi mais adeantada a cultura rural*, apontam-se – segundo um conhecedor fidedigno – “as commodas, bancos, armarios, que são obra de engenho, revelando-o no não sei que de rustico de sua consistencia e no seu ar distintamente heraldico”.<sup>161</sup>

Vejamos, agora, o trecho na edição de 1948. Estaria o combatente paulista virando a chave no modo irônico, usando Freyre contra Freyre?

O engenho constituía um organismo completo e que, tanto quanto possível, se bastava a si mesmo. Tinha capela onde se rezavam as missas. Tinha escola de primeiras letras, onde o padre mestre desasnava meninos. A alimentação diária dos moradores, e aquela com que se recebiam os hóspedes, frequentemente agasalhados, procedia das plantações, das criações, da caça, da pesca proporcionadas no próprio lugar. Também no lugar montavam-se as serrarias, de onde saíam acabados o mobiliário, os apetrechos do engenho, além da madeira para as casas: a obra dessas serrarias chamou a atenção do viajante Tollenare, pela sua “execução perfeita”. Hoje mesmo, em certas regiões, particularmente no Nordeste, apontam-se, segundo o Snr. Gilberto Freyre, as “cômodas, bancos, armários, que são obra de engenho, revelando-o no não sei que de rústico de sua consistência e no seu ar distintamente heráldico”.<sup>162</sup>

---

<sup>161</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., op. cit., p. 85, 86.

<sup>162</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 2ª ed., op. cit., p. 102, 103.

Embora a atenuação não seja tão patente quanto às inúmeras que se pode verificar em outras passagens do ensaio de 1948, ainda assim não deixa de ser surpreendente, doravante, que a obra daquelas serrarias não cause mais admiração em Tollenare, assim como o fato de o Nordeste perder o seu estatuto de cultura rural afirmativamente mais adiantada. Estaria o passo extraído da edição de 1936 em unidade orgânica com muitas das peças que compõem o ensaio, e que convergem para a peremptória afirmação segundo a qual “entre nós, já o dissemos, o personalismo é uma noção positiva – talvez a única verdadeiramente positiva que conhecemos”, e que “ao seu lado todos os lemmas da democracia liberal são conceitos puramente decorativos, sem raízes profundas na realidade”?<sup>163</sup>

A partir do que foi pontuado neste capítulo, podemos considerar, portanto, que, nessa compósita agonística travada com Freyre, mediante uma série de estratégias textuais e discursivas, bem como de formas cambiantes de se representar – e ser representado! –; por meio da boa *Eris*, correspondente às competições político-literárias dos anos de formação e, também, às rivalidades ético-políticas *da formação*, perfiladas a partir de *Raízes do Brasil* – 1936 e *Casa-grande & Senzala*; e não menos da má *Eris*, aquela, no ensaio de 1948, relacionada ao mau combate da anatematização do nome do autor, e nem tanto de suas ideias, Buarque de Holanda deixa-se entrever como representativa e singular personagem que, plasticamente, podemos dizer, transita, molda, deixa-se moldar e consagra-se, enfim, pelo que consideramos os *três tempos* característicos de ambientes e ordens relativamente distintas de propostas e programas de leitura do social. No primeiro tempo, em face das questões estético-políticas do ambiente próprio ao campo cultural da década de 1920, que ainda privilegiavam, como forma política, a literatura como objeto especular da nacionalidade, tivemos o ensejo de observar o modo como o paulista, a partir, por exemplo, das competições que pautaram a leitura de *Ulisses*, bem como o seu envolvimento nas principais publicações da época, como a revista *Estética*, engendrou estratégias de projeção e aquisição de capital social e cultural nas malhas do modernismo que se tornou hegemônico desde o eixo Rio-São Paulo. O rápido reconhecimento simbólico de Sérgio Buarque de Holanda, ao longo daqueles intensos anos 1920, bem como o que se reteve e se projetou em termos de memórias *a posteriori* sobre tal, nos levará, portanto, ao segundo tempo. Tempo esse

---

<sup>163</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., *op. cit.*, p. 152.

orientado por questões ético-políticas, já na década de 1930 e em parcela da seguinte, donde despontaram, de modos distintos e às vezes inconciliavelmente díspares, poderosas e sedutoras propostas de leituras e introspecções acerca do passado nacional. Aí, vimos como o futuro autor de *Visão do Paraíso*, entremeado por e concorrendo com outras tantas significativas obras a propor matrizes interpretativas que se queriam como as mais autorizadas e legítimas acerca do país, reencontrou-se, doravante pela chave da disputa, com Gilberto Freyre e o seu celebrizado *Casa-grande & Senzala*. De ponto de partida e, pode-se afirmar, inspiração intelectual nutrida desde o tempo das competições literárias, o pernambucano passa a se tornar, a partir de finais da década de 1940, um eleito par antitético com o qual se representam e se projetam anseios de toda ordem na nova configuração que adquire o campo cultural e intelectual da época, tendo em vista, também, todo o complexo mercado de bens simbólicos por ela aberto. Recordemos que, entre 1946 e 1948, Sérgio Buarque de Holanda deixa o Rio de Janeiro e se assenta em São Paulo, assumindo a direção do Museu Paulista. Mais ou menos dois anos depois, empreende, como vimos, as significativas emendas no seu primeiro livro, adensando-o documentalmente, porém lhe dando uma distinta face, não menos dotada de problemas prenhes de significados. Nesse mesmo ano de 1948, além do cargo de diretor do museu, leciona História Social e História Econômica do Brasil na Escola de Sociologia e Política e se elege representante das Instituições Complementares da Universidade de São Paulo, junto ao Conselho Universitário. Opostamente, a despeito de seu livro capital se ver agraciado, na altura do ano de 1946, com a quinta edição, o autor recifense, já em vias de derrota na batalha simbólica com a matriz sociológica que se gestava e se hegemonizava na Universidade de São Paulo,<sup>164</sup> enceta, nos prefácios,

---

<sup>164</sup> Deve-se advertir que não se pretende, aqui, tratar essa instituição como um bloco teórica e politicamente homogêneo e, tampouco, harmônica e unissonamente refratário à inteira obra de Gilberto Freyre. Darcy Ribeiro, por exemplo, após os anos 1950, “sempre adotara suas teorias, pois Gilberto lhe fornecia o ingrediente principal para se forjar um ‘tipo ideal’ terciomundista, mulato, expressão maior da hibridização, colocando em foco ‘algumas felizes predisposições da raça’, para usarmos expressão muito estranha de Gilberto. A crítica uspiana é, portanto, bastante desigual, pois [...] Fernando Azevedo adotara com grande empatia as teorias de Freyre. Produziu mesmo uma frase infeliz, quando escreveu em seu importante livro de memórias (*História de minha vida*): ‘É um prazer acompanhá-lo [G. F.] nas suas visitas às casas-grandes, onde nos faz respirar a atmosfera ainda quente da vida familiar; nos passeios aos canaviais e a fábricas de açúcar e em suas senzalas onde se acotovela a escravaria, depois dos rudes trabalhos, de busto nu, de sol a sol nas plantações e nos engenhos’”. MOTA. Carlos Guilherme. “A universidade brasileira e o pensamento de Gilberto Freyre”. In: FALCÃO, Joaquim; ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de (orgs.). *O imperador das idéias. Gilberto Freyre em questão*, op. cit., p. 175. Ademais, “a USP produziu notórios reacionários, lembrando desde logo que a lista de cassações [encadeada pelo Ato Institucional número 5, ou AI-5, promulgado em 13 de dezembro de 1968, e] encabeçada por Florestan foi elaborada por aqui mesmo...”. *Idem, Ibidem*, p. 172.

principalmente, sua odisseia autobiográfica e explicitamente automonumentalizadora, denominando-se escritor, ao passo que começa a recusar convites para atuar nas universidades brasileiras, mas também em centros de excelência, como Yale e Harvard. A partir daí, seguiram-se apagamentos, construções mútuas de memórias, tentativas de imposição de projetos institucionais, classificações de toda ordem etc. Quanto ao terceiro tempo, a ser trabalhado no último capítulo, e relativo aos problemas que denominaremos político-epistemológicos, veremos, entre outras coisas, que, em consonância com a ordem do discurso disciplinar que se erigia sobre a geração “precursora” das ciências sociais brasileiras, os *combates pela resenha* que nutrem, naquele momento, a agonística do paulista, além de pretensa e estrategicamente desautorizarem a escrita ensaística, apontam para o processo de construção de memórias, a criação de elaboradas *personae*, a demarcação de campos ideológicos – que, a depender da situação em jogo, implica também em campos epistemológicos –, bem como para expressivas estratégias de consagração seguidas, naturalmente, de ríspidos questionamentos dirigidos aos autores e suas obras.

*Interpretar as interpretações dá mais trabalho do que interpretar a própria coisa, mas escrevemos mais livros sobre livros do que sobre os assuntos mesmos; comentamos uns aos outros.*

Michel de Montaigne<sup>1</sup>

*For a writing to be a writing it must continue to "act" and to be readable even when what is called the author of the writing no longer answers for what he has written.*

Jacques Derrida<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> MONTAIGNE, Michel de. "Da experiência" [1580], *op. cit.*, 483.

<sup>2</sup> DERRIDA, Jacques. "Signature Event Context". In: \_\_\_\_\_. *Limited inc.* Evanston, IL: Northwestern University Press, 1988, p. 8.

## II. Sérgio Buarque de Holanda e Alceu Amoroso Lima: dos limiares aos limites

No que diz respeito ao petropolitano Alceu Amoroso Lima, podemos afirmar que são ainda bastante exíguas as contribuições em torno do diálogo entre Sérgio Buarque de Holanda e esse que é, sem dúvida, um dos mais influentes intelectuais do século XX brasileiro. Pensador católico, que, nos tempos de modernismos, adotava a alcunha literária Tristão de Athayde, figurou, por cerca de meio século, nas páginas dos jornais do Rio de Janeiro.<sup>3</sup> Como se dá, em certa medida, com Gilberto Freyre, a interlocução entre Amoroso Lima e Buarque de Holanda se estabelece com contrapontos e não menos ríspidas disputas que, se não explícitas nas obras, correspondências e artigos de imprensa, se davam em forma de diatribes pela grande rede intelectual que, cada qual à sua maneira, ajudaram a tecer, encetando um de seus primeiros e bem atados nós ainda às vésperas do evento “Semana de 22”. Estendendo-nos até meados da década de 1960, os dois intelectuais, a despeito de suas singularidades e divergências de proposições acerca dos grandes problemas do seu tempo, engrossam as fileiras dos críticos e opositores ao Golpe Militar perpetrado no país a partir de 1964. Alceu Amoroso torna-se, por meio das páginas de sua coluna no *Jornal do Brasil*, um dos mais implacáveis e contundentes denunciadores do Golpe dado em abril e do subsequente período de atos de torturas nos porões do DOPS. Sabe-se, por exemplo, da sua representativa série de cartas trocadas com Frei Betto, prisioneiro político, e publicadas posteriormente como inúmeras crônicas a figurar no seu espaço no jornal, cuja coluna usava como verdadeira tribuna de “denúncia e extravasamento destas mesmas missivas, tornando-as ‘documento para amanhã’”. Contudo, “um amanhã presentificado, um amanhã que urgia – no agora da leitura – uma tomada de decisão por parte dos leitores, um posicionamento crítico acerca dos subterrâneos da nossa História contemporânea”.<sup>4</sup> Várias dessas crônicas foram reeditadas, também, em livros nos quais aparecem, por exemplo, seus primeiros e contundentes escritos de denúncia ao Golpe, surpreendentemente bem no calor do momento da deposição do Presidente João Goulart. Vejamos, nesse sentido, o merecido peso dado ao evento pela pena do católico,

---

<sup>3</sup> Entre os poucos trabalhos que mapeiam o entrecruzamento implícito e diatribico entre Buarque de Holanda e Amoroso Lima, por meio de cartas trocadas entre o primeiro e Mário de Andrade, destacamos MONTEIRO, Pedro Meira. “‘Coisas sutis, ergo profundas’: O diálogo entre Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*

<sup>4</sup> RODRIGUES, Leandro Garcia. “Cartas de Esperança em Tempos de Ditadura – Frei Betto e Leonardo Boff escrevem a Alceu Amoroso Lima”. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano IX, n. 25, Maio/Agosto, 2016, p. 213.



já em maio de 1964: “As guerras e as revoluções excitam, como é natural, a euforia infantil dos vencedores e o desespero radical dos vencidos. É o que estamos vendo no momento, entre nós, graças ao clima de radicalismo extremista, aliás tão antibrasileiro, em que vimos vivendo há muito tempo”.<sup>5</sup> Quanto às ações imediatas à destituição violenta do governo, que tinha como carro-chefe as promessas de reformas estruturais, ainda hoje urgentes, diz:

Agora, quando pretendemos ter feito uma “revolução democrática” começam logo utilizando os processos mais antidemocráticos de cassar mandatos, suprimir direitos políticos, demitir juízes e professores, prender estudantes, jornalistas e intelectuais em geral, segundo a tática primária de tôdas as revoluções que julgam domar pela fôrça o poder das convicções e deter a marcha das idéias.<sup>6</sup>

Bem, retornando à década de 1920, veremos que as divergências literárias entre os dois autores aparecerão já em *Estética*, em torno de um artigo chamado “Perspectivas”, de 1925, escrito por Sérgio Buarque, e que abrirá um debate acerca do surrealismo, em relação ao qual o paulista se posiciona entusiasticamente, enquanto o fluminense nutre explícita rejeição. A propósito, é digno de nota a força centrípeta impulsionada pelo expediente da revista emblema do modernismo em sua vertente canônica, uma vez que, a despeito da sua curta duração, atraía, para as suas páginas, as polêmicas travadas entre as mais influentes figuras que, de algum modo, se entrecruzavam nos espaços de sociabilidade onde circulavam as ideias vanguardistas, nos seus mais diversos e antagônicos matizes.<sup>7</sup> Recordemo-nos que foi no âmbito de *Estética* que, porventura, pela primeira vez, o nome de Gilberto Freyre se deu a conhecer entre os moços do Rio.

Posteriormente, em 1926, as divergências político-literárias se acirram quando Sérgio Buarque publica, na *Revista do Brasil*, pequeno artigo intitulado “O lado oposto e outros lados”. Texto que, se na aparência era direcionado ao grupo tachado, pelo paulista, de “modernistas academizantes”, composto principalmente por Ronald de

---

<sup>5</sup> LIMA, Alceu Amoroso. “Terrorismo Cultural”. In: \_\_\_\_\_. *Revolução, reação ou reforma?* 2ª ed. revista. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1964, p. 231.

<sup>6</sup> *Loc. cit.* Cf., também, a publicação que se segue a essa, de mesmo teor: LIMA, Alceu Amoroso. *Revolução Suicida*. Rio de Janeiro: Ed. Brasilia-Rio, 1977. Para um detalhado estudo das críticas ao Golpe militar por meio do *Jornal do Brasil*, cf. SYDOW, Evanize Martins. *Alceu Amoroso Lima e o regime militar (1964-1968)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2007.

<sup>7</sup> Cf. o já referido MARQUES, Ivan. “*Estética (1924-1925)*”, *op. cit.*

Carvalho e Guilherme de Almeida, tinha, como seu alvo certo, Tristão de Athayde e toda a fileira dos intelectuais que, segundo o futuro historiador, ansiava hierarquizar e trazer para o seu domínio das políticas literárias de caráter construtivista, como veremos à frente, as manifestações artísticas e culturais da nação, dimensionando-as mediante ao que se costumava chamar “expressão nacional”.<sup>8</sup>

A leitura contrastiva que realizamos de parte da obra dos dois intelectuais perpassa substancialmente por toda a década de 1920, indiretamente por meio das cartas trocadas entre os jovens Mário de Andrade e Sérgio Buarque,<sup>9</sup> entre Mário de Andrade e o próprio Alceu Amoroso,<sup>10</sup> e, mais diretamente, mediante as frequentes polêmicas que merecerão espaço nas páginas de jornais, bem como em suas próprias publicações em livros. Em se tratando desse último tipo de suporte, veremos como elas se inscrevem, já em meados da década de 1930 – ainda que de modo mais alusivo e elíptico –, na primeira edição de *Raízes do Brasil*. Ao criticar, logo nas primeiras páginas, o tradicionalismo dos que pretendiam realizar, no mundo moderno, preceitos ordenadores caros às sociedades de tipo estamental, o seu autor recuperará, embora dessa vez em chave marcadamente irônica, a diatribe anticonstrutivista do texto de 1926, “O lado oposto e outros lados”. Segundo supunha Holanda, tal pretensão, circunscrita a poucas cabeças dotadas de critérios superiores para a organização do mundo social e embalada por um “entusiasmo” que inspira “essa grandiosa concepção hierarchica da sociedade, tal como a conheceu a Idade Media”, não passa, na contemporaneidade, de “uma paixão de professores”.<sup>11</sup> Ao melhor desdobrarmos esse debate, já de contornos estritamente ético-políticos, terá o/a leitor/leitora a oportunidade de vislumbrar mais claramente que o que está em jogo na recorrência da crítica de Buarque de Holanda a Athayde, portanto, é a concepção *tomista* que, a julgar pelo parecer do primeiro, orienta as várias instâncias da vida do segundo, tanto em âmbito individual quanto social; além de, junto a outros “ismos”, compor o conjunto de

---

<sup>8</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O lado oposto e outros lados”, *op. cit.*

<sup>9</sup> Cf. MONTEIRO, Pedro Meira. “Coisas sutis, ergo profundas’: O diálogo entre Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*

<sup>10</sup> Cf. ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968.

<sup>11</sup> HOLLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., *op. cit.*, p. 09.

significantes confluentes à tópica do *atraso*, a ser melhor desdobrado no último capítulo desta tese.<sup>12</sup>

Nesse bojo, portanto, de uma crítica ao passadismo – porém em chave menos estética, relativa às políticas literárias da década de 1920, e mais politicamente conotada –, virá a crítica ao conservadorismo que parece recorrentemente tomar o intelectual católico como paradigma antitético para compleição de uma concepção de história deliberadamente enredada a partir do presente, e que devesse combater esses afãs de retorno a certas ideias tradicionalistas e usos seletivos de passados. Não será à toa que, mais tarde, na década de 1950, Sérgio Buarque de Holanda tomará de empréstimo, com certa frequência, em seus escritos sobre o *métier* historiador, a máxima de Goethe, segundo a qual “escrever História é um modo de desembaraçar-se do passado”.<sup>13</sup> Teremos, ainda, oportunidade de pontuar as consequências semânticas e temporais dessas apropriações cambiantes da sentença do escritor alemão pelo brasileiro. Porém, pode-se já afirmar que ela lhe é útil como um fundamento ético-político no sentido do seu “combate pela história”, de inspiração declaradamente “annaleana”. Aliás, não é menos relevante ressaltar que a máxima goetheana acima citada, em específico, se encontra em resenha homônima dedicada a reflexões sobre *Apologia da História*, de 1949, famoso livro inacabado do fundador da revista do *Annales*, Marc Bloch.

Adentrando a década de 1940, e a partir de análise contrastiva das duas primeiras edições de *Raízes do Brasil*, daremos relevo a um aparente detalhe secundário inserido por Sérgio Buarque na segunda edição do livro, em que, por meio de uma nota, Alceu Amoroso Lima é evocado a fim de reforçar as considerações de Sérgio Buarque sobre a “inatualidade” e, no limite, o conservadorismo de um influente economista do século XIX: José da Silva Lisboa, o Visconde de Cairu. Temos, em tal dinâmica, portanto, a intensificação da agonística buarquiana investida nos combates com o pensador católico. Em outros termos, proporemos que, a partir daquele pressuposto ético-político que traz

---

<sup>12</sup> Para o âmbito específico do tomismo, cf., por exemplo, OLIVEIRA, José Luiz de. “Tristão de Athayde: O conceito tomasiano de *sindérese* na fundamentação dos direitos humanos”. In: *Revista Estudos Filosóficos* n<sup>o</sup> 14 - São João del-Rei-MG, 2015, p. 117-129. Para o envolvimento do intelectual com os projetos católicos de intervenção social, entre os anos 1928 e 1945, cf. ARDUINI, Guilherme Ramalho. *Em busca da Idade Nova: Alceu Amoroso Lima e os Projetos Católicos de Organização Social (1928-1945)*. São Paulo: Edusp, 2015.

<sup>13</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Apologia da História”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*, op. cit., p. 19, 20, 21. (originalmente publicado na *Folha da Manhã*, São Paulo, a 18 de julho de 1950)

a máxima de Goethe como fundamento para um engajamento em questões do presente, Holanda é motivado a redigir a história refletidamente dessa ou daquela determinada maneira. Grosso modo, indagaremos como essa leitura, digamos, “presentista” dos conservadores, principalmente aqueles do século XIX e início do XX, é construída num movimento de exclusão e inclusão, seja de ordem política, epistemológica, ou ainda, e não menos importante, político-institucional.

Retornando ao conteúdo do capítulo, e tendo em vista que, entre outras coisas, o que estará em questão é a *historicidade* do autor, que perpassa, como marca, o seu livro de estreia, privilegiaremos algumas pequenas e pontuais modificações efetuadas na obra, detendo-nos, mais circunscritamente, em uma interpretação que Buarque de Holanda faz de uma passagem que o Visconde de Cairu traduz de Adam Smith, a fim de respaldar suas argumentações sobre economia política nos *Estudos do Bem Comum*, livro de 1819. Segundo o paulista, Cairu empreende essa tradução no sentido de adequar o liberalismo de Smith à situação brasileira – de colorações aristocráticas sustentadas por regime escravista. Ao problematizarmos esse confronto com o seu interlocutor do XIX, ou melhor, a tentativa de deslegitimação do seu discurso econômico, veremos o modo como certas estratégias textuais, e mesmo recursos ficcionais mobilizados, como o *discurso indireto* característico do narrador realista, vão ao encontro do engajamento crítico a uma dada recepção do pensamento do economista baiano no horizonte histórico da entrada da segunda metade do século XX. Recepção representada, na filigrana do texto revisto de *Raízes do Brasil*, por Alceu Amoroso Lima, cujo tom liberalizante acerca de aspectos econômicos do Brasil dos anos 1940 toma, mediante elogios eloquentes, a personagem oitocentista como inspiração reveladora de uma excepcionalidade entre os liberais brasileiros que, contemporâneos a Cairu, se debruçaram sobre os estudos de economia política. Vale salientar que, anteriormente à incorporação, por Sérgio Buarque de Holanda, do debate implícito no livro de 1948, ele se dera nas páginas de jornal, para o caso do paulista, com o artigo intitulado “Inatualidade de Cairu”, originalmente publicado em *O Estado de São Paulo*, em 14 de março de 1946,<sup>14</sup> e, no caso do fluminense, no *Jornal do Comércio*, em 1º de novembro de 1944, como resultado de uma conferência proferida no Salão Nobre da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, em 23 de outubro de 1936, e

---

<sup>14</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Inatualidade de Cairu”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro I (1920-1949)*, op. cit..

posteriormente publicada como apresentação dos *Princípios de Economia Política*, livro de José da Silva Lisboa reeditado no ano de 1956.<sup>15</sup>

Quanto à década de 1950, presenciaremos, mais detidamente no capítulo terceiro, o momento em que o diretor do Museu Paulista e professor da Escola de Sociologia e Política, Sérgio Buarque, e Alceu Amoroso, à época professor de Literatura Brasileira da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, se envolvem em acalorado debate de caráter estritamente filosófico, cujos temas orbitam os “existencialismos” de Sartre, Heidegger, Jaspers e outros. Para sermos mais precisos, e a bem da verdade, o paulista está envolvido na leitura do recém-publicado livro do seu oponente, *O existencialismo*, de 1951, e reeditado, com *Mitos do nosso tempo*, de 1943, no volume que ora temos em mãos.<sup>16</sup> Como severas respostas aos comentários do católico acerca dessa corrente de pensamento tão em voga nos círculos intelectuais do período, Holanda publica, em sequência, dois artigos no *Diário Carioca*, entre os meses de março e abril de 1951.<sup>17</sup> Um dado fundamental que envolve a série de textos sobre filosofia contemporânea, publicados por Sérgio Buarque de Holanda nesse limiar das décadas de 1940 e 1950, vale dizer, diz respeito à sua inserção e ao seu enérgico engajamento em debate a favor do “amadurecimento” do pensamento filosófico no Brasil. O que se infere, portanto, desses textos de vulgarização do discurso filosófico produzido na universidade é o modo afirmativo com o qual o autor se impõe no debate político-institucional. É o que veremos ao discorrer enfaticamente acerca dos trabalhos apresentados na ocasião do Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia, realizado na Universidade de São Paulo, em 1950.

Década de 1960: se entrecruzam novamente os caminhos de Sérgio Buarque de Holanda e Alceu Amoroso Lima. Dessa feita, ao menos no campo político, os intelectuais suspendem os respectivos *limites* de um em relação ao outro, e atuam novamente no plano dos *limiares* quando se voltam, cada qual à sua maneira, contra o Estado de exceção instalado no Brasil, após breve suspiro democrático experimentado. Sobre o primeiro cruzamento limiar, ainda na fase dita “carnavalesca” do modernismo triunfal, é o próprio Amoroso Lima quem dá o seu testemunho em necrológio publicado na *Folha*

<sup>15</sup> Cf. LIMA, Alceu Amoroso. “Época, vida e obra de Cairu”. In: LISBOA, José da Silva. *Princípios de Economia Política*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1956.

<sup>16</sup> Cf. LIMA, Alceu Amoroso. *O existencialismo e outros mitos do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Agir, 1956.

<sup>17</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Existencialismo” e “Ainda o existencialismo”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*, op. cit., p. 62-73.

de São Paulo, em 1982, e reeditado naquela edição da *Revista do Brasil*, de 1987, dedicada a Sérgio Buarque: “Dois amigos co-modernistas da primeira geração se separavam ou, antes, se cruzavam em um limiar. Cada um seguia seu rumo próprio, segundo seu temperamento e suas convicções”.<sup>18</sup> Quanto ao restante do enunciado, é surpreendente, a dois tempos, tanto a assunção por parte do católico dos pontos de partida ontológicos de suas críticas e divergências – e que incitará, desde então, a agonística buarquiana – quanto o reforço da memória do paulista como intelectual engajado e dotado de consciência epistemológica pronta a orientar suas batalhas em prol da ciência e da história: “Sérgio trocava o superficialismo dos modernistas iniciais, mais preocupados com a expressão do que com a essência das coisas. Mais com o estilo do que com o homem. Optava pelo Brasil, com suas raízes, suas utopias e suas mazelas”.<sup>19</sup> E, referindo-se de modo oblíquo, no plural, conclui: “Enquanto outros se voltavam para o Alto, pregando a primazia do Eterno sobre o Moderno”.<sup>20</sup> Não deixa de ser sugestiva a alusão metafórica das *raízes* projetadas ainda para os anos de formação do jovem editor de *Estética*. Em relação, ainda, aos limiares onto-epistemológicos, por assim dizer, não poderiam ser mais precisas as linhas que se seguirão no próximo parágrafo de seu pequeno texto: “Assim permanecemos por longos anos. Ele de um lado, eu do outro. Mas com as mais cordiais relações de um para o outro. Um nos domínios da Fé e das Letras. Outro no domínio da Ciência e da História”.<sup>21</sup>

Embora não densamente compreendidos no recorte temporal estabelecido neste trabalho, a abordagem, ainda que pontual, de alguns dos acontecimentos políticos da década de 1960 e seus desdobramentos decênios adentro contribui para salientar o quanto impactam, bem como operam substanciais consequências ao pensamento de ambos. Além da arma de denúncia empunhada a partir de sua coluna no *Jornal do Brasil*, de rupturas com posições que, segundo o católico, se distanciariam da mensagem cristã da igualdade com liberdade, aproxima-se, entre outras coisas, de Jacques Maritain e seu “Humanismo Integral”, bem como da abertura propiciada pelo Concílio Vaticano II, contribuindo substancialmente para as bases ético-políticas da futura Teologia da

---

<sup>18</sup> ATHAYDE, Tristão de. “No limiar dos cruzamentos”. In: BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Revista do Brasil. Número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda, op. cit.*, p. 119. (publicado originalmente na *Folha de São Paulo*, em 18 de abril de 1982)

<sup>19</sup> *Loc. cit.*

<sup>20</sup> *Loc. cit.*

<sup>21</sup> *Loc. cit.*

Libertação.<sup>22</sup> Do católico reacionário e “cruzado romanizador”, postura que manterá firme nas duas décadas seguintes à sua conversão, teremos, nesse período, a do “crente aberto à modernidade que, em vez de condenar o tempo corrente, dialoga com ele e com a sociedade em chave pluralista. Trata-se do modelo eclesial que vai prevalecer no [Concílio] e encontrará em Alceu um de seus precursores e maiores defensores”.<sup>23</sup> Nesse momento de grandes e estruturais mudanças na igreja, junto ao seu *aggiornamento*, acompanhara, também, o da instituição, bem como os obstáculos para tal, impingidos por setores mais conservadores no interior da entidade: “O Concílio fora rico em disputas e tensões. Amoroso Lima o seguira de perto, tendo sido um dos representantes brasileiros na sua abertura”.<sup>24</sup> Sérgio Buarque, por sua vez, para atermo-nos a apenas um conhecido e exemplar evento, em ato solidário aos seus colegas da Universidade de São Paulo, pede, no dia 30 de abril de 1969, sua aposentadoria nessa instituição, visando os “professores aposentados discricionariamente, na véspera, pelo AI-5”.<sup>25</sup> Contudo, não obstante as trincheiras relativamente confluentes e solidárias, doravante, na luta política, as epistemológicas, em compensação, permaneciam sem tréguas. Um índice disso encontra-se no fato de o historiador atualizar, em uma de suas últimas entrevistas, concedida no ano de 1981, aquelas celeumas entre os dois acerca do existencialismo. Nessa entrevista, encampada, entre outros, por Laura de Mello e Souza, surge pergunta na qual o nome de Amoroso Lima é evocado e cujo assunto orbita o acirramento, na década de 1930, das posições políticas entre os intelectuais. Para tal, o velho Holanda responde, sem muitos rodeios, tachando o seu adversário de conservador ao argumentar sobre ocasião em que o francês Jacques Maritain viera ao Brasil, “cheio de idéias antifranquistas”, e o brasileiro, “que era muito influenciado por ele, o procurou para pedir que não mencionasse esse problema, pois achava que não fazia sentido o Brasil se posicionar contra a Guerra Civil Espanhola. Isso dá um pouco a idéia de como ele era conservador”.<sup>26</sup> Logo após tal classificação, o paulista emenda subitamente o discurso recuperando a crítica feita ao livro do católico sobre o existencialismo,

---

<sup>22</sup> CURY, Carlos Roberto Jamil. “Deslocamentos críticos”. In: \_\_\_\_\_. *Alceu Amoroso Lima*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana (Coleção Educadores), 2010, p. 22. Cf., também, o já mencionado SYDOW, Evanize Martins. *Alceu Amoroso Lima e o regime militar (1964-1968)*, *op. cit.*

<sup>23</sup> COSTA, Marcelo Timotheo da. *Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2006, p. 20.

<sup>24</sup> *Idem, Ibidem*, p. 367, 368.

<sup>25</sup> HOLANDA, Maria Amélia Buarque de. “Apontamentos para a cronologia de Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*, p. 444.

<sup>26</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Corpo e Alma do Brasil: entrevista de Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*, p. 11.

publicada no *Diário Carioca*, em 1951, porém – e, talvez, estrategicamente a reforçar a construção coletiva de sua memória – evoca a versão reeditada em seu livro de 1979, *Tentativas de Mitologia*, que, com alterações pontuais de algumas palavras e dos títulos, vem nele reproduzida integralmente.<sup>27</sup> Segundo o historiador: “Acho que ele [Amoroso Lima] escreveu de modo muito sumário, sem ter visto bem o problema”.<sup>28</sup>

#### Raízes do Brasil – 1948: em torno do liberalismo conservador<sup>29</sup>

Retornemos, mais uma vez, a algumas das modificações pontuais efetuadas entre a primeira e a segunda edição de *Raízes do Brasil*. Mais especificamente, nos deteremos em uma interpretação que Sérgio Buarque de Holanda faz de uma passagem que o economista liberal do oitocentos, José da Silva Lisboa, o Visconde de Cairu, traduz de Adam Smith a fim de respaldar suas argumentações sobre economia política nos *Estudos do Bem Comum*, obra de 1819. Segundo Holanda, Cairu efetua tal tradução, deliberadamente distorcida, para adequar, como já dito, o liberalismo de Smith à situação brasileira. O historiador, então, a nosso ver, está entendendo o manejo do autor do XIX como uma típica ideia desajustada e, no limite, reajustada a interesses pragmáticos de classe, da qual a sua interpretação pudesse, porventura, efetuar um processo de deslegitimação. Porém, desse ponto de partida, tencionaremos trazer à baila estratos de horizontes históricos cujas interpretações revelam modalidades discursivas que, ancoradas sob a chave do atraso, integram estruturas de pensamento conformadoras das teorias da modernização – do nacional-desenvolvimentismo às Teorias da Dependência –, a partir das quais *Raízes do Brasil*, mais fortemente em sua segunda edição, constitui-se como marca de historicidade. Nesse sentido, no confronto com o seu interlocutor do XIX, ou melhor, no processo de desconstrução do seu discurso econômico, veremos, ainda, o modo como certas estratégias textuais e artefatos literários vão ao encontro da crítica à recepção do pensamento do economista baiano encampada por Alceu Amoroso Lima, na soleira da segunda metade do século XX; recepção essa compreendida por Sérgio Buarque como representativa de “alguns dos

---

<sup>27</sup> Cf. *loc. cit.* Sobre o artigo em torno da crítica ao livro de Amoroso Lima acerca do existencialismo, republicado no livro de 1979, cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Essência e existência”. In: \_\_\_\_\_. *Tentativas de Mitologia*, *op. cit.*

<sup>28</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Corpo e Alma do Brasil: entrevista de Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*, p. 11.

<sup>29</sup> Partes incipientes e preliminares destas reflexões foram já publicadas em SANCHES, Dalton. “Debates sobre Cairu: política e historicidade em *Raízes do Brasil*”. In: *Revista Ágora* (Vitória), v. 21, 2015, p. 98-120.



freios tradicionais” a impedir o “advento de um novo estado de coisas” no país.<sup>30</sup> Amoroso Lima é sibilamente evocado, como já aventado, a fim de reforçar as considerações de Buarque de Holanda sobre a “inatualidade” e, no limite, o conservadorismo do economista. Tal interlocução indireta, se lida sob a ótica das sobreposições temporais, dá-se a inferir como peça de uma crítica à pertinácia de ideias alegadamente atrasadas postas em curso por seus contemporâneos. Não custa sublinhar que, na cadeia de releituras da tradição do pensamento conservador brasileiro, Cairu e Alceu Amoroso são dois dos mais proeminentes receptores do pensamento de Edmund Burke,<sup>31</sup> a partir do qual cada um, no seu tempo, traduzirá as ideias a fins de responder pragmaticamente a impasses e especificidades da situação local.<sup>32</sup> Ainda que pertencente à “periferia do sistema internacional das relações intelectuais”, as distintas ocupações do eminente representante do laicato da igreja brasileira no campo intelectual interno levou-o a “importar sistemas de pensamento” – de Spencer a Bergson, passando pelo vitalismo e o espiritualismo, “contra o ceticismo e o materialismo anterior”, pela obra de Sílvio Romero, de Le Play e, finalmente, o retorno a Maritain e à sua “democracia cristã” – que “melhor se ajustavam às características de suas posições e às demandas a que deviam responder por intermédio de suas obras”.<sup>33</sup>

Pois bem, a fim de preparar o chão argumentativo que sustentará a nossa análise, não seria despropositado sugerir que Buarque de Holanda, nesse período, estivesse engajado na identificação de semas capazes de fazer irromper traços de “representações mentais” próprias às elites coloniais que, na longa duração, encontravam pregnância no presente em que vivia. Palavras como “talento”, e o seu derivativo “inteligência”, seriam, porventura, na contemporaneidade do autor, elementos denunciadores de discursos eloquentemente herdados da colônia.<sup>34</sup> Atentemo-nos para um trecho de artigo originalmente publicado no *Diário de Notícias*, em 22 de agosto de 1948:

---

<sup>30</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 2ª ed., *op. cit.*, p. 254.

<sup>31</sup> Cf. RODRIGUES, Cândido Moreira. “Fontes para pensar a trajetória do intelectual Alceu Amoroso Lima”. In: *Patrimônio e Memória*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 1, n. 2, 2005, p. 74-85.

<sup>32</sup> Cf. LYNCH, Christian Edward Cyril. “Conservadorismo caleidoscópico: Edmund Burke e o pensamento político do Brasil oitocentista”. In: *Lua Nova. Revista de Cultura e Política*, 2017, p. 313-362; e RICUPERO, Bernardo. “O conservadorismo difícil”. In: FERREIRA, Gabriela Nunes; BOTELHO, André (orgs.). *Revisão do pensamento conservador*. São Paulo: Hucitec, 2010.

<sup>33</sup> MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, *op. cit.*, p. 126, 127.

<sup>34</sup> VECCHI, Roberto. “A insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e ressentimento do tempo dentro e fora do cânone modernista”, *op. cit.*, p. 461.

Fiados no *poder mágico* que a palavra escrita ou recitada ainda conserva em nossos ritos e cerimônias, e que será sempre de interesse para quem se proponha pesquisar o *complexo folclore dos civilizados*, não faltam os que vêm no “talento”, no brilho da forma, na agudeza dos conceitos, na espontaneidade lírica ou declamatória, na facilidade vocabular, na boa cadência dos discursos, na força das imagens, na agilidade do espírito, na virtuosidade e na vivacidade da inteligência, na erudição decorativa, uma espécie de padrão superior da humanidade. Para estes a profissão de escritor – se assim já se pode dizer entre nós – não constitui, em realidade, apenas uma profissão, mas também e sobretudo uma forma de *patriciado*.<sup>35</sup>

Vale notar, primeiramente, mediante os grifos, a tentativa de provocar um irônico efeito de distanciamento, tal qual o de um antropólogo na descrição de hábitos supostamente não familiares, e cuja aparição das palavras talento e inteligência vem ao encontro da finalidade única que as atividades intelectuais pareciam proporcionar: a distinção social, confirmada, na passagem, pelo sema aristocrático “patriciado”. Menos do que termos considerados no âmbito do pensamento abstrato, ou, como quer Sérgio Buarque, das “especulações intelectuais”, significavam antes “amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, à erudição ostentosa, à expressão rara”.<sup>36</sup> Um detalhe estilístico bastante característico do autor – notável legado do *ethos* modernista – diz respeito aos oximoros e catacreses que o acompanharão em todo o conjunto de sua obra. Como no da passagem acima: “complexo folclore dos civilizados”, bem como na famosa sentença que abre *Raízes do Brasil*: “somos ainda uns desterrados em nossa terra”,<sup>37</sup> ou antes, a passagem que encerra o texto “Corpo e alma do Brasil – ensaio de psicologia social”, publicado na revista *Espelho*, em março de 1935: “Hoje somos apenas um povo endomingado. Uma periferia sem um centro”.<sup>38</sup> Tais dispositivos demonstram que as formas de representação das caracterizações do mundo da experiência, vazadas pelo tropo da ironia, são possivelmente usadas de modo consciente, a lhe conferir, talvez, certo sentimento de superioridade cognitiva diante dos horizontes de expectativa dos eventuais leitores desse tipo de escrita, à época. Certamente, Sérgio Buarque de Holanda usava tais artefatos em benefício próprio quando das disputas com os seus adversários de pensamento. Carlos Guilherme Mota sugere que a “menor repercussão na época” da publicação da primeira edição de *Raízes do Brasil*, se comparada a outros estudos

---

<sup>35</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Missão e profissão”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra: estudos de crítica literária (vol. II)*. Antonio Arnoni Prado (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 35, 36.

<sup>36</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 2ª ed., *op. cit.*, p. 107, 108.

<sup>37</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., *op. cit.*, p. 03.

<sup>38</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Corpo e alma do Brasil – ensaio de psicologia social” [1935]. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda – Perspectivas*, *op. cit.*, p. 600.

históricos, deve-se ao fato de trazer “em seu bojo a crítica talvez demasiado erudita e metafórica” para aquele ambiente cultural e político.<sup>39</sup> O paradoxo produzido entre folclore e civilização, na passagem supracitada, cumpre justamente a função de reafirmar a crítica da tradição, ou, ao menos, colocá-la em constante suspeição aos olhos da leitora/leitor.<sup>40</sup>

### *Combates por Cairu*

Adentremos, agora, mais detidamente, esse pontual, porém revelador acréscimo operado por Sérgio Buarque de Holanda na segunda edição do ensaio. Antes, contudo, das considerações em torno do Visconde de Cairu – trecho que, diga-se a propósito, receberá, no capítulo III, “Herança Rural”, o subtítulo “Cairú e suas idéias” –, é digno de nota o uso político dado a elas por Antonio Candido, já em meados da década de 1960:

A grande importância dos grupos rurais dominantes, encastelados na autarquia econômica e na autarquia familiar, manifesta-se no plano mental pela supervalorização do “talento”, das atividades intelectuais que não se ligam ao trabalho material e parecem brotar de uma qualidade inata, como seria a fidalguia. A esse respeito, Sérgio

---

<sup>39</sup> MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica*, op. cit., p. 30, 31.

<sup>40</sup> “A tática figurada básica da ironia é a catacrese (literalmente ‘abuso’), metáfora manifestamente absurda destinada a inspirar reconsiderações irônicas acerca da natureza da coisa caracterizada ou da inadequação da própria caracterização. A figura retórica da *aporia* (literalmente ‘dúvida’), em que o autor sinaliza de antemão uma descrença real ou fingida na verdade de seus próprios enunciados, poderia ser considerada a fórmula estilística predileta da linguagem irônica, tanto na ficção da espécie mais ‘realística’ quanto nas histórias que são moldadas num tom autoconscientemente cético ou são ‘relativizantes’ nas suas intenções”. WHITE, Hayden. *Meta-história: A Imaginação Histórica do Século XIX*. Trad. José Laurênio de Melo. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 51. Há já significativos estudos acerca do aparato metafórico montado em *Raízes do Brasil*, tais como os de Roberto Vecchi e Edgar de Decca. Se essas reflexões abordam o modo como o ensaísta, por meio do uso desse dispositivo, se dotava de uma compreensão sofisticada do uso da linguagem articulada a noções complexas de narrativa e temporalidade, autores como Leopoldo Waizbort as contrapõem sob o argumento segundo o qual tendem a qualificar a ambiguidade presente no texto por meio da teia metafórica montada pelo historiador. Tal recurso é, pelos estudos, justificado a fim de diluir o sentido histórico do rearranjo político da obra, bem como desenraizá-la de seu contexto social de produção. Contudo, resta saber se o uso das metáforas, pós *Raízes do Brasil*, em obras como *Caminhos e Fronteiras*, *Monções*, *Visão do Paraíso* e mesmo *Do Império à República* estaria isento das ambiguidades políticas, de visões de mundo e até mesmo teóricas; embora deva se considerar, é bem verdade, que nenhum desses últimos livros tenha passado por reavaliações tão drásticas e radicais como foram as emendas feitas no livro de 1936. Cf., respectivamente, VECCHI, Roberto. “Contrapontos à brasileira: *Raízes do Brasil* e o jogo das metáforas”. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda – Perspectivas*, op. cit.; e DE DECCA, Edgar Salvadori. “Decifra-me ou te devoro: as metáforas em *Raízes do Brasil*”. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda – Perspectivas*, op. cit.; e WAIZBORT, Leopoldo. “O mal-entendido da democracia”, op. cit., p. 40.

Buarque de Holanda desmascara a posição extremamente reacionária de José da Silva Lisboa, que um singular engano tem feito considerar como pensador progressista.<sup>41</sup>

Para Roberto Schwarz, aproximadamente uma década depois dos escritos de Candido, o *leitmotiv* desse capítulo de *Raízes do Brasil* se orienta pelo desvendamento dos “efeitos ideológicos do latifúndio”.<sup>42</sup> No que tange à menção a Silva Lisboa no enunciado do famoso prefácio de Antonio Candido, deve-se salientar que a sua inserção se dá somente na edição de 1948 do livro, aproveitada por Holanda de um artigo de jornal publicado 10 anos após vir a lume o “clássico de nascença”. O embaralhamento das edições, por meio do qual se oculta, com efeito, a ausência do conservador oitocentista na edição de 1936 do ensaio, é parte constituinte do estratagema de Candido em atribuir um sentido político progressista radical – *avant la lettre* – à obra, promovendo, assim, a cristalização de sua intrincada historicidade.

Bem, tendo em mãos uma das obras de Cairu, os *Estudos do Bem Comum*, o historiador pretende demonstrar o modo como, partindo de uma tradução “equivocada” de algumas passagens de Adam Smith, o economista acaba por trazer, para a frente do cenário, a lógica patriarcal como constituinte do modelo político, social e intelectual do Estado:

Nem mesmo um Silva Lisboa que, nos primeiros decênios do século passado, foi grande agitador de novas ideias econômicas, parece ter ficado inteiramente imune dessa opinião generalizada, de que o trabalho manual é pouco dignificante, em confronto com as atividades do espírito. Nos seus *Estudos do Bem Comum*, publicados a partir de 1819, o futuro visconde de Cairú propõe-se mostrar aos seus compatriotas, brasileiros ou portugueses, como o fim da economia não é carregar a sociedade de trabalhos mecânicos, braçais e penosos. E pergunta, apoiando-se confusamente numa passagem de Adão Smith, se para a riqueza e prosperidade das nações contribui mais, e em que grau, *a quantidade de trabalho ou a quantidade de inteligência*.<sup>43</sup>

A “tradução mal feita”, segundo Sérgio Buarque, e “mais segundo o espírito do tradutor do que do original”,<sup>44</sup> delataria, às vésperas da Independência, a suposta confabulação do economista com o velho hábito herdado da aristocracia rural. Silva Lisboa, assevera Holanda, “toma decididamente o partido da ‘inteligência’” em

---

<sup>41</sup> CANDIDO, Antonio. “O significado de *Raízes do Brasil*”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil. Edição comemorativa dos 70 anos, op. cit.*, 2006, p. 243. Cf., também, a edição mais difundida: CANDIDO, Antonio. “O significado de *Raízes do Brasil*”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed., *op. cit.*, p. 15, 16.

<sup>42</sup> SCHWARZ, Roberto. “As ideias fora do lugar”. In: *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000, p. 16.

<sup>43</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 2ª ed., *op. cit.*, p. 108. (grifo do autor)

<sup>44</sup> *Idem, Ibidem*, p. 108, 109.

detrimento das “atividades corporais”.<sup>45</sup> Vejamos a retificação, posta em nota, por parte do autor, das “artimanhas” engendradas pelo baiano na tradução de certas palavras por inteligência: “A própria palavra ‘inteligência’ está, ao que parece, no lugar dos vocábulos *skill*, *dexterity* e *judgement*, do original inglês, nenhum dos quais, isoladamente ou em conjunto, poderia ter tal significado”.<sup>46</sup> Nessa retradução, realizada pelo autor de *Monções*, há clara tentativa de se desnudar a estratégia de Cairu ao traduzir as palavras *skill* (habilidade), *dexterity* (destreza), *judgement* (discernimento) por inteligência, segundo ele, semanticamente distantes da acepção que tal palavra possui em língua inglesa. O efeito da palavra inteligência se faz sentir, contudo, mais fortemente quando recuamos algumas páginas antes de Buarque de Holanda fazer menção direta ao Visconde de Cairu. Ainda à altura da página 106 dessa edição, após explicitar – mediante expressivo recurso às fontes acrescidas em dezenas de páginas, se comparadas à edição de 1936 – o malogro da experiência industrial no Império e como a iniciativa, ainda que de “boa-vontade”, por parte de personalidades de vulto na aplicação de capital nesse campo, destoava da estrutura mental daquela sociedade,<sup>47</sup> o historiador chega, enfim, às consequências de tal situação para as ditas “manifestações do espírito”. É importante ressaltar o incremento de quase 40 parágrafos no terceiro capítulo, a partir da edição de 1948, cuja intenção é evidenciar o “avanço material” advindo do acúmulo de capital após abolição do tráfico negreiro.<sup>48</sup> Alguns desses dados – como a constituição de sociedades anônimas; a fundação, em 1851, do segundo Banco do Brasil; a inauguração, em 1852, da primeira linha telegráfica no Rio de Janeiro; abertura ao tráfego, em 1854, da primeira linha de estradas de ferro do país –, apesar de constarem em teor semelhante da publicação de 1936, recebem ganho considerável em detalhes e arrolamento de fontes – todas de natureza impressa, diga-se de passagem. Leiamos o excerto:

Não parece absurdo relacionar a tal circunstância um traço constante da nossa vida social: a posição suprema que nela detêm, de ordinário, certas qualidades de imaginação e inteligência, em prejuízo das manifestações do espírito prático ou positivo. O prestígio universal do “talento”, com o timbre particular que recebe essa palavra nas regiões, sobretudo, onde deixou vinco mais forte a lavoura colonial e escravocrata, como o são eminentemente as do Nordeste do Brasil, provém sem dúvida

---

<sup>45</sup> *Idem, Ibidem*, p. 109.

<sup>46</sup> *Idem, Ibidem*, p. 108.

<sup>47</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 2ª ed., *op. cit.*, p. 90, 91 e seg.; e HOLLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., *op. cit.*, p. 45, 46.

<sup>48</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 2ª ed., *op. cit.*, p. 90-119.

do maior decoro que parece conferir a qualquer indivíduo o simples exercício da inteligência, em contraste com as atividades que requerem algum esforço físico.<sup>49</sup>

Primeiramente, não seria em vão observar que, em sua exposição, não há, em todo o contexto discursivo do qual faz parte o argumento da passagem, lastro empírico ou nota para estudo que ateste a afirmação segundo a qual a palavra talento se dota de “timbre particular”, portanto de conotação mais adensada socio-semanticamente, em certas regiões em detrimento de outras. No caso, as do Nordeste brasileiro, onde, “eminentemente”, deixaram “vinco mais forte a lavoura colonial e escravocrata”. Incorrera o autor, como veremos em capítulo posterior, em semelhante impressionismo de que acusará Gilberto Freyre nesse mesmo período, mais especificamente em 1951, por ocasião das críticas à segunda edição de *Sobrados e Mucambos*? Quanto ao recorrente uso das aspas em talento, seguida de inteligência, o ensaísta, procurando deslindar supostas contradições daquela realidade, tenciona que essas palavras se apresentem ao/à leitor/leitora como verdadeiros tapa-buracos, com as quais se pode, em certas ocasiões, expressar tudo – e nada – ao mesmo tempo. Como já pontuado em nota na introdução desta tese, palavras que, não remetendo a um número de significados razoavelmente precisos, se aproximam daquilo que Lévi-Strauss denominou “significantes flutuantes”.<sup>50</sup> Usada a palavra inteligência sem o recurso às aspas, talvez quisesse o autor, ainda nas páginas anteriores à menção direta a Cairu, sugerir, tal qual um narrador não-confiável em primeira pessoa, uma postura que, ao mesmo tempo em que instaura uma distância, se insere irônica e ambigualmente no enredo narrativo. Inteligência apareceria à linguagem do autor como que revelando, porventura, uma cumplicidade corrosiva com essa suposta opinião dominante; embora somente aos poucos – duas páginas depois – é que tal opinião vai se apresentando como “destituída de verossimilhança” no âmbito daquela realidade, como tenta comprovar mediante a estratégica retradução de trechos dos *Estudos do Bem Comum*, a partir do cotejamento que afirma efetuar com obra de Adam Smith. Após antecipar, em duas páginas do capítulo, o discurso citado, disseminando-o e ocultando-o, por meio da palavra inteligência, no contexto narrativo,<sup>51</sup> o faz, por fim, aparecer, páginas depois, indiretamente no discurso do baiano: “E pergunta, apoiando-se confusamente numa passagem de Adão Smith, se para a riqueza e prosperidade das nações contribui mais, e

---

<sup>49</sup> *Idem, Ibidem*, p. 106, 107.

<sup>50</sup> Cf. LÉVI-STRAUSS, Claude. “Introdução à obra de Marcel Mauss”, *op. cit.*, p. 43.

<sup>51</sup> BAKHTIN, Mikhail M. “Discurso indireto, discurso direto e suas variantes”, *op. cit.*, p. 173.

em que grau, a quantidade de trabalho ou a quantidade de inteligência”.<sup>52</sup> Dessarte, o autor parece querer nos chamar atenção para um hipotético ato de raciocínio ideologicamente orientado, a partir do qual somos incentivados a “ver” mais do que a personagem Cairu mesma conseguiu ver dentro de seu horizonte histórico: “Não lhe ocorre um só momento que a qualidade particular dessa tão admirada ‘inteligência’ é ser simplesmente decorativa [...]”.<sup>53</sup> E, se se quer ir ainda mais longe, pode-se dizer que somos dramaticamente incentivados a ver mais do que um hipotético público leitor que, num arco temporal de quase uma centúria e meia – considerando a publicação dos *Estudos do Bem Comum*, 1819, e a segunda edição de *Raízes do Brasil*, 1948 –, acaba por, inconscientemente, se “autodenunciar”, no presente, como totalidade da qual o Visconde de Cairu é parte, uma vez que o fenômeno inteligência, tal como conotado por Holanda, constitui-se componente abrangente da lógica dominante no sistema intelectual, político e cultural desde tempos idos da formação nacional. Fixemos passo no qual estocada final é dada ao caso emblemático da obra de Cairu:

[...] parece certo que o autor dos *Estudos do Bem Comum*, a despeito de seu trato com economistas britânicos, *não contribuiu, salvo nas aparências e superficialmente*, para a reforma das nossas idéias econômicas. Pode dizer-se que, em 1819, *já era* um homem do passado, comprometido na tarefa de, a qualquer custo, frustrar a liquidação das concepções e formas de vida relacionadas de algum modo ao nosso passado rural e colonial.<sup>54</sup>

Destaquemos, aqui, o advérbio “já”, na assertiva oração, a partir do qual aventamos o intuito do ensaísta de projetar, aos primórdios da colonização, todo um arcabouço discursivo da herança que lhe parecia obstruir o *telos* de uma outra modernidade brasileira. Seria como se Sérgio Buarque quisesse performativamente indagar: se, em 1819, Cairu *já era* um homem do passado, o que dizer dos que, em plena década de 1940, desejam, a qualquer custo, reabilitar a alegada atualidade de suas ideias? Essa imagem de um tempo emperrado, por assim dizer, de um progresso incerto ou ao menos de um horizonte de expectativa hesitante, revela certa amplitude de apropriações do tempo histórico moderno na segunda edição de *Raízes do Brasil* e, em certa medida, nas suas obras subsequentes. Que temporalidade vibra na composição de uma personagem que “já era um homem do passado”? Eis algumas especificidades implicadas às temporalidades articuladas da primeira para a segunda edição desse livro.

---

<sup>52</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 2ª ed., *op. cit.*, p. 108.

<sup>53</sup> *Idem, Ibidem*, p. 109.

<sup>54</sup> *Idem, Ibidem*, p. 110, 111.

Submetidas a cotejamento, trazem, surpreendentemente, algumas marcas temporais agregadas somente a partir do livro de 1948. Por exemplo, o emprego de advérbios tais como “até hoje”, “ainda”, “ainda hoje”, “ainda não” e “já” propriamente dito sugere que, na coordenação assimétrica em que se situa o presente entre passado e futuro, ou, entre “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”,<sup>55</sup> a ênfase pende para a segunda, ao passo que, no livro de 1936, verifica-se, de modo mais acentuado, o elo com o passado e com a tradição, portanto maior vibração de timbres calcados na experiência retida do passado.<sup>56</sup>

### *Raízes da formação, Raízes na formação*

Antes, porém, de adentrarmos as considerações sobre pequeno capítulo da recepção da obra do economista em meados do século XX, capitaneada pelo seu adversário Alceu Amoroso Lima, é preciso destacar algumas condicionantes que, em certa medida, abrigam o historiador paulista em uma determinada estrutura de pensamento que, salvaguardando seus matizes e variadas perspectivas, efetiva essa leitura de Cairu e de outros liberais brasileiros como simplesmente atrasados e passadistas, a qual constituirá “escola” século XX adentro.<sup>57</sup> Em vigor já no início do século XIX, mas se consolidando ao longo da década de 1930, tem-se o modelo de desenvolvimento e de construção da nacionalidade que, identificado na longa duração com “uma narração nacional (portanto uma metáfora) que sacraliza o nexos com a modernidade e a modernização”,<sup>58</sup> orientou as formas de se pensar organicamente uma via autônoma e autêntica para o país sobre bases próprias das especificidades nacionais. Tal paradigma, no campo das elaborações intelectivas, convencionou-se a chamar

---

<sup>55</sup> Cf. KOSELLECK, Reinhart. “‘Espaço de experiência’ e ‘horizonte de expectativa’: duas categorias históricas”. In: \_\_\_\_\_. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC/RJ, 2006.

<sup>56</sup> Cf. SANCHES, Dalton. “*Raízes do Brasil: a passadidade do 'passado agrário' como 'herança rural'*”. In: MOLLO, Helena Miranda; SILVA, Rodrigo Machado da (orgs.). In: *Abordagens e representações narrativas: problemas para a história da historiografia*. 1 ed. Ouro Preto: Editora Ufop, 2015, p. 243-264.

<sup>57</sup> Nesse sentido, um detalhado balanço historiográfico foi realizado por ROCHA, Antonio Penalves. “Introdução”. In: CAIRU, Visconde de. *Visconde de Cairu*. Organização e Introdução de Antonio Penalves Rocha – São Paulo: Editora 34, 2001. Cf., também, PEREIRA, José Flávio; PEREIRA, Lupércio Antônio. “Instituições jurídicas, propriedade fundiária e desenvolvimento econômico no pensamento de José da Silva Lisboa (1829)”. In: *História*, São Paulo, v. 25, n. 2, 2006, p. 192-213.

<sup>58</sup> VECCHI, Roberto. “A insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e ressentimento do tempo dentro e fora do cânone modernista”, *op. cit.*, p. 463.



“formação”; no campo das agendas prático-políticas, “nacional-desenvolvimentismo”.<sup>59</sup> Nesse estruturante projeto, “modernização” significava, de um lado, o combate às diferentes formas de “arcaísmos” e, de outro, a “criação das condições para a emergência da nação em sentido autêntico. Foi longa a hegemonia da oposição entre ‘arcaico’ e ‘moderno’, e ela moldou como nenhuma outra a autocompreensão do país”.<sup>60</sup> Fazem parte desse paradigma Antonio Candido e Roberto Schwarz, dos quais extraímos anteriormente as semelhantes impressões sobre Cairu, mas também, e talvez mais acentuadamente, Celso Furtado. Com justiça, deve-se salientar que esses e outros autores do mesmo período já apresentavam, na elaboração de seus estudos, um nível de complexidade consideravelmente superior em relação àquele sedimentado pelo par antitético original “arcaico” e “moderno”,<sup>61</sup> contudo, o ponto comum entre todos era o passar a limpo algumas permanências do passado que, de certo modo, frustravam a combinação, no presente, entre modernidade, modernização e justiça social. E, nesse bojo a ser saneado, certamente estavam os ditos liberais conservadores brasileiros do século XIX. No que diz respeito a Furtado, vejamos suas impressões sobre Cairu, em seu clássico de 1959:

[...] enquanto no Brasil a classe dominante era o grupo dos grandes agricultores escravistas, nos EUA uma classe de pequenos agricultores e um grupo de grandes comerciantes urbanos dominava o país. Nada é mais ilustrativo dessa diferença do que a disparidade que existe entre os dois principais intérpretes dos ideais das classes dominantes nos dois países: Alexander Hamilton e o Visconde de Cairu. Ambos são discípulos de Adam Smith, cujas idéias absorveram diretamente e na mesma época na Inglaterra. Sem embargo, enquanto Hamilton se transforma em paladino da industrialização, mal compreendida pela classe de pequenos agricultores norte-americanos, advoga e promove uma decidida ação estatal de caráter positivo – estímulos diretos às indústrias e não apenas medidas passivas de caráter protecionista –, Cairu crê *supersticiosamente* na mão invisível e repete: *deixai fazer, deixai passar, deixai vender*.<sup>62</sup>

Infere-se, portanto, que, na sua teoria da modernização, os Estados Unidos são concebidos como paradigma de uma precoce burguesia comercial a tomar

---

<sup>59</sup> NOBRE, Marcos. “Depois da formação. Cultura e política da nova modernização”. In: *Revista Piauí*, n. 74, nov., 2012, s/p. <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/depois-da-formacao/>> (consultado em 22/12/2018) Para a discussão do tema na historiografia, propriamente dita, cf. RODRIGUES, Henrique Estrada. “O conceito de formação na historiografia brasileira”. In: SOUZA, Francisco Gouvea; PEREIRA, Mateus *et al.* (orgs.). *Teoria e historiografia: debates contemporâneos*. 1ª ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

<sup>60</sup> NOBRE, Marcos. “Depois da formação. Cultura e política da nova modernização”, *op. cit.*

<sup>61</sup> *Loc. cit.* Cf. ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

<sup>62</sup> FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil* [1959]. 32. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003, p. 107.

racionalmente as rédeas do Estado e a implantar uma exemplar industrialização, bem como suas políticas protecionistas, pois a classe intelectual que a preside, tendo Hamilton e outros *founding fathers* à frente, dotava-se da perspicácia de ler e traduzir pensadores, como Smith, e verter adequadamente as suas ideias e doutrinas para os problemas e impasses específicos da situação particular, ao passo que Silva Lisboa simplesmente repetia, mágica e dogmaticamente, a máxima do liberalismo como uma espécie de santíssima trindade. Ora, não é improvável que a leitura buarquiana de Cairu esteja ecoando no enunciado de *Formação Econômica do Brasil*. Por outro lado, pode-se dizer que ele se funda como um *topos* da própria ideia de Brasil e seu desenvolvimento, vazada nesse livro como sendo um país de povo “endomingado”, de um sistema econômico que renitentemente vive em função do exterior e inapto a criar um complexo mercado interno.

Isso posto, para além da interpretação em camadas dentro do modelo da formação, há de se considerar as especificidades do horizonte histórico no qual atua politicamente o autor do oitocentos. Valdeci Araujo e João Paulo Pimenta afiançam que atores como José Bonifácio, o próprio Silva Lisboa e outros chamados liberais conservadores situam-se num contexto compreendido pela “formação das macronarrativas ilustradas”,<sup>63</sup> entre, mais ou menos, 1808 e 1831. A autoconsciência de uma inédita aceleração do tempo histórico no mundo luso-americano, aberta pela crise do Antigo Regime e, mais fortemente, pela transferência da Corte de Lisboa para o Rio de Janeiro, em 1807, não passou ao largo das ações políticas de intelectuais como Cairu. Tal acontecimento, segundo os autores, “não apenas acentuaria a ideia de especificidade do continente americano no conjunto do Império português, como lhe conferia uma nova dignidade histórica”.<sup>64</sup> Participando de uma linguagem política comum a muitos dos letrados do período, qual seja, a “linguagem da restauração”, o economista deixa evidente, em seus escritos, a preocupação com o uso de temas caros ao “reformismo lusitano”. Tal linguagem é caracterizada pela constância com que se justificam medidas econômicas implementadas pela Corte no Brasil, apropriando-se, para sua legitimação, das ideias dos proeminentes teóricos do liberalismo econômico, especialmente os de matriz britânica, como é o caso de Adam Smith e Edmund Burke. A *Linguagem da*

---

<sup>63</sup> ARAUJO, Valdeci Lopes; PIMENTA, João Paulo. “História”. In: FERREZ JÚNIOR, João (org.). *Léxico da História dos Conceitos Políticos do Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2009, p. 127.

<sup>64</sup> *Loc. cit.*

*Restauração* também se caracteriza pela tentativa de promoção da restauração da glória do Império português, abalada pela invasão napoleônica ao Reino de Portugal e a ulterior mudança da Corte para o Rio de Janeiro. Assim sendo, os escritos de Silva Lisboa, além de pretender garantir a legitimidade do governo de Dom João e servir de respostas às críticas a ele, eram ainda matéria de “uma constante preocupação em tentar conter a propagação, ou, ao menos, desmerecer os ideais da Revolução Francesa, considerados por Silva Lisboa como os principais responsáveis pela crise que abalara a monarquia lusitana naquele período”.<sup>65</sup> Portanto, distante ainda da – ou a evitando, em parte – concepção moderna de tempo, e cuja escatologia do conceito de revolução agregada a ela se fará hegemônica somente tempos depois,<sup>66</sup> o visconde, talvez, tenha procurado adaptar, de modo pragmático, o seu liberalismo às especificidades do Brasil; combinando inovação e conservação de modo a equilibrar “um projeto político e cultural que enfrentasse os tempos modernos”.<sup>67</sup> Daí que a sua tradução das palavras do livro de Smith para inteligência possa, talvez, fazer sentido tanto em termos de conhecimento prático e positivo destinado ao trabalho produtivo e à “animação e direcção da Geral Industria”,<sup>68</sup> como também assumir conotação moderada que, por sua vez, não se opunha diretamente, até o momento, à maculosa instituição escravidão e tudo o que, em seu bojo, vinha no sentido de produção econômica e material. No campo político, José Jobson de Arruda e Fernando Novais matizam a leitura conservadora de Cairu ao salientarem que o definir simplesmente como “um ideólogo do senhorio brasileiro descarta a questão essencial: a de que foi exatamente esse estrato social que, bem ou mal, empenhava-se em organizar a nação”.<sup>69</sup>

#### *De Raízes do Brasil para os tempos dos modernismos*

Após longo adendo, tencionaremos, doravante, chamar um pouco mais a atenção da/o leitora/leitor para um detalhe surpreendente de estratégia textual engendrada por

---

<sup>65</sup> SILVA, Bruno Diniz. *Da Restauração à Regeneração: Linguagens políticas em José da Silva Lisboa (1808-1830)*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-graduação em História, 2010, p. 46.

<sup>66</sup> Cf. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*, op. cit.; KOSELLECK, Reinhart. *historia/Historia*. Madrid: Editorial Trotta, 2004; e KOSELLECK, Reinhart. *Los estratos del tiempo: estudios sobre la historia*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2001.

<sup>67</sup> ARAUJO, Valdeí Lopes; PIMENTA, João Paulo. “História”, op. cit., p. 127.

<sup>68</sup> LISBOA, José da Silva. “Prefácio”. In: *Estudos do bem-commum e Economia Política*. Rio de Janeiro – Imprensa Regia, 1819, p. XII.

<sup>69</sup> ARRUDA, Jose Jobson; NOVAIS, Fernando. “Prometeus e Atlantes na Forja da Nação”. In: *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 12, n.2 (21), 2003, p. 793.

Sérgio Buarque de Holanda. Para tal, reproduziremos, mais uma vez, excerto fixado em seção anterior:

[...] parece certo que o autor dos *Estudos do Bem Comum*, a despeito de seu trato com economistas britânicos, *não contribuiu, salvo nas aparências e superficialmente*, para a reforma das nossas idéias econômicas. Pode dizer-se que, em 1819, *já era* um homem do passado, comprometido na tarefa de, a qualquer custo, frustrar a liquidação das concepções e formas de vida relacionadas de algum modo ao nosso passado rural e colonial.<sup>70</sup>

Uma nota é, de súbito, inserida entre a assertiva “*pode dizer-se que, em 1819, já era um homem do passado*” e o restante da sentença, “*comprometido na tarefa de, a qualquer custo, frustrar a liquidação das concepções e formas de vida relacionadas de algum modo ao nosso passado rural e colonial*”. Como descontraidamente nos adverte Anthony Grafton, as notas de rodapé, mais do que um dispositivo credencial que recomenda e confere legitimidade, podem se revelar como verdadeiros “formigueiros que pululam de atividade construtiva e bélica”.<sup>71</sup> Nesse caso, a nota é endereçada ao seu parceiro de celeumas intelectuais: Alceu Amoroso Lima. Antes, porém, que a reproduzamos, na íntegra, faz-se necessário clarear minimamente o lugar estratégico por ela ocupado. O caráter emblemático de seu enunciado só fará pleno sentido se colocarmos em suspenso a afirmação de Sérgio Buarque, segundo a qual a nota cumpre função de exprimir apenas um “ponto de vista oposto” ao seu, e nos remetermos a alguns decênios antes da publicação daquelas linhas. Como é sabido, o autor de *Cobra de Vidro*, embora não participante direto da “Semana de 22”, foi propulsor de acaloradas alterações travadas no interior do modernismo triunfante. Como ele afirmou numa entrevista, em data bastante próxima da publicação dessa segunda edição do seu primeiro livro, o “movimento modernista”

reagiu, sobretudo, contra certos estorvos que limitavam o horizonte literário e também contra os preconceitos que baniam da literatura determinados temas, considerados não-literários, indignos de interessar a um artista. Numa palavra, *bateu-se por uma nova visão de vida e, por conseguinte, da arte*. Os moços que surgem hoje e encontram o caminho aberto, não avaliam o esforço que foi preciso despender para aplinar o chão, removendo o entulho.<sup>72</sup>

---

<sup>70</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 2ª ed., *op. cit.*, p. 110, 111.

<sup>71</sup> GRAFTON, Anthony. “Notas de rodapé: a origem de uma espécie”. In: \_\_\_\_\_. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. – Campinas, SP: Papirus, 1998, p. 20.

<sup>72</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Modernismo, tradicionalismo, regionalismo”. In: SENNA, Homero. *República das Letras (20 entrevistas com escritores)*, Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957, p. 122.

Vale, antes, pôr em relevo o tom claramente auto-históricográfico com que, na mesma década de 1940, Buarque de Holanda se insere no enunciado. Conquanto sua *persona* autoral não utilize o majestático “nós” – ao contrário, lança mão de oblíquo pronome reflexivo –, resta evidente a postura de um ponto de vista geracional de vanguarda a suprimir o “entulho” estorvante e, por conseguinte, implantar “nova visão de vida e arte”. Aproximando, salvaguardadas as proporções, elementos dispostos no discurso de Holanda àqueles previstos na conferência proferida por Mário de Andrade, em 1942, por ocasião dos 20 anos da “Semana”,<sup>73</sup> pode-se sugerir que, também o historiador, “em vez de supostamente descrever atividades que teriam conduzido à feitura genuína de tal arte ou à aquisição da ‘maioridade’ de uma literatura”, estivesse, “enquanto fulcro orientador de um conjunto de práticas artísticas e culturais denominadas ‘modernismo’”, os usando para “indicar o projeto de reescrever a história da arte brasileira e de inscrever-se nela como seu pioneiro ou como o seu iniciador genuíno”.<sup>74</sup>

Isso posto, se, por um lado, a assertiva da passagem deixa inferir que a metralhadora giratória da crítica de Sérgio Buarque afetava apenas os ditos “parnasianos” e “passadistas” da *belle époque* tropical, sua arma não deixava de refratar em direção ao “estorvamento” provocado endogenamente por certos coetâneos. Em outras palavras, ainda tomado pelo espírito beligerante de “22”, o crítico visou empreender uma revisão dentro do que alegadamente se propunha como uma revisão. Como já tratado por alguns estudiosos de sua obra, parcela do encadeamento de tal reação se deu em 1926, quando, no famoso “O lado oposto e outros lados”, o jovem Holanda desferiu tiros contra aqueles nos quais imprimia a pecha de “acadêmicos ‘modernizantes’”. Alceu Amoroso Lima, ainda sob a alcunha do influente crítico Tristão de Athayde, compunha, com Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Renato Almeida, Guilherme de Almeida e outros, a ala, por assim dizer, girondina, de acordo com a versão do modernismo pertencente ao grupo do paulista. Ala essa composta por

gente bem-intencionada e que esteja de qualquer modo à altura de nos impor uma hierarquia, uma ordem, uma experiência que estrangulem de vez esse nosso maldito

---

<sup>73</sup> Cf. ANDRADE, Mário de. “O movimento modernista”, *op. cit.*

<sup>74</sup> MORESCHI, Marcelo Seravali. “Uma vanguarda auto-históricográfica: as bases de um vocabulário alternativo”. In: \_\_\_\_\_. *A façanha auto-históricográfica do modernismo brasileiro*, *op. cit.*, p. 52, 53.

estouvamento de povo moço e sem juízo. Carecemos de uma arte, de uma literatura, de um pensamento enfim, que traduzam um anseio qualquer de construção, dizem.<sup>75</sup>

Deve-se ressaltar que a *Eris* buarquiana se volta contra essa noção, de finalidade estética, porém de fundo prático-ético-político, que é a “construção”. Relativamente compartilhada em anseios entre Mário de Andrade e Alceu Amoroso, por meio de várias das cartas trocadas entre ambos,<sup>76</sup> o projeto, ainda que difuso, pauta-se pelo *sentido* de uma arte empenhada que conduzisse à compleição de uma unidade, pela cultura, do sentimento de brasilidade cuja fonte provinha da voz popular: “O período atual do Brasil, especialmente nas artes, é o de nacionalização”, assevera Andrade, em “Ensaio sobre a música brasileira”, de 1928.<sup>77</sup> Ainda, “toda arte socialmente primitiva que nem a nossa, é arte social, tribal, religiosa, comemorativa. É arte de circunstancia. É interessada. Toda arte exclusivamente artística e desinteressada não tem cabimento numa fase primitiva, fase de construção”.<sup>78</sup> Serão tais pretensões que levarão Sérgio Buarque de Holanda a manter uma postura *cum grano salis* em relação ao amigo musicólogo, uma vez que está exatamente nelas o elo católico que liga esse a Alceu Amoroso Lima. Daí o fato de, em grande parte das missivas trocadas entre os autores de *Macunaíma* e *Corpo e alma do Brasil*, do ano de 1922 até 1944, perpassar uma longa e sinuosa crítica do segundo sobre aspectos da obra do primeiro, e cujo núcleo tinha como alvo, cifrado ou não, as ideias do intelectual católico, identificadas por Holanda ao anseio de coletividade conformado pela “arte interessada” de cunho social e religioso a suplantar a ameaça do individualismo desintegrador.<sup>79</sup> Por exemplo, em tom jocoso, “Tristão” aparece em carta de Sérgio Buarque a Mário de Andrade, datada do ano de 1931, para servir de contraste ao exagero de o fazer parecer ainda mais moderado se comparado aos suspeitos caminhos que o autor da carta acusava o destinatário de trilhar:

[...] receio às vezes que você venha a tornar-se por acaso um católico apostólico romano ultramontano tomista, legionário, partidário do Ensino Religioso, revolte-se com o

---

<sup>75</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O lado oposto e outros lados” [1926]. In: \_\_\_\_\_. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*, *op. cit.*, p. 87.

<sup>76</sup> Cf. ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968.

<sup>77</sup> ANDRADE, Mário de. “Ensaio sobre a música brasileira” [1928]. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre a música brasileira*. 3ª ed. São Paulo; Brasília: INL, 1972, p. 18.

<sup>78</sup> *Loc. cit.*

<sup>79</sup> Pedro Meira Monteiro realizou minucioso trabalho de interligar, em denso ensaio, esses pontos na vasta correspondência de ambos. Cf. MONTEIRO, Pedro Meira. “‘Coisas sutis, ergo profundas’: O diálogo entre Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*

Tristão contra o que ele chama o laicismo de nossa política e depois de todas essas coisas lamentáveis resolva, por coerência, publicar o *Macunaíma* expurgado, para uso das excelentíssimas famílias dos ilustres funcionários públicos desta imaculada República Nova que Deus Santíssimo guarde para o século dos séculos Amém.<sup>80</sup>

Ainda sobre a ideia de construção, um detalhe que não deve passar ao largo dessas considerações diz respeito à passagem dos *Estudos (1ª série)* de Athayde, de 1927, na qual se nota, no mínimo, curiosa postura relativizante quanto às matrizes modernistas representadas, de um lado, por Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Raul Bopp, entre outros, e, do outro, por Graça Aranha. A favor de uma mediação entre o projeto “primitivo” do grupo dos Andrades e o “dinamismo” de inspiração “racionalista” e “utilitarista”<sup>81</sup> do grupo de Aranha, propunha “uma terceira condição fundamental de nossa arte. O elemento espiritual. Uma mystica criadora”.<sup>82</sup> Ainda que porventura impactado pelo texto de Sérgio Buarque, de 1926, e com isso tenha, talvez, matizado em parte suas posições, não deixa de ser surpreendente, no passo a seguir, a disjunção quanto à ideia mesma de construção, categórica em Mário de Andrade, e, mais ainda, a coincidência dos diapasões em relação a algumas das proposições do próprio autor de “O lado oposto...”. Segundo esse último, a “nossa arte de expressão nacional” não “surgirá de nossa vontade”, e sim nascerá “mais provavelmente de nossa indiferença”<sup>83</sup> devido a condicionantes sociais, culturais etc. que, independentemente das intenções construtivistas de uns poucos seletos literatos, emanaria, talvez inesperadamente, do popular. Vejamos o trecho em Athayde. Retomando a ideia de “espiritualização criadora” como terceira via às matrizes por ele expostas dos modernismos, concluiu o capítulo:

A supranaturalidade é apenas um estado de espirito que me parece necessario para criarmos qualquer coisa de realmente nosso, novo e duradouro. Ainda não estamos em condições de o fazer? De accordo. Ninguem mais consciente do que eu dos nossos limites. Ninguem mais sceptico de recommendações aos artistas sobre o modo de

---

<sup>80</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Carta a Mário de Andrade. 10 de maio de 1931”. In: MONTEIRO, Pedro Meira (org.) *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: correspondência*, op. cit., p. 100.

<sup>81</sup> Sabemos que o racionalismo moderno e o seu derivativo, o utilitarismo, compõem duas correntes de pensamento que, se opondo ao pensamento conservador, dão origem às suas elaborações como reação à sociedade industrial e ao advento da Revolução Francesa, e cujo emblema maior é, certamente, Edmund Burke, por sua vez receptado, no Brasil do século XX, por Amoroso Lima e outros. Cf., respectivamente, MANNHEIM, Karl. “O pensamento conservador”. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia*. Marialice M. Foracchi (org.) São Paulo: Atica, 1982, p. 90 e seg.; WILLIAMS, Raymond. “Edmund Burke and William Cobbett”. In: \_\_\_\_\_. *Culture and Society (1780-1950)*. Anchor Books. Doubleday & Company, Inc. Garden City: New York, 1960; e RODRIGUES, Cândido Moreira. “Fontes para pensar a trajetória do intelectual Alceu Amoroso Lima”, op. cit.

<sup>82</sup> ATHAYDE, Tristão de. “Tendências” [1927]. In: \_\_\_\_\_. *Estudos (1ª série)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edição de “A Ordem”, 1929, p. 23.

<sup>83</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O lado oposto e outros lados”, op. cit., p. 86, 87.

criarem aquilo que só o tempo, a vida, o lento amadurecimento, as condições sociais, enfim a seiva e o espírito podem trazer inesperadamente.<sup>84</sup>

Para continuarmos, ainda, nos seus *Estudos*, temos que uma resposta severa é dada aos predicados do texto de 1926, do jovem Holanda. Em capítulo cujo título é já um claro e objetivo chamado do primeiro ao combate, presencia-se uma réplica cujos pingos nos “is” se põem à altura das acusações feitas ao católico, e não sem o uso de ironias justo ao gosto, diga-se de passagem, do editor de *Klaxon* e *Estética*, por exemplo mediante o uso da convencional forma de tratamento “sr.” a demarcar uma suposta distância com relação à pessoa do destinatário. Mas não somente isso. Vejamos:

E o sr. Buarque de Hollanda é dos que não escondem o que pensam, apenas por *sympathia*, ou digam o que não pensam por *antipathia*. *E embora sinceridade não seja argumento, é sempre uma garantia*. Eu, por exemplo, estou convencido de que o sr. Buarque de Hollanda faz, no artigo que publicou no terceiro número da “Revista do Brasil”, uma caricatura de certas idéias minhas sobre o modernismo brasileiro. Apenas, saiu um retrato, como 99% dos que figuram no salão annual de Bellas-Artes, isto é, uma caricatura sem querer. Com a agravante de que o retrato mais uma vez não se acha tão feio como o pintam.<sup>85</sup>

Interessante observar, nesse excerto, o destaque dado por Athayde ao recurso do qual lança mão o modernista paulista: a tópica da sinceridade. Decerto, a sagaz réplica do modernista fluminense visava, nesse caso, parte específica do cáustico trecho do enunciado abaixo:

É indispensável [...] romper com todas as diplomacias nocivas, mandar pro diabo qualquer forma de hipocrisia, suprimir as políticas literárias e *conquistar uma profunda sinceridade para com os outros e para consigo mesmo*. A convicção dessa urgência foi para mim a melhor conquista até hoje do movimento que chamam de “modernismo”. Foi ela que nos permitiu a intuição de que carecemos, sob pena de morte, de procurar uma *arte de expressão nacional*. [...] Insistem sobretudo nessa panacéia abominável da *construção*.<sup>86</sup>

Para Lionel Trilling, esse “estado ou qualidade do eu que denominamos sinceridade”,<sup>87</sup> como código da vida moral, vigorou do alvorecer da era moderna, no século XVI, até meados do XIX, quando se presencia, segundo o crítico literário, o seu declínio, para dar lugar à experiência moral da autenticidade. Menos do que fundar uma profunda congruência entre o que o sujeito declara e os seus sentimentos reais, ou ainda, menos do que se assumir como “aquele que evita ser falso sendo verdadeiro para

---

<sup>84</sup> ATHAYDE, Tristão de. “Tendências”, *op. cit.*, p. 24, 25.

<sup>85</sup> ATHAYDE, Tristão de. “Constructivismo e destructivismo”. In: \_\_\_\_\_. *Estudos (1ª série)*, *op. cit.*, p. 171.

<sup>86</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O lado oposto e outros lados”, *op. cit.*, p. 85; 87.

<sup>87</sup> TRILLING, Lionel. “Sinceridade: Sua Origem e Ascensão”. In: \_\_\_\_\_. *Sinceridade e Autenticidade: a vida em sociedade e a afirmação do eu*. Trad. Hugo Langone. São Paulo: É Realizações Editora, 2014, p. 12.



consigo mesmo”<sup>88</sup> e, logo, com os outros, tal como versa o imperativo do jovem Buarque de Holanda na passagem supracitada, a sinceridade, nas sociedades de corte europeias, servia mais como estratégia de representações, isto é, assunção de papéis a fim de apresentar o indivíduo como sendo sincero. Assim, no que diz respeito à subjetividade, “a sinceridade não era um fim em si mesmo, mas um meio de reconhecimento social. A moralidade e a reputação no meio social parece, nesse sentido, retirar do sujeito a verdade sobre si mesmo, tornando-o refém da encenação do ser sincero social”.<sup>89</sup> Tem-se, daí, que a relação entre a teatralidade e o que se demandava como preceitos morais e crenças estabelecidas contava mais em uma sociedade, segundo Trilling, “extremamente preocupad[a] com a dissimulação, o fingimento e a simulação”.<sup>90</sup> O crítico identifica, na peça *Hamlet*, por exemplo, a transversalidade do tema da sinceridade se manifestando, desde já, na primeira fala da própria personagem que dá nome à obra. Hamlet afirma tal artefato moral ao declarar que “não conhece ‘aparências’. Há, de fato, uma discrepância entre o que ele diz sentir acerca da morte do pai e aquilo que ele realmente sente, mas não se trata aí daquela discrepância que, segundo crê, sua mãe lhe atribui” – o príncipe “não sente menos, mas mais, do que declara; dentro, traz mais do que demonstra a superfície”.<sup>91</sup> Ora, com a subsequente voga da autenticidade, de acordo ainda com Trilling, uma experiência moral mais tenaz do que aquela, visto que é “uma concepção mais exigente do eu e daquilo em que consiste ser verdadeiro para com ele”, a sinceridade entra em declínio e é, então, tomada contemporaneamente em sua acepção fraca e meramente protocolar. A autenticidade constitui, como experiência moderna, “uma referência mais ampla ao universo e ao lugar que o homem nele ocupa, tal como uma visão menos receptiva e cordial das circunstâncias sociais da vida”,<sup>92</sup> como até então se dava com a sinceridade. Tal experiência autêntica, segundo o crítico literário, encontra sua intensificação ou redução no campo artístico: “À medida que o século [XIX] se desdobra, o sentimento do ser, do ser forte, se vê cada vez mais abarcado pelo conceito de autenticidade pessoal. A obra de arte é autêntica por si só, em virtude de sua autodefinição plena”.<sup>93</sup> Assim como cremos que a realização estética se afirma ao

---

<sup>88</sup> *Loc. cit.*

<sup>89</sup> DAMIÃO, Carla Milani. “A reconfiguração do conceito de sinceridade em teorias pós-modernas”. In: *Revista Ideação*, n. 31, jan./jun., 2015, p. 21.

<sup>90</sup> TRILLING, Lionel. “Sinceridade: Sua Origem e Ascensão”, *op. cit.*, p. 24.

<sup>91</sup> *Idem, Ibidem*, p. 14.

<sup>92</sup> *Idem, Ibidem*, p. 22.

<sup>93</sup> TRILLING, Lionel. “O Heroico, o Belo, o Autêntico”, *op. cit.*, p. 113.

afirmar a sua autonomização, “segundo leis de sua própria existência, as quais incluem o direito de corporificar temas dolorosos, ignóbeis ou socialmente inaceitáveis”, atribuímos a mesma legitimidade ao artista, que “busca a autenticidade pessoal em sua autonomia – seu objetivo é ser capaz de autodefinir-se tanto quanto o objeto artístico que ele cria”.<sup>94</sup> Isso posto, não estaria a *persona* sincera de Sérgio Buarque de Holanda a se apresentar porventura anacrônica ao olhar de Tristão de Athayde? Em primeiro lugar, porque, convenhamos, a autenticidade, visto que refratária e contestatória a certas convenções sociais e estéticas, como acima pontuado, é mais adequada aos gestos e às atitudes dos vanguardismos e à ironia que os embala. Em segundo, a sinceridade parece não se adequar à situação discursiva que impulsiona o artigo de Holanda, crivada, aqui e acolá, de subentendidos e não-ditos denunciados, ironicamente, aliás, pelo rival fluminense nas primeiras linhas do trecho do seu artigo acima fixado.

Bem, destaquemos, agora, derradeiro excerto em que Athayde, sem mediações, acaba por trazer à tona, em certa medida, as estratégias de Buarque de Holanda, já naqueles tempos, de se representar marcando os pares antitéticos como forma de estabelecer suas ideias e posições distintas naquela relativamente sólida rede de sociabilidade da banda triunfante do modernismo. Tendo em vista a dinâmica de exclusão e inclusão do jogo das personagens a posteriormente figurarem ou não no campo da memória canônica da República das Letras modernista, as insinuações do crítico católico são consideravelmente representativas:

O Sr. Buarque de Hollanda concede-me a honra (immerecida, etc.) de ser o principal culpado de uma coisa chamada – “constructivismo”. O constructivismo, a seu ver, é um mal architectonico, um mal estático, um mal disciplinador, um mal intellectualista, que eu, e meus companheiros de culpa, importamos directamente da Action Française, de Maritain, de Massis, de Benda, de Eliot, etc. E a grande culpa desse mal coordenador é impedir os novos de vagarem no subconsciente, de catarem pulgas no morro da Favella, com ou sem Marinetti, de se deliciarem no Circo Spinelli com “A filha do bandido ou A vingança do Morto”, de falarem patuá, de serem livres enfim.<sup>95</sup>

A alusão zombeteira não poderia ser mais límpida em relação a algumas das práticas estimuladas pelo programa da ala que veio a se canonizar como “modernismo brasileiro”. A menção ao “subconsciente”, muito provavelmente, está vinculada às leituras da psicanálise freudiana e à posterior investida dos moços no universo do surrealismo, que merecerá, aliás, figurar em artigo de Sérgio Buarque, chamado

---

<sup>94</sup> *Loc. cit.*

<sup>95</sup> ATHAYDE, Tristão de. “Constructivismo e destructivismo”, *op. cit.*, p. 171, 172.

“Perspectivas” e publicado no número três de *Estética*, em 1925. Como já afirmamos, será essa a primeira centelha a encadear a agônística buarquiana com o representativo e controverso crítico literário. Quanto ao morro da Favella, bastante provável é que o crítico esteja se referindo às excussões dos “vanguardistas” às periferias do Rio, já pinceladas no primeiro capítulo desta tese, e cuja finalidade era promover o câmbio entre a cultura popular e a erudita, bem ao sabor das transposições efetuadas, por exemplo, por Mário de Andrade, na literatura,<sup>96</sup> e por Heitor Villa Lobos, na música.<sup>97</sup> No que toca ao Circo Spinelli, deve-se ao empreendimento o mérito de ter sido, ainda à época da *belle époque*, o primeiro circo-teatro no Brasil, que, por promover a circularidade entre a cultura popular e a erudita, acabou, posteriormente, por seduzir o grupo motivo da chacota de Tristão de Athayde.<sup>98</sup>

*No outro lado dos “outros lados”? Ou: entre a boa e a má Eris*

Retornando, finalmente, ao trecho onde se encontra o índice da denúncia de Athayde às estratégias de Sérgio Buarque de Holanda para se afirmar, elegendo os pares antitéticos como forma de estabelecer suas ideias e posições distintas, veremos como as enérgicas linhas do autor dos *Estudos* podem sugerir um capítulo à parte da autoconstrução intelectual do editor de *Estética* dentro do próprio grupo ao qual demonstrava afinidades. Para jogarmos com o próprio título do “texto-estopim” de Holanda, estaria ele buscando se assentar justo no outro lado dos “outros lados”? Vejamos:

Assim como quem diria – “o apostolado modernista é meu: seu é o lado oposto passadista”. Felizmente, não li ainda na penna do sr. Buarque de Hollanda esse execravel – “passadista”. Creio que ele é moderno demais para empregal-o. E o velho trocadilho acima é uma pura calúnia... Mas no fundo é o facto entre nós. O que o sr. Buarque de Hollanda quer é reivindicar o bastão de orientador do *verdadeiro*

---

<sup>96</sup> “É minha convicção que, ao elaborar seu livro, Mário de Andrade não utilizou processos literários correntes, mas transpôs duas formas básicas da música ocidental, comuns tanto à música erudita quanto à criação popular: a que se baseia no princípio rapsódico da suíte”. SOUZA, Gilda de Mello e. *O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 12.

<sup>97</sup> Cf., entre outras seções, ARCANJO JUNIOR, Loque. “O Macunaíma da música brasileira”. In: \_\_\_\_\_. *O ritmo da mistura e o compasso da história: o modernismo musical nas Bachianas Brasileiras de Heitor Villa-Lobos*. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado em História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2007, p. 36-48.

<sup>98</sup> Cf. SOUSA JUNIOR, Walter de. *Mixórdia no picadeiro: circo, circo-teatro e circularidade cultural na São Paulo das décadas de 1930 a 1970*. São Paulo: Tese de Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2009, p. 29 e seg.

*modernismo*. Como nunca o pretendi, peço-lhe que o peça ao sr. Graça Aranha ou a outros da nossa esquadra *academico-modernizante*.<sup>99</sup>

No que corresponde ao mencionado “Perspectivas”, artigo de Sérgio Buarque que, mediante meticuloso jogo de elipses, encetará a celeuma acerca do surrealismo, traz, a certa altura, uma verdadeira ode ao doravante inspirador universo onírico:

Hoje mais do que nunca toda arte poética ha de ser principalmente – por quasi nada eu diria *apenas* – uma declaração dos direitos do Sonho. Depois de tantos séculos em que os homens mais honestos se compraziam em escamotear o melhor da realidade, em nome da realidade temos de procurar o paraizo nas regiões ainda inesploradas. Restamos portanto o recurso de dizer das nossas expedições armadas por esses domínios. Só á noite enxergamos claro.<sup>100</sup>

Algumas páginas depois, ao discorrer sobre o carácter definidor da ciência e da inutilidade do particular para a definição do conceito, diz:

Acontece porém que para certos homens o essencial continua sendo o que ha de particular, o que ha de milagroso, o elemento irreduzível em cada cousa. São esses homens, os que obedecem ás leis divinas e esquecem as outras, as das cidades que reclamam com violência um regresso a esse *estado de guerra* que não é mais do que uma conformação com a vida.<sup>101</sup>

Ainda no ano de 1925, Buarque de Holanda merecerá a resposta num longo artigo, publicado em 4 de outubro, em *O Jornal*, chamado “A salvação pelo Angélico”, clara referência a Tomás de Aquino, assim como o prelúdio de sua definitiva conversão, que acontecerá em 1928, porém exposta, em 1927, nos capítulos de *Estudos (1ª série)*. Será a esse, pois, que a tréplica do paulista virá em forma de resenha, marcando o limite irreduzível entre as perspectivas ontológicas de ambos: Amoroso Lima encampará, junto ao seu mestre Jackson de Figueiredo, a fundação do Centro Dom Vital e as publicações da revista *A Ordem*, cuja linha programática pautava a intervenção do catolicismo laico – nesse período, de viés direitista – nas questões políticas e socioculturais do país,<sup>102</sup> ao passo que Buarque de Holanda ia se consolidando como ativo cronista nas páginas de vários dos grandes periódicos da época. Isso o levaria, após breve isolamento em Cachoeiro do Itapemerim, no Espírito Santo, dirigindo, em 1926, o jornal *O Progresso*,

---

<sup>99</sup> ATHAYDE, Tristão de. “Constructivismo e destructivismo”, *op. cit.*, p. 172, 173. (grifo do autor em academico-modernizante)

<sup>100</sup> HOLLANDA, Sergio Buarque de. “Perspectivas”. In: *Estética*, ano II, vol. 1 (nº 3). Abril-junho, 1925, p. 273. (grifo do autor)

<sup>101</sup> *Idem, Ibidem*, p. 275. (grifo do autor)

<sup>102</sup> Cf. QUADROS, Eduardo Gusmão. “O catolicismo integral: fé e política em Alceu Amoroso Lima”. In: *PLURA*, Revista de Estudos de Religião. Vol. 5, nº 2, 2014, p. 36-50; e ARDUINI, Guilherme Ramalho. *Em busca da Idade Nova*, *op. cit.*.

“onde se deixaria ficar esquecido, como jornalista da roça”,<sup>103</sup> a aceitar o convite de Assis Chateaubriand para, em 1929, trabalhar como correspondente de *O Jornal*, em Berlim, aonde permanece até o início de 1931. Quanto à passagem da resenha ao livro do católico, parecia Sérgio Buarque antever, naquelas reflexões, certa tentativa idealista de reatamento de um elo perdido entre dois mundos e temporalidades históricas radicalmente irreconciliáveis:

O que seria a nós pelo menos interessante é [...] se não tivesse percebido que a concepção católica do mundo coincide perfeitamente com sua exigência de uma solução dos elementos anárquicos do cristianismo nos princípios que criam e que alimentam a ordem civil, a moral urbana, de uma pacificação impossível do espiritual com o temporal. Nenhuma outra doutrina conviria tão plenamente a um homem que aspira a organizar a sua desordem neste mundo sem recusar subvenções do outro mundo. E que, mesmo independente delas, aí não vierem, desejaria “restabelecer um equilíbrio da vida, disciplinar os demônios da liberdade”. [...] Não se pode mais hoje, como no tempo de Santo Agostinho, ser ao mesmo tempo e simultaneamente um cidadão do céu e da terra. E o pensamento que realmente quiser importar para a nossa época há de se afirmar sem nenhum receio pelos seus reflexos sociais, por mais detestáveis que estes pareçam. Há de ser essencialmente um pensamento *apolítico*.<sup>104</sup>

Finalmente, Alceu Amoroso Lima responde a resenha de Holanda, em 1929, mediante carta que notadamente extrapola o pacto epistolar entre remetente e destinatário, endereçando-se ao público em geral no intuito de lhe apresentar a cabal declaração de sua conversão ao catolicismo e o definitivo “adeus à disponibilidade”. Em um dos últimos parágrafos desse texto, dirige-se ao paulista com o seguinte tom: “V. escolheu o caminho da inopção. V. extralimitou todos os seus limites. É possível que para fazê-lo tenha tido de vencer em si próprio muralhas tão intransponíveis, desertos tão áridos e tão martirizadores, como os daqueles que seguiam o caminho contrário”.<sup>105</sup> E conclui com as seguintes linhas:

Mas os caminhos da vida não nos separam. Eu confio profundamente no sentido, que V. tem, do que há de trágico na Verdade, ou, como V. escreveu no seu ensaio sobre Thomas Hardy: “Sòmente o caminho do Mal e a experiência da Dor podem nos transferir para um mundo mais elevado. A dor é um enriquecimento, uma simples escala, um elemento indispensável para a nossa ascensão. É esse o sentido fundamental

---

<sup>103</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. “Verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até ‘Raízes do Brasil’”. In: NOGUEIRA, Arlinda Rocha *et al.* (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra, op. cit.*, p. 42.

<sup>104</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Tristão de Athayde”. In: \_\_\_\_\_. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda, op. cit.*, p. 113, 114. (originalmente publicado no *Jornal do Brasil*, em 29 de agosto de 1928 – grifo do autor)

<sup>105</sup> LIMA, Alceu Amoroso. “Adeus à disponibilidade (Carta a Sérgio Buarque de Holanda)” [1929]. In: \_\_\_\_\_. *Adeus à disponibilidade e outros adeuses*. Rio de Janeiro, Agir, 1969, p. 19.

da tragédia cristã”. Quem escreveu essas linhas é que compreendeu até onde vai a sombra da Cruz. E é por lá que nos encontraremos.<sup>106</sup>

Ao que parece, pouco comovido com o íntimo tom que determina esse trecho da carta, Sérgio Buarque surpreendentemente quase que reedita, oito anos depois – portanto no tempo já ético-político –, na primeira edição de *Raízes do Brasil*, as linhas da resenha aos *Estudos*, acima fixadas. Em 1936, diga-se de passagem, “Alceu Amoroso Lima [já] falava em pós-modernismo. Indicava a mudança de qualidade no clima intelectual de então em face do momento de crise que marcou a época modernista”.<sup>107</sup> Vejamos, pois, o plano articulado de ideias postas em camada por Holanda a partir dos textos de 1928 e 1936. Contra o alegado tradicionalismo, expõe, de modo cifrado, as matrizes de pensamento do intelectual católico, em que, logo nas primeiras páginas do livro, nos deparamos com uma longa digressão, um parêntese aberto, típica técnica ensaística, para levar à superfície o debate presente com o seu interlocutor vivo. A provocação se configura como repetição acerca do hipotético anseio do católico de propor o estabelecimento, na Terra, no mundo dos homens organizados como sociedade civil, de uma hierarquia idealizada aos moldes do mundo medieval, por sua vez inspirado na ordem do mundo divino, e que, ainda de acordo com Holanda, mesmo naquele passado e tradição, não se tinha paralelo do nível de organização e hierarquia projetado por Athayde. Nessa empreitada, Sérgio Buarque de Holanda intenta, como já apontado, se voltar contra os intelectuais por ele chamados de “modernistas da ordem”, empenhados naquele afã de construção de uma via estético-política nacional, e para os quais os movimentos “espontâneos” de organização popular deveriam ser vistos com desconfiança. Desse modo, Sérgio Buarque demarca, como ressaltado, a primeira divisão responsável por selecionar e excluir, tempos depois, as personagens que, ou comporão o panteão de primeira hora do modernismo, ou descerão aos infernos como aquelas consideradas excrescentes aos novos tempos da modernidade nacional. Vejamos, enfim, a passagem:

A falta de coesão em nossa vida social não representa, assim, um fenômeno moderno. E é por isso que erram profundamente aqueles que imaginam na volta à tradição, a certa tradição, a única defesa possível contra nossa desordem. Os mandamentos e as ordenações que elaboraram esses eruditos são, em verdade, criações engenhosas do espírito, destacadas do mundo e contrárias a ele. Nossa

---

<sup>106</sup> *Idem, Ibidem*, p. 19, 20.

<sup>107</sup> GOMES JÚNIOR, Guilherme Simões. “Crítica, combate e deriva do campo literário em Alceu Amoroso Lima”, *op. cit.*, p. 126.

anarchia, nossa incapacidade de organização sólida, não representam a seu ver mais do que uma ausência da única ordem que lhes parece necessária e eficaz. Si considerarmos bem, a hierarquia que exaltam é que precisa dessa anarquia para se justificar e ganhar prestígio. E será legítimo, em todo caso, esse recurso ao passado em busca de um estímulo para melhor organização da sociedade? Não significaria, ao contrário, apenas um índice de nossa incapacidade de criar espontaneamente? As épocas realmente vivas nunca foram tradicionalistas por deliberação. [...] *O entusiasmo que pode inspirar essa grandiosa concepção hierárquica da sociedade, tal como a conheceu a Idade Média, é na realidade uma paixão de professores.*<sup>108</sup>

Um detalhe que agrega mais elementos à historicidade dessa questão é que, a partir da edição de 1948, Sérgio Buarque incorpora o advérbio “hoje” no conotadamente irônico enunciado de conclusão desse parágrafo: “O entusiasmo que pode inspirar *hoje* essa grandiosa concepção hierárquica, tal como a conheceu a Idade Média, é em realidade uma paixão de professores”.<sup>109</sup> Muito provavelmente, tal acréscimo cumpria a finalidade de reforçar o debate perene, naquele presente, com um dos intelectuais cujas diatribes e disputas travadas seguirão até o fim de suas vidas, como se pôde entrever, por exemplo, na já referida entrevista de 1981, em que o nome de Amoroso Lima é evocado em uma pergunta sobre acirramento, na década de 1930, das posições políticas entre os intelectuais e à qual o velho Holanda responde tachando o seu adversário de “conservador”. Ainda em 1948, tem-se que o paulista produz uma resenha ao livro *Primeiros Estudos*, do petropolitano, publicado pela Editora Agir, nesse mesmo ano. Sugestivamente intitulada “Universalismo e provincianismo em crítica”, intenta, por meio da publicação do seu rival, tecer, entre outras coisas, sistemáticas críticas aos alegados excessos praticados pelos adeptos do formalismo crítico naquele período. Formalismo esse que, ao assumir, segundo o resenhista, a função do campo estético somente enquanto estrita autorreferencialidade, excluindo deliberadamente

todo elemento histórico, “ambiental”, biográfico, além de limitar, com conseqüências deploráveis, o campo de observação, parte de um pressuposto redondamente falso, o pressuposto de que a obra de arte é uma espécie de aerólito independente do mundo circunstante e, de certo modo, incompatível com ele. Trata-se, em suma, de uma versão só aparentemente mais tragável da doutrina da arte pela arte.<sup>110</sup>

<sup>108</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., op. cit., p. 06, 07, 08, 09.

<sup>109</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 2ª ed., op. cit., p. 22.

<sup>110</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. “Universalismo e provincianismo em crítica”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra: estudos de crítica literária (vol. II)*, op. cit., p. 59. (originalmente publicado no *Diário de Notícias*, em 7 de novembro de 1948) Cf. versão reduzida desse texto, publicado posteriormente com título diferente e em outro jornal. Nele, Sérgio Buarque reafirma a mesma sinuosa crítica ao dogmatismo de Amoroso Lima, embora, também aí, não deixe de destacar a contribuição e a influência decisivas do autor na crítica literária brasileira: HOLLANDA, Sérgio Buarque de. “Entre a crítica e o apostolado”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra: estudos de crítica literária (vol. II)*, op. cit., p. 87-91. (originalmente publicado em *O Estado de São Paulo*, em 24 de dezembro de 1948)

Embora admitindo que Amoroso Lima não tivesse incorrido nessas “limitações que provêm de um apego estreito a miudezas formais e a outros bizantinismos”, ainda assim, assevera que tenha “padecido algumas vezes de limitações sérias”,<sup>111</sup> “enganos de perspectiva”<sup>112</sup> verificáveis no volume em que se reúnem os escritos do católico, datados dos anos 1919 e 1920. Escritos que, segundo Holanda, permitem “surpreender o autor nas hesitações e desorientações que deveriam preceder a uma tomada de posição definida” após o “abalo que iria dirigir sua inteligência para a busca de novas sendas”, quando da “crise espiritual suscitada pela guerra de 1914-8”.<sup>113</sup> A partir desse gesto, e ao citar trechos do livro resenhado, Buarque de Holanda pontua que, se no estudo acerca da “poesia positivista”, Alceu Amoroso

ainda acreditava fortemente que a dúvida e o ceticismo representam nos “espíritos superiores” uma condição para a plena realização artística, logo em seguida admite a ressalva de que nos menos fortes “se torna até desejável, como elemento de lucidez e ordem mental, a existência de criações e opiniões determinadas”. Sente-se aqui uma vontade, ainda titubeante, é certo, de conciliar com os imperativos aparentes da hora as antigas e ainda ardentes devoções. Mas a conciliação é em realidade impossível nestes termos, e vemos como, aos poucos, o crítico terá de enveredar decididamente para a negação deliberada dos antigos ideais.<sup>114</sup>

Negação tal que, menos de três anos depois, Sérgio Buarque identificará nas críticas tecidas pelo católico às correntes existencialistas, como veremos ao final do próximo capítulo desta tese. Ao tentar contrapor a essa “filosofia de crise”, como classificará o resenhista, em 1951, a agenda afirmativa do seu “‘realismo’ filosófico” de matriz tomista, explicitará a continuidade do “imenso trabalho doutrinário e apostolar que ele desenvolveu sem intervalo através de grande parte daquele período”, diz, ainda, na resenha aos *Primeiros Estudos*.<sup>115</sup> Citando excerto do livro do fluminense – e esse é o ponto que nos interessará mais de perto –, Sérgio Buarque de Holanda retoma a celeuma em torno do “construtivismo”, brevemente delineada na seção anterior: “‘Hoje – escrevia o autor, ainda em 1919 –, em torno às novas gerações há um desejo, pelo menos virtual, de ação. Ao período das atitudes de enfiamento intelectual, de requinte e de negação, sucede o ímpeto de afirmar e construir’”.<sup>116</sup> Não se mostrando vencido, mais de duas

---

<sup>111</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Universalismo e provincianismo em crítica”, *op. cit.*, p. 60.

<sup>112</sup> *Idem, Ibidem*, p. 58.

<sup>113</sup> *Idem, Ibidem*, p. 56.

<sup>114</sup> *Loc. cit.*

<sup>115</sup> *Idem, Ibidem*, p. 54.

<sup>116</sup> *Idem, Ibidem*, p. 57.



décadas depois, pela áspera réplica do ainda Tristão de Athayde às suas acusações, repisarás:

A convicção de que à “época de requinte e negação” deveria suceder o “ímpeto de afirmar e construir” é o que o conduziria, neste caso e durante longo tempo, à exacerbação do “construtivismo”, à busca de fórmulas mais ostentadamente ou mais indiscretamente “afirmadoras” e que não eram, ao cabo, mais do que uma negação de antigas, mas renitentes, negações: imagem invertida dos ídolos queimados.<sup>117</sup>

Após essa incursão pelos anos 1920, podemos pontuar que, atravessando esse período modernista do “anseio qualquer de construção”, que costura grande parte da sua crítica político-literária nessa década; passando pelos anos 1930, momento no qual se fixam as denúncias aos “artificialismos” e “exotismos” perpetrados pelos modernismos, contrapondo a esses “um humanismo brasileiro e cristão”<sup>118</sup> capaz de rejuvenescer esse momento que denomina “pós-modernista”; e chegando até 1945, fase de seu *aggiornamento*,<sup>119</sup> Alceu Amoroso Lima permanece ativo na disputa ético-política, mas também literária mantida com Sérgio Buarque de Holanda. Embora este último sempre conservasse a admiração e o respeito pelo seu adversário, nunca deixou de se contrapor à sua concepção estética imbricada a uma metafísica cristã, que, por sua vez, se coordenava a uma postura política que se arrogava liberal-democrática – a despeito de o estudioso católico ter comemorado a vitória de Franco na Espanha, rompido, em seguida, com o Estado Novo, e, tempos depois, ter se transformado num dos mais incisivos combatentes intelectuais da Ditadura civil-militar de 1964, como já brevemente pontuado.<sup>120</sup> Fator, aliás, que define Alceu Amoroso Lima como uma das mais singulares e complexas figuras do meio intelectual do século XX, e que o leva a dizer, numa irreverente entrevista concedida ao programa *Canal Livre*, em 1981: “Eu comecei velho e acabo moço. Eu comecei como bombeiro e acabo incendiário”.<sup>121</sup>

---

<sup>117</sup> *Loc. cit.*

<sup>118</sup> ATHAYDE, Tristão de. “De volta” [1936]. In: TELES, Gilberto Mendonça (org.). *Teoria, crítica e história literária*. São Paulo: Edusp, 1980, p. 383.

<sup>119</sup> CURY, Carlos Roberto Jamil. “Deslocamentos críticos”, *op. cit.*, p. 23.

<sup>120</sup> Cf. GOMES JÚNIOR, Guilherme Simões. “Crítica, combate e deriva do campo literário em Alceu Amoroso Lima”, *op. cit.*, p. 104.

<sup>121</sup> LIMA, Alceu Amoroso. “Entrevista ao *Canal Livre*”. In: *Canal Alceu Amoroso Lima Memórias*. <<https://www.youtube.com/watch?v=dy0893I0OrI&t=78s>> (consultado em 25/12/2018)

*Combates por Cairu II*

Retornemos ao debate em torno de Cairu no contexto da segunda edição de *Raízes do Brasil*. Em tom autobiográfico, já em finais da década de 1970, Alceu Amoroso Lima atesta a divisão em “três ciclos” da sua “evolução intelectual”. O primeiro diz respeito às preocupações com as “formas de expressão. E, portanto, predominantemente *literário*”. O segundo, orientado pela “preocupação com as idéias. E, portanto, predominantemente *filosófico e religioso*”. O terceiro, “dominado pela preocupação com os acontecimentos. E, portanto, predominantemente *político-social*”.<sup>122</sup> É, pois, na década de 1940 que se presencia mais acentuadamente o início do seu terceiro ciclo, e cuja pretensão liberalizante da conferência em homenagem ao Visconde de Cairu, da qual Holanda extrai a passagem que ora se reproduzirá, é peça componente do complexo compósito das trajetórias e do sempre polêmico envolvimento entre os dois intelectuais. Reproduzamos, na íntegra, a seguinte passagem, pois, embora um pouco longa, é quase que por completo citação apropriada pelo historiador na referida nota de rodapé do capítulo “Herança Rural”:

Um ponto de vista oposto ao que se exprime aqui é o defendido pelo Sr. Alceu Amoroso Lima em conferência sobre Cairú, publicada a primeiro de novembro de 1944 no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Referindo-se aos *Estudos do Bem Comum*, assim se manifesta o ilustre pensador: “Na impossibilidade de analisar devidamente essa grande obra, seja-me permitido apenas, para provar a atualidade das idéias econômicas de Cairú e, de outro lado, a sua autonomia em face de seu mestre Adam Smith, relembrar um traço essencial de sua teoria da produção econômica. Haviam os fisiocratas colocado a *terra* como elemento capital da produção. Veio Adam Smith e acentuou o elemento *trabalho*. E com o manchesterianismo, o *capital* é que passou a ser considerado o elemento básico da produção. Pois bem, o nosso grande Cairú, no seu tratado de 1819, mencionando embora a ação de cada um desses elementos, dá sobre eles a preeminência a outro fator, que só modernamente, depois da luta entre o socialismo e o liberalismo de todo o século XIX, é que viria a ser destacado – a *Inteligência*”. E acrescenta, linhas adiante: “Cairú é o precursor de Ford, de Taylor, de Stakhanoff, a um século de distância”.<sup>123</sup>

Sempre considerando a postura do seu adversário como tradicionalista e dogmática, é claro o intento de Sérgio Buarque em identificar o “atraso” de Amoroso Lima calcado no liberalismo conservador, caro, como vimos, à tradição cuja linhagem se insere José da Silva Lisboa. Em suma, Buarque de Holanda pretendia denunciar, a partir de tais expedientes, a face “antimoderna” do pensador que se dizia, “*ao mesmo tempo*, como desde então [tem] tentado ser: *católico* em religião, *tomista* em filosofia,

<sup>122</sup> LIMA, Alceu Amoroso. “Introdução”. In: \_\_\_\_\_. *Revolução Suicida*, *op. cit.*, p. 14.

<sup>123</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 2ª ed., *op. cit.*, p. 111, 112. (grifos do autor)

*democrata* em política, e *modernista* em arte”.<sup>124</sup> Voltemos, agora, nossa atenção ao detalhe textual estrategicamente engendrado pelo paulista: o trecho anteriormente citado é reprodução integral da emblemática nota incorporada, junto a todo o trecho sobre Cairu, ao livro de 1948. O recurso ao dispositivo representa um dos pontos latentes da agonística Amoroso Lima-Buarque de Holanda, aqui e acolá, em *Raízes do Brasil*, embora, como vimos, mais sub-repticiamente na edição de 1936. Ora, mesmo a quem desconhecia parte da polêmica anteriormente delineada, não passa despercebida a comprometedora associação – pela disposição da nota em meio a peremptório teor discursivo – entre autores pertencentes a duas gerações que, ao menos aparentemente, estariam apartadas por estruturas históricas distintas. Bem, até aí, não estaríamos diante de novidades, não fosse pela forma com que o autor de *Monções*, tendo em vista a postura política do pensador do século XX, “diz” da suposta cumplicidade entre o “tradicionalismo” desse e o “conservadorismo” do “nosso grande Cairú”, como o chamou Amoroso Lima. Pode-se dizer que quase não há expresso juízo valorativo direto em toda a enunciação da nota. Esse se dá no detalhe. E exatamente nesse ponto é que podemos, *mutatis mutandis*, estreitar a posição do “narrador buarquiano” àquela do autor do romance moderno, principalmente no que toca especificamente ao narrador flaubertiano. “Quando falamos de uma boa prosa”, sugere o crítico James Wood, “raramente comentamos que ela realça o detalhe expressivo e brilhante; que privilegia um alto grau de percepção visual; que mantém uma compostura não sentimental e que se abstém, qual bom criado, de comentários supérfluos”.<sup>125</sup> Prosa que, ao julgar o bem e o mal, ao procurar a verdade, ainda que sórdida, “traz em si as marcas do autor, que, embora perceptíveis, paradoxalmente não se deixam ver. Encontramos algumas dessas características em Defoe, Austen ou Balzac, mas todas juntas só em Flaubert”.<sup>126</sup> Tendo em mente, pois, o romancista francês – quando deixa, por exemplo, falar e agir livremente as personagens do boticário Homais, e do médico Charles, marido de Emma Bovary, abstendo-se de tecer comentários sobre se as ações de suas criações são boas ou ruins em si mesmas, não que elas não estejam postas –, a remição a Alceu Amoroso Lima, ao menos na nota destacada, parece aproximar-se desses mesmos procedimentos

---

<sup>124</sup> LIMA, Alceu Amoroso. “Ano zero” [1952]. In: TELES, Gilberto Mendonça (org.). *Teoria, crítica e história literária, op. cit.*, p. 403.

<sup>125</sup> WOOD, James. “Flaubert e a narrativa moderna”. In: \_\_\_\_\_. *Como funciona a ficção*. Trad. Denise Bottmann. 1ª ed. Cosac Naify Portátil. – São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 43.

<sup>126</sup> *Loc. cit.*

formais. De modo semelhante às estratégias flaubertianas de narração, o ensaísta brasileiro se abstém de afirmar que a reprodução, por parte de Amoroso Lima, da palavra inteligência revela o alegado atraso de suas ideias políticas para o Brasil do pós-Segunda Guerra. Um exemplo elucidativo da *dissimulada objetividade* da prosa flaubertiana encontra-se, ainda, no capítulo V da primeira parte de sua obra-prima. Para dizer de um traço característico que reforça a condição mediana do profissional da medicina, qual seja, o não cultivo sequer do hábito de leituras elementares, o escritor francês apenas descreve o *quadro*<sup>127</sup> que compõe o ambiente de trabalho de sua personagem:

Do outro lado do corredor estava o gabinete de Charles, pequena sala de cerca de seis metros de largura, com uma mesa, três cadeiras e uma poltrona. Os tomos do *Dicionário de Ciências Médicas, sem cortes [non coupés]*, mas cujas brochuras sofreram estragos com as vendas sucessivas por quais eles passaram, ocupavam, quase sozinhos, seis prateleiras de uma estante de abeto.<sup>128</sup>

Atendo-nos, ainda, ao recurso à ironia, percebemos que, lançando mão da expressão adjetivada “ilustre pensador” com a qual designa Amoroso Lima, e, antes, de tom cerimonioso por meio da forma de tratamento “Sr.”, o autor aventa a sua inserção ambígua nessa comunidade discursiva: se o elogio demonstra, talvez, a despeito da sempre ácida polêmica, a relação respeitosa entre os dois intelectuais, não deixa, contudo, de carregar certa conotação corrosiva. Tal como Flaubert nos faz ver mais do que suas personagens, Holanda crê, porventura, fazer-nos ver mais do que Amoroso Lima, receptor das ideias de Cairu. Outro importante elemento, tanto estilístico como político, da segunda edição de *Raízes do Brasil*, e que não poderá ser desprezado nessas reflexões, diz respeito ao recurso à colagem: todo o trecho que traz as considerações sobre o economista é importado de publicação anterior a essa edição do livro do autor. Com algumas poucas, porém representativas, modificações em sua reprodução quase integral na obra, o artigo sugestivamente intitulado “Inatualidade de Cairu”, originalmente publicado em *O Estado de São Paulo*, em 14 de março de 1946, é um índice da incessante preocupação de Buarque de Holanda com a escrita e, conseqüentemente, com o sentido a partir do qual a narrativa irá ser conduzida, tendo em vista os recursos formais mobilizados e o efeito deles na imaginação do/a leitor/leitora ideal. Veremos,

---

<sup>127</sup> AUERBACH, Erich. “La mansión De la Mole”. In: \_\_\_\_\_. *Mimesis: la representación en la literatura occidental*. Trad. I. Villanueva e E. Ímaz. Fondo de Cultura Económica: México, 1996, p. 454, 455.

<sup>128</sup> FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. La Bibliothèque électronique du Québec. Collection À tous les vents. Volume 715: version 2.0, s/d., p. 67, 68.

então, como, no artigo de imprensa, certas nuances do discurso indireto, se contrastadas com a forma como fora elaborado em torno do mesmo objeto, em *Raízes do Brasil*, confirmam as potencialidades figurativas que a própria “natureza” da forma ensaio permite. Principiemos pelo que nos parece demonstrar certo incômodo de Holanda quanto a determinadas recepções, no século XX, do autor do XIX,<sup>129</sup> cujo empenho dirige-se, segundo ele, à promoção de um retorno das ideias de Cairu e à proclamação de sua suposta atualidade naquele contexto político:

De 1935, quando se celebrou o centenário de seu nascimento [*sic*], data o prestígio excepcional que *ainda hoje* desfruta no Brasil o nome de Visconde de Cairu. Explica-se em parte esse prestígio pelo reforço inesperado que, aproximadamente há um decênio, a obra de José da Silva Lisboa pareceu dar a *certas ideias* então trazidas à tona pelo ambiente político e espiritual do país. O economista baiano era uma espécie de precursor de emergência, capaz de reabilitar e dignificar altamente essas ideias. Para os *apologistas que logo conquistou*, sua grandeza não provinha do fato de ter importado em boa hora as doutrinas de Adam Smith, tornando-se o arauto entre nós, da economia liberal, mas ao contrário, no de ter hesitado por ocasiões, em aceitar a lição do mestre com todas as suas consequências lógicas. E foi nessas hesitações que *procuraram* pressurosamente a novidade, a originalidade e, mais do que tudo, a atualidade das ideias de Cairu.<sup>130</sup>

Nessa passagem, podemos inferir traços da característica crítica sibilina da narrativa buarquiana, com a qual, mediante jogo de subentendidos – uma vez que não há exposto, em todo o trecho, nenhum termo negativo *a priori* –, estabelece cumplicidade com a/o leitora/leitor em torno da ideia que intenta deslegitimar. Ao sugerir a encarnação do atraso secular nos espíritos de alguns dos seus contemporâneos, presenciemos, ainda no artigo para o *Estado de São Paulo*, a perplexidade do historiador diante do fato de

um pensador tão respeitável como Alceu Amoroso Lima, descobr[ir] nas *vagas e mal sistematizadas* alusões de Lisboa a inteligência como fator de produção econômica, a verdadeira medida de sua importância para a época presente, ao ponto de arriscar esta

---

<sup>129</sup> Parte dessa recepção glorificadora do influente visconde começa por volta de 1935 e perdura até a década de 1970. A partir do cuidadoso mapeamento realizado por Antonio Penalves Rocha, tem-se um índice de suas curvas e tonalidades, que vão do mais moderado até o eloquente e disparatado discurso a favor do autor do XIX. Em Vilhena de Moraes, por exemplo, “a glorificação de Cairu alcançou seu ponto culminante: aqui ele apareceu como o ‘primeiro sociólogo do mundo em ação’ que, ao valorizar a inteligência em detrimento do trabalho, ‘volta-se contra Marx’, tendo sido o ‘precursor entre nós, e talvez no mundo inteiro, da teoria do valor da inteligência’. Um ano depois do trabalho de Vilhena de Moraes, Silva Lisboa era identificado como ‘precursor de Keynes, Pareto, Roosevelt, List, Marx e Engels, Elísio de Oliveira Melchior’. A última manifestação dessa louvação disparatada de Cairu foi feita por alguns escritores dos anos 1970”. ROCHA, Antonio Penalves. “Introdução”, *op. cit.*, p. 27.

<sup>130</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Inatualidade de Cairu”, *op. cit.*, p. 265.

afirmação *surpreendente*: “Cairu é o precursor de Ford, de Taylor, de Stakhanov, a um século de distância”.<sup>131</sup>

Na sentença, percebemos que, diferentemente das críticas a Cairu, em *Raízes do Brasil*, o artigo de jornal nos apresenta um Sérgio Buarque que, colocando em cena, mais uma vez, o seu companheiro de geração, intervém no debate político adotando um gesto de escrita cujas estratégias são quase que destituídas daquela expressão que plasma o ensaísmo elíptico e antiperemptório previsto, em parte, ainda, no livro de 1948. Se, dele, nos permitimos inferir algumas afinidades com recursos advindos de uma retórica ficcional, como a ironia e sua estreita relação com certo discurso indireto, no “Inatualidade de Cairu”, notamos, mais nitidamente, a tomada de partido e certo convite ao/à leitor/leitora para que se atente às condutas e aos interesses em questão no contexto discursivo. Isso posto, podemos dizer do cuidado estilístico do autor entre a consciência do caráter pragmático e fugaz da recepção de ensaio de imprensa e aquele que intrinsecamente exige da/o leitora/leitor certo esforço especulativo, no limite, de imaginação, capaz de se tornar cúmplice de uma escrita que, a todo instante, o sopra nos ouvidos que o que ali se passa é uma tentativa constante de exercício interpretativo, em que nada é dado *a priori*. No amplo espectro de sua incursão nesses variados domínios, infere-se uma espécie de inversão estilística, em que, na historiografia, o estilo é fluido, movediço, ao passo que, na crítica literária, o estilo é mais seco e direto: “Troca de registro – explicitamente ‘literário’ quando o objeto é a história social; estudadamente ‘objetivo’ quando o assunto é literatura – por si só capaz de garantir ‘indeterminações’, ‘zonas fronteiriças’, como as que tanto cultiva o escritor”.<sup>132</sup> Embora estejamos falando de um objeto específico, isto é, crítica de imprensa, não literária, pudemos, não sem certo cuidado, vislumbrar contornos semelhantes na forma de tratamento entre os distintos registros em questão. O artigo de imprensa é quase que destituído de esquemas sintáticos, entoações e colorações lexicais que nos conduzem à transmissão do discurso de outrem.<sup>133</sup> As associações de ideias, quase diretas, lineares e menos alusivas do “Inatualidade de Cairu”, são evitadas na tessitura da intriga do capítulo “Herança Rural”, de *Raízes do Brasil*, embora, lá, tensamente insinuadas. No jornal, o ensaísta antecipa a sugestiva nota por meio de trecho em que salienta a recepção

---

<sup>131</sup> *Idem, Ibidem*, p. 265, 266.

<sup>132</sup> SÜSSEKIND, Flora. “Outra Nota – Comentário ao texto ‘Nota breve sobre Sérgio crítico’, de Antônio Arnoni Prado”. In: SALOMÃO, J. (dir.). *Sérgio Buarque de Holanda*. 3ª COLÓQUIO UERJ. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 145.

<sup>133</sup> BAKHTIN, Mikhail M. “Discurso indireto, discurso direto e suas variantes”, *op. cit.*, p. 169.

representada por Amoroso Lima. Se bem compreendemos, Holanda abre o pequeno artigo aventando que o pensador católico reproduz, naquele momento político, a semanticamente conotada inteligência como uma “herança rural” no campo das ideias. A inteligência, nessa acepção, pode ser vista também como marca de historicidade emprestada de obra habilitada como sendo relevante a um suposto pensamento autônomo e original, gestado ainda na centúria anterior. Dito de outra forma, em “Inatualidade de Cairu”, se apresenta, de modo bem menos sutil, a estratégia de estabelecimento da relação íntima entre as ideias “vagas e mal sistematizadas” do Visconde de Cairu e sua reprodução pelo pensador coevo, como se estivesse a sugerir que Alceu Amoroso Lima, para retomarmos outro artigo do autor, participasse do “complexo folclore dos civilizados”, assumindo a profissão de escritor – “se assim já se pode dizer entre nós” – antes “e sobretudo como uma forma de patriciado”<sup>134</sup> do que como uma profissão tão importante como quaisquer outras.

#### *A Inteligência: do tomismo ao liberalismo conservador*

É recorrente a crítica ao neotomismo feita por Sérgio Buarque em muitos dos artigos sobre as obras de Alceu Amoroso Lima e Gilberto Freyre, ao longo dos anos 1940 e 1950. Sabe-se que o fator inteligência é tido por, Tomás de Aquino, como a mais fundamental potência para o acesso à divindade, uma vez que é por meio dela, sendo o senso do real, que se empreende a atividade intelectual para o senso do divino nos seres e nas coisas do mundo. Em suma, será somente pelo recurso à inteligência que se poderá extrair a essência das coisas e, conseqüentemente, de Deus, pois é pelo exercício reflexivo que se converte em ato o que ainda se encontra em potência. Quanto ao neotomismo, sua recepção, no Brasil, se concretiza tendo como bastião o Centro Dom Vital, fundado em 1922, por Jackson de Figueiredo e, após a sua morte, em 1928, assumido por Alceu Amoroso, nessa época recém-convertido, como vimos anteriormente, pelo próprio Figueiredo, um de seus grandes mestres e com o qual estabeleceu uma vasta e constante correspondência epistolar.<sup>135</sup> O Centro foi uma das principais entidades do laicato católico a promover o incentivo à cultura, a intervenção na política e no campo do conhecimento no século XX, e cuja linha de pensamento

---

<sup>134</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Missão e profissão”, *op. cit.*, p. 35, 36.

<sup>135</sup> Cf. LIMA, Alceu Amoroso; FIGUEIREDO, Jackson de. *Correspondência: harmonia dos contrários*. Rio de Janeiro: ABL, 1991.

pautava-se pelo dogmatismo de orientação à direita – embora, como vimos brevemente, tivesse, décadas depois, papel central, com Amoroso Lima à frente, na construção do Concílio Vaticano II, responsável por promover mudanças estruturais nas bases da Igreja no que diz respeito, entre outros, aos problemas sociais e econômicos do mundo contemporâneo. Em seu periódico de divulgação, a revista *A Ordem*, pode-se encontrar, nesse período, dezenas de referências diretas e indiretas à acepção de inteligência identificada ao tomismo. Em artigo assinado, por exemplo, pelo próprio Tristão de Athayde, no qual declara seu comprometimento em assumir a direção da revista após a morte de Jackson de Figueiredo, apresenta a nova linha editorial do seguinte modo: “*A Ordem* passa agora a ser uma revista catholica de cultura geral, visando mais a intelligencia que os acontecimentos. Pois, segundo a boa tradição do pensamento catholico, o visível é guiado pelo invisível e uma acção nos espiritos não será nunca infecundada na pratica”.<sup>136</sup> Ou, com menção direta à doutrina de Aquino: “O objecto da intelligencia não é para o thomismo uma pura representação subjectiva, mas o ser, que ella attinge, no seu primeiro acto, em toda a sua extensão e plenitude real: ens est prima conceptio intellectus.”<sup>137</sup>

Como problema mais geral, estaria a disputa entre Sérgio Buarque de Holanda e Alceu Amoroso Lima, para além do âmbito intelectual, conectada aos espaços institucionais e estruturas de poder as quais cada qual ocupava? Mais, estariam as metamorfoses pelas quais passou *Raízes do Brasil* respondendo, também, ao propósito de intervenção em contextos mais amplos? No caso, disputas que, cada qual com seus interesses, suas estratégias políticas e seus debates epistemológicos, estariam, porventura, sendo travadas entre uma eminente prática universitária e uma cultura de ensino e pesquisa – sem vínculos com instituições religiosas – a, gradativamente, se estabelecer como eixo hegemônico para a vida cultural do país, representada pela Universidade de São Paulo, e aquelas instituições vinculadas à Igreja Católica, cujo exemplo maior é, certamente, o Centro Dom Vital. Esse último, particularmente voltado para o campo da intelectualidade, por meio do que denominou uma “reação espiritualista”, buscou “não apenas responder aos desafios postos à Igreja num contexto

---

<sup>136</sup> ATHAYDE, Tristão de. “Obedecendo”. In: *A Ordem*. Rio de Janeiro. Jan./fev., 1929, p. 5, 6. Acessado no Acervo Digital da Biblioteca Nacional, em: <<http://memoria.bn.br/docreader/367729/8>>

<sup>137</sup> LEONEL FRANCA, S. J. “Caracteres fundamentaes do thomismo”. In: *A Ordem*. Rio de Janeiro. n. 3, 15 set., 1929, p. 37. Acessado no Acervo Digital da Biblioteca Nacional, em: <<http://memoria.bn.br/docreader/367729/583>>



de conflitos sociais próprios da sociedade moderna emergente nos anos 1920, como ainda influenciar as políticas do Estado para a área da educação e cultura”.<sup>138</sup> Vale salientar que o Centro abria o seu periódico, também, para a divulgação e o debate de ideias políticas. Entre os vários artigos sobre o liberalismo no Brasil e sua relação com o catolicismo,<sup>139</sup> figura o “Cairú”, de Alceu Amoroso Lima, que, como já dito, é resultado de uma conferência proferida no Salão Nobre da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, em 23 de outubro de 1936, e patrocinada pelo Ministro da Educação. Posteriormente, é publicada, no *Jornal do Comércio*, em 1º de novembro de 1944 – provavelmente era o que Holanda tinha em mãos quando redigiu o seu artigo –, e, 12 anos depois, publicada como apresentação dos *Princípios de Economia Política*, livro de José da Silva Lisboa, reeditado no ano de 1956. Um curioso detalhe: ainda que se suponha uma não intencionalidade de sua parte, Sérgio Buarque despreza um fator fundamental na caracterização, mesmo que com exageros, feita pelo católico, da noção de inteligência tomada de Cairu. Tal fator matiza ou, no limite, neutraliza a leitura segundo a qual a palavra esteja desvinculada do trabalho manual, e conotada somente como um tapa-buracos, um sema aristocrático esvaziado de fundamento prático. O elemento em questão é a racionalização – grifada pelo autor. Vejamos a passagem omitida, que, no artigo de Amoroso Lima, encontra-se localizada no núcleo do trecho apropriado pelo autor de *Raízes do Brasil*: “Basta dizer que a theoria do dominio do fator intellectual, na producção, é o nervo da mais moderna das doutrinas economicas, a ‘technocracia’ baseada na *racionalização* da economia”.<sup>140</sup> Almejava, talvez, o católico “liberal-democrata”, como se declarava, tal como o próprio Cairu e outros fizeram a

---

<sup>138</sup> BASTOS, Elide Rugai; BOTELHO, André. “Para uma sociologia dos intelectuais”. In: *Dados - Revista de Ciências Sociais*. vol. 53, n. 4, 2010, p. 902.

<sup>139</sup> Por exemplo: MENDES, Oscar. “O liberalismo no Brasil sob o ponto de vista catolico”. In: *A Ordem*. Rio de Janeiro. Ano XIII. Vol. VII. N. 23, Jan., 1932, p. 31. Um libelo contra o liberalismo em sua, segundo o autor, perspectiva desagregadora de todas as esferas da vida, política, educacional, religiosa e social. Em lugar desse, do qual situa como origem, no Brasil, a figura de Pombal, preconiza aquele da verdadeira liberdade forjada nos preceitos da Igreja Católica. E, sob pena das possíveis acusações diante da sua defesa, proclama: “Não tenhamos vergonha de ser acoimados de reacionários. A nossa reação é aquela reação do bom senso, de que fala Jackson de Figueiredo. O nosso liberalismo é o que não contemporiza com o erro. É o que não mistura os antagonismos. É o que pede para a consciencia brasileira a sua liberdade que os adversarios, em nome da liberdade de consciencia, lhe negam”. *Idem, Ibidem*, p. 45. O que se extrai dessa passagem é, porventura, uma disputa candente pelo conceito de liberalismo, bem após a “Revolução de 30” e às vésperas das eleições para a Constituinte de 1934. Acessado no Acervo Digital da Biblioteca Nacional, em: <<http://memoria.bn.br/docreader/367729/2161>>

<sup>140</sup> LIMA, Alceu Amoroso. “Cairú”. In: *A Ordem*. Rio de Janeiro. Set./out., 1936, p. 228. Acessado no Acervo Digital da Biblioteca Nacional, em: <<http://memoria.bn.br/docreader/367729/5845>>

partir de Burke,<sup>141</sup> propor uma releitura pragmática de aspectos da economia política do liberal conservador do XIX para o enfrentamento dos desafios postos pela relação capital-trabalho, em finais da década de 1930 e 1940. Seja como for, sua obra *O problema do Trabalho*, de 1947,<sup>142</sup> nos fornece um índice de que a questão passava significativamente pelas suas preocupações. Quanto à postura de Sérgio Buarque sobre releituras feitas pelo chamado liberalismo brasileiro, tem-se um depoimento-anedota da parte de Fernando Henrique Cardoso que, independentemente de seu possível grau de ficcionalização, pode nos fornecer, além da tópica do atraso, um índice do peso funcional<sup>143</sup> exercido, tempos depois, pelo autor naquele determinado campo intelectual, bem como das injunções específicas acerca da abordagem de certas tradições de pensamento no lugar institucional ao qual pertencia:

Sobre a “esquerda” e a “direita” no Brasil, há anos eu repito a frase que ouvi do historiador Sérgio Buarque de Holanda quando examinava uma tese de livre-docência sobre a política brasileira no Império. No trabalho, o autor confrontava o pensamento liberal, o conservador e o progressista. Sérgio, referindo-se a um personagem simbólico de nossos conservadores naquele período, perguntou com certa ironia ao candidato: você acredita que Bernardo Pereira de Vasconcelos lia Edmund Burke (um clássico do conservadorismo inglês, que via com maus olhos a Revolução Francesa)? Não, respondeu o próprio Sérgio, ele não era um verdadeiro conservador, não defendia ideias; ele era apenas um “atrasado”.<sup>144</sup>

Em 1958, Raymond Williams, confirmando a marca heterodoxa e inquestionavelmente erudita dos marxistas em torno da *New Left*, empreende uma abordagem a contrapelo da tradição de interpretações acerca do dito pensamento conservador em Edmund Burke, matizando-as e apresentando a complexidade do pensamento do autor de *Reflections on the Revolution in France*, bem como suas contradições num período de mudança social e temporal, pós-Revolução Francesa, no contexto da Inglaterra industrial de fins do século XVIII. Williams, portanto, mediante os discursos de Burke inscritos tanto em suas obras como em cartas, busca demonstrar como, no nível das superestruturas, engendram-se ideias que, ainda que calcadas na

---

<sup>141</sup> Cf. os já mencionados LYNCH, Christian Edward Cyril. “Conservadorismo caleidoscópico: Edmund Burke e o pensamento político do Brasil oitocentista”, *op. cit.*; e RICUPERO, Bernardo. “O conservadorismo difícil”, *op. cit.*

<sup>142</sup> Cf. LIMA, Alceu Amoroso. *O problema do trabalho (Ensaio de filosofia econômica)*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.

<sup>143</sup> BOURDIEU, Pierre. “Campo intelectual e projeto criador”, *op. cit.*, p. 126.

<sup>144</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. “O certo e o errado”. In: *O Estado de São Paulo*, 7 fev., 2016. Agradecemos ao Christian Lynch pela sugestão desse trecho durante uma conversa na ocasião de uma conferência proferida por ele, no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, sobre a recepção de Edmund Burke no Brasil.

herança da tradição e nos costumes, tomam sua força política na nova experiência prática forjada nas ocasiões de tomadas de decisão e ação. No quadrante da Inglaterra que se concebe na ponta da ideia de progresso, tendo em vista o desenvolvimento da indústria e a conseqüente reconfiguração de novas classes que surgem no bojo das relações de produção, Burke se revela dotado de uma forma de reformismo ilustrado capaz de o igualar, em certas situações, a personagens que se configuram, na prática, como verdadeiros antípodas às suas posições, como é o caso de Cobbett, um radical antijacobino, “primeiro grande tribuno do proletariado industrial”,<sup>145</sup> eleito por Williams para contrastar aquele. A despeito de suas distintas posições dentro das estruturas de poder, criaram “marcos” no pensamento social britânico responsáveis por influenciar grandes mentes das ideias radicais século XIX adentro. Burke, o prestigiado “primeiro conservador moderno”, e Cobbett, “arrastado aos tribunais e à prisão, acusado de sedição por outros herdeiros políticos de Burke”,<sup>146</sup> tinham em comum a crítica à dissolução da velha sociedade. O seu “contínuo ataque ao Utilitarismo e à filosofia propulsora do novo industrialismo”, atesta Raymond Williams, iria “produzir muitas outras estranhas filiações: Marx, por exemplo, iria atacar o capitalismo, em seus primeiros escritos, em chave muito semelhante à da linguagem de Coleridge, Burke e... Cobbett”.<sup>147</sup> Como conclui o renomado crítico, “o Utilitarismo em si teria implicações insuspeitadas, e o Liberalismo se dividiria em uma confusão de significados. Não se poderia esperar outra coisa nas primeiras fases de uma mudança tão grande”.<sup>148</sup>

A breve incursão pelo texto de Williams nos é útil no sentido de traçarmos um paralelo com as interpretações de Sérgio Buarque de Holanda, nesse seu tempo, acerca do pensamento conservador no Brasil dentro da chave do “atraso” e, talvez mais importante, a sua recepção por autores seus contemporâneos, como Alceu Amoroso Lima. Em que pese o paralelo entre autores tão distantes e as circunstâncias nas quais se postavam, não parecia cômodo, ao historiador brasileiro, em termos de estratégias institucionais, epistemológicas e, no limite, políticas, admitir abertamente a aclimação de interpretações das ideias oriundas de figuras como Burke e Cairu, e, mais ainda, sua recepção no Brasil, tal como estaria, porventura, disponível à abertura interpretativa no contexto do crítico britânico, mais ou menos, naquele mesmo período. Afinal, se

<sup>145</sup> WILLIAMS, Raymond. “Edmund Burke and William Cobbett”, *op. cit.*, p. 3.

<sup>146</sup> *Loc. cit.*

<sup>147</sup> *Idem, Ibidem*, p. 22.

<sup>148</sup> *Loc. cit.*

Raymond Williams, como um intelectual do centro, se considerava ético-politicamente um *outsider* em plena Cambridge, a ponto de escrever, nas primeiras linhas de um ensaio memorialístico dedicado àquela universidade, em 1977: “Não era minha Cambridge. Isso era claro desde o início”,<sup>149</sup> e a despeito de já gozar de certo prestígio, entre outras coisas, pela publicação desse seu aclamado *Culture and Society*, Sérgio Buarque, da periferia, encontrava-se em pleno processo de construção de uma via para a vida cultural e universitária brasileira, a qual, como facilmente se atesta, se consagra e se torna hegemônica. Além disso, num plano mais estrutural, as ideias de reforma que prezavam pela tradição e pelos legados do passado se tornavam difíceis de tomarem lastro no pensamento social das repúblicas sul-americanas século XX adentro, uma vez que os seus passados eram considerados verdadeiros anátemas passíveis de denegação por parte dos intelectuais e das classes políticas de orientação progressista. No caso específico do Brasil, além da herança colonial, o espectro da escravidão escancarava seus incômodos resíduos no âmbito das relações sociais e das instituições. Não à toa que, a partir de finais da década de 1940, a interpretação de Buarque de Holanda sobre o legado luso passará por um processo problemático de mudança de eixo; latente nas duas primeiras edições de *Raízes do Brasil*, como vimos neste e no capítulo dedicado aos combates com Freyre.

Pois bem, intentamos, neste capítulo, reconstituir parcela da outra frente agonística buarquiana, travada dessa feita com Alceu Amoroso Lima. Tivemos oportunidade de notar, tal como no capítulo anterior, a gama de estratégias textuais e discursivas, assim como formas múltiplas com as quais Sérgio Buarque de Holanda se representa no confronto com o seu rival católico, desde os tempos de afãs vanguardistas múltiplos abarcados pelo singular coletivo “modernismo”. Entre a boa e a má *Eris*, com e através de Amoroso Lima, o paulista costura as suas redes inter-relacionais de aquisição de capital social e cultural, desde as competições e rivalidades político-literárias dos anos de formação até as disputas ético-políticas da formação sociocultural, bem como os aspectos do pensamento político e econômico que a conformam. Perfiladas nos meandros das duas primeiras edições de *Raízes do Brasil*, principalmente, tais rivalidades se dotam de características um pouco distintas daquelas travadas com Freyre e o seu *Casa-grande & Senzala*. Se, na edição de 1948 do livro de estreia de

---

<sup>149</sup> WILLIAMS, Raymond. “My Cambridge”. In: HAYMAN, Ronald. *My Cambridge*. London: Robson Books, 1977, p. 55.

Buarque de Holanda, entrevê-se o mau combate se efetivar mediante a anatematização do nome do pernambucano, e, como vimos, nem tanto de suas ideias em determinadas situações, no que diz respeito ao fluminense, a sua evocação no livro se dá de forma consideravelmente mais elíptica, porém não menos intensa, se se leva em conta as vicissitudes e os aspectos espaço-temporais das redes contextuais a ele atreladas, o que se intensificará, em alguma medida, na abordagem das questões de cunho político-epistemológico, no próximo capítulo. Dedicada ao *terceiro tempo*, esta última parte do trabalho acompanhará os passos de Sérgio Buarque nas sendas do discurso disciplinar que se funda sobre a geração “precursora” das ciências sociais brasileiras, mas também adentrará uma seara pouco estudada no conjunto da vasta obra do intelectual: o debate filosófico universitário, no qual entrará em cena, novamente, o seu velho companheiro e adversário católico, já, àquela altura, renomado professor de literatura brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

*What if the harmonious education of artists  
and nobility is merely a harmonious illusion?*

Friedrich von Schlegel<sup>1</sup>

*O intelectual parece servir sem servir, fugir  
mas ficando, obedecer negando, ser fiel  
traindo. Um panorama de veras complicado.*

Antonio Candido<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> SCHLEGEL, Friedrich von. *Philosophical fragments* [1798]. Translated by Peter Firchow. Foreword by Rodolphe Gasche. Minnesota: University of Minnesota Press, 1991, p. 13.

<sup>2</sup> CANDIDO, Antonio. "Prefácio" [1979]. In: MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, *op. cit.*, p. 72.

### III. Combates pela resenha: disputas político-epistemológicas nos anos 1950 e 1960

É certamente na década de 1940 e, mais acentuadamente, na de 1950 que se presencia expressivo adensamento teórico nas análises de Sérgio Buarque de Holanda em torno do objeto literário,<sup>3</sup> o que notabiliza aquele já aludido encontro do crítico de literatura com o historiador e, entre outras coisas, redundando na arquitetura de *Visão do Paraíso*, provocando ruídos entrevistos em algumas das severas arguições feitas pelos membros da banca examinadora exatamente sobre os supostos excessos de tais artefatos na tessitura da, até então, tese de doutoramento, como ainda veremos em seção deste capítulo. Afora os artigos e as resenhas mais genéricos sobre valores estéticos, em que se presenciam as considerações sobre estilos de época, como o barroco e rococó, encontram-se outros em que o autor demonstra explícito engajamento em relação ao desenvolvimento dos campos disciplinares, como o da história, da sociologia e da filosofia. Nesse último – aliás, domínio pouco frequentado por sua fortuna crítica<sup>4</sup> –, tece pareceres, às vezes, um tanto severos e entrecortados pela característica ironia, em algumas ocasiões, a modelos e abordagens ditas ultrapassadas, que, segundo ele, contaminavam ainda as letras e as humanidades da época. Nesse quadrante, adota, como se pode observar numa sequência de outros textos de imprensa do período, certa postura crítica ao que chama genericamente de positivismo, por exemplo, na série de quatro artigos chamada “Poesia e Positivismo”.<sup>5</sup> Como não poderia deixar de ser, o

<sup>3</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Cobra de Vidro*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944.

<sup>4</sup> Nessa seara, há quem mobilize Heidegger a fim de reorientar a fortuna crítica sobre o conceito de homem cordial. Cf. DO VALLE, Ulisses. “Sérgio Buarque de Holanda leitor de Heidegger? – reflexão sobre um paradoxo do personalismo do Homem Cordial”. In: *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*. v. 8, n. 19, 3 jun., 2016. A nosso ver, tal apropriação apresenta certas fragilidades, uma vez que oscila entre a justificativa de que tal empreitada possa possibilitar uma chave de leitura heurística, a partir dos conceitos heideggerianos – se assim se pode chamá-los –, e a afirmação segundo a qual, mediante textos externos ao próprio *Raízes do Brasil*, bem como algumas poucas passagens centrais desse, Sérgio Buarque teria lido o alemão no calor do momento de escrita e reescritas do livro. Arriscamos a afirmação de que a leitura de Heidegger, pelo brasileiro, em nada impregna o livro de estreia ou qualquer outra obra do autor, sendo uma leitura tardia e secundária, muito mais a fins de se situar, como veremos, num debate e no meio intelectual filosófico, que, dentro do recorte temporal deste capítulo, estava em processo de especialização no Brasil e, mais ainda, rebater, como também veremos, o seu rival Alceu Amoroso Lima. Ademais, entre o período em que Buarque de Holanda viveu na Alemanha e a publicação da edição de 1936 de *Raízes do Brasil*, algumas análises indicam que o paulista lera fortemente filósofos – já suspeitos no imediato pós-Segunda Guerra – expurgados nas edições posteriores, como Spengler, Klages, Keyserling etc. Se há homologias que possam ser antevistas entre o brasileiro e o autor de *Ser e Tempo*, devem-se mais ao “Zeitgeist” e, em especial, à “filosofia vitalista” – *Lebensphilosophie* – em voga nos anos 1920-1930, e a qual ambos absorveram.

<sup>5</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Poesia e Positivismo” (I, II, III, IV). In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra: estudos de crítica literária (vol. II)*, op. cit., p. 409-428. (originalmente

crítico da cordialidade não poupa, em alguns desses pequenos artigos, o velho *personalismo* que, como sugere, assola mesmo o lugar institucional do escritor e da crítica, com os seus *paroquialismos* e outras idiosincrasias típicas de sociedades cuja esfera pública se vê comprometida pela hipertrofia da esfera privada. É o que se infere, por exemplo, nos já mencionados “Missão e profissão” e “Universalismo e provincianismo em crítica”, texto esse com o qual, como observado no capítulo anterior, provoca o seu eterno adversário Alceu Amoroso Lima e aquece, mais de 20 anos depois, as celeumas em torno da noção de “construtivismo” mobilizada pelos mais diversos segmentos dos modernismos em disputa. No extenso segundo volume de *O Espírito e a Letra*, coletânea publicada em 1996 e dedicada às produções das décadas de 1940 e 1950, presencia-se, também, eruditas considerações e intenso diálogo com a tradição literária ocidental, além de ríspidos pareceres sobre o que considerava os exageros e vícios cometidos pela recepção restrita do *New criticism* no Brasil, bem como a sua coincidência com o empenho formalista no meio letrado da chamada “geração de 45”. Nesse sentido, vislumbram-se tais exames na série de nome “Hermetismo e crítica”,<sup>6</sup> de 1951, por exemplo, e na crônica “Linguagem poética”,<sup>7</sup> de 1952. Dessa aparição relativamente tardia do vasto legado de crítica literária do ensaísta, pode-se conjecturar que, em virtude da defesa da memória do “Sérgio Buarque de Holanda, historiador”, estabilizada e espreada para análises posteriores ao texto de Maria Odila “enquanto matriz fundadora de sua fortuna crítica”, acabou-se por “eclipsar outras perspectivas de memória e de exame da múltipla obra buarqueana”.<sup>8</sup> Porém, a despeito de ser essa, “sem dúvida, ainda hoje, e não sem legítimo e até evidente fundamento, a visão predominante sobre Buarque de Holanda”,<sup>9</sup> a publicação da referida compilação contribuiu para que, anos depois, alguns estudos levassem a cabo o encontro do crítico com o historiador, aproveitando-se substancialmente das crônicas a fins de recuperar esse período até

---

publicados no *Diário Carioca*, respectivamente, em 22 de julho, 29 de julho, 5 de agosto e 11 de novembro de 1951)

<sup>6</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Hermetismo e crítica” (I, II e Conclusão). In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra: estudos de crítica literária (vol. II)*, op. cit., p. 374-388. (originalmente publicados no *Diário Carioca*, respectivamente, em 6 de maio, 13 de maio e 20 de maio de 1951)

<sup>7</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Linguagem poética”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra: estudos de crítica literária (vol. II)*, op. cit., p. 572-578. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 14 de dezembro de 1952)

<sup>8</sup> CARVALHO, Raphael Guilherme de. “Da escrita de si à construção da memória de Sérgio Buarque de Holanda”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda, do mesmo ao outro: escrita de si e memória (1969-1986)*, op. cit., p. 285.

<sup>9</sup> *Loc. cit.*



então pouco explorado da produção do autor. Dos escritos compreendidos entre as décadas de 1920 e 1930, até o ano de 1946, delineou-se a trajetória intelectual e política de Holanda, sugerindo nexos entre a sua produção estritamente literária e jornalística e aquela da formação historiadora, visto que, já na segunda metade da década de 1940, o intelectual encontra-se notadamente inserido nas instituições tanto como professor universitário quanto como editor e administrador.<sup>10</sup>

A década de 1950 será, certamente, o ponto culminante do período em que Sérgio Buarque de Holanda se imporá a tarefa – ainda que, em muitas ocasiões, não declarada – de estabelecer, por meio de um, digamos, discurso historiográfico de segunda ordem – ou seja, aquele com o qual, fora da operação historiográfica propriamente dita, empreenderá um conjunto de significantes e imagens que se reproduzirá com certa regularidade em muitas das resenhas e dos textos em geral voltados para a imprensa – uma determinada gramática a partir da qual se manifestará a sua militância em prol de uma história enredada desde problemas do presente, bem aos moldes e à moda do que se empreendia na parte oriental dos Pirineus, com a chamada Escola dos *Annales*. Atento, principalmente, às iniciativas da dita “primeira geração”, capitaneadas pelos fundadores Lucien Febvre e Marc Bloch, o autor encampará, como veremos, uma série de escritos que versam sobre o “programa de inovação” levado a cabo pelos franceses em torno da aclamada revista, bem como a agenda da “história problema”. Uma das imagens, por exemplo, a perfilar com certa recorrência tais escritos é a que toca à máxima de Goethe, como já brevemente considerada em capítulo anterior e, mais adiante, retomada neste. O uso dela, com efeito, se dará como uma espécie de tópica, fio condutor ético-político e institucional mobilizado a fins de dar unidade identitária ao campo que se queria hegemônico na constituição de um saber disciplinar, bem como nortear as operações que, naquele momento, deveriam definir o profissional da disciplina cuja alçada irredutível era o se debruçar sobre ações dos homens no tempo, de acordo com famoso jargão dos próprios adeptos dos *Annales*. Ao privilegiar sistematicamente os espaços desses periódicos semanais, com os quais abrirá uma intervenção de caráter público à finalidade de divulgar tais novos parâmetros do campo historiográfico, Sérgio Buarque, entre o que foi dito acima, assumirá determinadas *personae* que, como memórias destinadas à autorrepresentação e consequente

---

<sup>10</sup> Cf. CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. *Outros Lados: Sérgio Buarque de Holanda, Crítica Literária, História e Política*, op. cit..

preparação de sua recepção,<sup>11</sup> contribuirão, ainda, para “configurar a identidade de historiador – naquele espaço [...] entre a história que o historiador produz e a história que o faz historiador”.<sup>12</sup>

Se os dois capítulos anteriores priorizaram as duas primeiras edições de *Raízes do Brasil* como fonte pela qual perpassa, ora flagrantemente, ora latentemente, a historicidade da agonística travada com Gilberto Freyre e Alceu Amoroso Lima, entre os anos 1930 e 1940, deixaremos, agora, em parte, esse livro “meio ‘alemão’”,<sup>13</sup> mas muito brasileiro, para adentrarmos, portanto, como níveis contextuais, tais resenhas e artigos de variada ordem que nos demonstrarão o quanto os dois autores eram caros a Sérgio Buarque de Holanda; verdadeiros pares antitéticos incontornáveis e complementares a assumir a figura de “gênios que se estimulam mutuamente para a ação, assim como se mantêm mutuamente nos limites da medida”,<sup>14</sup> para recuperarmos Nietzsche na introdução deste trabalho. Com o intuito de reforçar e ampliar o escopo desse terceiro tempo relativo às disputas de caráter político-epistemológico travadas pelo paulista, selecionaremos, além das fontes cujos enunciados foram destinados diretamente aos autores paradigmaticamente eleitos neste estudo, uma série de textos dirigidos a outros autores e suas obras. Esses vêm a calhar no sentido de elucidar parte da extensa rede de interlocução construída por Buarque de Holanda, além de revelar o modo como a sequência de assuntos e temas nela perfilados: cobertura de eventos, empreendimentos institucionais e editoriais, assim como debates sobre teoria do conhecimento, propriamente dita, dota-se de relativa unidade, que condensa semanticamente suas preocupações acerca do programa historiográfico que se queria solidificar, mas, também, daqueles relativos a outras áreas do âmbito das humanidades e das ciências sociais universitárias, tais como a sociologia e a filosofia.

Já engajado em chave política progressista, entrevista nas estratégias de mudança de eixo do texto da primeira para a segunda edição de *Raízes do Brasil*,<sup>15</sup> e donde se

<sup>11</sup> COSTA LIMA, Luiz. “Persona e Sujeito Ficcional”, *op. cit.*, p. 55.

<sup>12</sup> CARVALHO, Raphael Guilherme de. “Em torno da concepção de história de Sérgio Buarque de Holanda”. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Brasil, n. 70, ago., 2018, p. 313.

<sup>13</sup> CANDIDO, Antonio. “Introdução”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*, *op. cit.*, p. 123.

<sup>14</sup> NIETZSCHE, Friedrich. “A disputa de Homero”, *op. cit.*, p. 29.

<sup>15</sup> Cf. EUGÊNIO, João Kennedy. “Uma atenuação plausível: o organicismo em *Raízes do Brasil*, 1948”, *op. cit.*; WAIZBORT, Leopoldo. “O mal-entendido da democracia”, *op. cit.*; e FELDMAN, Luiz. “Um clássico por

infere, outrossim, índices – sob variados e desnivelados planos resultantes do expediente de alteração do texto – de uma reorientação temporal via concepção de história erigida a partir de problemas do presente,<sup>16</sup> Sérgio Buarque de Holanda, desse momento em diante, passa a inscrever com mais intensidade os seus antigos pares de combates numa permanente e condensada semântica cujas peças culminam na noção geral do atraso – já disponível, como vimos, na ordem ético-política da edição de 1948 do ensaio. Mediante uma série de significantes bélicos articulados nesses textos de imprensa, tais como *paroquialismo*, *patriciado*, *nostálgico*, *conservadorismo*, *particularismo*, *exclusivismo*, *impressionismo*, *dogmatismo*, *tomismo* e *positivismo*, vinculados doravante a uma perspectiva que pende mais fortemente para a ordem do discurso político-epistemológico, o autor trava o seu combate na esfera do poder simbólico e, entre outras coisas, agrega novos pesos funcionais à sua identidade, assim como às lutas no campo disciplinar que se almejava especializar e profissionalizar.

No campo das estratégias discursivas e textuais, portanto, veremos como Sérgio Buarque se arma, em algumas situações, de uma espécie de *persona* que se quer dotada de certo distanciamento crítico quanto ao objeto visado, porém, ao mesmo tempo, impondo-se como nome próprio portador incontestado das credenciais aptas aos assuntos epistemológicos do campo das humanidades e das ciências sociais. Além das searas sociológicas e historiográficas, propriamente ditas, presenciaremos a intervenção do autor de *Cobra de Vidro* naquela relativa à produção filosófica. Em nível mais institucional, comentará parte dos trabalhos resultantes do Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia, sediado na Universidade de São Paulo, no ano de 1950. Aí, o crítico não se deixa disfarçar em seu descontentamento ao que irá julgar uma “imaturidade alarmante” – expressão na qual insistirá, aqui e acolá, em quase todos os textos – no trato das ideias filosóficas “entre nós”. Entre essa série de artigos de 1951, publicados no *Diário Carioca* e estritamente dedicados à empresa filosófica, e com os quais Buarque de Holanda revisa teses, avalia, se contrapõe, aponta para contradições, reconhece méritos e avanços pontuais, não deixando, contudo, de demonstrar explícito

---

amadurecimento: *Raízes do Brasil*, *op. cit.*; e MATA, Sérgio da. “Tentativas de desmitologia: a revolução conservadora em *Raízes do Brasil*”, *op. cit.*

<sup>16</sup> Cf. NICODEMO, Thiago Lima. “Os planos de historicidade na interpretação do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda”. In: *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*. V. 7, n. 14, 3 set., 2013, p. 44-61; e SANCHES, Dalton. “*Raízes do Brasil*: a passadidade do 'passado agrário' como 'herança rural'”, *op. cit.*

incômodo com o que se lhe apresentava como certo “paroquialismo”, encontram-se, emblematicamente, as considerações a propósito do livro de Amoroso Lima sobre o existencialismo.<sup>17</sup> Em meio, portanto, aos significantes bélicos mobilizados pelo paulista, estará a velha crítica ao dito dogmatismo do intelectual católico.

Na alçada da sociologia, ao compor a linha de frente do batalhão que se estabelecia como matriz disciplinar de distinta ordem, capitaneado por Florestan Fernandes e continuado, entre outros, por Octavio Ianni e Fernando Henrique Cardoso, Sérgio Buarque de Holanda extrapola os domínios da história e, em conformidade com a ordem do discurso que se queria fundar sobre a geração “precursora” das ciências sociais nacionais, encampa o seu expediente de desautorização do ensaísmo. A seção dedicada a esse tema será oportuna no sentido de ressaltar outros componentes estratégicos desse processo de sedimentação da identidade intelectual e memória disciplinar posto em curso pelo autor. Por meio da chave cifrada que orienta as acusações de impressionismo nos escritos de seus oponentes, o ensaísta incrementa significantes em seu arsenal como modo de atingir elementos relativos ao gênero de escrita doravante suspeito como legítimo à representação do social, mas também como meio de mirar, implicitamente, questões de contornos geopolítico-institucionais na interlocução com Gilberto Freyre, principalmente. Por fim, se as injunções mais enérgicas ao ensaio como forma vinham do campo sociológico que se impunha como modelo, na ocasião de uma palestra proferida aos estudantes de história da Universidade de São Paulo, já em finais da década de 1960, em cujo tema orbitavam considerações sobre a “História”, vê-se o “Mestre em Sociologia, perdão em Ciências Sociais”,<sup>18</sup> e professor da Escola Livre de Sociologia e Política entre os anos de 1954 e 1956, se postar numa estratégica zona indecisa face à qualificação de sociólogo que, vez ou outra, lhe atribuíam.

---

<sup>17</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Tendências filosóficas”; “Existencialismo”; “Ainda o existencialismo”; “Em torno de um congresso”; “Ainda um congresso” e “História e natureza”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*, *op. cit.*, p. 57-89.

<sup>18</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “‘História’, palestra de Sérgio Buarque de Holanda no Centro de Estudos Históricos Afonso Taunay, Universidade de São Paulo (CEHAT/USP) (1967-1969)”. In: CARVALHO, Raphael Guilherme de. “Em torno da concepção de história de Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*, p. 316.

*Combates (pela resenha) pela história*<sup>19</sup>

Em crônica intitulada “Do mirante do padre Cardim”, publicada no *Diário de Notícias*, em 12 de fevereiro de 1950, Sérgio Buarque parece pretender situar num lugar reservado ao saudosismo e à nostalgia de uma cidade um prefácio escrito por Gilberto Freyre para o guia histórico do Rio de Janeiro, traçado por Gastão Cruls e chamado *Aparência do Rio de Janeiro*, de 1949. Segundo os argumentos do paulista, o *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*, publicado pelo pernambucano, em 1934, e mencionado no prefácio, não consegue ultrapassar o mero gosto pelo corriqueiro e pitoresco da velha cidade pernambucana, ficando, assim, aquém do livro prefaciado. Composto por mais de 600 páginas, atesta Holanda, *Aparência do Rio de Janeiro* é completo tanto na visada histórica da velha cidade do Rio, como ainda nos aspectos “sentimentais” da contemporânea e até então capital do país, como pontos turísticos, bares, restaurantes etc. Se nos deixarmos levar pelas impressões do autor de *Caminhos e Fronteiras*, notaremos que elas se configuram tendo em conta a trinca política-historicidade-interpretação, na qual perfilam detalhes, notas, paratextos etc., a fins de intensificar e dotar de materialidade a sua concepção de história a partir do presente, ou seja, aquela em que se “confere maior dinâmica no tempo presente como verdadeiro manancial de sentido da história, de onde parte o problema e para onde retorna o historiador em uma dialógica compreensiva entre os tempos”.<sup>20</sup> Vejamos trecho em que, ao evocar elogiosamente a iniciativa do insuspeito Manuel Bandeira – “um como que nosso tio intelectual”,<sup>21</sup> dizia Freyre em capítulo anterior – em seu guia de Ouro Preto, intenta-se, mediante contraponto, imputar ao autor de *Sobrados e Mucambos* uma perspectiva acentuadamente subjetiva. Essa, parece sugerir Holanda, o impedia de ultrapassar o seu particular rumo a uma visada que, além de “mais exata” e, de fato, “mais ‘prática’”, tal qual o propósito de um guia dessa natureza, fosse mais abrangente dos aspectos destinados às finalidades da edição considerada. Outro ângulo que merece nota em meio ao teor da crítica tecida pelo ensaísta paulista, nessa resenha, é o que toca à acusação, ora subentendida, ora declarada, como inferiremos em seção, de excesso de

<sup>19</sup> A alusão, evidentemente, é ao livro de FEBVRE, Lucien. *Combats pour l'histoire* [1952]. Paris: Armand Colin, 1992.

<sup>20</sup> CARVALHO, Raphael Guilherme de. “Em torno da concepção de história de Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*, p. 313.

<sup>21</sup> FREYRE, Gilberto. “Sergio, mestre de mestres”, *op. cit.*, p. 117.

imaginação da parte do ensaísta pernambucano na maneira de configurar a matéria histórica:

É interessante como foi precisamente Manuel Bandeira, quando lhe sucedeu empreender tentativa comparável às de Gilberto Freyre e a esta *Aparência do Rio de Janeiro*, quem mais estritamente do que os outros cuidou em atender à curiosidade normal do turista, despreocupando-se de ensinar-lhe seus próprios gostos e vontades. Talvez porque, *faltando-lhe necessariamente o “amor endogâmico” que sempre há de associar a alguma lembrança de meninice e realçar, sem querer, esse ou aquele espetáculo*, foi levado a considerar todos eles com o mesmo cuidado, de maneira que ficou sendo o mais exato e prestimoso dos cicerones. Ou, talvez melhor, porque em Ouro Preto a poesia permanece tão presente e viva nas aparências cotidianas que querer sublinhá-la é cair numa espécie de redundância.<sup>22</sup>

Como recurso à recorrente ironia expandida e cifrada na crítica aos escritos de seus interlocutores e oponentes intelectuais, lança mão, dessa feita, do semelhante guia traçado pelo, também recifense, autor de *Libertinagem*, a fim de reforçar, contrapontisticamente, o apego de Gilberto Freyre pelo exagero do tom subjetivo e pelo peso dado à “cor local”, cuja proeza ultrapassara até mesmo aquela – sob licença – de um poeta. Eis a estratégia discursiva do autor:

O fato é que de todos esses guias práticos, históricos e sentimentais é o de Manuel Bandeira incomparavelmente o mais “prático” e o menos sentimental ou, se quiserem, o menos poético. Assim, por exemplo, o último capítulo de seu livro é simplesmente a enumeração seca e sem comentários de “várias informações” úteis ao forasteiro, fechada com a clássica lista dos restaurantes. Pormenores semelhantes também não há de faltar nos guias de Gilberto Freyre, *uma vez, é claro, que os restaurantes em apreço se tornem recomendáveis por uma especialidade da terra ou um traço de cor local*. A casa da Preta Rosa, em Olinda, com seu “doce de amor” ou o antigo Dudu do Recife, com a gaiola de papagaio ou passarinho.<sup>23</sup>

Após ter dado relevo à apresentação do *Aparência do Rio de Janeiro* pelo seu velho rival, atentemo-nos para a drástica diferença de tratamento dispensado à abordagem do guia de Gastão Cruls, propriamente dito. A mensagem cifrada parece nos guiar para a sugestão segundo a qual haveria um déficit entre o prefácio e o objeto prefaciado. É somente nesse que, a julgar pela resenha de Sérgio Buarque, vislumbra-se abordagem historicamente estruturada sobre estratos temporais que marcariam toda a mudança ou as permanências na malha topográfica e cultural da cidade, e, como se insinua, destituída das tentações localistas, particularistas e pitorescas verificadas na sua apresentação:

<sup>22</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Do mirante do padre Cardim”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*, op. cit., p. 4. (originalmente publicado no *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, em 12 de fevereiro de 1950)

<sup>23</sup> *Idem, Ibidem*, p. 4, 5.

Quanto a Gastão Cruls, este ousa muito menos descer a essas particularidades. E ao leitor que porventura tenha dúvidas sobre seu verdadeiro propósito, não deixa ele de advertir expressamente que o livro não quer ser “um baedecker, que o turista folheará diante do obelisco da avenida ou sobre a mesa de um bar à procura de restaurantes”. É que o próprio mirante ideal, de onde ele vê e mostra o espetáculo da sua cidade, não deixa esquadrihar tais minúcias. Quem floreie esse livro em busca do *simples pormenor pitoresco e colorido, do episódio apenas anedótico e peculiar, ficará muito provavelmente decepcionado*. Os aspectos parciais engrenam entre si para dar um quadro de conjunto, que temos de percorrer na sua ordem natural, como se assistisse ao desenrolar de um filme. *A perspectiva resultante é sobretudo histórica*, e não admira se entre as seiscentas e tantas páginas que abrange a obra, ao menos dois terços são devotados ao Rio de Janeiro de ontem.<sup>24</sup>

Encerrada essa passagem, Sérgio Buarque de Holanda nos oferece detalhadas paráfrases da, segundo o próprio, rica reconstituição do Rio seiscentista e setecentista realizada por Cruls, como se deixasse implícito ao/à leitor/leitora que o seu conhecimento acerca da, à época, capital nacional é tão acurado e erudito quanto o do autor daquela *Aparência do Rio de Janeiro*. Significativo também é que, ao tomar de empréstimo a palheta de cores que usa Gastão Cruls no delineamento da malha urbana da antiga cidade, o historiador não deixa de aventar a famosa “metodologia dos contrários” que já se disse presidir toda a narrativa de *Raízes do Brasil*. A descrição dos estilos de construção e arquitetura das cidades entre portugueses e espanhóis, trazida por um dos mais célebres capítulos a partir da segunda edição do seu ensaio, “O semeador e o ladrilhador”, parece insinuar-se em poslúdio na resenha, porém recuada das generalizações do livro de estreia, ao ressaltar que o traço do ladrilho sob a medida racional, ainda que sob custoso processo modernizador, não estava distante, em certa medida, de cidades como o Rio de Janeiro:

A narrativa que nos fez o autor da expansão do Rio seiscentista e mesmo setecentista é a história de uma luta incessante contra as águas. Só uma sequência de aterros parciais e, sobretudo, a construção da Vala (Rua Uruguaiana) e depois do Cano (Rua 7 de Setembro) para escoamento de brejos e alagadiços assegurarão enfim o *definitivo triunfo da planície sobre o morro*.<sup>25</sup>

A tonalidade, pois, que parece sustentar pontos fundamentais da crítica de Buarque de Holanda ao *Aparência do Rio de Janeiro* é, mais uma vez, a que se refere à historicidade, que, considerada sob nota elogiosa no trabalho de Gastão Cruls, serve de contraponto para acusar as semitonadas nas quais supostamente incorre Gilberto Freyre no prefácio. Porém, como atesta o jogo de subentendidos trazido pela conclusão,

---

<sup>24</sup> *Idem, Ibidem*, p. 5.

<sup>25</sup> *Idem, Ibidem*, p. 6.

que reproduziremos logo após o excerto abaixo, é irresistível não perceber, em todo o argumento, uma tentativa de apontar, em Freyre, o pecado da a-historicidade e do apego, como já dito, ao particularismo em seus escritos:

Mesmo diante da realidade atual e cotidiana Gastão Cruls não abandona, entretanto, a perspectiva histórica. E para o leitor que o acompanhou em seu itinerário no espaço e no tempo, o asfalto do Largo da Carioca acabará confundindo nas águas da Lagoa Grande, assim como os guarda-sóis coloridos de Copacabana acabarão evocando a imagem longínqua dos espinheiros de Sacopenopã. *Essa presença contínua do passado na vida do presente* é dos aspectos distintivos do livro de Gastão Cruls, mesmo se o compararmos às obras que a princípio lhe terão servido de modelo ou de estímulo.<sup>26</sup>

E conclui com mais uma provável diatribe endereçada a Freyre: “O importante, entretanto, é que aqui os acontecimentos do passado não são, em nenhum momento, retorcidos para lisonjear o amor do pitoresco ou do romanesco, esses adversários constantes da verdade histórica e às vezes do simples bom gosto”.<sup>27</sup> Eis, portanto, o que de acusação de excesso de ficcionalização na prática ensaística do seu opositor se converterá em denúncia de impressionismo. Tal texto, vale ressaltar, é mais uma peça do quadro que compõe o conjunto daqueles escritos situados nessa soleira da segunda metade do século XX, que trazem a marca da militância do autor em prol da “verdade histórica” sob o domínio da historiografia universitária, e tem como móvel condensador esse complexo de significantes, tais como os perfilados nas passagens acima e, na ocasião, dirigidos a Freyre. Nesse sentido, talvez o objeto seja menos o livro esquadrihado por Holanda do que a crítica que pudesse ser desenvolvida a partir do prefácio de Gilberto Freyre. Mediante dupla estratégia, ao inserir o pernambucano nessa nova chave crítica de cunho progressista e de reorientação epistemológica, buscava atingir o seu rival intelectual e político, ao mesmo tempo em que pavimentava ainda mais uma via, entre outras, para o almejado patamar profissionalizante do ofício do historiador; além de, mediante representação antitética, reforçar a construção de sua identidade e memória intelectual. Nesse sentido, a já mencionada resenha “Apologia da História” é um dos textos epicentrais da tomada de posição de Sérgio Buarque de Holanda pela dita “história problema”. Já bastante visitado por parcela da recente fortuna crítica sobre o autor,<sup>28</sup> esse pequeno artigo explicita a filiação, ainda que sempre

<sup>26</sup> *Idem, Ibidem*, p. 7.

<sup>27</sup> *Idem, Ibidem*, p. 8.

<sup>28</sup> Cf., entre outros, NICODEMO, Thiago Lima. “Modernidade, Semântica do Tempo e História da Historiografia”. In: \_\_\_\_\_. *Urdidura do Vivido*, *op. cit.*, p. 34-42; NICODEMO, Thiago Lima. “Os planos de historicidade na interpretação do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*, p. 50 e seg.; CARVALHO,



ponderada e crítica, do autor pelo programa teórico-metodológico posto em curso pela “primeira geração” daqueles historiadores concentrados em torno da produção que culmina na *Revista dos Annales*.

### *Combates por Sérgio Buarque II*

Se por todo esse programa de compleição do propalado novo modelo historiográfico universitário perpassava uma clara intencionalidade por parte do paulista, podemos dizer que ela se concentra no expediente de compassar a produção brasileira – no caso, a obra de José Honório Rodrigues – com o que de mais alegadamente *up-to-date* estava disponível na esfera global da historiografia contemporânea. Ao lado de tal empreitada, estava, ainda, a tentativa de expor ao público a refundação de um novo paradigma de abordagem da história nacional, não mais aprisionado ao que Buarque de Holanda denomina “fetichismo do fato”, bem como a uma rejeição à teoria. Ao contrário, seria exatamente essa a via possível e plausível de, mediante a problematização dos próprios pressupostos epistemológicos do *métier*, nos desembaraçarmos do passado, como preconizado pela máxima goetheana por ele insistentemente evocada; ou melhor, nos desembaraçarmos das escolhas deliberadas e seletivas, pinçadas de passados que fundam e refundam em palimpsestos as mitologias culturais, sociais e políticas da nação. Não à toa que o livro brasileiro por ele evocado e timbrado pelo crivo da famosa escola francesa é o *Teoria da História do Brasil*, de Honório Rodrigues, seu ex-assistente no Instituto Nacional do Livro, diga-se a propósito.<sup>29</sup> Não menos importante, contudo, é o fato de o autor de *Monções* se colocar – embora por meio de um pretense distanciamento crítico – como a autoridade propulsora desse movimento de modernização dos estudos históricos no Brasil de 1950. Ao se inscrever e ao seu programa nesse amplo e coletivo processo, se consagraria mesmo como um dos signos dessa memória disciplinar que dinamicamente elegeira, selecionaria e, no limite, interditaria o que não fosse passível de figurar na constituição

---

Raphael Guilherme de. “A vocação de historiador e seus lugares”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda, do mesmo ao outro: escrita de si e memória (1969-1986)*, op. cit., p. 123 e seg.; e CARVALHO, Raphael Guilherme de. “Em torno da concepção de história de Sérgio Buarque de Holanda”, op. cit.

<sup>29</sup> Para um detalhado estudo acerca do programa arquitetado, nesse período, por José Honório Rodrigues, articulado à sua concepção de história, e donde, em consonância orgânica com o empreendimento de Sérgio Buarque de Holanda, inscrevia a si e ao seu programa na propalada “nova etapa a inaugurar um novo capítulo na história da História no Brasil”, cf. FREIXO, Andre de Lemos. *A arquitetura do novo: ciência e história da História do Brasil em José Honório Rodrigues*. Tese de doutorado em História. Rio de Janeiro: UFRJ/IH/PPGHIS, 2012.

daquele espaço que arrogaria para si a competência pela investigação e produção de saberes sobre o passado.<sup>30</sup> Em outras palavras, o paulista tecia a sua própria rede cujos pontos consistiam na feitura de sua biografia intelectual, selecionando e controlando, também, os seus próprios passados para a construção de sua identidade, tanto no presente em que se processavam as ações quanto para a posteridade. Nesse sentido, vale fixar um íntimo depoimento do amigo Francisco de Assis Barbosa, a partir do qual atesta o extremo desconforto do historiador pelo fato de um seu colega e companheiro na Academia Paulista de Letras ter publicado, à revelia, os seus escritos de juventude:

Mostrou-se mesmo magoado, pelo menos não deixou de manifestar certo enfado quando Leonardo Arroyo imbuído das melhores intenções, supondo até que lhe estava prestando reverente homenagem, reproduziu diversas crônicas da seção “Literatura nos Estados” de *O Mundo Literário*, de 1923, comentando-as na *Revista do Arquivo Municipal*. Essa exumação arqueológica desagradou a Sérgio, com surpresa para Arroyo. Ambos se respeitavam por uma mútua admiração. Pesquisador probo e competente, homem afável e sensível, é possível que desistisse de publicar o trabalho, por sinal interessante, se pudesse imaginar que ia causar um aborrecimento ao confrade ilustre [...].<sup>31</sup>

Cabe ressaltar que essa organização, da qual se extrai o excerto, converge para o reforço da memória intelectual e do legado do historiador nos anos 1980, na medida em que traz especificamente textos da fase do jovem Sérgio Buarque crítico literário e contribui para a ampliação do escopo de fontes, até então inéditas, compreendidas no terreno ainda relativamente pouco explorado do período anterior ao ano de 1936. Muito da inexistência, até aquele momento, desses trabalhos dos anos de formação reunidos em livro se dá, como visto, em virtude da tentativa do autor para contê-los energicamente. A partir da década de 1980, então, e principalmente após a morte do intelectual, iniciam-se, de modo razoavelmente contínuo, os estudos e as coletâneas acerca da sua produção, além de eventos no âmbito da universidade, como o *3º Colóquio Uerj*, um grande encontro realizado em 1992, dedicado à obra do historiador. Afora os amigos diletos, como o próprio Candido, o encontro, transformado em livro posteriormente, contou com alguns conferencistas que, de algum modo, foram pessoalmente próximos ao paulista: Antonio Arnoni Prado, Fernando Novais, Flora

<sup>30</sup> “O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *auctoritas*, que ele lhe confia pondo nele a sua confiança”. BOURDIEU, Pierre. “A representação política”. In: \_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand Brasil, 1989, p. 188.

<sup>31</sup> BARBOSA, Francisco de Assis. “Introdução”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*, op. cit., p. 12, 13.

Süssekind, Francisco Iglesias, Luiz Antonio de Castro Santos e Antonio Carlos Peixoto.<sup>32</sup> Eis, então, o princípio das abordagens laudatórias que, por meio de múltiplas estratégias, dedicam-se, de certo modo, à defesa e à divulgação da magnitude e singularidade do legado da obra buarquiiana.

Ainda na toada das obras póstumas, responsáveis, em certa medida, por sedimentar a memória intelectual do autor de *Visão do Paraíso*, deve-se dar relevo ao *Sérgio Buarque de Holanda: Vida e Obra*, de 1988. Colaboração coletiva que tem como carro-chefe o texto de Francisco de Assis Barbosa, “Os verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda” – tradução, aliás, em língua portuguesa do prólogo de *Visión del Paraíso*, edição venezuelana do livro de 1959 –, que passa a limpo os anos de formação do crítico até *Raízes do Brasil*.<sup>33</sup> Também nesse livro encontra-se contribuição de Maria Odila da Silva Dias, já mencionada em capítulo anterior e na qual afirma, entre outras coisas, que, dos vários procedimentos formais adotados pelo historiador, a partir de sua “busca de um equilíbrio difícil entre a palavra e os conceitos”,<sup>34</sup> o mais instigante diz respeito ao efeito provocado pelo emprego de certas expressões e vocabulários já em desuso, inscritos nos documentos do período colonial,<sup>35</sup> instaurando, com isso, performances discursivas que aproximam o historiador e crítico literário da posição do narrador de romance moderno. Além de tal abordagem, Odila, a fim de sugerir o lugar de vanguarda e o andar *pari passu* do brasileiro em relação ao desenvolvimento das ciências humanas no exterior, estabelece diálogos entre ele e autores vinculados a linhas interpretativas da hermenêutica contemporânea, como Hans Georg Gadamer e outros.<sup>36</sup>

Dois anos após a publicação daquela antologia organizada por Maria Odila para a Coleção Grandes Cientistas Sociais, vem a lume pequeno artigo de George Avelino Filho, no qual se sentem os impactos do prefácio de Candido. Ao antecipar muitos dos pontos que virão, dois anos depois, na apresentação feita por Francisco de Assis Barbosa ao *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*, procura estabelecer parâmetros entre a fase do jovem modernista e a de *Raízes do Brasil*, sugerindo que essa deva ser vista menos como “uma obra de transição, onde o historiador e pesquisador sistemático ainda não

<sup>32</sup> Cf. SALOMÃO, Jayme (dir.). *Sérgio Buarque de Holanda*. 3<sup>o</sup> COLÓQUIO UERJ, *op. cit.*

<sup>33</sup> Cf. BARBOSA, Francisco de Assis. “Os verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*, p. 27-53.

<sup>34</sup> DIAS, Maria Odila L. da Silva. “Sérgio Buarque de Holanda, historiador”, *op. cit.*, p. 22.

<sup>35</sup> Cf. *Idem*, *Ibidem*, p. 22, 23 e *passim*.

<sup>36</sup> Cf. DIAS, Maria Odila L. da Silva. “Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*, p. 73-79.

predominam sobre o jornalista e crítico literário modernista”, do que como “um momento de síntese de todo um período rico em atividades”.<sup>37</sup> À guisa de conclusão de seu artigo, o autor chama a atenção, em forma de perguntas, para a relevância de se recuperar os trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda no âmbito de pesquisas sistemáticas. Como mais um capítulo da estabilização das contingências e tensões da historicidade do livro objeto da análise e do seu autor, muitas das questões irão substanciar-se em subseqüentes pesquisas algumas décadas depois, reproduzindo como que em *topoi* alguns pressupostos e afirmações, desdobrando-os sem que se proceda de modo rigoroso no sentido de confrontá-los mediante indícios textualizados do passado em que se processaram. É o caso das, incessantemente repisadas pela fortuna crítica, afirmações do próprio Sérgio Buarque, na apresentação de *Tentativas de Mitologia*<sup>38</sup> e em entrevista a Richard Graham, no início dos anos 1980,<sup>39</sup> sobre as aulas irregulares que teria assistido de Meinecke na época dos seus *Wanderjahre* berlinenses, entre 1929 e 1931:

De que forma a viagem à Alemanha e o contato com a chamada “tradição culturalista” alemã influencia a concepção e realização de *Raízes do Brasil*? Em que medida as preocupações do Sérgio modernista encontram nesta tradição a ponte necessária para o Sérgio cientista social? A influência de Weber, por exemplo, limitaria-se à utilização dos tipos ideais? E Meinecke, de quem assiste às aulas, e é profundo conhecedor do historicismo?<sup>40</sup>

Em recente pesquisa, Sérgio da Mata busca aquecer tal pacificada, por assim dizer, afirmação segundo a qual o brasileiro assistira, ainda que irregularmente, a aulas de Friedrich Meinecke. Ao desbravar documentos inéditos na Biblioteca Estatal de Berlim, nos oferece índices que acabam por desestabilizar tal asserção, indagando, entre outras coisas, sobre o que, nas tais preleções, poderia ter atraído o crítico que, apesar de já esboçar, no contexto de Berlim, as páginas do ensaio *Corpo e alma do Brasil* – que, como se sabe, comporão parte basilar de *Raízes do Brasil* –, era ainda desprovido de formação histórica. Ao se debruçar sobre os volumes que constam dos registros de todos os cursos oferecidos na universidade durante a estada de Buarque de Holanda no país

<sup>37</sup> AVELINO FILHO, George. “As raízes de *Raízes do Brasil*”. In: *Novos Estudos CEBRAP*, n. 18, setembro de 1987, p. 33.

<sup>38</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Apresentação”. In: \_\_\_\_\_. *Tentativas de Mitologia*, op. cit., p. 30.

<sup>39</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Uma entrevista”. In: Francisco de Assis Barbosa (org.). *Revista do Brasil. Número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda*, op. cit., p. 104. (originalmente publicada em *The Hispanic American Historical Review*, v. 62, n. 1, fevereiro de 1982. Sua tradução, meses depois, foi publicada na revista *Ciência e Cultura*, v. 34, n. 9, setembro de 1982)

<sup>40</sup> AVELINO FILHO, George. “As raízes de *Raízes do Brasil*”, op. cit., p. 41.

de Goethe, o estudioso assevera que “os temas abordados por Meinecke dificilmente coadunavam com as temáticas ou os períodos históricos de que trata RdB”.<sup>41</sup> Acerca dos temas, o pesquisador atesta que, nos três semestres acadêmicos, entre meados de 1929 e início de 1931, o historiador alemão oferece disciplinas sobre “*A era da Contrarreforma* (verão de 1929); *Exercícios históricos* (inverno de 1929-1930); *A vida política das grandes potências na Era do Absolutismo* (verão de 1930) e *História da Alemanha na era da Restauração e da Revolução de Março até 1850* (inverno de 1930-1931)”.<sup>42</sup> Por estar bem próximo de sua aposentadoria, efetivada em 1932, provavelmente Meinecke teria “[ministrado] todos esses cursos na modalidade *privatim*, isto é, em sua própria casa e abertos a um número muito limitado de participantes”.<sup>43</sup> Reforçando o seu questionamento acerca de tão reiterada dimensão biográfica de Buarque de Holanda, diz Da Mata: “É difícil acreditar que Sérgio, sem ser aluno regular da Universidade, tenha tido acesso a qualquer uma das sessões *destes* cursos. Nada impede que ele possa ter assistido a alguma conferência de Meinecke naqueles dias”.<sup>44</sup> E arremata, adversativamente, “mas frequentar preleções ou seminários do grande historiador das ideias, ainda que ‘sem regularidade’, parece ser praticamente impossível”.<sup>45</sup> Conquanto essa imprescindível investigação relativize sobremaneira essa tópica da fortuna crítica do ensaísta, não oferece, ainda, sólidas bases de cunho empírico que deem – ou não – o veredito sobre tal investida do jovem crítico naquela situação. Seja como for, o mérito desse artigo está em que, a partir de novas buscas arquivísticas, provoca e amplia a fissura da dúvida nesse terreno tão sedimentado da crítica à obra e à biografia do historiador paulista.

Um evento semelhante que dá vazão a tal hipotética ficcionalização *a posteriori* ocorreu com Gilberto Freyre, em seu *Tempo morto e outros tempos*: quando o seu texto veio a lume, em 1975, o autor o apresentou como um “diário de adolescência e de primeira mocidade”, supostamente escrito entre 1915 e 1930, “parte do qual fora ‘devorada pelo cupim’ e o que restou datilografado por volta de 1960 e publicado quinze anos mais tarde ‘com um mínimo de revisão’ e ‘simplesmente com um ou outro

---

<sup>41</sup> MATA, Sérgio da. “Tentativas de desmitologia: a revolução conservadora em *Raízes do Brasil*”, *op. cit.*, p. 12.

<sup>42</sup> *Loc. cit.*

<sup>43</sup> *Loc. cit.*

<sup>44</sup> *Loc. cit.* (grifo do autor)

<sup>45</sup> *Loc. cit.*

acréscimo para esclarecer obscuridades”<sup>46</sup> Não obstante tais declarações do escritor de Apipucos, “fica claro que o texto foi escrito e reescrito ao longo dos anos, houvesse ou não um núcleo original de entradas feitas na própria época dos eventos que descreve”.<sup>47</sup> Ao sugerir o contraste de alguns dos eventos ali narrados por Gilberto Freyre com o que “outros documentos comprovadamente da época revelam”, dá-se por evidente o caráter memorialístico de *Tempo morto*: “Idealizadas pela nostalgia, muitas passagens de sua juventude ali descritas dizem muito mais sobre um Freyre maduro e famoso do que sobre a vida entre 1918 e 1930, o período a que supostamente se estava referindo”.<sup>48</sup> Entre embaralhamentos de datas e outras estratégias textuais, o pernambucano faz referência “a um curso que teria seguido ‘do Professor Sir Alfred Zimmern... baronete e portanto nobre britânico’, quando, na verdade, o pacifista inglês – que só receberia o título de *Sir* anos mais tarde – só deu uma única aula em Columbia University no período em que Freyre ali esteve”.<sup>49</sup>

#### *Goethe, Eris e a anatemização do passado*

Retornando, pois, aos anos 1950, atenhamo-nos, agora, ao uso, por Sérgio Buarque, da máxima de Goethe. Essa opera como uma espécie de tópica e guia ético-político sempre evocado a lhe intensificar a postura a partir da qual, doravante, deveria adotar o profissional da disciplina que se debruça sobre a investigação dos homens no tempo. Como uma imagem-objeto de grande poder evocador, podemos sugerir que a sentença do poeta, apropriada pelo crítico de modo sucessivo ao longo de décadas, se oferece como um, salvaguardadas as proporções, “correlato objetivo” expandido, cujo efeito, porventura, seria completado pela recepção, a fins de engendrar a ação, no presente, de encontro ao passado – ou melhor, passados – indesejados, *radicados* na má formação social do país. Vale destacar, ainda, que a mobilização da fórmula goetheana compõe o conjunto semântico a dar plástica coesão ao intento dessa visada histórica desde o presente para o presente. Assim, “para o verdadeiro historiador há de importar primeiramente o esforço para a boa inteligência da hora presente, se quiser entender o

---

<sup>46</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. “Um Livro Marcante’, ou uma Autobiografia à Prestação”, *op. cit.*, p. 6.

<sup>47</sup> *Loc. cit.*

<sup>48</sup> *Loc. cit.*

<sup>49</sup> *Loc. cit.*

passado”.<sup>50</sup> Resta aí manifesto o eco a Bloch em seu livro objeto da resenha, mas, menos patente é toda a militância assentada nesse imperativo de combate a investidas no passado para fins sentimentais, e que tem, como item de substancialidade, a insistente inserção de Gilberto Freyre como que a dar justificativa concreta à anatemização desses passados “retorcidos para lisonjear o amor do pitoresco ou do romanesco, esses adversários constantes da verdade histórica e às vezes do simples bom gosto”, tal como assevera naquela resenha ao livro de Cruls, prefaciado pelo pernambucano. Leiamos a sua evocação da máxima, propriamente dita:

Encerrando uma das crônicas desta seção tive oportunidade de lembrar, recentemente, a noção goetheana de que a História não é mais do que um meio de nos emanciparmos do passado. Não me fora possível verificar, então, os termos exatos da fórmula originária; tinha contudo a certeza de que não lhe traíra o espírito. Em realidade, a fórmula acha-se expressa pelo menos uma vez na obra de Goethe – na parte segunda das *Máximas e reflexões* – e, traduzida com fidelidade possível, diz o seguinte: “Escrever História é um modo de desembaraçar-se do passado”.<sup>51</sup>

Antes, sobre a crônica pelo autor referida, trata-se de resenha ao livro de história da literatura de Lúcia Miguel Pereira, intitulada “História da literatura brasileira: 1870-1920” e publicada 11 dias antes, na mesma *Folha da Manhã*.<sup>52</sup> A partir dela, Sérgio Buarque, mais uma vez, desfere críticas a uma historiografia sua contemporânea que insistia no, de acordo com suas palavras em outras publicações, “fetichismo do documento”, e não menos no seu correspondente “fetichismo do fato”. Ao discorrer sobre a metodologia adotada pela autora na organização e na economia dos capítulos, que são, segundo Holanda, “ensaios, mais ou menos independentes”,<sup>53</sup> que contemplam tanto autores canônicos como não canônicos, o historiador lança mão da seguinte provocação:

O método há de parecer plausível e, no caso, o único verdadeiramente plausível, enquanto não se recorra ao símile daqueles historiadores, que só tinham olhos para os grandes feitos políticos e guerreiros, ou para os heróis que os encarnavam. Pois não parece certo que, desdenhando a germinação, o movimento, o crescimento, a continuidade das formas, em favor do fruto maduro, se arriscavam aqueles

---

<sup>50</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Apologia da História”, *op. cit.*, p. 19. (originalmente publicado na *Folha da Manhã*, São Paulo, em 18 de junho de 1950)

<sup>51</sup> *Idem, Ibidem*, p. 18.

<sup>52</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “História da literatura brasileira: 1870-1920”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*, *op. cit.* (originalmente publicado na *Folha da Manhã*, São Paulo, em 7 de junho de 1950)

<sup>53</sup> *Idem, Ibidem*, p. 13.

historiadores a abranger um aspecto quando muito parcial dos fatos que pretendiam estudar?<sup>54</sup>

Adiante, Buarque de Holanda se volta contra as tendências, por assim dizer, demasiado “formalistas” e, como denomina em críticas semelhantes feitas em outros artigos, “autotelistas” de seu tempo. Mas, igualmente, não demonstra agrado com as obras demasiado realistas, pois assevera que a incapacidade dessas de “superar a realidade tangível e prolongar a observação pelo senso poético é quase sempre indício de impotência”.<sup>55</sup> Por outro lado, adverte que mesmo a mais abstrata produção ficcional está inevitavelmente ancorada, em alguma medida, no real. Além, segundo o autor, de Lúcia Pereira não incorrer nesse equívoco de considerar a arte como “simples jogo ou distração”, afirma que a construção das ideias no seu *História da literatura brasileira* se dota de acuidade crítica, fazendo com que

essa história não seja, ou não seja apenas, uma narração exaustiva de fatos remotos sem relação clara com a vida atual. E sendo uma ‘história’, vem a ser a par disso uma constante advertência para os nossos dias, realizando, nisso, a grande missão dos estudos históricos, segundo a sábia concepção goetheana, ou seja, servir ao presente e ao futuro, emancipando o passado.<sup>56</sup>

No limite, podemos dizer que mesmo as considerações sobre os aspectos formais das tendências comentadas no livro de Pereira convertem-se em um libelo ao almejado programa historiográfico explicitado em “Apologia da História” e completado, na semana seguinte, no mesmo jornal, por “Para uma nova História”, objeto da próxima seção. Por ora, retornemos à máxima de Goethe. A despeito, porém, da categórica afirmação do historiador segundo a qual tinha certeza de que não traíra o espírito da reflexão do alemão, há de se admitir a discrepância, ao menos em língua portuguesa, entre os termos emancipar e desembaraçar. Ora, o que denota o emancipar, numa primeira visada, é, sem sombra de dúvida, a ideia de ruptura. Grosso modo, num nível individual, nos dá a ideia de um sujeito que, após um longo trabalho de perlaboração de suas repetições e traumas, consegue caminhar por si mesmo, ao passo que, num nível societário, pode denotar uma comunidade, grupo, sociedade ou nação independente, emancipada dos seus passados indesejáveis e mesmo traumáticos. Quanto ao desembaraçar, a sua denotação é consideravelmente ambígua, pois desembolar-se, desenredar-se, isto é, desembaraçar-se implica uma não ruptura, uma não perda por

---

<sup>54</sup> *Idem, Ibidem*, p. 14.

<sup>55</sup> *Idem, Ibidem*, p. 17.

<sup>56</sup> *Loc. cit.*



completo de um vínculo originário. Nesse sentido, a admissão do embaraço em relação a alguma dimensão do passado encontra-se, talvez, sob o plano de uma relativa lucidez, no limite, da consciência das origens das linhas que constituem – bem ou mal – um indivíduo ou uma sociedade. Portanto, se se busca, de algum modo, desembaraçar-se de algo ou de alguma situação indesejável, resta a consciência de que não houve um corte dos fios, mas sim o seu desembaraçar, tornando nítidos esses fios, as tramas que interligam temporalmente esse indivíduo ou uma determinada sociedade. Nesse sentido, como preconiza o elementar da teoria freudiana, “curar-se” de um elo indesejável com determinado passado não significa definitivamente apagá-lo ou mesmo esquecê-lo para sempre, mas sim, a partir do repetir e do recordar, aprender a lidar com as suas fantasmáticas irrupções.<sup>57</sup> A partir, portanto, e por meio desses fios do passado que, embaraçados, caberá ao trabalho da história desembaraçar, não se encontraria o entendimento inquietante de que a sua exorcização não seria possível por completo? Acaso não seria essa, talvez, a problemática relação ético-política e epistemológica da *Eris* mobilizada no trato com Gilberto Freyre e sua obra, renitentemente pro-vocada por Sérgio Buarque de Holanda?

Passados, mais ou menos, 17 anos desde esses escritos para jornal, eis que se presencia o retorno da fórmula goetheana, dessa vez mobilizada em palestra proferida aos alunos de história no Centro de Estudos Históricos Afonso Taunay, da Universidade de São Paulo. Ainda fortemente atuante no combate ao “culto ao passado, como passado, [que] está em verdade no polo oposto às preocupações do verdadeiro historiador”,<sup>58</sup> o já autor de *Visão do Paraíso* e catedrático de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, dessa mesma universidade, posta-se insistente em sua empreitada político-epistemológica. Além de manifestar, nessa ocasião, a objeção quanto à ambição de cientificização da história, apelava para “um engajamento pela historicidade da história, traço constitutivo essencial de sua singularidade epistêmica”.<sup>59</sup> Ao discorrer, nesse trecho, acerca do culto ao passado, já antecipado na citação acima, o historiador deixa entrever a sua predileção pela perspectiva historicista, embora

<sup>57</sup> Cf. FREUD, Sigmund. “Recordar, repetir e elaborar”. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas. Volume 10 (1911-1913)*. Trad. e notas Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>58</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “‘História’, palestra de Sérgio Buarque de Holanda no Centro de Estudos Históricos Afonso Taunay, Universidade de São Paulo (CEHAT/USP) (1967-1969)”, *op. cit.*, p. 331.

<sup>59</sup> CARVALHO, Raphael Guilherme de. “Em torno da concepção de história de Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*, p. 310.

inscrevendo-se de forma complexa e criativa no “melhor das tradições da escola histórica alemã e dos *Annales*”.<sup>60</sup> Ouçamos o palestrante, portanto:

Para começar, a própria palavra “passado”, posta assim no singular, não passa de uma abstração. Há o passado de ontem, 28 de agosto e há o de há cem anos ou os passados de antes da era cristã. Entre eles, não há medida comum, e nesse sentido é que se devem entender as palavras sábias de Goethe, onde dizia que “a verdadeira missão da história consiste em libertar-nos do passado”.<sup>61</sup>

Geralmente traduzida ao sabor da situação, dessa feita, o verbo reflexivo vem vertido como libertar-nos. Mais próximo, desse modo, da noção de emancipação, que reforça a ideia de um combate pela história que efetivamente anatemizasse os passados dispostos como artigos de culto ou simples nostalgia pelos viventes do presente.<sup>62</sup>

#### *Persona em cena: pouca erudição e muita imaginação... ou vice-versa*

Em “Para uma nova História”, pequeno ensaio que segue a mesma toada do anterior, “Apologia da História”, publicado oito dias antes, em 18 de julho de 1950, na mesma *Folha da Manhã*, Buarque de Holanda, citando diretamente artigo de Lucien Febvre, “Vers une autre histoire”, de 1949, se volta contra o que asseverava ser os purismos que assolavam tanto a produção ficcional quanto a historiografia, propriamente dita. Há, nele, um índice de certa recorrência temática que figura nessa sequência de ensaios semanais publicados a partir de 1950, e que diz respeito ao apelo ao difícil equilíbrio entre “erudição e imaginação”, nome, aliás, de um desses textos do

<sup>60</sup> *Idem, Ibidem*, p. 313.

<sup>61</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “‘História’, palestra de Sérgio Buarque de Holanda no Centro de Estudos Históricos Afonso Taunay, Universidade de São Paulo (CEHAT/USP) (1967-1969)”, *op. cit.*, p. 331.

<sup>62</sup> Foi Raphael Guilherme de Carvalho quem teve o cuidadoso trabalho de rastrear, na *Coleção Especial Sérgio Buarque de Holanda*, as porventura inspirações do historiador para a apropriação da fórmula goetheana em seus mais variados teores e matizes. Tais leituras registram, ademais, o quanto o paulista estava, nessa época, envolvido pela tradição historiográfica italiana, combinada *plasticamente* às já bem repisadas alemã e francesa. “Benedetto Croce, talvez mesmo antes da passagem de Buarque de Holanda pela Itália (1954), fora lido muito atentamente pelo nosso autor. Data de 1943 a edição (a quarta edição) de *La storia come pensiero e come azione* (1938) que se encontra em sua biblioteca, abundantemente grifada e anotada, em diferentes cores, o que possivelmente sugira releituras diversas. Croce recobrava de Goethe a conhecida máxima, sublinhada por Buarque de Holanda à página 31 daquela edição. O capítulo em que se encontra a passagem se chama inclusive ‘La storiografia come liberazione dalla storia’. Ao fim do livro, nas folhas que sobravam, anotou Buarque de Holanda: ‘A historiografia liberta-nos da história, p. 31’. Muito significativa também é a leitura de Meinecke por Buarque de Holanda em tradução italiana de 1948, com apêndice de Croce: *Senso storico e significato della storia*. No prefácio, Meinecke informa que o pequeno livro saía como uma espécie de complemento a sua última obra, *Die Entstehung des Historismus*, de 1936. O primeiro capítulo chama-se *La storia e il presente*. Nele, Meinecke retoma a unidade que Goethe via entre passado e presente, este último sempre impregnado do primeiro, contra ‘il nostalgico desiderio d’un passato più bello’, trecho grifado por Buarque de Holanda”. CARVALHO, Raphael Guilherme de. “A vocação de historiador e seus lugares”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda, do mesmo ao outro: escrita de si e memória (1969-1986)*, *op. cit.*, p. 140.

período de produção do autor em prol do “tirocínio” – palavra frequente em sua glosa – acadêmico e da profissionalização da disciplina história no Brasil.<sup>63</sup> Parecia incomodar Sérgio Buarque, nesse patamar de sua trajetória, a tendência de certa vertente da poesia que, em favor da forma, suprimia do seu conteúdo, por assim dizer, aquele aspecto que poderia oferecer qualquer ancoragem no real, no pitoresco ou, no limite, no tão desgastado realismo em seus vários desdobramentos século XX adentro:

Assim como no domínio da literatura, tomada a palavra em seu sentido mais estreito, temos visto entre nós, ultimamente, uma característica retração do romance e do conto a favor da poesia, e de uma poesia que se pretende cada vez mais próxima de sua inefável essência; em outro domínio – o da historiografia – parece registrar-se na aparência uma correspondente purificação, com o declínio dos trabalhos sobretudo interpretativos, em benefício da exposição objetiva e amplamente documentada.<sup>64</sup>

Um fator significativo, nesse pequeno artigo, é a evocação de um renomado filósofo a fim de reforçar aquele pensamento acerca do empreendimento teórico como componente indispensável à operação historiográfica, caso se quisesse não incorrer na aventura metódica e, como também define frequentemente o autor, “positivista” das escolas herdeiras do *modus operandi* oitocentista. Herança que, não obstante, vigorava, em certa medida, no seu presente, a saber, a propalada historiografia embalada pela rotinizada técnica de crítica ao documento pelo documento. Assunto esse que retorna, aliás, com semelhante fôlego, quase duas décadas depois, em palestra mencionada na seção anterior. Diz ele, naquela ocasião, com alguma transigência:

Pode-se hoje pensar que tanto a corrente a que, para simplificar, se chamaria de positivista, como ao historicismo, em suas mais variadas formas, tem o seu grau de verdade. O erro estaria em pretender isolar, exacerbar, hipostasiar cada uma delas como se fosse o único método válido de se abordar o passado.<sup>65</sup>

O filósofo a quem nos referimos é nada menos que Karl Jaspers, um dos mais representativos pensadores do início do século XX, por, entre outras coisas, contribuir para a crítica dos paradigmas até então em vigor nas ciências humanas, bem como para a sua subsequente renovação no pós-Segunda Guerra. O alemão figura no texto do brasileiro como autoridade viva de viva filosofia da história a respaldar tal candente

<sup>63</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Erudição e imaginação”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra (vol. II)*, op. cit.. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, a 23 de julho de 1950)

<sup>64</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Para uma nova História”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*, op. cit., p. 22. (originalmente publicado na *Folha da Manhã*, São Paulo, em 26 de julho de 1950)

<sup>65</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “‘História’, palestra de Sérgio Buarque de Holanda no Centro de Estudos Históricos Afonso Taunay, Universidade de São Paulo (CEHAT/USP) (1967-1969)”, op. cit., p. 323.

debate, qual seja: a justa medida que pudesse resolver o impasse entre o vasto e criterioso arrolamento documental, eruditamente embasado, e a postura compreensiva, cara à linhagem que vai de Dilthey e Weber ao próprio Jaspers e outros. Essa última, segundo Sérgio Buarque de Holanda, constituía o substrato intelectual a dotar o ofício de sentido e, no limite, justificativa. Vejamos trecho:

E se à palavra de um historiador, que bem conhece o seu ofício, fosse dado associar a de um filósofo, que busca o sentido dele e sua justificativa, eu lembraria a de Karl Jaspers, no livro por mais de um aspecto desconcertante, porém rico de sugestões e inesperadas iluminações que acaba de publicar sobre a origem e missão da História. Para Jaspers, o processo de transformação de nossa consciência histórica, de que hoje participamos, preservando embora, e prolongando as grandes aquisições do trabalho de pesquisa efetuado pelos nossos antecessores, sobretudo no século XIX, tende a ultrapassar a fase de simples coleta erudita de material dos arquivos, a fim de se erigir numa indagação vital dos destinos humanos [...].<sup>66</sup>

Um surpreendente detalhe despontará algumas linhas a seguir: o autor submeterá o seu raciocínio a um articulado procedimento de ficcionalização, cujo desfecho servirá ao intento de, por meio de subentendidos, intensificar a sua inscrição e a do seu programa nesses imperativos político-epistemológicos e disciplinares em arquitetura nesse momento. Mais, o ponto fundamental a dotar de sentido e dar substancialidade a toda essa envolvente trama por ele tecida situa-se na estratégia de figuração de uma *persona* literária, a partir da qual se encenará o jogo de pares antitéticos a reforçar o lugar de enunciação que se quer determinante, estabelecendo, assim, a marca da *diferença*:

Lembro-me, a esse propósito, de certa conversa que em 1941 mantive na Library of Congress, em Washington, com ilustre pesquisador norte-americano, bem versado em coisas da América Latina. Falava-se em dois ilustres historiadores brasileiros, meu interlocutor observou que, apesar de seus méritos eminentes, lhes faltava alguma coisa para que sua obra fosse inteiramente satisfatória. O mal dos *scholars* brasileiros, dizia-me ele, é que são, na sua quase totalidade, incompletos. Assim é que, na obra de A, é profunda a documentação e perfeitamente nula a imaginação. Em B, ao contrário, a imaginação é devoradora e consome toda a documentação. *Que imenso historiador não teriam vocês, no dia em que pudessem associar A e B numa só pessoa.*<sup>67</sup>

E qual não é, em todo o enunciado, a conformação, como dito, de uma forma ficcional e deveras refinada de inscrição autoral, no limite, de elaboração de uma memória intelectual inserida no conjunto de signos de uma memória disciplinar erigida coletivamente? Muito mais do que um mero artefato decorativo, tais índices podem se

<sup>66</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. "Para uma nova História", *op. cit.*, p. 23, 24.

<sup>67</sup> *Idem, Ibidem*, p. 25.

oferecer ao analista como um ganho significativo dessas “memórias marcadas pelo destino da *persona*”, e cujo estudo, portanto, “não deve se limitar ao eventual interesse que se tenha pela vida do autor ou pelo período sobre o qual apresenta seu testemunho”.<sup>68</sup> Se se procede de tal modo, que se leve em conta que um “rendimento especial dessas memórias está reservado ao exame da maneira como os autores, pela maneira como se apresentam, preparam sua recepção”, decorre daí que, “por certo, não será preciso que haja o autor escrito especificamente um volume de memórias, pois o registro que se tenha de sua vida, a análise de sua correspondência ou de passagens confessionais terão a mesma função”.<sup>69</sup> Isso posto, o que se insinua nesse tipo de autorrepresentação não seria porventura a assunção de um papel – já que é “pelos papéis que a *persona* se socializa e se vê a si mesma e aos outros como dotados de certos perfis”<sup>70</sup> – a partir do qual se encena a encarnação dessa desejável fusão química entre os historiadores A e B? Tal sugestão melhor se evidencia a um pouco mais de três décadas, em 1981, para sermos precisos, quando o velho Holanda, em já mencionada entrevista – realizada por nada menos do que uma de suas discípulas, Laura de Mello e Souza, entre outros – revela os nomes de A e B. O elemento B não é ninguém menos do que... Gilberto Freyre. Mais uma vez, o pernambucano é pro-vocado como matéria a dar concretude à composição do raciocínio acerca do tema abordado. É com ele que se reforçam e para ele é que se voltam as críticas que redundarão na acusação de impressionismo, como se verá mais adiante, mas não menos na agenda, de inspiração febvreana, de exorcização das propaladas inconveniências daquelas formas de se apropriar histórica e historiograficamente dos passados, denunciadas mediante o apoio da máxima de Goethe. Ao ser perguntado, então, por Maria Tereza Petrone, uma das entrevistadoras e de quem Sérgio Buarque de Holanda orientou tese de doutorado,<sup>71</sup> sobre o que teria a dizer a respeito de amizades e convivências com historiadores e intelectuais do calibre de Otávio Tarquínio de Souza e Rodrigo de Mello e Franco, o, a essa altura, consagrado autor de *Do Império à República* e *Tentativas de Mitologia* responde, em tom mais prosaico e anedótico:

---

<sup>68</sup> COSTA LIMA, Luiz. “Persona e Sujeito Ficcional”, *op. cit.*, p. 55.

<sup>69</sup> *Loc. cit.*

<sup>70</sup> *Idem, Ibidem*, p. 43.

<sup>71</sup> Cf. Prefácio ao trabalho em HOLANDA, Sérgio Buarque de. “A lavoura canavieira em São Paulo”. In: \_\_\_\_\_. *Livro dos Prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. E para quem a tese de Petrone “representa verdadeiramente obra pioneira”. *Idem, Ibidem*, p. 137.

Conheci inclusive Capistrano de Abreu, porque me dava com Paulo Prado, que me apresentou a ele. Conheci também o Rodolfo Garcia. Ele era mais do tipo anotador, mas tinha uma erudição formidável. Aliás, isso me lembra uma história que ouvi do Lewis Hanke, aquele historiador americano de que já falei. Ele dizia que no Brasil havia dois historiadores que sozinhos não eram grande coisa, mas que se fosse possível juntar as qualidades deles numa só pessoa surgiria um bom historiador. Ele se referia ao Gilberto Freyre, que na opinião dele tinha muita imaginação e pouca erudição, e ao Afonso Taunay, que era o contrário: pouca imaginação e muita erudição. Eu assinava na época uma coluna semanal, e escrevi contando essa história, mas sem dar nome aos bois. Ainda assim, acho que o Taunay desconfiou. Ele ia toda quarta-feira ao Museu – desde que eu estava na Direção tinha uma sala para ele lá –, e então me disse: “Mas que desaforado aquele Hanke! Quem é esse homem que tem muita erudição e pouca imaginação?”. Eu desconversei um pouco, e depois disse que era o Rodolfo Garcia. E o Taunay, satisfeítíssimo, ponderou: “Talvez ele tenha uma certa razão”. Engraçado: ele teve a intuição de que aquilo podia caber a ele.<sup>72</sup>

Retornemos ao texto de 1950: ao continuar o aparentemente despretensioso testemunho acerca da alegada conversa com o norte-americano – o relato em forma de parecer do *outro*, estranho, de fora e isento das disputas, portanto –, Buarque de Holanda o faz elencando variados atributos necessários ao referido “historiador ideal”. Além dos critérios intelectivos, como a imaginação bem-educada, e aqueles de caráter técnico e metodológico, como a competência para a investigação documental, pesaria, igualmente, os de cunho estritamente moral, como a humildade:

Parece-me ainda que tinha razão quem assim falava. Apenas entendo que, dispondo como dispomos de material documentário ainda pobre ou pouco acessível e de uma imaginação ainda mal-educada, esse historiador ideal, erudito e ao mesmo tempo compreensivo, investigador e também pensador, cheio de humildade e cheio de lúcido discernimento, não poderíamos improvisá-lo de súbito. É necessário, por isso, que apesar das divergências de método, de esforço, de geração, *saibam considerar-se uns aos outros com rigor crítico, sim, mas sem rancor dogmático.*<sup>73</sup>

A poucos dias de completar um ano, desde a publicação de “Para uma nova História”, Sérgio Buarque de Holanda retorna, ainda em chave cifrada, à crítica acerca do excesso de erudição em detrimento da imaginação. Em “Bandeiras e Monções”, publicado em 13 de julho de 1951, no *Diário Carioca*, dedica-se a comentar o último volume recém-publicado da obra de Afonso de Taunay, *História Geral das bandeiras paulistas*.<sup>74</sup> Vale ressaltar que já o havia feito no artigo de 1950 no que toca ao penúltimo volume dessa obra, não sem reafirmar, em meio a outras publicações, o notório

<sup>72</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Corpo e Alma do Brasil: entrevista de Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*, p. 13.

<sup>73</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Para uma nova História”, *op. cit.*, p. 25.

<sup>74</sup> Para um singular estudo que intenta compreender a escrita da história de Afonso de Taunay a partir das questões levantadas pela história da historiografia, e em diálogo com trabalhos que se dedicaram a aspectos variados dessa área nas primeiras décadas do século XX, cf. ANHEZINI, Karina. *Um metódico à brasileira: a História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

incômodo com o desequilíbrio dos proclamados ingredientes à boa combinação do “historiador ideal”. Atente-se a/o leitora/leitor para o abandono do uso da primeira pessoa do singular que, antes, modulava a emblemática narrativa testemunhal:

À luz desse critério podem e devem examinar-se muitas das produções de nossa ciência histórica. Algumas, e das maiores, realizam-se aos nossos olhos, e bastam, de qualquer modo, para testar a vivacidade desses estudos no momento presente. O décimo e último volume da *História da Companhia de Jesus no Brasil*, de Serafim Leite, acaba de publicar-se. E acaba de publicar-se, ainda, o décimo, e penúltimo, da *História Geral das bandeiras* de Afonso Taunay: o último já se encontra no prelo, em edição do Museu Paulista. *Será lícito criticar, em um ou outro desses autores, o método utilizado, ou o ponto de vista adotado, mas quem dirá com segurança e boa-fé que suas obras verdadeiramente monumentais não se asseguram, desde já, critérios perenes?*<sup>75</sup>

Após esse passo, Sérgio Buarque conclui elencando uma série de produções, entre livros e documentos impressos, que seguia sendo publicada por instituições públicas e privadas Brasil afora. Quanto à mencionada publicação de 1951, tem-se, uma vez mais, que, embora admita a monumentalidade da obra do seu antigo professor de história no Colégio São Bento,<sup>76</sup> deixa entrever a reiterada sugestão segundo a qual, para que tamanho empreendimento alcançasse a completude requisitada pelo composto balanceado entre os historiadores A e B, não deveria demitir “certas virtudes” caras ao *métier*. Pautada por discurso indireto marcado pela terceira pessoa do singular,<sup>77</sup> vejamos, pois, a pretensamente distanciada justificação:

Haverá quem pretenda que a extensão mesma da obra, tudo quanto faz dela uma das expressões autênticas de nossa historiografia “monumental”, só pôde ser obtida com algum prejuízo para certas virtudes, louváveis num historiador, virtudes de parcimônia, de finura, de método.<sup>78</sup>

Linhas depois, ainda em aparente timbre impessoal e genérico, prossegue atenuando as hipotéticas críticas que não levariam em conta o “esforço imensurável” de Taunay:

Mas essas mesmas objeções não levariam em conta o mérito fundamental de quem soube abarcar generosamente, definir com escrupulos, e pôr em ordem plausível um

<sup>75</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Para uma nova História”, *op. cit.*, p. 25, 26.

<sup>76</sup> Foi por incentivo de Taunay, então amigo de seu pai, que o seu primeiro artigo, “Originalidade Literária”, fora encaminhado à redação do *Correio Paulistano*, e publicado em 22 de setembro de 1922, quando ainda tinha 18 anos. Cf. BARBOSA, Francisco de Assis. “Introdução”, *op. cit.*, p. 11.

<sup>77</sup> BAKHTIN, Mikhail M. “Discurso indireto, discurso direto e suas variantes”, *op. cit.*, p. 169.

<sup>78</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Bandeiras e monções”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*, *op. cit.*, p. 152, 153. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 13 de julho de 1951)

material que, pela sua própria vastidão, reclamava esforço imensurável, *naturalmente desatento a pequenas sutilezas*.<sup>79</sup>

Mais adiante, como que se postando – autor e obra – no requerido equilíbrio entre as minúcias de “parcimônia e finura” típicas da imaginação – de sobra em seu combatente de geração – e o necessário esforço da síntese erudita, ainda que para a coleção de “6 mil fartas páginas”<sup>80</sup> – quesito esse não faltante em seu antigo mestre da geração predecessora –, Holanda, referindo-se na terceira pessoa do singular, e “cheio de humildade”, inscreve obliquamente o seu *Monções*, de 1945:

Quem redige estes comentários pode dizê-lo, aliás, com alguma insuspeição. Tendo publicado há poucos anos um livro sobre o assunto de que trata largamente aqui, livro que requereu laboriosas pesquisas em arquivos e bibliotecas ampliadas depois com viagens aos lugares que, como Porto Feliz e Cuiabá, foram os principais cenários do movimento das monções, a leitura deste 11º tomo da *História* de Taunay valeu-lhe não só para melhorar consideravelmente como, em mais de um ponto, para retificar seu conhecimento da matéria.<sup>81</sup>

Tecidos os juízos acerca da obra e do método do “historiador A”, Afonso de Taunay, examinemos, nas páginas que se seguirão, as estratégias discursivas e textuais mobilizadas por Buarque de Holanda a fim de pautar, mediante aquele conjunto de significantes bélicos, a obra e o método, por sua vez, do “historiador B”, Gilberto Freyre.

### *Impressionismos no front*

É recorrente, na crítica buarquiana de imprensa, a estratégia retórica de principiar e, em certas ocasiões, concluir o argumento elogiando o empreendimento e as qualidades intelectuais do interlocutor, para, no momento dedicado à análise principal do objeto em questão, desestabilizar ou mesmo desmontar os pressupostos do autor da produção passível de considerações. Tal estratégia, em determinadas situações, dispõe de variada gama de recursos figurativos postos em jogo pelo crítico literário, alternando entre o teor sibilino ou mesmo a crítica direta e implacável, sem, contudo, demitir a elegância e o tom amistoso, que não é despropositado pontuar, beira, em algumas ocasiões, a dita cordialidade, para jogarmos com o seu *phármakon*.<sup>82</sup> Um texto que bem

---

<sup>79</sup> *Idem, Ibidem*, p. 153.

<sup>80</sup> *Idem, Ibidem*, p. 152.

<sup>81</sup> *Idem, Ibidem*, p. 153.

<sup>82</sup> João Cezar de Castro Rocha e Henrique Estrada Rodrigues são dois dos estudiosos que elucidam algumas das armadilhas cordiais em que incorre o próprio autor. Ao trazer o conceito de cordialidade como categoria analítica para o estudo das primeiras recepções da própria obra de Buarque de Holanda, os autores constatam, cada qual à sua maneira, como as mudanças suscitadas pelas polêmicas entre o



pode ilustrar tal procedimento é “Sociedade Patriarcal”, resenha dedicada à segunda edição de *Sobrados e Mucambos*, publicada em três partes na *Folha da Manhã*, entre 10 e 23 de novembro de 1951<sup>83</sup> – ou seja, alguns meses após as considerações sobre a obra de Taunay –, e republicada quase três décadas depois, em *Tentativas de Mitologia*. Vejamos:

A publicação, em texto refundido, e consideravelmente ampliado, de *Sobrados e Mocambos* de Gilberto Freyre, pode fornecer uma perspectiva hábil para os que desejam interpretar todo o alcance da contribuição do escritor pernambucano para o melhor conhecimento da sociedade brasileira. Com os volumes impressos, esse trabalho verdadeiramente monumental já adquire unidade orgânica bem definida.<sup>84</sup>

Logo nas linhas seguintes, e já sem o tom elogioso, a crítica recai sobre o que julga “impressionista” na forma de expressão e estilo que plasma *Nordeste*: “Ensaio esse mais deliberadamente impressionista do que os demais, e que chegou a requerer do autor, segundo sua mesma confissão, um trato prolongado e meio franciscano com a paisagem, a natureza e a gente mais típica de sua terra natal”.<sup>85</sup> Dado importante é que o próprio Sérgio Buarque, décadas depois, não se livrará da mesma pecha com a qual acusa o seu interlocutor nordestino, prevista em obras de revisão e balanço historiográfico, bem como naquelas de crítica da ideologia da cultura e intelectualidade brasileiras, como o já mencionado *Ideologia da Cultura Brasileira*, de Carlos Guilherme Mota, resultado de sua

---

Paulista e o poeta Cassiano Ricardo, em torno do conceito, denunciam um sintoma da peculiar formação da sociedade brasileira: o mecanismo da cordialidade. Tendo em vista as interpretações ambíguas e voláteis do conceito efetuadas por vários intelectuais ao longo da década de 1930, a começar pela formulação dada a ele pelo próprio Ribeiro Couto, do qual Sérgio Buarque bebe para fundamentar o livro de 1936, Rodrigues, no caso, se debruça sobre as estratégias do historiador paulista, que, nas edições posteriores de *Raízes do Brasil*, tenta se desvincular da acepção positiva dada à cordialidade tanto por Couto como por Freyre; mas também por Oswald de Andrade e pelo próprio Cassiano Ricardo, que é quem lhe faz o “grande favor” de trazê-lo à tona mais de 10 anos depois. “[...] O que estaria em jogo na reformulação proposta por Sérgio Buarque naquela nota explicativa à edição de 1947?”, pergunta Henrique Estrada. “Ao retirar Ribeiro Couto do corpo principal da primeira edição para lançá-lo em meio a uma longa nota explicativa Sérgio Buarque estaria apenas explicitando algo subentendido na primeira edição?” Àquela altura, o ensaísta já não estaria “minimizando sua antiga admiração pelos termos de Ribeiro Couto, que, inegavelmente, implicavam a cordialidade à ideia de miscigenação ou a virtudes psicológicas, como acentuaram, de pronto, Gilberto Freyre e, mais tarde, Cassiano Ricardo?”. Cf., respectivamente, ROCHA, João Cezar de Castro. *Literatura e cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira*, *op. cit.*; RODRIGUES, Henrique Estrada. “Uma história cordial: Oswald de Andrade leitor de Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*, p. 317.

<sup>83</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Sociedade patriarcal – 1ª parte”. *Folha da Manhã*, sábado, 10 de novembro de 1951. Disponível em: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/sergiobuarque\\_patriarcal1.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/sergiobuarque_patriarcal1.htm)>; HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Sociedade patriarcal – 2ª parte”. *Folha da Manhã*, terça-feira, 13 de novembro de 1951. Disponível em: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/sergiobuarque\\_patriarcal2.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/sergiobuarque_patriarcal2.htm)>; e HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Sociedade patriarcal – 3ª parte”. *Folha da Manhã*, sexta-feira, 23 de novembro de 1951. Disponível em: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/sergiobuarque\\_patriarcal3.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/sergiobuarque_patriarcal3.htm)>

<sup>84</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Sociedade Patriarcal”. In: *Tentativas de Mitologia*, *op. cit.*, p. 99.

<sup>85</sup> *Idem, Ibidem*, p. 100.

tese, defendida em 1975. Para o primeiro tipo de abordagem, por exemplo, Francisco Iglesias, em artigo de 1971, colocará, no mesmo balaio do “impressionismo”, além de *Raízes do Brasil*, os livros *Populações meridionais do Brasil*, *Retrato do Brasil* e *Casa-grande & Senzala*, propriamente dito, que, “ainda que marcados por traços impressionistas, às vezes mais ensaios que análises objetivas, são a prova de outra consciência dos problemas brasileiros”.<sup>86</sup> No caso da investida de Guilherme Mota, classifica Holanda como “um dos maiores estilistas brasileiros”<sup>87</sup> e, não obstante considerar *Raízes do Brasil* como um clássico que “trazia em seu bojo a crítica [...] ao autoritarismo e às perspectivas hierárquicas sempre presentes nas explicações do Brasil”, fundava, com a obra de Freyre, “novas formas de percepção e ajustamento à ordem vigente”, não sendo “difícil encontrar o saudosismo aristocrático perpassando as reflexões de ambos”.<sup>88</sup>

Talvez fosse a voga de tais críticas – entre elas, a precedente de Dante Moreira Leite, *O Caráter Nacional Brasileiro: história de uma ideologia*, tese defendida em 1954 e reescrita em 1968, para publicação em livro<sup>89</sup> – um dos fatores que motivaram Sérgio Buarque de Holanda a se distanciar o quanto pudesse das perspectivas e das abordagens sobre a formação social brasileira realizadas pelo seu renomado interlocutor. Vale repetir que o livro em que se reproduz as críticas do autor à publicação da segunda edição de *Sobrados e Mucambos é Tentativas de Mitologia*, que vem a lume em 1979, podendo servir-lhe porventura como um escudo a tais críticas e investidas desfavoráveis à sedimentação de sua memória intelectual. Sobre esse ponto de vista da crítica à ideologia que incidia nos “intérpretes do Brasil” e, conseqüentemente, no autor de *Raízes do Brasil*, por volta de finais da década de 1960, afirma-se que “era comum apresentarem-se graves reparos a suas idéias, sintetizadas [no caso de Sérgio Buarque] preferencialmente no tópico da *cordialidade* brasileira”. Tais interpretações, “tanto mascarariam, internamente, as contradições dos interesses de classes, quanto, externamente, a ruptura radical entre o Brasil e a antiga metrópole portuguesa, na

<sup>86</sup> IGLÉSIAS, Francisco. “A pesquisa histórica no Brasil”. Comunicação apresentada à Mesa-Redonda, promovida pelo Núcleo Regional do Paraná da Associação Nacional de História (ANPUH), Curitiba, 5 de julho de 1971, p. 377, 378.

<sup>87</sup> MOTA, Carlos Guilherme. “Introdução”. In: \_\_\_\_\_. *Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica*, op. cit., p. 31.

<sup>88</sup> *Idem*, *Ibidem*, p. 30, 31.

<sup>89</sup> Cf. LEITE, Dante Moreira. “Sérgio Buarque de Holanda e o homem cordial”, op. cit., p. 386, 387 e 388.

passagem da condição de colônia para a de país independente”.<sup>90</sup> Ainda que mais atenuado nas edições posteriores do seu livro de estreia, “a naturalidade com que Sérgio empregava o híbrido *lusu-brasileiro* era uma das evidências apresentadas do caráter ideológico conservador de suas formulações”,<sup>91</sup> e, se o paulista “nunca chegou a ser despachado para as mesmas fossas infernais em que ardia Gilberto Freyre, desqualificado como ideólogo do conservadorismo oligárquico, não será exagero afirmar que andou pelas redondezas”.<sup>92</sup>

Na passagem a seguir, situada, mais ou menos, no meio do texto, Sérgio Buarque – tendo já publicado *Monções*, deve-se recordar – acusa Gilberto Freyre de adotar uma perspectiva que se pauta demasiadamente pelo viés não científico, no limite, próximo ao de um poeta, na investigação dos vestígios materiais e imateriais disponíveis à elaboração da narrativa sobre a transformação, bem como sobre a continuidade do passado da sociedade patriarcal brasileira. Como veremos em seção mais adiante, tais semelhantes objeções lhe serão feitas, salvaguardadas as situações, pela banca examinadora, sete anos depois, quando da defesa de sua tese *Visão do Paraíso*. Na ocasião, como se interpreta dos registros em ata, dos cinco membros da banca, quatro encetaram os seus apontamentos atendo-se aos aspectos relacionados estritamente aos problemas formais. O incômodo evidenciado quase que de modo unânime quanto ao conteúdo da forma mobilizado e tramado por Sérgio Buarque de Holanda não pode não ser correlacionado ao que de mais caracteristicamente marca o ensaio como gênero de escrita. Decorre da situação, o não menos surpreendente incômodo suscitado no proponente do trabalho, cujas estratégias em resposta a um dos arguidores se apoiam na veemente negação de que *Visão do Paraíso* seria antes um ensaio do que uma tese historiográfica, doravante ancorada nos parâmetros de profissionalização que se impunham no período. Quanto à passagem que se seguirá, ouçamos, também, os ecos daquele seu artigo de 1950, no qual ficcionalmente evoca Hanke a fim de lhe autorizar a afirmação segundo a qual o que faltava em Freyre, em termos de erudição e rigor científico, transbordava em imaginação. Diz o paulista:

O processo, sobretudo cumulativo do autor, não deixa de realçar os traços que, ferindo fundo a imaginação, parecem animar os acontecimentos de uma vida própria, incapaz

<sup>90</sup> PÉCORA, Alcir. “A importância de ser prudente”. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda – Perspectivas*, op. cit., p. 23.

<sup>91</sup> *Loc. cit.* (grifo do autor)

<sup>92</sup> *Loc. cit.*

de refletir-se em escritos onde prevaleça um rigoroso raciocínio discursivo. A força de sugestões que cabe nesse processo pode-se dizer que é a de um poeta, de um desses poetas da estirpe whitmaniana, que ele se acostumou a admirar durante seus anos de aprendizagem na América do Norte, não a de um cientista ocupado em medir, relacionar e confrontar os fatos.<sup>93</sup>

E prossegue, do modo o mais grave:

A sua é uma “visão próxima”, amorosa até na repulsa; por isso naturalmente parcial e *exclusivista*. Seu zelo tantas vezes manifesto em favor da preservação dos estilos e valores regionais em todo o Brasil é movido por um zelo fervoroso – em alguns casos, quase se pode dizer *nostálgico* – por certos valores e estilos tradicionais da área dominada, no passado, pela monocultura latifundiária e, em primeiro lugar, pela lavoura canavieira, fundada no braço escravo.<sup>94</sup>

Ao afirmar energicamente, como se observa, que as análises de Freyre acabam por descambar numa concepção exclusivista e metonímica da cultura e da formação brasileira, Sérgio Buarque sustenta, como num baixo contínuo, toda a rejeição que atravessará a sua obra, ao menos a partir de finais da década de 1940, a uma abordagem fundada na relação profundamente empática com o passado em detrimento do estrito método por ele legitimado e reiterado nessa série de textos produzidos no período, qual seja: aquele cujo elo com o passado se realizaria dialeticamente tendo como instância irreduzível o presente. Esse, retentivo de experiências passadas como objetos subsumidos à criteriosa pesquisa e embalados por uma forma de representação não “sentimental” e “nostálgica”, dotaria a história de sentido, pois, da primazia dada ao tempo presente, se condensaria o problema e, a partir de uma postura protensiva, para essa instância temporal retornaria o historiador “erudito e ao mesmo tempo compreensivo”, tal como arroga naquele trecho de “Para uma nova História”. Eis o que, na prática, se observa em grande parte do copioso rearranjo narrativo-temporal e político efetuado em *Raízes do Brasil* – 1948, bem como na renitente apropriação da imagem evocadora da máxima de Goethe, como vimos.

No parágrafo final, então, da primeira parte da resenha dedicada a *Sobrados e Mucambos*, Buarque de Holanda parece insinuar a desautorização do par combatente em seu trabalho de automonumentalização, evocando para tal o papel da recepção a fins de apreciação do “verdadeiro alcance” da obra do escritor de Apipucos. Implicitamente, e não sem ironia, sugere que será a recepção, isto é, o público leitor e a crítica, quem colocará à prova a obra do escritor, que, a essa altura, se empenhará ele mesmo

<sup>93</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Sociedade Patriarcal”, *op. cit.*, p. 100, 101.

<sup>94</sup> *Idem, Ibidem*, p. 101.

divulgador de seu legado e sua memória intelectual. É como se Holanda estivesse apostando nas disputas inerentes ao campo intelectual que se configuram naquele momento, bem como no crivo da esfera pública a submeter em debate a obra tanto defendida pelo próprio autor, em seu incansável trabalho de construção da imagem de gênio.<sup>95</sup> Eis o trecho:

Até onde serão explicáveis e mesmo justificáveis muitas dessas resistências [relativas à tentativa de compreender, pela lógica da monocultura do Nordeste, todo o conjunto da formação socioeconômica do Brasil]? Que o assunto parece ao próprio autor, de importância singular, mostra-o a insistência com que volta a ele, muitas vezes em tom defensivo e polêmico, nas suas últimas publicações, em particular nesta nova edição de *Sobrados e Mocambos*. Aos leitores, por outro lado, e aos críticos, o exame da mesma questão pode fornecer acesso para a melhor inteligência dessa obra, de sua alta significação e de seu verdadeiro alcance.<sup>96</sup>

E continua a crítica implacável ao que seria o caráter particularista da abordagem freyriana, pautado por valores afetivos que se distanciariam da inquirição metódica cara aos padrões de cientificidade da moderna historiografia que se hegemonizava no espaço em que atuava o paulista:

É claro que qualquer pronunciamento decisivo, nesse ponto [aquele que postula que a forma patriarcal da sociedade brasileira veio acabada do Velho Mundo], há de colorir-se fortemente de *noções subjetivas e amparar-se, em última análise, sobre simples preferências pessoais*. Não creio, porém, que para a inteligência de nosso passado e de nosso presente, seja forçoso admitir um princípio formal em verdade tão elástico, próprio para lisonjear esta ou aquela preferência regional, servindo a sentimentos, ressentimentos, paixões, preconceitos, conveniências às vezes momentâneas e quase sempre polêmicas. À obra de Gilberto Freyre ele nada acrescenta de duradouro. Nem serve, certamente, aos seus adversários, quando se apóiam no mesmo critério, embora movidos por sentimentos regionais diversos dos seus.<sup>97</sup>

Cabe recordar que essa tônica da empatia, que, segundo Holanda, impede que Freyre ultrapasse a pujança de suas memórias afetivas face ao passado, para, daí, erigir uma análise que detivesse valor de maior abrangência, tanto formal e conceitual quanto metodológico, se nota em resenhas, como aquela dedicada ao livro de Gastão Cruls, cujo prefácio escrito pelo pernambucano passa, como observamos, por esses mesmos critérios de ordem formal e epistemológica. No que diz respeito a tal preocupação no

<sup>95</sup> Cf. capítulo conclusivo de ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e Paz: Casa-grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*, op. cit.; ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. "Deuses em Miniatura: Notas sobre genialidade e melancolia em Gilberto Freyre". In: Universidade Federal de Minas Gerais (org.). *Navegar é Preciso, Viver. Escritos para Silviano Santiago*. Belo Horizonte/Salvador/Rio de Janeiro: UFMG/EDUFBA/EDUFF, 1997; e SORÁ, Gustavo. "A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande & Senzala* de Gilberto Freyre", op. cit., p. 13 e seg.

<sup>96</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. "Sociedade Patriarcal", op. cit., p. 102.

<sup>97</sup> *Idem, Ibidem*, p. 105, 106.

âmbito metodológico, o historiador a manifesta, a propósito, em resenhas como “Clima e raça”, publicada na mesma *Folha da Manhã*, em 29 de agosto de 1950,<sup>98</sup> e “Raça, cultura e clima”, publicada há menos de uma semana em relação à primeira, mais precisamente em 3 de setembro de 1950, no *Diário Carioca*. Nelas, tece considerações sobre a nova edição de *Colonização alemã no Espírito Santo*, de Ernst Wagemann, publicada em 1949, e vê interesse nesse livro, porque, entre outras coisas, traz a lume uma variante do povoamento de europeus no Brasil pouco tratada, ou mesmo negligenciada pelos especialistas à época, qual seja: a investida de colonos alemães no estado do Espírito Santo. A linha argumentativa do autor orienta-se por demonstrar ao público amplo a importância de se conectar um fenômeno aparentemente isolado e, quiçá, secundário a uma dimensão mais estrutural da formação sociocultural de determinada nação. Em outros termos, tornar manifesta a demanda de se pensar, como articulação complexa, o particular e o geral. Tal discussão retorna mais enfaticamente na segunda resenha ao livro do alemão e, mais uma vez, é evocada a interlocução brasileira representada por Gilberto Freyre. Novamente, o debate orbita os fatores relativos à adaptação dos povos europeus – no caso, os portugueses – em terras tropicais. Diz o autor de *Monções*:

Entre historiadores e sociólogos, que se têm ocupado, mesmo entre nós, do problema da aclimação de europeus, principalmente europeus do norte, às regiões de temperatura tropical, não são poucos os que inclinam de preferência a uma solução negativa. É característico, por exemplo, que Gilberto Freyre, *com a autoridade que ninguém lhe contesta*, venha insistindo reiteradamente em acentuar a capacidade excepcional revelada pelos portugueses, para se adaptarem de corpo e alma às terras de clima quente. Mas isso mesmo só lhe parece explicável na circunstância de achar-se o português predisposto pelo meio original, mais do que outros povos europeus, mais do que os seus próprios vizinhos, os castelhanos, a um contato vitorioso com o mundo dos trópicos. “Nas condições físicas de solo e temperatura”, escreve, “Portugal é antes África do que Europa”. Não lhe seria extremamente difícil, por conseguinte, vencer onde tantos pereceram, construindo em áreas tropicais uma sociedade moderna dotada de caráter nacional e de qualidades de permanência.<sup>99</sup>

Note-se que a frase posta entre aspas faz remissão às primeiras páginas de *Casa-grande & Senzala*, livro que, como vimos no primeiro capítulo, norteia, em muitos aspectos, a compreensão dos elementos que prefiguram a formação social brasileira na edição de 1936 de *Raízes do Brasil*, entre eles, o mais pujante diz respeito à posituação mesma do legado português e de sua capacidade adaptativa, leia-se plástica, de

<sup>98</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Clima e raça”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*, op. cit..

<sup>99</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Raça, cultura e clima”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*, op. cit., p. 41.

aclimação em meio estranho. Em sintonia com os expurgos efetuados na edição de 1948 do ensaio, Freyre e sua obra figuram, doravante, na resenha como exemplo concreto a ser posto em xeque por *Colonização alemã no Espírito Santo*, visto que, a julgar pela leitura do paulista, a aclimação bem-sucedida de europeus nos trópicos, independentemente do “meio original”, excede patentemente o caso particular dos povos ibéricos. E conclui o artigo:

Seja como for, os problemas abordados nessa obra ultrapassam, muitas vezes, em importância, sua significação simplesmente local. Para os que se ocupam da questão da aclimação dos europeus nos trópicos, o caso dos teuto-brasileiros do Espírito Santo oferece um campo de observação talvez mais valioso do que o de qualquer outra região do mundo em condições similares. Para os nossos sociólogos, geógrafos, historiadores e antropólogos, ela suscita novas perguntas, que poderão ampliar ou talvez retificar algumas das suas concepções fundamentais.<sup>100</sup>

Como último exemplo, em resenha de título “Nordeste e Noroeste”, publicada no mesmo *Diário Carioca*, em 17 de setembro de 1950, portanto duas semanas depois de “Raça, cultura e clima”, podemos verificar, logo de cara, a voga da argumentação metodológica acerca da imprescindível tentativa de estender a análise do local para uma visada mais abrangente da formação social brasileira:

A publicação recente do belo livro no qual Estevão Pinto estuda a *História de uma estrada de ferro do Nordeste* pôde mostrar-nos a que ponto um tema aparentemente limitado, interessando a uma determinada região, pode transcender em muitos casos sua significação simplesmente local, *quando abordado por quem esteja longamente afeito ao trato das Ciências Humanas*. Antropólogo e autor de alguns livros de leitura vantajosa para quem pretenda estudar nossos povos indígenas e seu papel na formação da sociedade brasileira, o sr. Estevão Pinto não quis limitar-se a encarar no desenvolvimento de uma empresa ferroviária (a Great Western do Brasil) os aspectos técnicos que comportaria seu estudo, ou os da história cronológica. Ao examinar a correlação desse desenvolvimento com o da economia nordestina durante quase um século, procurou aferir, em mais de um ponto, a influência transformadora que a presença do ferrocarril iria exercer sobre a estrutura social herdada da fase colonial.<sup>101</sup>

E, reclamando uma postura que fosse crítica à “ideia generalizada de que o historiador é, por força, um indivíduo que só há de ter olhos para o passado, nacional ou não, e que sua missão essencial é zelar pela preservação de tudo quanto foi imunizado e

<sup>100</sup> *Idem, Ibidem*, p. 46.

<sup>101</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Nordeste e Noroeste”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*, op. cit., p. 47.

de certo modo canonizado pela pátina do tempo”,<sup>102</sup> como protestará, mais de 15 anos depois, em clara filiação aos imperativos annaleanos, diz Buarque de Holanda:

O estudo das vias de comunicação realizado do ponto de vista histórico quase se tornara uma tradição entre alguns dos que se aplicam ao conhecimento dos problemas sociais – e também econômicos – de nosso passado, segundo o modelo de Capistrano de Abreu. Mas esses estudos, quando realizados – e ainda tão poucos –, prendem-se em sua generalidade à história colonial. *Por que não ampliá-los à consideração de aspectos da vida contemporânea, que se oferecem aos nossos olhos, mormente dos aspectos sociológicos, geográficos e econômicos associados à abertura dos caminhos de ferro?*<sup>103</sup>

Retornando às considerações de Sérgio Buarque acerca de *Sobrados e Mucambos*, a certa altura do texto, nota-se menção a Georg Simmel a fins de conjecturar que Freyre do alemão tenha se apropriado apenas como artefato decorativo. De categorias heurísticas a balizar a pesquisa do sociólogo alemão, portanto, o pernambucano as converte em teoria que, por sua vez, interpenetra, segundo o paulista, os dados empíricos da investigação e orienta o viés induzido de sua sociologia histórica. Ora, no âmbito dos capitais simbólicos, não estaria em tal estratégia de evocação peremptória de Simmel um índice a mais a ser ajuntado à sua identidade intelectual, uma vez que sugere as credenciais no trato com a teoria e a metodologia do autor de *Filosofia do Dinheiro?* Livro, aliás, de posse do brasileiro em sua versão original, datada do ano de 1920, e disponível em seu acervo particular na *Coleção Especial Sérgio Buarque de Holanda*.<sup>104</sup> Outro detalhe, talvez, não menos relevante, diz respeito à aparição – ao menos nominalmente – de Simmel no ensaio objeto da resenha de Buarque de Holanda: o alemão merece apenas uma nota secundária depois de perfilados outros tantos autores.<sup>105</sup> Eis, então, o excerto:

Aquelas noções a que tanto se apega, de “forma” e de “conteúdo” ou substância, provinda, em última análise, da filosofia social de Simmel, retiram toda a sua força da própria *indefinição*. É verdade que em Simmel elas não passam, ao menos teoricamente, de simples metáforas. Na versão, porém, que lhes dá o autor de *Sobrado e Mocambos*, tende a dissipar-se mesmo em teoria, esse nominalismo deliberado. De instrumentos

<sup>102</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “‘História’, palestra de Sérgio Buarque de Holanda no Centro de Estudos Históricos Afonso Taunay, Universidade de São Paulo (CEHAT/USP) (1967-1969)”, *op. cit.*, p. 330.

<sup>103</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Nordeste e Noroeste”, *op. cit.*, p. 47, 48.

<sup>104</sup> O exemplar, de 585 páginas, encontra-se com algumas páginas iniciais, apenas, grifadas em parênteses nas laterais dos trechos correspondentes. Cf. SIMMEL, Georg. *Philosophie des Geldes*. München: Duncker und Humblot, 1920, p. 5-33. (Disponível na *Coleção Especial Sérgio Buarque de Holanda* – Biblioteca Central Cesar Lattes, Universidade Estadual de Campinas. Agradecemos ao Sérgio da Mata por, gentilmente, nos ter cedido o seu registro fotografado)

<sup>105</sup> Cf. FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano* [1936]. Global Editora – 1ª ed. digital: São Paulo, 2013, p. 249 (nota 116).



de exposição, distinção, confronto, análise, convertem-se em realidades mais ou menos empíricas, servindo de base a *juízos de valor que mal se disfarçam*.<sup>106</sup>

E prossegue, dessa vez, apontando para elementos organicistas e idealistas na obra do escritor pernambucano:

Assim, é que, nos seus escritos, as “formas” sociais se mudam com facilidade, ora em entidades reais, à maneira dos organismos biológicos – e então se confundem praticamente com os “processos” sociais, capazes de crescimento, maturação e morte – ora em “idéias” de sabor hegeliano – idéias de onde hão de emanar misteriosamente os próprios “objetos materiais”.<sup>107</sup>

Vejam, nessa direção, trecho de crítica tecida ao discurso organicista na obra de Oliveira Vianna, em resenha dedicada a *Instituições Políticas Brasileiras*, e publicada originalmente no *Diário de Notícias*, em 8 de janeiro de 1950, momento no qual o historiador ainda efetua substanciais modificações em *Raízes do Brasil*, inclusive na medida organicista que lhe cabe. Seria tal incisiva crítica à sua própria imagem especular, uma vez que muitas das passagens organicistas são mantidas até a edição definitiva de seu “clássico de nascença”? Vejam:

É bem notória a importância que em todos os escritos de Oliveira Vianna assume esta palavra mágica: “orgânico”. Palavra que acena para a crença, *partilhada por ele com os filósofos românticos* e, sem que o queira, com os “culturalistas” mais radicais, de que as sociedades humanas, os regimes políticos, as instituições, são ao seu modo, e não por simples metáfora ou figura poética, verdadeiras entidades vivas. Muitos ousam imaginar que os homens, por sua vez, poderão reconstruir arbitrariamente tais entidades ou organismos, bastando-lhes para isso que mergulhem nas nascentes da vida e arremedem o que lhes parecem ser as caprichosas leis da natureza. Que jamais lhes ocorresse o que há de contraditório e, em verdade, de “inorgânico”, em tal operação é singularmente espantoso.<sup>108</sup>

A análise minuciosa do discurso organicista e vitalista de vertente alemã, com ênfase na figura de Ludwig Klages para a filosofia da vida [*Lebensphilosophie*], fora já efetuada pelo denso estudo de João Kennedy Eugênio, já referido em nota na introdução desta tese, e se debruça, outrossim, nas permutas efetuadas na primeira versão de *Raízes do Brasil*. Entre outras coisas, indica que o aparato organicista, se, antes, em 1936, cumpria, grosso modo, a função de corroborar conceitualmente o sucesso dos portugueses e a “plasticidade” que deles herdaram os brasileiros, a partir de 1948, a sua atenuação vem a serviço de um “despistamento” do leitor, orientando-o às sendas do

<sup>106</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Sociedade Patriarcal”, *op. cit.*, p. 106.

<sup>107</sup> *Loc. cit.*

<sup>108</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Cultura e Política”. In: *Tentativas de Mitologia*, *op. cit.*, p. 59.

viés progressista de *Raízes do Brasil*.<sup>109</sup> Porém, adverte o estudioso, mesmo com o esmaecimento do conteúdo organicista, as edições de pretensão progressista não dão conta de eliminar por completo o seu teor nas filigranas do discurso.<sup>110</sup> Tal abordagem, por um lado, possui o mérito de trazer à tona faces da destreza hermenêutica do ensaísta, revelando, com isso, dimensões da historicidade de sua multifacetada consciência histórica e política. Por outro lado, dá ênfase a essas pressões do contexto político e deixa consideravelmente em segundo plano o fato de tais modificações percorrerem paralelas e, no limite, como parte constituinte do seu plástico expediente de constituição de uma memória intelectual e, mais coletivamente, disciplinar, principalmente quando o motivo é a agonística que envolve Gilberto Freyre, como temos visto.

E, para arrematar, à altura do penúltimo parágrafo da terceira parte da resenha, retoma a crítica ao impressionismo:

Palavras essas, que extraídas, embora, de um livro confessadamente impressionista, ajudam, por isso mesmo, a desvelar o que vai, nas suas interpretações, de intenso calor afetivo, de amoroso e nostálgico enlevo pelo passado de sua região natal e ancestral, envolvendo, não raro, as noções puramente teóricas que parecem querer introduzir-se em obras declaradamente mais sóbrias. Entre essas noções tentei destacar, nestes artigos, a da existência de uma forma social separável de quaisquer elementos materiais, isto é, de todo “conteúdo” ou “substância”, para usar suas mesmas palavras. Não importa discutir aqui se os valores políticos, intelectuais, estéticos, representados a seu modo – “criados” diria Gilberto Freyre – pela “civilização do açúcar” terão sido os mais significativos ou os mais insígnies entre nós; comparados aos que se encarnavam em outras “civilizações” regionais brasileiras, conforme pretende o sociólogo pernambucano. Seria entrar em terreno movediço das preferências, dos interesses, dos sentimentos, dos ressentimentos pessoais. Pensar, no entanto, que por simples ato de presença e independentemente das condições materiais a que se acha inexplicavelmente ligado, o patriarcalismo nordestino pôde suscitar aqueles valores é apegar-se a concepções um tanto místicas, que em todo caso desafiam um escrutínio plausível.<sup>111</sup>

Não é improvável que o juízo de Sérgio Buarque acerca do caráter “confessadamente impressionista” de *Sobrados e Mucambos* esteja alicerçado no fato de o próprio Gilberto Freyre assumir, na introdução à edição resenhada, a sua peculiar forma *unmethodical method* de enredar os acontecimentos pretéritos. Como se inferirá do excerto a seguir, o renomado recifense escreveu suas obras na “forma de um ensaio e

<sup>109</sup> Cf. EUGÊNIO, João Kennedy. “Uma atenuação plausível: o organicismo em *Raízes do Brasil*, 1948”, *op. cit.*, p. 277.

<sup>110</sup> Cf. *Idem*, *Ibidem*, p. 285.

<sup>111</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Sociedade Patriarcal”, *op. cit.*, p. 108, 109.

como quem pratica um certo tipo de heresia. Ele não estava nem plenamente *lá*, nem totalmente *aqui*".<sup>112</sup> Portanto, "não assumia todos os requisitos demandados para a historiografia propriamente dita, tampouco se rendeu apenas às peripécias estetizantes da linguagem". Ao proclamar a rejeição ao que chamará de "impressionismo fácil e irresponsável", manifesta, ao mesmo tempo, a contestação "ao empirismo que culminava numa erudição pedante e inútil" e a crítica à "ornamentação retórica desvencilhada de qualquer contato com a realidade".<sup>113</sup> Vejamos:

O que nos interessa é o máximo de revelação do assunto: assunto, na sua generalidade, independente de tempo e de espaço, e, nas suas peculiaridades, limitado no tempo e no espaço. Daí não nos repugnar, quando necessário, o próprio impressionismo: aquele que, em literatura, mesmo histórica, é, como o empregado na pintura, tentativa de surpreender a vida em movimento e, por conseguinte, diversa segundo o critério interpretativo com que for surpreendida. *Devemos nos guardar do impressionismo fácil e irresponsável* que é o jornalístico ou o beletista, sem desprezo pelo que ilumine de visão direta e como que imediata, um fato visto ou reconstituído quase a olho nu; e confirmado ou não por técnicas de verificação. Do passado se pode escrever o que Proust escreveu do mundo: que está sendo sempre recriado pela arte. E quase como a arte pode ser a ciência, busca ou procura de realidade complexa que adormeça em fatos aparentemente mortos tanto como em naturezas chamadas igualmente mortas: uns e outros valorizados e incorporados ao conhecimento humano pelo impressionismo revelador de aspectos esquivos ou fugazes da realidade ostensivamente viva ou aparentemente morta.<sup>114</sup>

Interessante destacar que, mais ou menos três anos antes dessa publicação do livro de Freyre, Alceu Amoroso Lima expõe "o método adotado" em seu *O problema do trabalho*, com diapasão acentuadamente afinado quanto ao caráter híbrido do gênero ensaio, e cujas afinidades eletivas podem, *mutatis mutandis*, ser estabelecidas, além do trecho acima, com as clássicas linhas de Lukács "sobre a essência e a forma do ensaio". Nelas, indaga o húngaro: "Em que medida os escritos verdadeiramente grandes que pertencem a essa categoria têm uma forma, e em que medida essa sua forma é autônoma", e mais, "em que medida o modo de ver e sua configuração subtraem a obra do campo das ciências e a colocam ao lado da arte sem, contudo, apagar as fronteiras entre ambas [...]".<sup>115</sup> Eis, então, a postura do católico acerca do invento montaigniano:

Não creio que os métodos científicos devam por natureza entrar em conflito com os métodos artísticos. Nestes predomina o critério da *singularidade*. Só há ciência do geral.

<sup>112</sup> NICOLAZZI, Fernando. "As virtudes do herege: ensaio, modernismo e escrita da história em *Casa-grande & senzala*". In: *Remate De Males*, 31 (1-2), 2012, p. 278. (grifos do autor)

<sup>113</sup> *Loc. cit.*

<sup>114</sup> FREYRE, Gilberto. "Introdução à 2ª edição". In: \_\_\_\_\_. *Sobrados e Mucambos*, *op. cit.*, p. 41, 42.

<sup>115</sup> LUKÁCS, Georg. "Sobre a essência e a forma do ensaio: uma carta a Leo Popper", *op. cit.*, p. 01.

Só há arte do particular. Nem por isso ciência e arte são atividades que se contradigam ou se incompatibilizem. São apenas dois modos diferentes de considerar o mesmo conjunto de realidades que se oferecem ao estudo ou à operação de nossa inteligência. A crítica e o ensaio são precisamente dois modos de conhecimento, que se colocam *entre os dois extremos e participam simultaneamente, dos métodos científicos e estéticos*. Há mesmo em todas as ciências e artes, que interessam diretamente o homem, a necessidade de atender aos dois aspectos, para evitar que o ponto de vista estético nos leve à pura fantasia arbitrária, ou que o ponto de vista científico nos incline a desconsiderar, no homem, o que é nele irreduzível a qualquer generalização determinista – *a liberdade*. Um ensaio sobre o trabalho, portanto, como pretende ser o presente estudo, participa duplamente, como gênero (ensaio) e como tema (trabalho), dessa ambivalência de métodos que caracteriza o modo de visão aqui adotado e o objeto a que se aplica.<sup>116</sup>

Por fim, como forças ilocucionárias de diversa ordem, portanto, os combates pela resenha empreendidos pelo historiador paulista configuram-se como um *plus* agregado a outros mecanismos mobilizados à construção coletiva da memória disciplinar que se assentava naquele período. Fora desse tipo de discurso de segunda ordem, e se se dirige às obras mesmas de Sérgio Buarque e Freyre, ao menos, se notará, de súbito, semelhanças constituintes nas formas de se enredar suas investigações acerca dos aspectos sociais da formação nacional. A assunção por Freyre, portanto, do impressionismo como forma de abordagem deliberada a dar nexos aos robustos dados, entre esses as *primary source* colhidas nos arquivos, em busca da “realidade complexa que adormece em fatos aparentemente mortos”, acaba por neutralizar, em certa medida, as acusações do paulista, pois, assumir de bom grado aquilo que é o exato objeto da acusação converte-se em uma relação especular em que o acusador, no caso, finda por devolver ao acusado a imagem que esse desejaria de si mesmo, ainda que tal dinâmica acarretasse, no caso do pernambucano, o afastamento cada vez mais manifesto, a essa altura, dos bens simbólicos em circulação no campo intelectual do período. Nesse sentido, como veremos na seção seguinte, o nome de Gilberto Freyre se torna gradativamente raro nos debates e assuntos acerca dos objetos concernentes às ciências sociais que doravante se autonomizavam nos domínios da Universidade de São Paulo. Assim, a agonística buarquiana, pelas resenhas e outros meios, se colocará a postos no *front* da divulgação e do enaltecimento dos “Novos rumos da Sociologia”,<sup>117</sup> iniciados,

<sup>116</sup> LIMA, Alceu Amoroso. “O problema e as falsas soluções”. In: \_\_\_\_\_. *O problema do trabalho (Ensaio de filosofia econômica)*, op. cit., p. 20, 21. (grifos do autor)

<sup>117</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Novos rumos da Sociologia”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro I (1920-1949)*, op. cit.. (publicado originalmente no *Diário Carioca*, em 03 de outubro de 1948)

ainda, pelos membros da Escola Livre de Sociologia e Política, e logo depois consolidados pela Universidade de São Paulo e seus departamentos.

### *Combates pela sociologia*

É a Escola Livre de Sociologia e Política, instituição criada em 1933 sob os auspícios de empresários, professores e jornalistas, o lócus onde se germinam os imperiosos enunciados sobre o “novo” a se inaugurar em substituição ao até então vigorante “pré-científico”, como se timbrava, sob vários matizes, os trabalhos interpretativos acerca da realidade brasileira, plasmados sob a forma ensaio. Um ano após, cria-se a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, que, contando com o apoio da grande burguesia do quilate do grupo Mesquita,<sup>118</sup> abrigará, sob o seu domínio, uma equipe de agentes, nacionais e estrangeiros, responsável por implantar “um modelo para a carreira universitária e para a produção intelectual”, como afirmará, décadas depois, um de seus ilustres representantes. “A presença de alguns dos professores estrangeiros” nesse espaço, somada ao “ardor dos que haviam sido formados por eles e dos que, por conta própria, fizeram esforços para substituir a tradição ensaística brasileira pela sociologia”, dirá o até então sociólogo, “transmitiram-nos um sentido de responsabilidade intelectual que impunha trabalho árduo para a feitura das teses de mestrado e de doutoramento”.<sup>119</sup> No caso da instituição inaugurada em 1933, o teor do seu manifesto de criação não poderia ser mais cristalino em suas intenções no que tange à contratação de docentes estrangeiros. Tal urgente iniciativa visava à formação de “quadros técnicos, especializados em ciências sociais [...] de uma elite ‘numerosa e organizada’, instruída sob métodos científicos, a par das instituições e conquistas do mundo civilizado, capaz de compreender, antes de agir, o meio social em que vivemos [...]”.<sup>120</sup> Pois bem, incorporada à Universidade de São Paulo no ano de 1939, a Escola Livre de Sociologia e Política agregou, ao longo do tempo, em

<sup>118</sup> MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, op. cit., p. 102.

<sup>119</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. “Nota à 2ª edição”. In: \_\_\_\_\_. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*. São Paulo: Paz e Terra, 2ª Ed., 1977, p. 12. Trabalho escrito originalmente para sua tese de doutorado defendida, em 1961, na Universidade de São Paulo, sob orientação de Florestan Fernandes. Sabe-se que esse último enviara reiteradas cartas a Gilberto Freyre para que participasse como membro da banca examinadora da defesa de Cardoso, que, com Octavio Ianni, seriam os primeiros alunos a consagrarem, com suas teses, a importante Cadeira de Sociologia I, o que Freyre nega. “Queríamos prestar-lhe uma homenagem, que constitui ao mesmo tempo uma honra para nós, pedindo-lhe para participar da banca examinadora. Poderia fazer um sacrifício e aceitar esse encargo?”. FERNANDES, Florestan *apud* FALCÃO, Joaquim. “A luta pelo trono: Gilberto Freyre versus USP”, op. cit., p. 194.

<sup>120</sup> *Apud* MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, op. cit., p. 102.

seu controverso e multifacetado quadro intelectuais do porte de Carlos Guilherme Mota, Darcy Ribeiro, Donald Pierson, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Roberto Simonsen, Rubens Borba de Moraes, entre outros. Será por ela, igualmente, que Sérgio Buarque obterá o grau de mestre em ciências sociais, em 30 de julho de 1958.<sup>121</sup> Além de mestre, Holanda lecionará na instituição entre os anos de 1954 e 1956 e, como já brevemente afirmado, se postará numa zona indecisa perante a qualificação de sociólogo que lhe imprimiam em determinadas ocasiões. No ano de 1959, por exemplo, em entrevista concedida ao *Tribuna da Imprensa*, responderá a primeira pergunta “sem preâmbulos”, como registra o entrevistador em sua apresentação: “Quais os rumos da sociologia brasileira?”. Ao que redargui o já autor de *Visão do Paraíso*: “Não posso responder. Não me considero sociólogo e sim historiador”.<sup>122</sup> Insistindo na questão, porém, o entrevistador reserva o encerramento da entrevista à seguinte pergunta: “E você, por que se considera um historiador e não um sociólogo?”. Ao que responde, meio fugidio:

A sociologia no Brasil sempre teve o cunho e o caráter históricos. Os estudos sociológicos têm-se desenvolvido mais nas cátedras universitárias, principalmente na Faculdade de Filosofia e Escola de Sociologia, ambas de São Paulo, com contribuições muito importantes.<sup>123</sup>

Mais ou menos uma década depois, em ocasião de palestra já referida, de tal forma se posicionará o autor:

Na verdade, eu próprio tenho sido muitas vezes qualificado de sociólogo, apesar de não aceitar de muito bom grado essa etiqueta. Durante quatro anos, por 2 períodos consecutivos, cheguei a vice-presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia. Além disso, tomei parte em numerosas bancas de concurso de Sociologia. [inclusive da banca de concurso de cátedra de um dos atuais titulares, meu querido e admirado amigo Florestan Fernandes]. Acresce que tenho eu próprio, por concurso, o grau de Mestre em Sociologia, perdão em Ciências Sociais, o que me põe a vontade para discorrer sobre as relações entre as duas matérias.<sup>124</sup>

O que, na introdução de ambos os enunciados, é explicitamente recusado, logo se apresenta como errático em meio a tantas afirmações entrecortadas de circunlóquios e orações subordinadas afirmativas, cujo fim, talvez, seja o de, ao mesmo tempo, demarcar

<sup>121</sup> Cf. reprodução fac-similar do atestado de aprovação do autor, emitido pela instituição, em MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda – Perspectivas*, op. cit., p. 701.

<sup>122</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “História brasileira num castelo medieval”. In: *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 14-15 de novembro, 1959. Acessado no Acervo Digital da Biblioteca Nacional, em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083\\_01&PagFis=29884](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_01&PagFis=29884)>

<sup>123</sup> *Loc. cit.*

<sup>124</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “‘História’, palestra de Sérgio Buarque de Holanda no Centro de Estudos Históricos Afonso Taunay, Universidade de São Paulo (CEHAT/USP) (1967-1969)”, op. cit., p. 315, 316.

uma linha divisória relativamente definida entre as áreas em que almeja vincar sua identidade historiadora e reforçar a memória disciplinar desse campo em mudança quanto às condições de produção intelectual,<sup>125</sup> manter-se transitando em ambos os domínios como uma forma de preservar as credenciais para, entre outras coisas, obviamente, travar os embates com os seus rivais num espectro mais amplo de ação. Afinal, sabe-se que Gilberto Freyre era classificado tanto como historiador social quanto como sociólogo e antropólogo pelos críticos e pela recepção – nacionais e estrangeiros –, mas, ainda, ele mesmo os incorporava por seus próprios esforços de autoconstrução previstos no conjunto de sua obra.<sup>126</sup> Um índice desse possível intento, por parte do paulista, de um não declarado programa de circulação por entre os vestíbulos, limiares e fronteiras em construção dos dois campos disciplinares encontra-se em já referido artigo, sintomaticamente intitulado: “Novos rumos da Sociologia”, de 1948. Antes que o adentremos, faz-se pertinente notar que a frase relativa ao “meu querido e admirado amigo Florestan Fernandes”, entre colchetes no excerto extraído da palestra e acima citado, fora rabiscada por Sérgio Buarque de Holanda no original datilografado.<sup>127</sup>

#### *A diferença. Ou: o mal-estar da profissionalização*<sup>128</sup>

Pois bem, quanto aos “Novos rumos da Sociologia”, podemos afirmar que se constituem como marca de historicidade da definitiva clivagem do autor no que diz respeito ao agonístico processo de estabelecimento da *diferença* entre *dois tempos* que se instauram no nível discursivo: é por ele que Buarque de Holanda institui a demarcação do tempo dos trabalhos de síntese interpretativa, no limite, dos ensaios produzidos nas décadas de 1920 e 1930, e daquele relativo aos “novos” produtos que vislumbrava estarem rumando sentido aos ventos da profissionalização, como previsto já nas estratégias que pautam o teor discursivo dos artigos e das resenhas analisados, mais quantitativamente, até aqui, neste capítulo. O autor principia o pequeno texto mirando os estudos que se filiam à noção de, embora não diretamente nomeada, “caráter

<sup>125</sup> RODRIGUES, Lidiane. “Um desejo chamado ensaio”. In: *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*. v. 7, n. 16, 2014, p. 263.

<sup>126</sup> Cf., por exemplo, FREYRE, Gilberto. *Como e por que sou e não sou sociólogo*. Brasília: Editora da UnB, 1968.

<sup>127</sup> Cf. minucioso e admirável trabalho de preparação desse inédito material, realizado por CARVALHO, Raphael Guilherme de. “Em torno da concepção de história de Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*, p. 313, 314.

<sup>128</sup> Nos inspiramos, para este subtítulo, na perspicaz sugestão de Lidiane Rodrigues, em RODRIGUES, Lidiane. “Um desejo chamado ensaio”, *op. cit.*, p. 262 e 264.

nacional”,<sup>129</sup> a partir do qual “cada povo cumpre discernir e cultivar com carinho sua personalidade essencial e irreduzível, informada por tradições que são próprias e que sobretudo não partilha com nenhum outro”. Personalidade que, de acordo com Holanda, “encontra sua razão de ser, sua justificação, seu apoio, não já nos valores racionais e universais, que antes pareciam dominar quase exclusivos, mas no simples fato de ser singular e única”.<sup>130</sup> Recordemos que, já no ano de 1954, Dante Moreira Leite também mirará em sua tese, entre outras produções coevas a *Casa-grande & Senzala* e *Retratos do Brasil*, por exemplo, o livro de estreia de Sérgio Buarque, buscando inseri-lo numa longa duração da “história de uma ideologia” implicada na odisséia dessa expressão vigorante no pensamento social e político brasileiro.<sup>131</sup> Ao continuar o expediente de demarcação entre os velhos e novos rumos das ciências sociais brasileiras, argumenta o autor que, à noção de personalidade essencial e irreduzível dos povos, associam-se as

concepções “orgânicas” da sociedade, que se desenvolveram a partir do princípio do século passado e tem sua expressão mais nítida no empenho de criar novos mitos, capazes de congregarem em volta de si, numa comunhão sagrada, os indivíduos e as coletividades. Sabemos como, em suas formas extremas e mais grosseiras ou primárias, ela foi desembocar nos fascismos de todos os matizes.<sup>132</sup>

Após mencionar genérica e elípticamente tais estudos, descrevendo, portanto, suas características de abordagem, filiações e atitudes, que “vão se articular [...] ao patético do tradicional, ao senso de continuidade com o passado, entendida esta não como simples fatalidade, mas antes como grave dever”,<sup>133</sup> tem-se a nomeação de alguns dos seus autores. Esses trabalhos, segundo o articulista, “parecem pertencer ao ‘clima de opinião’” e, “para não citar o caso dos membros mais respeitáveis dessa família numerosa – a obra de Gilberto Freyre, por exemplo, ou de Oliveira Vianna (*a de Caio Prado Júnior já pertence a família diferente*)”,<sup>134</sup> cita o caso de “certo parente pobre, um livro que há cerca de doze anos publicou o autor do presente artigo e no qual se propunha investigar nada menos do que nossa personalidade nacional através de suas

---

<sup>129</sup> A propósito, o que era descrito como “caráter nacional”, na primeira edição, em parágrafo que se dedica à discussão sobre o “Homem cordial”, vem, na edição de 1948, substituído por “caráter brasileiro”. Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., *op. cit.*, p. 101; e HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 2ª ed., *op. cit.*, p. 214.

<sup>130</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Novos rumos da Sociologia”, *op. cit.*, p. 513.

<sup>131</sup> Cf. LEITE, Dante Moreira. “Sérgio Buarque de Holanda e o homem cordial”, *op. cit.*, p. 386, 387 e 388.

<sup>132</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Novos rumos da Sociologia”, *op. cit.*, p. 513.

<sup>133</sup> *Idem, Ibidem*, p. 514.

<sup>134</sup> *Loc. cit.*



raízes históricas”.<sup>135</sup> Dessa feita, oblíqua é a referência ao seu *Raízes do Brasil*: ao inseri-lo na linhagem dos de fora dos “novos rumos”, deixa claro que não se trata de inscrevê-lo, no sentido metonímico de obra, como artigo passado, visto que se refere estritamente à edição de 1936, pois, tendo tentado, justifica o ensaísta, “em segunda edição, corrigir o que pudesse haver de muito ambicioso nesse projeto, renunciou a apagar completamente as marcas da origem, para não ter de refundir a obra toda, escrita e impressa quando aquela atitude dominava quase sem contraste”.<sup>136</sup> No que tange às ditas marcas da origem – além daquelas que dizem respeito a Gilberto Freyre expurgado –, vimos, em seção anterior, que a crítica ao organicismo, após tê-lo atenuado no livro que carregará consigo atualizado para o ingresso nos “novos rumos”, se voltará, na década de 1950, mais detidamente contra o próprio pernambucano e contra Vianna, citados aqui entre os “membros mais respeitáveis dessa família numerosa”.

Entre o ato, pois, da escrita de um texto de divulgação sobre os trabalhos de sociologia que se queriam como o despontar dos signos a inaugurar uma nova forma de compreensão da realidade e a clara rejeição dos pressupostos que balizavam o primeiro livro que publicara, o autor-antonomásia – visto que “o autor de *Raízes do Brasil*” – se estabelece, ele próprio, como a diferença entre esses dois tempos. Moldando-se e moldando *compósita e plasticamente* tal contexto, Sérgio Buarque de Holanda se inscreve, na soleira da segunda metade do século XX, nessa “história da luta pelo monopólio da imposição de categorias de percepção e apreciação legítimas”.<sup>137</sup> Se “é a luta mesma que faz a história do campo [intelectual]”, por ela se temporalizando, o articulista, portanto, é nela participante interessado na “descontinuidade, ruptura, diferença, revolução”.<sup>138</sup> Tendo em vista a economia do texto, é no seu exato ponto mediano que o autor traçará a divisão entre o passado que carrega parcela de sua memória intelectual, em parte construída mediante a declarada insatisfação com a edição de 1936 do seu livro, e as linhas que, doravante, se limitarão a “acentuar a importância singular da contribuição de todo um grupo de pesquisadores novos, no sentido de ampliar, entre nós, o campo das investigações sociológicas”.<sup>139</sup> A partir dessa

---

<sup>135</sup> *Loc. cit.*

<sup>136</sup> *Loc. cit.*

<sup>137</sup> BOURDIEU, Pierre. “La production de la croyance: contribution à une économie des biens symboliques”. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 13, 1977, p. 39.

<sup>138</sup> *Loc. cit.* (grifo do autor)

<sup>139</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Novos rumos da Sociologia”, *op. cit.*, p. 515.

face de Jano articulada com base nas duas edições de seu livro de estreia, Buarque de Holanda se empenhará com mais intensidade a traçar, então, as linhas de força a presidir esse “novo” anunciado, pois “*marcar época é impor sua marca, reconhecer (em um duplo sentido) sua diferença em relação a outros produtores e, sobretudo, aos mais consagrados entre eles*”.<sup>140</sup> Por fim, “*é inseparavelmente fazer existir uma nova posição para além das posições ocupadas, à frente dessas posições, na vanguarda*”.<sup>141</sup>

Daí em diante, Sérgio Buarque se propõe a perfilar, no pequeno texto, os estudos e autores que compõem, de acordo com o seu juízo, a singularidade e a importância verificadas no âmbito do grupo de pesquisadores novos a ampliar o campo das investigações em sociologia. O trabalho exemplar, a seu ver, e que será “objeto de outro artigo”, é o volume de Emilio Willems, intitulado *Cunha, tradição e transição em uma cultura rural do Brasil*, editado pela Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria de Agricultura de São Paulo, “em tiragem”, observa o autor, “insuficiente para ampla repercussão”.<sup>142</sup> Para o autor de *Monções*, o livro “representa um esforço pioneiro, e não encontra na *moderna geração* de sociólogos brasileiros quem esteja mais habituado a efetuá-lo do que Willems”.<sup>143</sup> A partir de estudos anteriormente realizados pelo sociólogo, como os que se dedicam à “aculturação entre alemães no Rio Grande e entre japoneses em São Paulo”, Holanda sela o atual livro, objeto de seus comentários, como produto de “assíduo trato com a literatura sociológica europeia e norte-americana”, desenvolvido sob um “método seguro e rigoroso de análise que vem ampliando com resultados admiráveis a outros setores”.<sup>144</sup> Além de Emilio Willems, Buarque de Holanda elenca os trabalhos de figuras de vulto como Donald Pierson, ou aqueles “sob orientação ou o estímulo direto desse professor norte-americano, *especialista* da Escola Livre de Sociologia de São Paulo, com Carlos Borges Teixeira e Oraci Nogueira”,<sup>145</sup> mas, também, os de Gioconda Mussolini e Antonio Candido, já no âmbito da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Preocupados, cada qual à sua maneira, com a “estrutura social e a mudança cultural em certas localidades de povoamento antigo”, tais estudos

---

<sup>140</sup> BOURDIEU, Pierre. “La production de la croyance”, *op. cit.*, p. 39. (grifos do autor)

<sup>141</sup> *Loc. cit.* (grifos do autor)

<sup>142</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Novos rumos da Sociologia”, *op. cit.*, p. 515.

<sup>143</sup> *Loc. cit.*

<sup>144</sup> *Loc. cit.*

<sup>145</sup> *Idem, Ibidem*, p. 516.

surgiram, em São Paulo, à sombra do ensino universitário e, em grande parte, da influência decisiva de mestres estrangeiros, como Radcliffe-Brown, Melville Herscovicz, Donald Pierson, Roger Bastide, sem falar nos brasileiros por nascimento ou adoção, como Fernando de Azevedo, Emilio Willems e Herbert Baudus (este nos domínios da Etnologia) [...].<sup>146</sup>

Nota-se, no artigo, um minucioso cuidado em alinhavar, com exatidão, os nomes dos lugares institucionais, bem como os dos seus agentes, seus vínculos e suas práticas, concentrados numa determinada espacialidade regional e, ainda, conectados aos esforços missionários exteriores às suas fronteiras de atuação. Como assevera Bourdieu, “palavras, nomes de escolas ou grupos, nomes próprios, são tão importantes porque realizam as coisas: sinais distintivos que produzem existência em um universo onde existir é diferir, ‘fazer-se um nome’, um nome próprio ou um nome comum (para um grupo)”.<sup>147</sup> Nessa mesma toada segue o paulista, nos anos seguintes, participante direto da implantação de uma semântica específica dos padrões de cientificidade e suas respectivas matrizes disciplinares, comprometidas com claras orientações político-institucionais naquela situação. A escolha de referenciais que se queriam legitimar e sedimentar nos discursos de suas produções, dentro e, em certa medida, fora dos muros de seus centros de saber, conduzia Sérgio Buarque a instaurar – coletiva e gradualmente – uma memória disciplinar que incorporasse, “ainda que de modo extremamente seletivo e desigual, o papel das gerações anteriores, sobretudo a dos ensaístas dos anos 1920-1930, no processo de formação das ciências sociais no Brasil”.<sup>148</sup> Por outro lado, porém, “se tratava de demarcar um ‘campo científico’”, decorrendo daí que “o próprio desenvolvimento das ciências sociais foi pensado, em termos gerais, a partir de uma polarização mais ou menos disjuntiva entre o caráter ‘científico’ das Ciências Sociais e o ‘pré-científico’ do pensamento social e político”.<sup>149</sup> Em artigo de 1950, decididamente a favor da figura proeminente de Florestan Fernandes, discorre sobre um de seus livros, agraciado pelo Prêmio Fábio Prado, bem como sobre a contribuição desse intelectual para a consolidação do ensino universitário desde a Universidade de São Paulo:

Falaria ao menos com mais denodo nos trabalhos sociológicos e antropológicos de outro estudioso de assuntos brasileiros: o sr. Florestan Fernandes. Já me ocupei em outro lugar de seu livro acerca da *Organização social dos Tupinambá*, que para o público não especializado pode-se dizer que foi uma revelação do Prêmio Fábio Prado, e espero

---

<sup>146</sup> *Loc. cit.*

<sup>147</sup> BOURDIEU, Pierre. “La production de la croyance”, *op. cit.*, p. 39.

<sup>148</sup> BOTELHO, André; LAHUERTA, Milton. “Interpretações do Brasil, pensamento social e cultura política: tópicos de uma necessária agenda de investigação”, *op. cit.*, p. 07.

<sup>149</sup> *Loc. cit.*

ocupar-me algum dia de seu trabalho mais recente – uma análise funcionalista da guerra –, se me parecer que o assunto tem cabimento nessas notas. De ambos dizia-nos, não há muito, *com sua grande autoridade, o professor A. Métraux*, que se inscreveram definitivamente entre as contribuições indispensáveis para o conhecimento de nosso passado pré-colonial. Em verdade não sei quem represente melhor, no Brasil atual, do que o sr. Florestan Fernandes, esse espírito incutido em grande parte pelo tirocínio em nossos novos institutos universitários, que vai empolgando felizmente toda uma geração de estudiosos. Já me ocorreu, nestes mesmos artigos, destacar o papel decisivo que aquele tirocínio poderá vir a exercer na abertura de novos caminhos para a inteligência brasileira, e não só no terreno das ciências.<sup>150</sup>

Em artigo de título “Estudos etnológicos”, publicado em 1º de julho de 1951, no *Diário Carioca*, Sérgio Buarque de Holanda, adentrando agora o campo da antropologia, se volta contra os trabalhos etnológicos que tendem a folclorizar, anedotizar e exotizar tanto as manifestações culturais dos negros quanto as dos índios, bem como a sua influência na vida social brasileira. A fim de enaltecer, ao final do pequeno texto, as novas perspectivas e abordagens desse campo específico, que deixam de lado o “viés romântico ou nativista” sobre o índio brasileiro para abraçar os estudos fundados “não só no tirocínio teórico, mas ainda em prolongadas pesquisas de campo”,<sup>151</sup> o autor elenca uma gama de renomados antropólogos que contribuíram para a formação de uma “nova geração” de jovens autores:

Toda uma nova geração de antropólogos, formados ao contato de mestres como Herbert Baldus, Charles Wegley, Radcliffe-Brown, Lévi-Strauss, Roger Bastide, Kalervo Oberg, começa a esboçar-se assim, orientada por métodos que, estou certo, hão de abrir *uma nova era* nos estudos brasileiros. Em 1945 tivemos, de Egon Schaden, o *Ensaio etno-sociológico sobre a mitologia heroica de algumas tribos indígenas do Brasil*. Em 1948, a ampla monografia de Florestan Fernandes sobre a *Organização social dos Tupinambás*. Do mesmo autor publicou-se, em 1949, a *Análise funcionalista da guerra: possibilidades de sua explicação à sociedade tupinambá*. E ainda há pouco, em 1950, o Serviço de Proteção aos Índios publicou, de Darcy Ribeiro, *Religião e mitologia kadiwéu*.<sup>152</sup>

Fato é que, entre os trabalhos de Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro, não poderia mais figurar a contribuição de Gilberto Freyre. Dada a ênfase, doravante, na formação epistemológica sistematicamente orientada e, mais fundamentalmente, na pesquisa de campo, infere-se, conseqüentemente, que os trabalhos do pernambucano caminhavam no rumo oposto ao da “Sociologia europeia e norte-americana, que tendem

<sup>150</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Livros premiados”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra: estudos de crítica literária (vol. II)*, op. cit., p. 313, 314. (originalmente publicado no jornal *Diário Carioca*, a 31 de dezembro de 1950)

<sup>151</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Estudos etnológicos”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*, op. cit., p. 146.

<sup>152</sup> *Loc. cit.*

a menosprezar – esta sobretudo – os materiais fornecidos pela história e as preocupações com o que alguém já chamou, de modo significativo, o ‘passado utilizável’, deixando-o de preferência a ensaístas e literatos”.<sup>153</sup> De acordo com essas linhas do mesmo parágrafo de “Novos rumos da Sociologia”, que precede a cisão que Sérgio Buarque de Holanda estabeleceu a partir do trabalho de Emilio Willems, a obra do recifense representava, então, a renitência de tais práticas, pois, “no Brasil são elas que constituem, de maneira geral, a substância mesma dos estudos das Ciências Sociais. Ainda que não se aceitem as razões aqui propostas para o fato, ele subsiste apesar de tudo [...]”.<sup>154</sup>

### *Ensaio, esse significante flutuante*

Há já representativos estudos que se debruçam criticamente sobre as classificações dirigidas, nesse período, pelos agentes dos campos em transformação na área historiográfica e, principalmente, sociológica, ao gênero ensaio como forma de escrita entre a literatura e a história, entre a literatura e a sociologia, ou, ainda, na fronteira entre a matéria da arte e aquela da objetividade científica. No limite, segundo tais concepções, essa forma de representação se configuraria como pré-científica, entre outras variantes desse mesmo discurso da busca por legitimidade a partir de pressupostos cientificizantes.<sup>155</sup> Embora não se tratará, aqui, de realizar um exaustivo levantamento das acepções dadas ao ensaísmo e, conseqüentemente, aos seus maiores e mais afirmativos praticantes no arco temporal ora considerado, isto é, finais da década de 1940 até as duas décadas seguintes – o que demandaria outra tese –, ainda assim, podemos, a partir de alguns gestos pontuais dos seus expoentes maiores, dar a ver ao/à leitor/leitora ao menos pequena, porém significativa, parcela desse ambiente injuntivo

<sup>153</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Novos rumos da Sociologia”, *op. cit.*, p. 515.

<sup>154</sup> *Loc. cit.*

<sup>155</sup> Destacamos, especialmente, a densa pesquisa de Fernando Nicolazzi como contraponto a tais pressupostos um tanto reducionistas: NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio. Sobre Casa-grande & Senzala e a representação do passado*, *op. cit.*; e NICOLAZZI, Fernando. “As virtudes do herege: ensaio, modernismo e escrita da história em *Casa-grande & senzala*”, *op. cit.*. Para o caso específico da tensa e sempre problemática relação de Freyre com a USP, cf., FALCÃO, Joaquim. “A luta pelo trono: Gilberto Freyre versus USP”, *op. cit.*; ROCHA, João Cezar de Castro. “Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre: raízes de uma rivalidade literária”, *op. cit.*; ROCHA, João Cezar de Castro. “Notas para uma futura pesquisa: Gilberto Freyre e a Escola Paulista”. In: FALCÃO, Joaquim; ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de (orgs.). *O imperador das idéias. Gilberto Freyre em questão*, *op. cit.*; MOTA, Carlos Guilherme. “A universidade brasileira e o pensamento de Gilberto Freyre”, *op. cit.*; e SORÁ, Gustavo. “A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande & Senzala* de Gilberto Freyre”, *op. cit.*

das ciências sociais que se constituía naquele tempo e espaço específicos. Os fragmentos abaixo perfilados foram produzidos em finais da década de 1960 e 1970, o que só reforça que a questão perdura de modo candente e ininterrupto na “luta pelo trono” da interpretação verdadeira.<sup>156</sup> Em capítulos de suas principais obras, dedicados tanto à história da sociologia no Brasil como aos pressupostos teóricos e metodológicos que as regem, Florestan Fernandes e alguns de seus epígonos mais imediatos, entre os quais encontra-se, certamente, Octavio Ianni, procuraram, por todas as vias, desviar-se das abordagens postas em curso pelos seus predecessores “intérpretes”. Nesse sentido é cristalino o depoimento de Fernando Henrique Cardoso acerca da atuação “missionária”, nas décadas de 1930 e 1940, dos intelectuais brasileiros e estrangeiros que o precederam:

A geração anterior à minha, de Florestan Fernandes, Antônio Cândido, Gioconda Mussolini, Mário Wagner Vieira da Cunha, Lourival Gomes Machado e tantos outros, havia renovado a vida universitária, sob influência direta dos professores estrangeiros e de homens como Fernando de Azevedo. A busca contínua de um “padrão de trabalho científico”, a disciplina da pesquisa histórica e de campo, os muitos anos de contato com professores como Roger Bastide, Fernand Braudel, Pierre Monbeig, Lévi-Strauss, Emílio Willems e inúmeros mais haviam criado *um modelo para a carreira universitária e para a produção intelectual*. A presença de alguns dos professores estrangeiros mais o ardor dos que haviam sido formados por eles e dos que, por conta própria, fizeram *esforços para substituir a tradição ensaística brasileira pela sociologia* transmitiram-nos um sentido de responsabilidade intelectual que impunha trabalho árduo para a feitura das teses de mestrado e de doutoramento.<sup>157</sup>

Ao tratar do tema da mestiçagem – questão crucial às ciências sociais naquele Brasil já mergulhado no autoritarismo, visto que, ao mesmo tempo em que constitui o *ethos* integrador da formação social, se correlacionada ao problema de classe, escolaridade, nível de renda, expectativa de vida, violência policial etc., nos revela a mácula da longa duração que leva da dominação econômica escravocrata à dominação do capital sobre o trabalho<sup>158</sup> –, diz Ianni: “Inicialmente ensaístas, historiadores, etc., *mais ou menos objetivos*, preocuparam-se com o assunto, defendendo, evidentemente, posições distintas em face do problema”.<sup>159</sup> Observemos, agora, nas passagens de um livro de Florestan Fernandes, a noção teleológica do conceito de sociologia na história de sua prática no Brasil. Calcada sob uma forte hierarquia valorativa que, entre outras

<sup>156</sup> FALCÃO, Joaquim. “A luta pelo trono: Gilberto Freyre versus USP”, *op. cit.*, p. 138.

<sup>157</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. “Nota à 2ª edição”. In: \_\_\_\_\_. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*. São Paulo: Paz e Terra, 2ª Ed., 1977, p. 11, 12.

<sup>158</sup> FALCÃO, Joaquim. “A luta pelo trono: Gilberto Freyre versus USP”, *op. cit.*, p. 166.

<sup>159</sup> IANNI, Octavio. *Raças e classes sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 68.

questões, busca fundar as “*marcas distintivas* [a serem instrumentalizadas para] frequentemente identificar as propriedades mais superficiais e mais visíveis associadas a um conjunto de obras ou de produtores”,<sup>160</sup> Fernandes a dividirá em três etapas: a primeira refere-se ao século XIX, cuja

intenção *não é* a de fazer, propriamente *obra de investigação sociológica*, mas de esclarecer certas relações, mediante a consideração dos fatores sociais. Desse modo, a *inteligência* brasileira passa a se interessar por conexões entre o direito e a sociedade, a *literatura* e o contexto social, o estado e a organização social, etc., muito parecida com as que foram elaboradas na Europa pelo *pensamento racional pré-científico*.<sup>161</sup>

Já a segunda etapa é constituída pelos estudos realizados nos primeiros decênios do século XX:

Ela frutifica [...] tanto sob a forma de *análise histórico-geográfica e sociográfica* do presente, quanto sob a inspiração de um modelo mais complexo de análise histórico-pragmática, em que a interpretação do presente se associa a disposições de intervenção racional no processo social. As obras pioneiras não deixam de *entrevêr intenções deliberadas* de fazer obra sistemática de investigação sociológica.<sup>162</sup>

Como pudemos inferir, as obras dos ensaístas não ultrapassam, na visão do autor, o limite da mera “intenção deliberada” de realizarem produção regular e sistemática de análise do social. Mais ainda, por serem “sociografia”, não se constituem da legitimidade exigida pela demanda de uma disciplina científica, uma vez que um dos processos para a sua efetivação implicaria trabalho de campo e outras tecnologias. Aquelas, de acordo com a concepção de Fernandes, não excediam a etapa da descrição. Eram, logo, pré-científicas. A terceira e última etapa, obviamente, seria aquela na qual se enquadra o autor. Essa

se caracteriza pela preocupação dominante de subordinar o labor intelectual, no estudo dos fenômenos sociais, aos padrões de trabalho sistemático. Essa intenção se revela tanto nas obras de investigação empírico-indutiva (de reconstrução histórica ou de campo) quanto nos *ensaaios de sistematização teórica*. Com isso formam-se aspirações definidas, no sentido de contribuir para o progresso da sociologia como disciplina científica, e se evidencia *uma mentalidade nova*, através da qual prevalecem os imperativos da especialização na escolha dos centros de interesse do investigador individual. Essa época é recente e, embora lance raízes no início do segundo quartel do presente século, só agora começa a configurar-se plenamente.<sup>163</sup>

<sup>160</sup> BOURDIEU, Pierre. “La production de la croyance”, *op. cit.*, p. 39. (grifo do autor)

<sup>161</sup> FERNANDES, Florestan. “Épocas de desenvolvimento da sociologia”. In: \_\_\_\_\_. *A sociologia no Brasil. Contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 27.

<sup>162</sup> *Loc. cit.*

<sup>163</sup> *Idem, Ibidem*, p. 28.

Percebe-se, aí, o obstinado esforço de Fernandes – imbuído de “uma mentalidade nova” – em rotinizar uma prática que se fundamente nos pressupostos de um “trabalho sistemático”, e que, ainda que lançando mão do gênero ensaio, como inscrito na própria citação, deva servir apenas a fins de uma propedêutica para “sistematização teórica”. Vale frisar que, nas últimas linhas da passagem, o aclamado sociólogo afirma o valor da geração precedente, admitindo que sua época estabelece relações com a que o antecipa, porém, somente naquele momento, a partir da crença no desenvolvimento em que se encontrava o país, e mais especificamente São Paulo, bem como da compartimentação dos campos de saber, a disciplina como ciência alcançava a sua plenitude.

Pois bem, o que nos interessará mais de perto nesse movimento é a forma com a qual Sérgio Buarque de Holanda nele se integra. Mais produtivo do que simplesmente agregar fragmentos de seus escritos que, igualmente, podem corroborar e reforçar os imperativos da institucionalização nesse período, seja, talvez, inscrever, *no* movimento, parte das suas estratégias para, de forma plástica, se estabilizar nesse momento das condições de mudança da produção intelectual, bem como das divisões sociais do trabalho intelectual de distintas ordens nesse campo que se instituía. Ora, o que se coloca em questão é o fato de o autor de *Cobra de Vidro* ser muitas vezes lido, ou como crítico do ensaio, e do seu próprio, como vimos, após sua formação como “historiador *tout court*” – e a queda numa certa teleologia entre o intuitivo-literário-generalista e o historiador maduro se impõe como inevitável<sup>164</sup> –, ou como criticado, mais intensamente nas décadas de 1960 e 1970, em virtude de sua prática ensaística, tomando, em boa parte dos casos, somente *Raízes do Brasil* como obra representativa desse tipo de operação. O que nos inclinamos a afirmar, aqui, é que o próprio conceito de ensaio se constitui como um significante flutuante mobilizado e deslocado a depender do uso *performático* que dele se faz no sentido de atingir uma determinada finalidade

---

<sup>164</sup> Cf. nesse sentido, e levando em conta certos matizes e variadas perspectivas, alguns autores que, em diálogo, lançam mão da imagem do “homem-ponte” para designar a *passagem* do intelectual por dois tempos e duas práticas/operações distintas, isto é, “do ensaísmo à historiografia”: WEGNER, Robert. “Latas de leite em pó e garrafas de uísque: um modernista na universidade”. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda – Perspectivas*, op. cit., p. 483; e PEREIRA, Mateus Henrique de F.; SANTOS, Pedro Afonso Cristóvão dos. “Odisseias do conceito moderno de história”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Nº 50, março de 2010, p. 34. Um exemplo significativo, para o caso de Gilberto Freyre, se apresenta na maneira como dois dos seus biógrafos abordaram tal problema. Para eles, tanto a obra do sociólogo como a de Caio Prado Jr. assinalariam a “*passagem* do ensaísmo à pesquisa empírica”. GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez. *Gilberto Freyre uma biografia cultural. A formação de um intelectual brasileiro: 1900-1936*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 433.



discursiva em uma determinada situação concreta. Assim, convertem-se em verdadeiros “instrumentos *práticos* de classificação que estabelecem as semelhanças e diferenças” no ato de nomeação; produzidos “na *luta pelo reconhecimento* dos próprios [agentes] ou de seus críticos regulares e cumprem a função de *sinais de reconhecimento* que distinguem [os produtores] e, ao mesmo tempo, os produtos [que realizam]”.<sup>165</sup>

Há mesmo quem acene para o “adeus” de Sérgio Buarque ao ensaio nesse período, embora se afirme que não se deterá a “uma definição da categoria ensaio” e, tampouco, a “uma discussão semântica” sobre o gênero.<sup>166</sup> Ora, se nos remetermos ao seu livro mais representativo em termos historiográficos, *Visão do Paraíso*, num golpe de vista, constataremos, sob variados ângulos e aspectos, o caráter estritamente ensaístico de sua arquitetura. A começar pela ausência de uma introdução e de uma conclusão em sua primeira edição,<sup>167</sup> o que ensejou, como veremos em seção próxima, duras críticas a ele dirigidas quando de sua defesa ainda em forma de tese. Quanto aos recursos figurativos, como a teia metafórica nele montada, que revela o cuidado incessante do ensaísta com o sentido da narrativa – sentido esse que, em sua configuração tropológica, jamais é alheio ao aparato de dispositivos formais utilizados –, podemos afirmar que auxiliam o autor numa consciente autoironia expandida acerca da impossibilidade de tratar, “segundo o modelo de uma irrestrita moral do trabalho”,<sup>168</sup> um tema altamente movediço, explosivamente metafórico e catacrético, como é o enredado nessa obra. Além desse prisma, tem-se que o trabalho representa, como a maior parte da sua obra historiográfica, uma dada unidade no fragmento. Para essa afirmação, ademais, basta recordar que, antes de sua concreção como tese de doutoramento, ele se manifesta em embrião nas preocupações esparsas do crítico literário quanto aos elementos estéticos e ao conjunto de ideias advindas da Europa, aclimatados no novo território, como previsto em *Capítulos de Literatura Colonial*. Ainda, não se pode perder de vista o fato de *Visão do Paraíso* ter sido concebido, primeiramente, como uma introdução à *Era do Barroco no Brasil*.<sup>169</sup>

<sup>165</sup> BOURDIEU, Pierre. “La production de la croyance”, *op. cit.*, p. 39. (grifos do autor)

<sup>166</sup> Cf. VENANCIO, Giselle; WEGNER, Robert. “Uma vez mais, Sérgio e Gilberto: debates sobre o ensaísmo no suplemento literário do *Diário de Notícias* (1948-1953)”, *op. cit.*, p. 733, 734.

<sup>167</sup> Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959.

<sup>168</sup> ADORNO, Theodor. “O ensaio como forma”, *op. cit.*, p. 17.

<sup>169</sup> Cf. NICODEMO, Thiago Lima. “Os planos de historicidade na interpretação do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*, p. 56 e 57; e MARTINS, Renato. “Em torno dos motivos edênicos: a formação e a pesquisa de um mito”. In: \_\_\_\_\_. *Tradição, Modernidade e a História das Américas em Visão do paraíso*

Para além das considerações sobre os elementos internos que caracterizam *Visão do Paraíso*, é discutível, ainda, a medida em que, nos aspectos estruturais e problemas a que responde, o livro se aproxima e se afasta de *Raízes do Brasil*. E, aqui, o paradigma da formação, brevemente abordado em capítulo anterior, é passível de mais algumas linhas. É de bom grado “lembrar que nos anos 1950 o paradigma explicativo não foi inteiramente eclipsado, mas optou menos em formular questões sobre a ‘identidade brasileira’, e mais acerca das relações entre estado, democracia e sociedade”.<sup>170</sup> E não custa recordar, ainda, que tal palavra-chave configura grande parte dos mais importantes empreendimentos desse período, como: *Formação do Brasil Contemporâneo*, 1942, de Caio Prado Júnior; *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, 1959, de Antonio Candido; *Formação Econômica do Brasil*, 1959, de Celso Furtado, entre outros. Se há, de fato, uma relativa perda de vigor do paradigma no que diz respeito ao enredamento mesmo de *Visão do Paraíso*, ele não é inteiramente descartado, adverte Renato Martins, “mas recolocad[o] em novas bases. Se antes havia a preocupação pela formação do Brasil, agora sobressai um desvelo mais circunscrito em torno do imaginário do *descobrimento* e *colonização* da América do Sul”.<sup>171</sup> Ainda que um minucioso mapeamento dos usos, por Sérgio Buarque de Holanda, da categoria *formação* ao longo do livro de 1959 não possa ser tomado como único método para se enfrentar o assunto,<sup>172</sup> permite, não obstante, “demonstrar um requerimento em jogo: *Visão do paraíso* fruto de um estudo particular, não de síntese explicativa”.<sup>173</sup> A partir do que se argumentou, podemos asseverar, com Martins, por fim, que “a obra não abandona por completo um gênero tão impreciso quanto indomável de escrita como o ensaio, mas o acolhe e o *negocia* com a promessa de que, a rigor, ele estaria a serviço de um ‘alvo dominante’ – um *objetivo central*”.<sup>174</sup>

Após tais diálogos e paralelos, portanto, veremos adiante que o Buarque de Holanda *scholar*, instado a responder certo “efeito de campo”<sup>175</sup> a fim de acrescentar novos itens ao seu capital simbólico e fazer evoluir correlatamente as suas ambições

---

(1946-1969). Tese de doutorado em História, defendida no Programa de Pós-graduação em História da Universidade de São Paulo, 2017, p. 55.

<sup>170</sup> MARTINS, Renato. “Em torno dos motivos edênicos: a formação e a pesquisa de um mito”, *op. cit.*, p. 51.

<sup>171</sup> *Idem, Ibidem*, p. 52. (grifos do autor)

<sup>172</sup> Cf. *Idem, Ibidem*, p. 52, 53, 54.

<sup>173</sup> *Idem, Ibidem*, p. 54.

<sup>174</sup> *Loc. cit.* (grifo nosso em “negocia”)

<sup>175</sup> BOURDIEU, Pierre. *Führer della filosofia? L'ontologia politica di Martin Heidegger*. Traduzione di Girolamo De Michele. Bologna: Società Editrice Il Mulino, 1989, p. 11.

legítimas nesse ambiente, negará o ensaio perante alguns membros da banca que o habilitaria a assumir a prestigiosa cátedra de História da Civilização Brasileira, ao mesmo tempo em que os responderá tendo, sobre os seus ombros, o Buarque de Holanda “intérprete do Brasil”, que rejeitará a afirmação segundo a qual o seu trabalho se configuraria como uma coleção de belos ensaios, defendendo, com efeito, o ponto de vista de uma unidade não conspícua; não baseada num raciocínio de causalidade caracteristicamente “positivista”. Considerando a questão a partir de outra perspectiva, o uso performático do termo ensaio como um significante flutuante, além de afastar, por meio das objeções dirigidas ao gênero, a sua memória intelectual atada à primeira edição do seu “clássico de nascença”, significava, também, tomar uma distância constitutiva do campo no qual o seu ilustre rival de Pernambuco se orgulhava de atuar, afirmando-se, aí, como parte da longa linhagem que recua até a “tradição dos Pascal, dos Montaigne e dos Michelet”,<sup>176</sup> como notamos no primeiro capítulo. Afastamento tal produzido, algumas vezes, de modo declarado, em outras, por meio de jogos de subentendidos, e, quando não, a partir do simples expurgo do nome próprio e dos trechos pertencentes à obra de Gilberto Freyre – disposição essa para a má *Eris*, se quisermos, uma vez mais, evocar a elucidativa imagem de Nietzsche, em sua “Disputa de Homero”. Tal operação, obviamente, está longe de se conformar como exceção no campo das batalhas simbólicas estimuladas pelo sistema intelectual em geral. No que diz respeito a Florestan Fernandes, por exemplo, “‘metodológica’ é também a distância que primeiramente escolhe [...] para diferenciar-se de autores como Freyre”.<sup>177</sup> Em seu *Resultado de um balanço crítico sobre a contribuição etnográfica dos cronistas*, de 1949, enuncia, precocemente, “uma nova concepção de análise dos documentos primários sobre os quais se baseava sua tese sobre a ‘organização social dos Tupinambá’”, de 1947, e, “considerando que as crônicas e documentos coloniais eram também a base de *Casa-grande e senzala*”, salienta Gustavo Sorá, “é notória a omissão de Freyre na lista de Fernandes sobre os poucos autores que se ocuparam, no Brasil, da ‘determinação da autenticidade dos documentos e da apreciação crítica de seus conteúdos’”.<sup>178</sup> Guilherme Mota, por sua vez, nota a curiosa escassez de referências à obra de Freyre se se percorre

<sup>176</sup> FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos. Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade 1915-1930*, op. cit., p. 286.

<sup>177</sup> SORÁ, Gustavo. “A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande & Senzala* de Gilberto Freyre”, op. cit., p. 19 (nota 29).

<sup>178</sup> *Loc. cit.*

a extensa obra do sociólogo paulista, inclusive em livros fundamentais, como *A integração do negro na sociedade de classes*, de 1964, e, mais tardiamente, *O negro no mundo dos brancos*, de 1972.<sup>179</sup>

Ao se ocupar em caracterizar pontos de tensões e confrontos disciplinares ocorridos, a partir de meados do século XIX, nos territórios de três países centrais da Europa, França, Inglaterra e Alemanha, Wolf Lepenies acaba por nos fornecer um índice de parte significativa da história das lutas e da subsequente compartimentação dos campos de saber, ocorrida com mais força já século XX adentro. Lutas que, para o autor, representam “uma ‘história secreta’ das modernas ciências sociais”.<sup>180</sup> Ao jogar luz, especificamente, nas relações conflitantes entre a sociologia e a literatura no que diz respeito à disputa pela primazia de “fornecer a orientação-chave da sociedade moderna”, que instauraram, dentro e fora dos livros, assim como dentro e fora das instituições, verdadeiros pleitos em que se discutiam questões acerca de quais quadros teóricos e práticas deveriam melhor se adequar à “doutrina de vida apropriada à sociedade industrial”, o alemão nos oferece um elucidativo parâmetro do modo como, apesar do afã de afastamento rígido das fronteiras e ordens discursivas sociológicas e literárias, se confluíam em determinadas situações e se justapunham nesse processo de formação e, mais tarde, de relativa autonomização de seus respectivos campos. Além da sociologia e da literatura, o papel de uma terceira personagem que não deve ser desconsiderada nessa trama das “três culturas” é encenado pelas ciências naturais: travam-se, principalmente no âmbito de formação do discurso sociológico – instaurando-se, aí, um verdadeiro dilema e futuras aporias –, intensos debates “sobre a hesitação entre uma orientação cientificista, pronta a imitar as ciências naturais, e uma atitude hermenêutica, que aproxima a disciplina da literatura”.<sup>181</sup> Nesse cenário, ao invés de se presumir o seu desaparecimento em decorrência da profissionalização, deve-se levar em conta que o gênero ensaio – ou melhor, o uso que se faz da categoria – se desloca volatilmente a depender dos interesses em jogo nos momentos decisivos de mudança das condições de produção intelectual, onde as batalhas simbólicas travadas entre os polos em disputa acirram os ânimos pela garantia de *um* saber legítimo à leitura

<sup>179</sup> Cf. MOTA, Carlos Guilherme. “A universidade brasileira e o pensamento de Gilberto Freyre”, *op. cit.*, p. 176.

<sup>180</sup> LEPENIES, Wolf. “Introdução”. In: \_\_\_\_\_. *As três culturas*. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: Edusp, 1996, p. 23.

<sup>181</sup> *Idem, Ibidem*, p. 11.

do social: ou era classificado como pré-ciência, portanto, próximo à literatura e à poesia, como se costumava acusar, por exemplo, os membros do Círculo de Stefan George, adeptos da linhagem nietzscheana; ou era, entre os gêneros, o mais adequado à representação das vicissitudes do homem em sociedade, argumento, por sua vez, daqueles que se voltavam contra os intelectuais da vertente racionalista, vinculados à matriz weberiana.<sup>182</sup> Menos de ordem política que metodológica, portanto, tais circunstâncias inerentes à luta que constitui a história do campo intelectual contaram, em terras brasileiras, pouco mais tarde em relação ao espaço de experiência europeu, com a participação das ilustres personagens sobre as quais temos nos debruçado nesta tese, salvaguardando, obviamente, as devidas particularidades e investidas de cada uma nas diversas situações aqui reconstituídas. Para evocarmos a sugestiva imagem de Joaquim Falcão, nessa história, “ao atirar, construir o alvo”.<sup>183</sup> Eis a tática comum: “combater o adversário era ao mesmo tempo construir o adversário. Era indispensável definir-lhe os contornos, os conceitos e preconceitos, e sobretudo filiá-lo aos paradigmas teóricos preexistentes [...]”.<sup>184</sup>

Nesse sentido, se propusermos à/ao leitora/leitor o pacto de um jogo cuja regra consistirá no ocultamento, nos enunciados a seguir, dos autores, obras neles citadas e particularidades dos objetos por elas tratados, atendo-nos unicamente ao teor e aos contornos da crítica que mobiliza conceitos, classifica paradigmas teóricos e formas de apresentação com as quais cada um enreda o seu tema e objeto, pouco provável é que distinguirá, de modo absolutamente preciso, qual o ensaísta que se impõe ao outro. O que prevalece, convenhamos, é o estratégico tornar envelhecidos autores, obras ou escolas. Processo que, de acordo com Bourdieu, não é outra coisa senão o produto de um deslocamento em certa medida arbitrário para o passado, que implica a geração contínua do combate entre os autores que marcaram época e que lutam por perpetuá-la e aqueles que, por sua vez, buscam instaurar o novo sem que recorram ao passado como

---

<sup>182</sup> Cf. LEPENIES, Wolf. “Stefan George, Georg Simmel, Max Weber”, *op. cit.*, p. 275-292. Obviamente, entre os dois campos em batalha, encontravam-se figuras singulares como a do ensaísta Simmel, que, “do alto de sua cátedra elogiava [Stefan George] e a Rodin como os maiores artistas da época. Dedicando as edições posteriores de sua *Geschichtsphilosophie* a Stefan George, ‘poeta e amigo’, e seu livro sobre Goethe a Marianne Weber, Simmel exercia um papel mediador entre a poesia e a ciência, e influenciava George e seria por ele influenciado em seu modo de pensar e sua atitude com relação ao conhecimento. [...] Era Nietzsche que unia Simmel e George, assim como o próprio Simmel, apesar de todas as diferenças, também criava um vínculo entre George e Max Weber”. *Idem, Ibidem*, p. 276.

<sup>183</sup> FALCÃO, Joaquim. “A luta pelo trono: Gilberto Freyre versus USP”, *op. cit.*, p. 140.

<sup>184</sup> *Idem, Ibidem*, p. 139.

legitimador de suas iniciativas.<sup>185</sup> Vejamos, assim, flagrante passagem de um itinerário traçado por um renomado ensaísta sobre a literatura brasileira da primeira metade do século XX, no qual reserva algumas páginas à obra capital de Euclides da Cunha. Ouçamos suas conclusões:

Típico exemplo da fusão, bem brasileira, de *ciência mal digerida, ênfase oratória e intuições fulgurantes*. Livro posto *entre a literatura e sociologia naturalista*, *Os Sertões* assinalam um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior).<sup>186</sup>

Atentemo-nos, agora, para as considerações tecidas por um seu colega de “escola” e profissão acerca do mesmo livro:

A obra que marcou época e adquiriu uma significação típica foi [...] a de Euclides da Cunha, que se situa como o *primeiro ensaio de descrição sociográfica* e de interpretação histórico-geográfica do meio físico, dos tipos humanos e das condições de existência no Brasil. *Com seus defeitos e limitações*, e apesar da *ausência de intenção sociológica*, essa obra possui o valor de verdadeiro marco. Ela divide o desenvolvimento teórico-social da sociologia no Brasil. *Daí em diante, o pensamento sociológico pode ser considerado como uma técnica de consciência e de explicação do mundo*, inserida no sistema sócio-cultural brasileiro.<sup>187</sup>

E, por fim, segundo o parecer de um outro ensaísta por excelência,

na descrição dos sertões, *o cientista erraria em detalhes* de geographia, de geologia, de botânica, de anthropologia; *o sociólogo, em pormenores de explicação e de diagnostico sociaes* do povo sertanejo. Mas *para o redimir dos erros de technica*, havia em Euclides da Cunha *o poeta, o propheta, o artista cheio de intuições geniaes*. [...] toda a vez que se sente fraco diante de problemas complexos de interpretação de personalidades ou de typos Euclides resvala no seu vicio fatal: *a oratória* [...] Principalmente quando esse problema é o que offerece a *psychologia* ou a *historia* de uma personalidade ou de um typo social mais denso. Dahi a *fraquesa de suas tentativas de caracterização* da cidade da Bahia, por exemplo, ao lado de suas *syntheses magnificas* de paisagens largas e de typos menos complexos: o do sertanejo ou o do seringueiro.<sup>188</sup>

Nessa dança de sucessões pelo “monopólio da imposição de categorias de percepção e apreciação legítimas”,<sup>189</sup> em que medida, em determinados momentos, e

<sup>185</sup> BOURDIEU, Pierre. “La production de la croyance: contribution à une économie des biens symboliques”, *op. cit.*, p. 39.

<sup>186</sup> CANDIDO, Antonio. “Literatura e cultura de 1900 a 1945” [1965]. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. 7ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1985, p. 133.

<sup>187</sup> FERNANDES, Florestan. “Épocas de desenvolvimento da sociologia”, *op. cit.*, p. 35.

<sup>188</sup> FREYRE, Gilberto. “Introdução”. In: CUNHA, Euclides da. *Canudos (Diário de uma expedição)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939, p. XI; XIX e XX.

<sup>189</sup> BOURDIEU, Pierre. “La production de la croyance: contribution à une économie des biens symboliques”, *op. cit.*, p. 39.

salvaguardadas as proporções, o Euclides da Cunha do Gilberto Freyre<sup>190</sup> não se apresenta como o Gilberto Freyre do Sérgio Buarque de Holanda, do Antonio Candido ou do Florestan Fernandes? E o Freyre do Sérgio Buarque, o Sérgio Buarque do Dante Moreira Leite ou do Carlos Guilherme Mota?... E quanto a *um* Alceu Amoroso Lima do Sérgio Buarque de Holanda? Por ora, no entanto, centremo-nos, ainda um pouco mais, no breve percurso sobre o qual se assentam os mecanismos retóricos, as estratégias textuais e discursivas que alinhavam a suposta desautorização da forma ensaio pelo ensaísta, nesse mesmo período.

### *O ensaísta desautoriza o ensaio?*

Como dito anteriormente, o trabalho de memória disciplinar no qual se empenha o intelectual, nessa segunda metade do século XX, não pode ser apartado das questões que balizam as tensões por ele vividas e enfrentadas entre o modernismo triunfante, a profissionalização universitária e a militância político-acadêmica. Nesse sentido, portanto, fixaremos alguns textos a partir dos quais o *jogo* e a *negociação* com o espaço injuntivo da universidade se evidenciam na medida mesma em que ele, naqueles textos de divulgação imediata, como entrevistas, tece críticas, por um lado, aos chamados “trabalhos de interpretação”, ou abertamente “ensaios”, e, por outro, não despende esforços no sentido de evitar a verve ensaística nos trabalhos historiográficos – ainda que, em alguns aspectos, se distinga da prática desse gênero de escrita na década de 1930, como já ponderado.

Emblemático, nesse sentido, é o desconforto provocado pela forma da tese *Visão do Paraíso* na banca examinadora, em 1958. Como se sabe, esse livro se gesta já dentro do ambiente da profissionalização e da especialização departamental no seio das universidades no Brasil. Processo esse que ganha seus contornos injuntivos e ilocucionários, também, já se sabe, pelas mãos do historiador paulista, que, à altura dos anos 1950 adiante, como visto, assume importantes cargos responsáveis por agregar, no extenso território nacional, os dispositivos de política cultural, bem como estreitar os laços com representativas instituições internacionais.<sup>191</sup> Em artigo publicado nesse

<sup>190</sup> Cf. NICOLAZZI, Fernando. “À sombra de um mestre: Gilberto Freyre leitor de Euclides da Cunha”. In: *História* [online]. São Paulo. vol. 29, n. 1, 2010, p. 254-277.

<sup>191</sup> Cf. o já mencionado NICODEMO, Thiago Lima. “Sérgio Buarque de Holanda e a dinâmica das instituições culturais no Brasil 1930-1960”, *op. cit.*

período, mais especificamente em 1951, no qual estabelece um balanço de parte da produção historiográfica da primeira metade do século XX, Holanda busca alinhar os parâmetros que deveriam presidir os vindouros trabalhos no âmbito da historiografia acadêmica. A certa altura do texto, estabelece uma diferença entre dois tempos e dois expedientes cuja hierarquização valorativa salta aos olhos:

Ao lado dos *estudos estritamente históricos* [...] devem mencionar-se, ao menos de passagem, algumas obras que, *situadas embora na periferia desses estudos*, vieram enriquecê-los de modo apreciável. Refiro-me em particular aos ensaios de investigação e interpretação social que passaram aos poucos a empolgar numerosos espíritos.<sup>192</sup>

Eis a linha divisória entre os “estudos estritamente históricos” e aqueles de “investigação e interpretação social”. Segundo Buarque de Holanda, não obstante os trabalhos ensaísticos se encontrarem na periferia da produção, contribuíram no sentido de abrir “sendas para um tipo de pesquisa que nossos historiadores mal tinham praticado”.<sup>193</sup> Algumas linhas à frente, o autor afirma categoricamente a imprescindibilidade da especialização das áreas na historiografia brasileira, e a partir da qual se estimularia o rigor metodológico no manuseio das ferramentas sobre a seara em que desejasse o eventual estudioso se debruçar. Versando sobre os novos impulsos dados pela história econômica, iniciados, sublinha, por Caio Prado Júnior, diz:

É indispensável pensar-se, hoje, que a abordagem dessas questões só será realizável através de um trabalho prévio empreendido por diferentes especialistas que se dediquem, cada qual, a determinada época e a determinados problemas, não por meio de outras sínteses onde o particular tende a esfumar-se e a perder-se em proveito de alguma ilusória visão de conjunto.<sup>194</sup>

Mediante a articulação desse texto com a compreensão mais abrangente do horizonte linguístico, histórico e político-institucional que informa o contexto da empreitada intelectual de *Visão do Paraíso*, caberá indagar se o gesto expressado nesse livro seguirá, de fato, sete anos depois, as coordenadas imperativas inscritas nos trechos acima apropriados. A despeito de certos critérios elencados por Buarque de Holanda em “O pensamento histórico no Brasil nos últimos cinquenta anos”, a escrita de *Visão do Paraíso* se orienta substancialmente pela não-fixidez do gênero ensaio. Concebida, primeiramente, como tese para provimento da cátedra de História da Civilização

<sup>192</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O pensamento histórico no Brasil nos últimos cinquenta anos”. In: PEREIRA, Mateus Henrique de F.; SANTOS, Pedro Afonso Cristóvão dos. “Odisseias do conceito moderno de história”, *op. cit.*, p. 73. (Publicado originalmente no *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1951)

<sup>193</sup> *Loc. cit.*

<sup>194</sup> *Idem, Ibidem*, p. 77.



Brasileira, na Universidade de São Paulo, a obra consagra o “encontro” do crítico literário com o historiador de ofício – imagem sugerida, aliás, na apresentação e em um dos títulos dados a *O Espírito e a Letra*, e apropriada de citação de Sérgio Buarque em artigo sugestivamente denominado “Crítica e História”.<sup>195</sup> Ao empreender reflexão acerca da *forma mentis* medieval que atravessara o tempo e o mar em direção à empresa colonizadora na América portuguesa, *Visão do Paraíso* representa, pode-se dizer, o ápice da radicalidade interpretativa do historiador como analista de textos da antiguidade, uma vez que, aproveitando suas preocupações acerca das questões formais nos textos literários e transformando-as em ferramenta de interpretação histórica, os recupera em suas potencialidades semânticas, fazendo deles emergir elementos condicionantes, temporais e sociais, da sociedade em que foram produzidos. A mobilização, por certos atores sociais, de determinados conjuntos de convenções literárias, permite ao estudioso rastrear discursivamente características históricas que elucidam a época e o lugar em que se situam esses atores – características que, às vezes, permitem ainda situá-los em movimentos que vão contra tal época ou tal lugar. A partir do estudo da tópica, empreendido por Curtius, em seu *Literatura Européia e Idade Média Latina* – obra dedicada, grosso modo, à perscrutação de certas continuidades de *topoi* caros à Idade Média Latina em grande parte da literatura europeia até o século XX –, Sérgio Buarque de Holanda, instrumentalizando o eixo norteador da trama desenvolvida pelo autor alemão, transfere *plasticamente*, para território brasileiro, investigação que perpassa o tema da perenidade dos motivos edênicos oriundos de uma *mentalité* medieval que configurava a singularidade da forma de colonização portuguesa. O que aí estava em jogo, para Buarque de Holanda, era saber como, balizando-se em poemas que encarnavam tais convenções literárias, se podia extrair nuances históricas capazes de revelar núcleos permanentes de elementos formais que remetiam à cultura latina europeia. Partindo dessa chave compreensiva, o historiador brasileiro acreditava que os motivos que presidiam a mentalidade dos colonizadores lusos na empreitada rumo às *terras brasilis* estavam situados numa tensão provocada “pela contradição entre a força dogmática da tradição herdada da visão de mundo medieval e a consciência do novo e da

---

<sup>195</sup> Cf. PRADO, Antonio Arnoni. “Introdução”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra: estudos de crítica literária (vol. I)*. Antonio Arnoni Prado (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 30; PRADO, Antonio Arnoni. “Introdução”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra: estudos de crítica literária (vol. II)*, op. cit., p. 30; e HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Crítica e História”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra (vol. II)*, op. cit., p. 301 e 306.

Modernidade característica do Renascimento e, a partir [disso], [assomava] o impasse do processo colonizador do Brasil”.<sup>196</sup>

Retornando ao texto “O pensamento histórico no Brasil nos últimos cinquenta anos”, há de se ponderar que, entre as imperiosas necessidades metodológicas impostas à historiografia pelo ímpeto academizante nele inscrito e os questionamentos por parte da banca examinadora acerca da maneira com a qual a tese do futuro catedrático fora arquitetada, temos um ruído. Na ata de defesa redigida por Myriam Ellis, dos cinco membros da banca composta por Hélio Viana, professor de História do Brasil da Faculdade Nacional de Filosofia; Afonso Arinos de Melo Franco, professor de Direito Constitucional da Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil; José Wanderley de Araújo Pinho, professor de História do Brasil da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia; Eduardo d'Oliveira França, professor de História Moderna e Contemporânea; Eurípedes Simões de Paula, presidente da banca e professor de História Antiga e Medieval, ambos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, quatro iniciaram as suas arguições tocando nos pontos relativos às questões formais. O incômodo gerado quase que de modo unânime quanto ao conteúdo da forma plasmado no manuscrito, como já dito, nos fornece surpreendentes índices implicados nas estratégias do candidato em resposta a um dos arguidores, revelando componentes um tanto embaraçosos quanto à construção coletiva da memória disciplinar que se queria consolidar naquele contexto.<sup>197</sup> Afonso Arinos enceta o seu parecer afirmando que, “como leitor, não poderia construir uma crítica, porém, deixar-se arrastar pelo encantamento”. Como examinador, no entanto, pontua a “tendência do autor em chamar a atenção do leitor”.<sup>198</sup> Logo em seguida, assevera que “a tese não seria propriamente uma tese na expressão da palavra, pela extrema fluidez, imprecisão e limitação do assunto de difícil concatenação e *fugidio aos objetivos específicos de tese*

<sup>196</sup> NICODEMO, Thiago Lima. “Idade Média, Renascimento e a escrita da história em *Visão do Paraíso*”. In: \_\_\_\_\_. *Urdidura do Vivido, op. cit.*, p. 110.

<sup>197</sup> “A Historiografia como investigação sistemática acerca das condições de emergência dos diferentes discursos sobre o passado, pressupõe, como condição primeira, reconhecer a historicidade do próprio ato de escrita da História, reconhecendo-o como inscrito num tempo e lugar. Em seguida, é necessário reconhecer esta escrita como resultado de disputas entre memórias, de forma a compreendê-la como parte das lutas para dar significado ao mundo. Uma escrita que se impõe tende a silenciar sobre o percurso que levou-a à vitória, que aparece ao final como decorrência natural; perde-se desta forma sua ancoragem no mundo”. GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “Usos da história, refletindo sobre identidade e sentido”. In: *História em Revista*, Pelotas, v. 6, dezembro de 2000, p. 32.

<sup>198</sup> ELLIS, Myriam. “Noticiário. Concurso para provimento da cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo”. In: *Revista de História*. São Paulo: FFCL-USP, ano X, n. 38, p. 493-508, abr./jun., 1959, p. 496.

*universitária*".<sup>199</sup> A título de findar suas considerações acerca das dimensões formais, o examinador não deixa de acentuar "o inesquecível sabor literário que imprimia ao trabalho o cunho de uma grande obra de literatura".<sup>200</sup> Hélio Viana, por sua vez, afiança que "a obra teria sido melhor classificada como *ensaio* do que propriamente como tese, tais as suas características, inclusive a de não esgotar a respectiva matéria".<sup>201</sup> José Wanderley de Araújo Pinho "deu início à sua arguição, elogiando a tese apresentada ao concurso [...], pelo valor histórico, perfeição de linguagem e afirmando o apreço intelectual que de longa data devotava ao candidato, a quem considerava grande homem de letras",<sup>202</sup> porém faz a ressalva segundo a qual se verifica a "falta de uma sucessiva ordenação dos assuntos que sugeria repetições e acúmulo de minúcia".<sup>203</sup> Eduardo d'Oliveira França nos traz um dos pareceres mais categóricos e, ao mesmo tempo, elegantes sobre a dimensão formal do manuscrito: "Qualificou a tese do candidato como uma obra de arte, fruto da inteligência e da sensibilidade do autor".<sup>204</sup> Não obstante, tece as seguintes objeções: "Na realidade o *escritor*, na tese, superou o *professor universitário*. O trabalho em questão era mais uma coleção de belos ensaios do que uma tese universitária. A idéia do *Paraíso* que o candidato apresentou era imprecisa".<sup>205</sup> Vejamos a inquietante resposta dada ao arguidor por Buarque de Holanda. De acordo com o registro de Ellis,

o candidato respondeu à primeira objeção do professor Eduardo França, a de que na realidade o *escritor* na tese superava o *professor universitário*, dizendo ter tido a impressão de que estava recebendo de volta o que ele candidato dissera da admirável apresentação literária e artística de que se revestiam os trabalhos do examinador. Com efeito há alguns anos o professor Eduardo França defendeu a sua tese para a cátedra de História Moderna e Contemporânea e o professor Sérgio Buarque de Holanda foi um dos membros da banca examinadora. Continuando, disse o candidato lembrar-se muito bem de ter afirmado ao professor França que em seu trabalho apesar de todo o zelo crítico dado sentia-se constantemente a preocupação do bem escrito e do literário.<sup>206</sup>

É nítida, entre as considerações de França e as pitadas de ironia nas respostas de Sérgio Buarque, uma tensão encadeada pelo uso do literário, igualmente, como um significante flutuante. A medida literária do texto se afigura aí como remédio-veneno,

---

<sup>199</sup> *Loc. cit.*

<sup>200</sup> *Loc. cit.*

<sup>201</sup> *Idem, Ibidem*, p. 497. (grifo da autora)

<sup>202</sup> *Idem, Ibidem*, p. 501.

<sup>203</sup> *Loc. cit.*

<sup>204</sup> *Idem, Ibidem*, p. 503.

<sup>205</sup> *Loc. cit.* (grifos da autora)

<sup>206</sup> *Idem, Ibidem*, p. 504. (grifos da autora)

servindo ora para valorizar os atributos estilísticos do texto, ora para o desabonar no limite em que deveria se adequar aos parâmetros exigidos pela institucionalização. Buarque de Holanda, contudo, porventura lukacsianamente consciente da natureza híbrida do ensaio, bem como do seu estatuto como condição, em algum nível, inevitável a qualquer escrita no campo das humanidades, serve-se astuciosamente da parte do veneno contra as objeções lançadas pelo seu próprio arguidor – a despeito da armadura simbólica adotada frequentemente, nesse período, a fins de desautorizar esse gênero de escrita a favor do programa de “renovação” da ciência histórica no âmbito da universidade. Vejamos:

Prosseguindo no mesmo assunto, disse o candidato reçar que a observação do seu examinador se prendesse demais a um critério demasiado clássico, dado o que fôsse uma tese universitária. Afirmou ainda ter tido oportunidade de observar várias teses apresentadas à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e a poucas se poderia aplicar, segundo pensava, a rigidez que o examinador pretendia dar à idéia de tese. Mesmo a tese do examinador que teve a ocasião de estudar parece-lhe afastar-se bastante daqueles critérios estritos.<sup>207</sup>

Além de apontar, na escrita de Eduardo d’Oliveira França, para aquilo que o mesmo acusara na sua, o autor de *Visão do Paraíso*, na passagem acima, se volta retoricamente para supostas outras teses produzidas na própria instituição em que pleiteava a cátedra, a fim de reforçar a sua justificativa segundo a qual o rígido critério reivindicado pelo examinador se apresentaria comprometido caso se assumisse uma objetiva visada do conjunto da produção submetida à faculdade. Vejamos os desdobramentos da defesa de Sérgio Buarque:

A objeção teria razão de ser se o trabalho que apresentou para o concurso da cátedra de História da Civilização Brasileira fôsse uma *coleção de belos ensaios*. Permitiu-se, entretanto discordar dessa observação. Uma leitura atenta do trabalho teria mostrado de fato que havia nele uma idéia central que se procurava desenvolver ao longo de todo o texto em vários aspectos, seguida de conclusões que só não apareciam com êsse nome e numa sequência nítida justamente porque se pretenderam *evitar os conceitos subjetivos que são mais próprios de um ensaio* do que de uma tese universitária.<sup>208</sup>

Ora, se colocado em outros termos, e a despeito, como já dissemos, do protocolo retórico verificado nas suas últimas linhas, o trecho pode sugerir que somente a assunção de uma postura desautomatizada perante o objeto conformado pelo prisma do ensaio, sob os seus múltiplos ângulos de investida, é que daria a ver, no trabalho, “uma

<sup>207</sup> ELLIS, Myriam. “Noticiário. Concurso para provimento da cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo”, *op. cit.*, p. 504.

<sup>208</sup> *Loc. cit.* (grifo da autora em “coleção de belos ensaios”)

idéia central que se procurava desenvolver ao longo de todo o texto em vários aspectos”, pois que essa ideia central, como garantia da unidade do objeto, é o que irreduzivelmente determina o ensaio.<sup>209</sup> Esse só pode pensar em fragmentos, “uma vez que a própria realidade é fragmentada; ele encontra sua unidade ao buscá-la através dessas fraturas, e não ao aplainar a realidade fraturada”.<sup>210</sup> Sobre as “conclusões que só não apareciam com êsse nome e numa sequência nítida”, não poderia ser mais ensaística a resposta dada pelo arguido, pois, se as conclusões – assim nomeadas e deslocadas do texto principal – cumprem a função de concatenar e condensar em seu conciso enunciado a unidade e totalidade do objeto enredado, nesse caso, a primeira versão de *Visão do Paraíso* nos permite inferir a sua totalidade a resplandecer somente por meio de traços parciais, escolhidos ou encontrados, sem que a presença dessa totalidade tenha, portanto, de ser afirmada.<sup>211</sup> Ademais, como leitor de Dilthey e Weber, Sérgio Buarque concebia que, no campo da *compreensão*, mais do que no da *explicação*, era onde jogava. A justificativa respaldada pela afirmação segundo a qual bastaria ao arguidor “uma leitura atenta” para constatar que havia, no trabalho, “uma ideia central que se procurava desenvolver ao longo de todo o texto em vários aspectos” se nutria, talvez, da perspectiva de que a alegada coleção de belos ensaios se conforma, em realidade, como peças que apenas aparentemente se apresentam como autônomas, e que se coordenam numa unidade que não aquela efetuada por operações de causalidade. Ou seja, uma unidade da recorrência temática, próxima, podemos sugerir, àquela arquitetada na música erudita e no jazz, por exemplo. Sabe-se que, em determinadas estruturas sinfônicas, têm-se alguns motivos que vão se desdobrando quase a ponto de se autonomizarem para, no momento da *coda*, serem retomados e rearticulados no ápice de encerramento da peça. Quanto à unidade e ordem temporal, Aristóteles nos ensina, na *Poética*, que, para uma narrativa se concatenar ao ponto de uma unidade plausível, deveria se orientar por uma ação organizada em um início, um meio e um fim, não dependente, contudo, da extensão do tempo enredado na estrutura da peça. Para um exemplo paradigmático dessa regra aristotélica, podemos tomar *Édipo Rei* como essa narrativa que, não obstante transcorrer mais ou menos num lapso de 24 horas, apreende, coerentemente e em toda a sua potencialidade, o ponto crítico da vida de um

---

<sup>209</sup> ADORNO, Theodor. “O ensaio como forma”, *op. cit.*, p. 36.

<sup>210</sup> *Idem, Ibidem*, p. 35.

<sup>211</sup> *Loc. cit.*

homem. Tais pressupostos são retomados e desdobrados desde Shakespeare ao romantismo: em *Rei Lear* ou *Macbeth*, por exemplo, presenciamos a ação principal entrecortada por uma série de ações paralelas, deixando transparecer, pois, uma quebra de unidade. Porém, ao mesmo tempo, a ação paralela ecoa, amplifica e, no limite, espelha a ação principal. Daí que, na tensão imposta pelas injunções e pelos protocolos do concurso, o autor de *Visão do Paraíso* somente instilava aquela possível unidade que, ao contrário de se produzir porque todas as coisas ditas e representadas concorrem, tal qual num tratado, para o sentido de realização de um efeito final de cujo percurso se apaga astuciosamente “qualquer vestígio de arbitrariedade”,<sup>212</sup> se efetiva mais em virtude de algumas imagens-chave que afluem para a união dos pontos distintos da peça, criando, assim, uma série de tramas telescópicas. *Hamlet*, por fim, concebida como uma peça altamente digressiva, produz o efeito de unidade na medida em que se a lê tendo como referência a figura especular: “Pois tudo que é forçado deturpa o intuito da representação, cuja finalidade, em sua origem e agora, era, e é, exhibir um espelho à natureza [...]”.<sup>213</sup> Em outra situação, Hamlet, dirigindo-se a Horácio, diz: “Mas estou muito triste, Horácio, por ter me excedido com Laertes; pois na imagem da minha causa vejo o reflexo da dele”.<sup>214</sup> Em suma, é esse, portanto, o tipo de unidade não conspícua que interessa ao ensaísta.

Por meio dessas breves páginas, intentamos, pois, abalizar as implicações atinentes à tensão entre as questões formais e o mal-estar da profissionalização, assim como a contração das memórias deliberadamente selecionadas, e, em certa medida, aplainadas pelo autor ao longo do período coberto por esta pesquisa. Além da aparente desautorização da ensaística contribuir, como notado, para a dinâmica seletiva de exclusões e inclusões no âmbito da disputa epistemológica concernente àquele determinado campo intelectual, pode-se asseverar que Sérgio Buarque de Holanda almejava se afastar das primeiras edições do seu “clássico de nascença”. Nesse sentido, não deixa de ser surpreendente a ordem cronológica das obras perfiladas para apresentação do autor na mesma ata de defesa de *Visão do Paraíso. Raízes do Brasil* aparecerá somente na década de 1950, em sua terceira edição, ou seja, a última na qual o historiador opera modificações relevantes do ponto de vista estrutural:

---

<sup>212</sup> *Idem, Ibidem*, p. 36.

<sup>213</sup> SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Ato III, cena II. Trad. Millôr Fernandes. L&PM Pocket (versão Kindle).

<sup>214</sup> *Idem, Ibidem*. Ato V, cena II.

Autor de *Cobra de Vidro* (São Paulo, 1944), *História do Brasil* (em colaboração com Otávio Tarquínio de Souza, Rio de Janeiro, 1944), *Monções* (Rio de Janeiro, 1945), *Índios e Mamelucos na Expansão Paulista* (Separata do Tomo XIII dos “Anais” do Museu Paulista, São Paulo, 1949), *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Colonial*, 2 volumes (Rio de Janeiro, 1952-1953), *Le Brésil dans la Vie Américaine* (Separata das IXmes. Rencontres Internationales de Genève, Neuchatel, 1954), *Apporto Italiano nella formazione del Brasile* (Siena, 1954), *Raízes do Brasil* (Rio de Janeiro, 1956, 3a. ed.), *Caminhos e Fronteiras* (Rio de Janeiro, 1957). Tem colaborado em periódicos brasileiros e estrangeiros, traduzido e prefaciado obras de amplo interesse histórico.<sup>215</sup>

Além desse patente(?) afastamento de cunho político, epistemológico e institucional das edições do seu primeiro livro, podemos, enfim, afirmar que o desabono, no campo da ordem do discurso disciplinar, do ensaio como expediente, também, de distanciamento do seu opositor pernambucano, compõe parte incontornável dos alicerces constitutivos da flexa atuação de Sérgio Buarque nas searas historiográficas e sociológicas, impondo-se com comprometimento ímpar nos assuntos múltiplos do campo das humanidades e das ciências sociais. Por meio, portanto, dos seus combates pela resenha nos principais periódicos circulantes no eixo Rio-São Paulo, cuja periodicidade, às vezes, se dava, de um artigo a outro, num lapso de tempo compreendido em uma semana, vimos que Gilberto Freyre é peça-chave a dotar de substancialidade e condensação semântica todo o coeso conjunto de signos articulados pelo historiador na compleição de sua identidade e, fundamentalmente, na disputa legítima pelos bens simbólicos viabilizados pelas vicissitudes do campo para o qual contribuiu e consolidou. Pois bem, escassamente tratada pelos estudos sobre a ampla obra do paulista, abordaremos, a partir de agora, a dinâmica de tais operações na sua – não menos intensa – intervenção na alçada da produção filosófica, assim como o seu reencontro, aí, com Alceu Amoroso Lima e a sua polêmica com o existencialismo.

### *Combates pela filosofia*

Mediante uma série coesa de produção jornalística, Sérgio Buarque de Holanda comentará parte dos trabalhos resultantes do Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia, realizado na Universidade de São Paulo, no ano de 1950, ocasião em que, convidado por Miguel Reale, a quem coube, também, a função de organizar o evento, não comparecera. A partir dos anais do congresso, cedidos pelo próprio Reale, redigirá, entre os meses de março e junho de 1951, os textos em cujo acento recairá em seu

---

<sup>215</sup> ELLIS, Myriam. “Noticiário. Concurso para provimento da cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo”, *op. cit.*, p. 494.

descontentamento com o que irá julgar uma “imaturidade alarmante” – expressão insistente em grande parte desses escritos – no trato das ideias filosóficas “entre nós”. Ao receber e treplicar as respostas que alguns dos participantes do Congresso, entre eles Eurialo Canabrava, lhe enviavam nas páginas, também, da imprensa, o autor de *Cobra de Vidro* se colocará como autoridade a propor injuntivamente a aquisição da maioria do pensamento filosófico brasileiro.<sup>216</sup> Setor esse que, a despeito de possuir já dezenas de espaços institucionais estabelecidos como departamentos e faculdades, carecia desse alegado amadurecimento reclamado pelo crítico. Conforme levantamento feito por Evaristo de Moraes Filho, no ano de 1959, desde a organização da Universidade de São Paulo, em 1934, com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e também da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, em 21 de abril de 1939, até o ano de 1957, existiam, no Brasil, 50 faculdades de filosofia distribuídas pelas unidades da federação: “Pará 1; Maranhão 1; Ceará 1; Rio Grande do Norte 1; Paraíba 3; Pernambuco 3; Alagoas 1; Sergipe 1; Bahia 2; Minas Gerais 5; Espírito Santo 1; Rio de

---

<sup>216</sup> A frequência e a intensidade com que intervém nesse terreno pode ser entrevista, ainda, em resenhas sobre obra filosófica de Caio Prado Júnior. Confessadamente um dos maiores representantes, segundo Sérgio Buarque, da história econômica na entrada da segunda metade do século, não passará intacto pela agonística buarquiana no debate filosófico. “Verdade e ideologia I” e “Verdade e ideologia II” estão entre os poucos textos do autor dirigidos à imprensa e nos quais elabora intensa reflexão acerca da teoria do conhecimento. Publicadas no *Diário Carioca*, em 11 e 18 de maio de 1952, essas resenhas compõem uma relativamente longa sequência de observações que, por mais de um ano de contribuição a esse periódico, tratarão da alegada incipiente produção do pensamento filosófico universitário no Brasil. Dessa feita, o faz concentrando-se numa obra peculiar da expressiva bibliografia de Caio Prado: *Dialética do conhecimento*. O primeiro ponto a ser destacado diz respeito às bases em que se assentam as interpretações do autor de *Evolução Política do Brasil*, sobre as quais Sérgio Buarque de Holanda ajuíza se estabelecerem de modo estritamente imanente, situadas e determinadas pela situação histórica em que foram elaboradas e postas em prática, e não de algum fator exterior, ou de ordem lógico-formal. Pautando categoricamente esse ponto de partida de sua crítica, tomará enérgica posição a favor da perspectiva da determinação social do pensamento, sob a interpretação marxista, e contra o chamado positivismo. Na segunda parte das suas apreciações sobre o livro de Prado Júnior, Holanda ressalta, entre outras coisas, o que classifica como o “desmesurado fervor teórico” do seu colega de ofício, na medida em que esse anuncia o materialismo histórico como sendo o “maior passo dado pela filosofia desde a obra de Platão e Aristóteles”, descreditando “com razão os que possam ver no marxismo um produto do pensamento puro de Marx. Isso, acrescenta, ‘seria negar o próprio marxismo, contradizê-lo em seu nascedouro’”. No entanto, mais à frente em sua crítica, após todas as considerações positivas acerca da empreitada filosófica de Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque parece, discretamente, descortinar certo idealismo quando o autor trata da atividade intelectual de Hegel. O resenhista parece pretender denunciar a falta de historicidade do resenhado no trato do lugar de Hegel dentro das correntes filosóficas e da tradição de pensamento que o antecederam e contribuíram para o que hipoteticamente tem de original. Impondo-se como autoridade no debate, Buarque de Holanda dedicará todas as linhas finais do seu pequeno texto a explicitar a fragilidade da eloquente afirmação de Caio Prado Júnior acerca da, segundo sublinha em trecho do livro criticado, “estrutura cerebral verdadeiramente excepcional” de um dos grandes nomes do idealismo alemão. Cf., respectivamente, HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Verdade e ideologia I”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*, op. cit., p. 198 e 199; e HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Verdade e ideologia II”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*, op. cit., p. 201 e 202.



Janeiro 3; Distrito Federal 4; São Paulo 10; Paraná 3; Santa Catarina 1; Rio Grande do Sul 8; Goiás 1”.<sup>217</sup> E, como observa, ainda, o autor, mantêm-se “na vanguarda o Estado de São Paulo com 10 escolas de filosofia, logo seguido do Rio Grande do Sul”.<sup>218</sup> Entre essa sequência de artigos de 1951, publicados no *Diário Carioca* e estritamente dedicados ao empreendimento filosófico, a partir dos quais Buarque de Holanda revisa teses, avalia conceitos, se contrapõe, aponta para contradições, reconhece méritos e avanços pontuais, não deixando, contudo, como já sublinhado, de demonstrar claro incômodo com o que se lhe apresentava como “paroquialismo” da parte de alguns dos proponentes em relação às apropriações de certas correntes e determinados autores, encontram-se, emblematicamente, as resenhas acerca do livro de Amoroso Lima sobre uma das mais influentes correntes filosóficas da primeira e parte da segunda metade do século XX: o existencialismo. Em meio aos muitos significantes bélicos mobilizados pelo paulista, se encontrará, por fim, a crítica ao dito dogmatismo do aclamado intelectual católico – à essa altura, presidente do eminente Centro Dom Vital e professor de literatura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Pois bem, o tom categórico com que Sérgio Buarque de Holanda inicia as primeiras linhas do seu pequeno texto intitulado “Tendências filosóficas”, sobre o domínio da filosofia no Brasil da entrada dos anos 1950, segue a toada daquele movimento de compleição de sua memória intelectual, e, no plano mais sociológico, de afirmação de posições no terreno em que se arquitetava a memória disciplinar específica do campo das humanidades e ciências sociais, cujo centro irradiador era a Universidade de São Paulo. Vejamos o seu severo parecer:

A imaturidade do pensamento filosófico brasileiro, que ainda há pouco se evidenciou, de modo às vezes alarmante, no congresso de filosofia reunido em São Paulo, é motivo para se dedicar alguma atenção às obras que nos conseguem oferecer alguma ideia estimulante e nova num domínio tão mal frequentado entre nós. Uma das exceções pôde ser abordada nestes mesmos artigos, há poucas semanas, a propósito do ensaio valioso que Pero de Botelho consagrou à “mente grega”.<sup>219</sup>

A pretexto de tecer duras críticas ao que considera a menoridade do domínio do pensamento filosófico brasileiro, Holanda recorre ao fito de trazer à baila, mediante uma resenha, o que, para ele, seria uma excepcionalidade entre as obras produzidas nessa

<sup>217</sup> MORAES FILHO, Evaristo de. *O Ensino da Filosofia no Brasil (Decimália da Biblioteca Nacional)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1959, p. 20.

<sup>218</sup> *Loc. cit.*

<sup>219</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Tendências filosóficas”, *op. cit.*, p. 57. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 18 de março de 1951)

área, até então: o livro *Tendências filosóficas contemporâneas*, de Horácio Lafer, em sua segunda edição publicada pela Editora Nacional, em 1950. Segundo o articulista,

a surpresa que pode proporcionar esse volume não vem, em realidade, da matéria nele contida, pois se trata estritamente de uma obra de divulgação, e que por isso mesmo não visa à originalidade, mas antes de estudioso zelo com que, já em 1928, data, ao que suponho, de sua primeira edição, um brasileiro se ocupava em esquadriñar algumas correntes mais expressivas do pensamento moderno, recorrendo, para isso, não aos intérpretes de segunda mão, porém aos textos originais.<sup>220</sup>

O pioneirismo da obra, segundo Holanda, está no fato de Lafer caminhar *pari passu* com os trabalhos de divulgação do pensamento renovador da filosofia centro-europeia no contexto quase imediato do pós-Segunda Guerra. Há, na revisão para a segunda edição, um extenso capítulo dedicado a Martin Heidegger. Na primeira edição, encontra-se já, ainda segundo o historiador, comentários sobre a obra de Husserl e Dilthey, quando a contribuição desses, tanto para a filosofia quanto ainda para a historiografia, e mesmo para a crítica literária e estética, não pôde ser geralmente reconhecida e estimada.<sup>221</sup> Um fator que salta aos olhos, mais uma vez, é a preocupação do crítico quanto ao uso e à produção de conceitos nesse domínio:

O caso, em si, não tem naturalmente importância desmedida, mas merece ser apontado ao menos como indício de quem a penúria de nossa linguagem filosófica parece autorizar liberdades nem sempre muito plausíveis. Se, por um lado, a falta de vocabulário convencionalizado, quando suprida pela meditação atenta e livre, pode ser talvez proveitosa, nisso que nos ajudaria a melhor pensar, e com independência, por outro, e mormente quando se trate, como aqui, de um trabalho de divulgação, dá lugar a obscuridades e ambiguidades nem sempre evitáveis.<sup>222</sup>

Dito isso, apontará, em seguida, para a inadequação do termo “existencial” aplicado ao pensamento de Heidegger, demonstrando zelo e disciplina no gesto da leitura cerrada de uma das vertentes filosóficas, junto ao próprio existencialismo, mais proeminentes e controversas do século XX. Vejamos:

Em favor de Horácio Lafer há a ponderar que a dubiedade de que se tornou responsável provém unicamente, nesse caso particular, de uma impropriedade de expressão, não de interpretação, que esta, em todos os seus aspectos, é de meridiana clareza. Menos justificável, sem dúvida, parecerá o título atribuído ao último e mais recente capítulo de seu livro – “A filosofia existencial de Heidegger” –, *quando se sabe* que o próprio Heidegger, em mais de um passo de sua obra básica, repudiou a palavra existencial aplicada ao seu pensamento filosófico.<sup>223</sup>

---

<sup>220</sup> *Loc. cit.*

<sup>221</sup> *Idem, Ibidem*, p. 58.

<sup>222</sup> *Loc. cit.*

<sup>223</sup> *Idem, Ibidem*, p. 59.

Nesse movimento crítico, característico da verve ensaística do autor, presencia-se aquela dialética em que ressalta as potencialidades da obra, mas, também, *cun grano salis*, as suas fragilidades. No caso da passagem acima, deve-se reter o atento parecer acerca da incapacidade do autor objeto das considerações de ultrapassar o horizonte conceitual já sedimentado no campo semântico disponível à tradição e à história da filosofia para que, assim, contemple e dote de dignidade a diversa investida na questão do *Ser* sobre a qual, doravante, Heidegger operava. Veremos, mais à frente, que Alceu Amoroso Lima não passará incólume ao mesmo severo exame de Buarque de Holanda a respeito desse “método da rotulação”, como bem definido por Ulisses do Valle, ao tratar do mesmo debate.<sup>224</sup> Quanto à alegada imaturidade do pensamento filosófico brasileiro, assim por Holanda generalizado, podemos dizer que, mais do que uma simples descrição ou constatação, tal enunciado se dota de caráter performativo, na medida em que se leva em conta quem o enuncia e o lugar institucional de onde o faz. Ainda que não pertencesse ao setor, propriamente dito, e, diga-se de passagem, não tenha, em sua bibliografia, obra estritamente filosófica, a força ilocucionária da sua categórica e reiterada afirmação assume eficácia simbólica se se considera o peso funcional que o crítico exerce naquele específico campo intelectual do período. Como temos notado, a década de 1950 será decisiva à aquisição de capital cultural e social pelo autor, a partir dos cargos de prestígio que assumirá, bem como das relações estabelecidas nas instituições em âmbito nacional e internacional. Como já dito, além de diretor do Museu Paulista e professor de História Social e História Econômica do Brasil na Escola de Sociologia e Política, ainda no ano de 1948 é eleito representante das Instituições Complementares da Universidade de São Paulo, junto ao Conselho Universitário. Já na conjuntura do segundo governo Vargas – 1951 a 1954 –, Sérgio Buarque de Holanda torna-se membro, em 1951, da comissão da UNESCO, cuja empreitada consistia na elaboração de uma história científica e cultural da humanidade, espécie de reconstrução, no plano intelectual, dos desastres provocados pela Segunda Guerra. Em 1952, como já também observado, seu reconhecimento institucional o consagra professor da recém-fundada Cátedra de Estudos Brasileiros na Universidade de Roma; atuação essa que, entre outras coisas, compunha um ambicioso programa de implementação de mais de

---

<sup>224</sup> Cf. DO VALLE, Ulisses. “Sérgio Buarque de Holanda leitor de Heidegger? – reflexão sobre um paradoxo do personalismo do Homem Cordial”, *op. cit.*, p. 32.

quinze cátedras de “estudos brasileiros” em renomadas universidades na América Latina e na Europa.<sup>225</sup>

Quanto ao convite ao historiador para que participasse do congresso de filosofia, assim como a disponibilização dos anais do evento para que tecesse as suas considerações sobre os trabalhos nele apresentados, partem nada menos de Miguel Reale, como já afirmado. Àquela altura, o jurista fora reitor da Universidade de São Paulo e um dos fundadores do Instituto Brasileiro de Filosofia, tornando-se o seu presidente. Essa entidade era, também, responsável pela publicação da *Revista Brasileira de Filosofia*. No ano de 1954, contribuiu para a fundação da Sociedade Interamericana de Filosofia, instituição que presidira em duas ocasiões. Mais tarde, entre 1957 e 1961, chefiara a delegação brasileira para os congressos interamericanos de filosofia, sediados, respectivamente, em Santiago do Chile, Washington e Buenos Aires.<sup>226</sup> Nesse caso, retém-se, portanto, que, mesmo não pertencendo, de fato, à área da filosofia, Buarque de Holanda se posta como o “porta-voz autorizado [que age] com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, [age] sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador”.<sup>227</sup> Ora, o enunciado reiterado e categórico do historiador e mestre em ciências sociais acerca da alarmante imaturidade do pensamento filosófico nacional, dada a ver pelos anais do evento, estaria, para ainda falarmos com Bourdieu, em seu diálogo com John Austin, “condenado ao fracasso [se] pronunciado por alguém que não [dispusesse] do ‘poder’ de pronunciá-lo”, ou se as “‘pessoas ou circunstâncias particulares’ não [fossem] ‘as mais indicadas para que se [pudesse] invocar o procedimento em questão’”.<sup>228</sup> Eis, em suma, os atos de autoridade constituintes do campo intelectual.

Em artigo denominado “Em torno de um congresso”, Sérgio Buarque de Holanda prossegue a toada da crítica à qualidade dos trabalhos apresentados no evento. Dessa vez, o faz com a ressalva de que, ao congresso, fora atribuído o marco decisivo para,

<sup>225</sup> NICODEMO, Thiago Lima. “Sérgio Buarque de Holanda e a dinâmica das instituições culturais no Brasil 1930-1960”, *op. cit.*, p. 118.

<sup>226</sup> Cf. COUTINHO, Amélia. “Verbete Miguel Reale”. In: *FGV – CPDOC*. Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/reale-miguel>>

<sup>227</sup> BOURDIEU, Pierre. “Linguagem e poder simbólico”. In: \_\_\_\_\_. *A Economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar Quer Dizer*. 2. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, p. 89.

<sup>228</sup> *Loc. cit.*

citando Versiani Veloso, um dos seus inscritos, se “fixar doravante, depois dos insanos esforços isolados do século XIX, e dos primeiros deste século XX, o desenvolvimento da inteligência brasileira no que ela tem de mais apurado, isto é, no que diz respeito às coisas da Filosofia”.<sup>229</sup> Já nas primeiras linhas, o autor de *Monções* não poupa novamente o dito caráter imaturo dos trabalhos submetidos e apresentados na ocasião: “De um número considerável de trabalhos apresentados, aceitos e discutidos, não parece grande afoiteza afirmar que se notabilizaram, em realidade, por uma bisonhice, direi até por um primarismo visível já no primeiro relance, mesmo para os leigos nesses assuntos”.<sup>230</sup> Ao evocar outro congressista, que propõe que o Brasil acolha a figura e a obra de Maurice Blondel, o historiador se dota, mais uma vez, de postura que reclama autoridade no assunto e, após citar diretamente o proponente de tal conveniência, o retifica usando das próprias balizas do francês, a fim de apontar para os rumos equivocados da apropriação feita pelo brasileiro:

Desse paroquialismo não andaram, infelizmente, imunes muitos dos que cooperaram para o brilho desse Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia. Que outro sentido podem ter, para citar um único exemplo, as razões invocadas por um dos ilustres congressistas para enaltecer a figura e a obra de Maurice Blondel? “Ora”, escreve, com efeito, o sr. Alcântara Silveira, “uma filosofia que convém ao Brasil é, sem dúvida alguma, a filosofia de Maurice Blondel. Vários são os motivos que nos levam a nos inclinar pela adoção dessa filosofia pelo brasileiro, dentre os quais salientamos o seu conteúdo otimista”.<sup>231</sup>

Mais uma vez, como temos insistido, Buarque de Holanda mobiliza sua articulada série do que procuramos designar significantes bélicos no contexto desses textos de imprensa: *paroquialismo* e *particularismo* vêm, nesse episódio, ao encontro de sua agonística a favor da ordem do discurso político-epistemológico que, nesse momento de reorientação dos campos disciplinares em nível global, articulava-se não somente no Brasil quanto à profissionalização das searas das humanidades e ciências sociais. O historiador, assim, se apresenta e se representa como o “detentor do cetro (*skeptron*)”<sup>232</sup> na ambição vanguardista de, nesse caso, acertar o relógio império da filosofia nacional, para parafrasearmos Oswald de Andrade. Vejamos, em seguida, a sua crítica ao particularismo – denunciado em Freyre, como vimos – da perspectiva do congressista brasileiro acerca da obra do filósofo francês, e a partir da qual ironicamente arremata ao

<sup>229</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Em torno de um congresso”, *op. cit.*, p. 75. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 8 de abril de 1951)

<sup>230</sup> *Idem, Ibidem*, p. 74.

<sup>231</sup> *Idem, Ibidem*, p. 76.

<sup>232</sup> BOURDIEU, Pierre. “Linguagem e poder simbólico”, *op. cit.*, p. 91.

recorrer ao expediente de quem se posta como quem verdadeiramente leu o autor estrangeiro na sua devida complexidade:

Depois dessas linhas, nada melhor, talvez, para um bom discípulo de Blondel, do que folhear aquelas páginas de 1939, em seu escrito sobre a civilização da paz, onde precisamente se denunciam as filosofias particularistas e “convenientes” como negadoras de todas as doutrinas de transcendência, entre as quais a sua se inscreve.<sup>233</sup>

Depois de haver perfilado várias das correntes filosóficas contempladas pelos trabalhos apresentados, Buarque de Holanda concentra-se, com mais vagar, em algumas tendências que considera dar lastro, em certa medida, ao dito positivismo, que, aventa, nos acompanha desde os tempos do Império. Crítica essa, diga-se de passagem, já destilada em *Raízes do Brasil*, quando se refere à permanência, no seu presente, de uma elite letrada e cultural, composta por “pedagogos da prosperidade”,<sup>234</sup> que insistia em impor à formação nacional diretrizes artificiais e descompassadas ao nosso “ritmo espontâneo”. Sob a chave da longa permanência dessa estrutura de pensamento e as suas mutações, diz o autor:

Outra surpresa, ao menos para aqueles que, desde Jackson de Figueiredo, insistem em discernir no pensamento uma inclinação constante para certo panteísmo amorfo (Farias Brito?) e antirracional, foi a vitalidade demonstrada pelas correntes associadas ao positivismo. Pode-se dizer, sem muito exagero, que temos também uma espécie de constante positivista, tomado o vocabulário *lato sensu*, já revelada ao tempo do Império com numerosos discípulos brasileiros de Comte e de Littré, e que, passando pelo empiro-criticismo, vem desembocar agora nas tendências neopositivistas e logicistas.<sup>235</sup>

Tal crítica ao alegado renitente positivismo no pensamento brasileiro permeia, como já destacado, grande parte das suas resenhas desse período, a partir das quais fundamenta os seus argumentos em prol do “tirocínio” do campo historiográfico usando, entre outros, desse significante para designar aquele tipo de operação que insistia no que ele chamará de “fetichismo do fato”, ou seja, na concepção segundo a qual os fatos, em seu caráter bruto, importam mais do que a imaginação e a inteligência que os submeterão a uma narrativa plausível sobre determinado evento e suas interconexões temporais de dimensão conjuntural e estrutural. O termo positivismo, portanto, e suas equivalências cambiantes são eleitos como uma espécie de anátema a ser expurgado da operação historiográfica que se queria impor naquele contexto como renovadora das práticas até então estabelecidas. Para a situação francesa e o discurso dos *Annales*, “mais

<sup>233</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Em torno de um congresso”, *op. cit.*, p. 76.

<sup>234</sup> HOLLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., *op. cit.*, p. 128.

<sup>235</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Em torno de um congresso”, *op. cit.*, p. 77.

do que um cartel, [...] foram bem-sucedidos no agrupar as ciências humanas por detrás de sua bandeira”.<sup>236</sup> De tal conjunto de signos mobilizados no combate ao historicismo, “temos como resultado o núcleo permanente do discurso dos *Annales*, para além de suas flutuações: a relativização ou, pelo menos, a recusa do relato factual e do relato político”. É, portanto, “a partir dessa recusa que os *Annales* se definem como escola, superando a diversidade de seus componentes. O adversário é sempre o mesmo: a história dita positivista”.<sup>237</sup>

Em artigo datado de 24 de junho de 1951, e publicado, também, no contexto dessa série do *Diário Carioca*, Sérgio Buarque de Holanda retoma as impressões do Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia. O faz, dessa vez, a fins de rebater algumas réplicas que lhe foram dirigidas no artigo anterior, “Em torno de um congresso”. Um dos seus interlocutores, “o sr. Alcântara Silveira”, como o trata naquela ocasião, ao propor ao Brasil a adoção da filosofia de Maurice Blondel, recebe ásperas considerações e retificações acerca das, segundo Holanda, imprecisões no processo de apropriação de tal pensador. O articulista chega a tachar Silveira, como notamos, de adepto do paroquialismo como fenômeno que acomete os intelectuais que apenas sustentam linhas de pensamento e correntes como meros credos compartilhados entre correligionários, abdicando da precisão lógica e conceitual caras ao pensamento que se quer complexo e rigoroso em seus pressupostos. Alcântara Silveira, portanto, de acordo com essas premissas, não escaparia das críticas do historiador que, ao tecer comentários sobre o blondelismo, não intenta nada além do que denotar a adesão superficial de certos intelectuais a novas tendências filosóficas, convertendo-as em meros invólucros novos para conteúdos velhos, por assim dizer. No caso, de acordo com as cifradas considerações de Buarque de Holanda, blondelismo que reforça o positivismo dissimulado secularmente no sistema intelectual brasileiro:

Não me parece o papel de crítico que aspire a uma imparcialidade talvez irrealizável pronunciar-se por esta ou aquela entre as doutrinas em debate. Se tentei oferecer reservas à tese de um dos filósofos que se confessa adepto do blondelismo, não foi por amor ou rancor a essa doutrina, mas porque, secularizando-se como quem não quer, a tese em questão exprimiu com nitidez admirável um gênero de pensamento que, *embora frequente entre nós*, aparece quase sempre dissimulado nos escritos de autores menos ardentes ou mais ardilosos. Aqui foi contra a falsificação inconsciente, e

<sup>236</sup> DOSSE, François. “O duo de Estrasburgo”. In: \_\_\_\_\_. *A História em Migalhas: dos Annales à Nova História*. Bauru – Edusc, 2003, p. 90.

<sup>237</sup> *Loc. cit.*

entretanto *sintomática*, de uma doutrina, não foi contra a mesma doutrina que ousei endereçar algumas objeções.<sup>238</sup>

Mais adiante, Sérgio Buarque de Holanda rebate as acusações de Silveira segundo as quais estaria apegado a ideias sem finalidades práticas à vida do espírito, sugerindo, ao contrário, que estivesse mesmo imiscuído em alguma tarefa institucional ou burocrática que o impedira de participar presentemente do evento – além da justificativa, mediada por surpreendente retórica da modéstia, no excerto grifada:

Isso não quer dizer, como leva a supor Alcântara Silveira, no artigo do suplemento de *A Manhã* em que responde brilhantemente às minhas contestações, que eu prefira a todos os outros os “objetos de estudos sem qualquer finalidade, jogos de espírito sem nenhuma repercussão na vida espiritual do homem”. Pois foi, ao contrário, pelo apego a assuntos mais rasteiros que, embora “convidado a nele tomar parte”, conforme observou, deixei de comparecer ao Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia. *Por isso e ainda porque me sinto incompetente para os altos debates que se haveriam de esperar em uma tal assembleia.*<sup>239</sup>

Mais a seguir, nos deparamos com a recorrente reparação às alegadas más interpretações, deliberadas ou não, das ideias e proposições de autores estrangeiros. Postura essa, qual seja, de ir ao encontro à obra mesma a fim de realizar uma *close reading* das filigranas do discurso, já vislumbrada, por exemplo, em momento do capítulo anterior, no qual busca denunciar a tradução, segundo ele, deliberadamente enviesada que Cairu realiza da obra de Adam Smith a partir da palavra “inteligência”. Vejamos:

Cita ainda o autor um longo trecho do *Itinerário filosófico*, no qual, falando a Frederico Lefèvre, o filósofo procurava sugerir como as suas teses, inteiramente especulativas na aparência, têm, no entanto, um interesse imediato, decisivo, constitutivo para diferentes atividades, inclusive para a cooperação internacional. Essas e outras palavras aparecem, com efeito, no *Itinerário*, mas não vejo como autorizem a interpretação que lhes quer dar seu intérprete brasileiro.<sup>240</sup>

A conclusão desse breve texto, publicado no *Diário Carioca*, se aproxima consideravelmente da crítica feita pelo paulista ao longo de toda a sua carreira acerca, como já afirmamos, do uso apressado e conveniente de certas correntes de pensamento importadas e destituídas de todo o seu caráter verdadeiramente crítico e transformador, convertendo-se, ao contrário, em meros, porém rendosos, *franchising* intelectuais ou acadêmicos:

---

<sup>238</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Ainda um congresso”, *op. cit.*, p. 81, 82. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 24 de junho de 1951)

<sup>239</sup> *Idem, Ibidem*, p. 82.

<sup>240</sup> *Idem, Ibidem*, p. 83.



É significativo, além disso, que, não tendo encontrado, numa das obras de Blondel que eu invocara, nenhuma condenação expressa às filosofias convenientes, meu crítico acrescenta textualmente: “mesmo que Blondel houvesse dito algo a respeito, pouco valeria essa opinião, expressa num livrinho escrito sob encomenda, quando a sua filosofia é um desmentido a essa afirmação”. *Por onde se vê como a espécie de milícia também pode converter-se em uma espécie de mercancia.*<sup>241</sup>

De fato, a situação da vida universitária brasileira, de tempos em tempos, nos dá provas vivas dos modismos estéreis que assolam seus departamentos, dentro dos quais alguns poucos autorizados arrogam para si o papel desses verdadeiros *franchisings* itinerantes das grandes tendências de pensamento e seus respectivos autores, que, conservados tal qual um acervo de intácteis peças raras, visam, antes, o enaltecimento e a dignificação dos que os cultivam.<sup>242</sup> A tônica dessa crítica desdobra-se em artigo denominado “História e natureza”, publicado, ainda, no *Diário Carioca*, em 17 de junho de 1951. Já no primeiro parágrafo presencia-se denúncia entrecortada de subentendidos relativos ao que Buarque de Holanda considera, por parte dos entusiastas de primeira hora do pensamento filosófico, pouca aderência aos seus reais problemas. Em vez disso, argumenta, o que se observa é, antes, uma adesão ocasional à última voga disponível no campo das produções intelectuais:

É frequente, hoje, que se orientem para a simples especulação filosófica muitos daqueles que há quinze ou vinte anos se deixariam empolgar por alguma Sociologia que não passasse, em realidade, de uma aliança de interpretação histórica à propaganda política e à visão profética. Assim como os que ontem se ocupavam da literatura de ficção – e ainda aqui, indiretamente, dos espetáculos, não digo tanto dos problemas, sociais – parecem voltar-se hoje para a poesia, de preferência para a poesia “pura”. Um crítico imbuído de *slogans* marxistas não deixaria de interpretar essa nova preeminência do “humano” e do individual sobre o social como sintomática da alienação dominante entre intelectuais diante das perplexidades da hora presente.<sup>243</sup>

---

<sup>241</sup> *Idem, Ibidem*, p. 84.

<sup>242</sup> “Tem sido observado que a cada geração a vida intelectual no Brasil parece recomeçar do zero. O apetite pela produção recente dos países avançados muitas vezes tem como avesso o desinteresse pelo trabalho da geração anterior, e a conseqüente descontinuidade da reflexão. Conforme notava Machado de Assis em 1879, ‘o influxo externo é que determina a direção do movimento’. Que significa a preterição do influxo interno, aliás menos inevitável hoje do que naquele tempo? Não é preciso ser adepto da tradição ou de uma impossível autarquia intelectual para reconhecer os inconvenientes desta praxe, a que falta a convicção não só das teorias, logo trocadas, mas também de suas implicações menos próximas, de sua relação com o movimento social conjunto, e, ao fim e ao cabo, da relevância do próprio trabalho e dos assuntos estudados. Percepções e teses notáveis a respeito da cultura do país são decapitadas periodicamente, e problemas a muito custo identificados e assumidos ficam sem o desdobramento que lhes poderia corresponder”. SCHWARZ, Roberto. “Nacional por subtração”. In: \_\_\_\_\_. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 30, 31.

<sup>243</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “História e natureza”, *op. cit.*, p. 85. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 17 de junho de 1951)

Outro fator passível de interesse, nesse passo, é o que toca à evocação do marxismo, ou melhor, de seus “slogans” a fim de designar o comportamento desses intelectuais como alienante. Porém, o faz a partir de postura distanciada e não comprometida, uma vez que o uso do conceito filosófico caro ao desenvolvimento dado a ele, por Marx, vem sugerido indireta e hipoteticamente por meio da terceira pessoa, “um crítico”. Mais uma vez, o que se extrai de tal estratégia é, porventura, a recusa do intelectual de se comprometer teoricamente com quaisquer das matrizes disponíveis à operação de perquirição do passado. Distintamente do que ocorre com autores que, ainda que indiretamente, se posicionam em determinada tradição disciplinar, Sérgio Buarque de Holanda, apesar de privilegiar certas referências em muitas de suas análises, não as assume de modo aguerrido, procurando, ao contrário, promover, a partir delas, uma inscrição complexa e plástica, misturando “o melhor das tradições”, como bem observou Raphael Guilherme de Carvalho acerca das apropriações, pelo autor, “da escola histórica alemã e dos *Annales*, sobretudo da dita primeira geração”.<sup>244</sup> Nesse sentido, e por fim, vejamos, doravante, o modo como se postará, nas mesmas páginas do *Diário Carioca*, perante as interpretações e apropriações operadas pelo seu rival católico em torno da corrente existencialista.

### *Existencialismos no front*

Em resenha ao livro de Alceu Amoroso Lima, *O existencialismo e outros mitos do nosso tempo*, publicada no *Diário Carioca*, em 25 de março de 1951, Sérgio Buarque de Holanda tece, como é recorrente, severas considerações às ideias filosóficas do seu oponente, que, nessa ocasião, se envereda pelas sendas da filosofia contemporânea ao pôr em exame uma das correntes mais influentes daqueles meados do século XX: o existencialismo.<sup>245</sup> Para o paulista, ao tratar o fluminense dos problemas dessa vertente de pensamento no Brasil, esse não deixa de incorrer em certo ponto de partida dogmático quando se debruça sobre uma corrente que em si é, assevera, uma “filosofia de crise”, dotada de pressupostos embasados no que o autor denomina “radicalismo crítico”, portanto, um contrassenso analítico da parte de Amoroso Lima. O historiador

<sup>244</sup> CARVALHO, Raphael Guilherme de. “Em torno da concepção de história de Sérgio Buarque de Holanda”, *op. cit.*, p. 313.

<sup>245</sup> Para a recepção de Sartre no Brasil, mais especificamente acerca de sua visita, junto a Beauvoir, ao país e conseqüente impacto de seu pensamento na geração da contracultura da década de 1960, cf. ALMEIDA, Rodrigo Davi. *Sartre no Brasil: expectativas e repercussões*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

principia as suas considerações sobre a obra do crítico católico mediante aquele característico movimento, digamos, de bate e assopra:

O livro recente que Alceu Amoroso Lima consagrou ao existencialismo oferece-nos uma ilustração bastante precisa da diferença e, por vezes, da difícil compatibilidade que tendem a reinar entre um pensamento puramente doutrinário e a genuína especulação filosófica.<sup>246</sup>

E continua, dessa vez, em chave ambigualmente elogiosa:

Não que Amoroso Lima, ao optar de modo pleno pelo primeiro se tenha mostrado insensível às seduções da última. Direi, bem ao contrário, que a vocação especulativa e filosófica parece ter presidido constantemente aos pontos de vista expressos em sua obra e, também, que, entre nós, ninguém mais do que ele tem sabido cumprir semelhante vocação com decoro e eficácia.<sup>247</sup>

Outra recorrência na crítica de Sérgio Buarque a Alceu Amoroso – e que, por vezes, recai também sobre Gilberto Freyre – é a sugestão de que a abordagem do seu interlocutor se vale de um tomismo de fundo a permear, com os alicerces assegurados por seu “‘realismo’ filosófico”, as considerações acerca da multifacetada matéria filosófica, social e literária. Como exemplo para o caso de Freyre, pode-se ler, em passagem daquela resenha de *Sobrados e Mucambos*:

A forma da sociedade brasileira, se tivermos de aceitar noção tão violentamente realista, como essa que nos propõe Gilberto Freyre – realista menos no sentido da sociologia atual do que da teologia medieval – não foi suscitada na área da cana-de-açúcar, ou em outra região brasileira particular [...].<sup>248</sup>

E, aqui, se deve abrir um parêntese para as sugestivas linhas com as quais Alceu Amoroso Lima homenageia, já em 1962, a obra seminal do pernambucano, em livro com o qual se celebra o 25º aniversário da publicação. Nessa “‘sua’ comunidade (digamos, os 40 romancistas, poetas, historiadores e críticos de maior consagração), congregada pela família Pereira [José Olympio]” para publicar o “livro-monumento” que imortalizaria Freyre como escritor<sup>249</sup> – e na qual, diga-se de passagem, não figura Sérgio Buarque de Holanda –, encontra-se o fluminense e a sua contribuição de título: “Gilberto Freyre visto por um católico”. Aí, presencia-se empreitada com a qual estabelece profundos vínculos entre alguns dos preceitos fundamentais do cristianismo católico e o que designará como as “cinco atitudes” que presidem *Casa-grande & Senzala*, que “me parecem pontos

<sup>246</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Existencialismo”, *op. cit.*, p. 62. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 25 de março de 1951)

<sup>247</sup> *Loc. cit.*

<sup>248</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Sociedade Patriarcal”. In: *Tentativas de Mitologia*, *op. cit.*, p. 105.

<sup>249</sup> SORÁ, Gustavo. “A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande & Senzala* de Gilberto Freyre”, *op. cit.*, p. 19, 20 (nota 31).

capitais para uma interpretação efetiva do Brasil: o Franciscanismo; Portugal; a Família; o Regionalismo; a Mestiçagem”.<sup>250</sup> Pinçando trechos e pequenas frases do livro de Freyre a fins de balizar as afinidades com a sua visada católica, tem-se, por exemplo, que o “franciscanismo” vem ao auxílio do elogioso argumento acerca do caráter contemporizador e brando da colonização portuguesa, tal como se discutiu, em parte, no primeiro capítulo desta tese. Vejamos:

O franciscanismo desempenha um papel importante na obra de Gilberto Freyre. Embora sem entrar a fundo na ação franciscana, na obra catequética da cristianização dos indígenas e principalmente na sua ação contínua ao longo de nossa história, como se vê hoje com os franciscanos norte-americanos na reforma agrária empreendida pelos bispos do Nordeste, ele opõe o sistema jesuítico da *fixação* dos indígenas, que eram por natureza nômades, ao sistema franciscano, que Frei Basílio Rower chama de “sistema das missões volantes”. Gilberto Freyre parte da observação geral de que: “o Catolicismo foi realmente o cimento da nossa unidade”. E apesar de sua oposição a tudo que representasse correção ou substituição dos costumes *nativos*, considera que a colonização anglo-saxônica e protestante ainda foi muito mais niveladora que a ibérica e católica.<sup>251</sup>

Em seguida, após se apropriar de excerto de *Casa-grande & Senzala*, arremata as suas considerações sobre a missão católica no Novo Mundo conectando aquelas abrandadamente violentas linhas do livro de 1933 às tendências da Igreja no período em que vem a lume o livro de 1962. Recordemo-nos de que é nesse mesmo ano que Alceu Amoroso Lima tomará a frente da representação brasileira no Concílio Vaticano II, tornando-se, como já afirmado por Marcelo Timotheo da Costa, um “crente aberto à modernidade que, em vez de condenar o tempo corrente, dialoga com ele e com a sociedade em chave pluralista”.<sup>252</sup> Leiamos, então, o seu parecer, posterior à citação do livro de Freyre, entre aspas:

“Ainda assim o Brasil é dos países americanos onde mais se tem salvo da cultura e dos valores nativos. O imperialismo português – o religioso dos padres, o econômico dos colonos – se desde o primeiro contato com a cultura indígena feriu-a de morte, não foi para abatê-la de repente, com a mesma fúria dos ingleses na América do Norte. Deu-lhe tempo de perpetuar-se em várias sobrevivências úteis”. Como se sabe, a tendência crescente da Igreja é para respeitar os costumes nativos de cada povo e de cada legislação em tudo aquilo que não se oponha aos valores intrínsecos do universalismo, isto é da lei natural e sobrenatural da humanidade. O cristianismo é por natureza universalista. A revelação cristã veio apenas elevar à ordem sobrenatural a lei da

<sup>250</sup> LIMA, Alceu Amoroso. “Gilberto Freyre visto por um católico”. In: LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA, *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte*. Ensaio sobre o autor de *Casa-grande & Senzala* e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação desse seu livro. Introdução de Gilberto Amado. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1962, p. 37.

<sup>251</sup> *Idem, Ibidem*, p. 38. (grifos do autor)

<sup>252</sup> COSTA, Marcelo Timotheo da. *Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima, op. cit.*, p. 20.

solidariedade natural da espécie humana que os nacionalismos e particularismos exagerados desconhecem. [...] Ora, foi de certo modo S. Francisco de Assis que começou essa nova concepção da obra missionária, quando sustentou que, aos não-cristãos, era preciso *converter* e não *destruir*, como queriam algumas figuras mais extraordinárias da Idade Média, como S. Bernardo.<sup>253</sup>

Retornando aos embates sobre o existencialismo, podemos aventar que são posturas tais como as previstas no texto acima o que pesava a pena de Buarque de Holanda sobre as observações do seu oponente acerca de uma corrente filosófica que, sobretudo, intenta combater qualquer tipo de dogmatismo; principalmente se pensarmos que são filosofias acentuadamente engendradas num contexto de reavaliação dos pressupostos epistemológicos e éticos levados às últimas consequências no pós-guerra, e que, com o horror por ela perpetrado, sofrem certa erosão de seus fundamentos. Em trecho abaixo, presencia-se, logo de cara, o tom acentuadamente irônico da assertiva a partir da qual acusa o intelectual petropolitano, ao insinuar que a sua posição “espiritual” filosófica pouco difere ou se autonomiza diante do seu catolicismo. Antes, observe-se semelhante teor do expediente retórico posto entre travessões, aqui, e no excerto anterior, com o qual se refere à sociologia de Freyre na resenha de *Sobrados e Mucambos*:

O problema sugerido, no entanto, pelo livro que acaba de publicar é, antes de tudo, o de saber-se até onde a posição espiritual que assumiu – e refiro-me aqui a seu “realismo” filosófico, não ao seu catolicismo –, posição que aliás quer descansar e tranquilizar-se sobre venerandas certezas, lhe permite considerar com imparcialidade uma filosofia de crise. Em outras palavras, caberia perguntar se o radicalismo crítico, tão característico de nosso tempo, estará em condições de ser apreciado na justa medida quando se tentem dissimular suas raízes, más e boas.<sup>254</sup>

É igualmente flagrante a proximidade do teor crítico do trecho a seguir com as linhas fixadas já na primeira edição de *Raízes do Brasil*, quando o ensaísta recorre à comparação entre o afã de construção da realidade por parte dos assim chamados “pedagogos da prosperidade” e as filosofias medievais que pretendiam espelhar a ordem vigente no mundo àquela disponível no plano ideal contemplativo, e cuja submissão a uma atualização na ordem do mundo contemporâneo não passaria, ao fim e ao cabo, de “uma paixão de professores”.<sup>255</sup> Vejamos:

Interessam-lhe [ao pensamento doutrinário] em realidade os resultados efetivos mais do que os motivos remotos. E mais os frutos visíveis do que as raízes. Esse pensamento

<sup>253</sup> LIMA, Alceu Amoroso. “Gilberto Freyre visto por um católico”, *op. cit.*, p. 38, 39. (grifos do autor)

<sup>254</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Existencialismo”, *op. cit.*, p. 62, 63.

<sup>255</sup> HOLLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 1ª ed., *op. cit.*, p. 09.

nasceu e cresceu nos tempos em que a Filosofia parecia sempre pronta para fornecer uma consolação, uma terapêutica ou um asilo aos que padecem com as misérias do mundo, e *até hoje* ele guarda a nostalgia daquela idade de ouro.<sup>256</sup>

Um fator significativo da análise do autor de *Cobra de Vidro* é o que diz respeito à sua postura quanto à precisão linguística e conceitual, que pode ser constatada na crítica dirigida ao uso que Amoroso Lima faz do termo existencialismo, acusando-o de espriar o conceito exatamente para obras de autores que o rejeitam energicamente, como no caso do alemão Heidegger.<sup>257</sup> Eis, novamente, o método da rotulação denunciado, como vimos, na apropriação feita por Horácio Lafer, também, do pensamento do autor de *Ser e Tempo*, denominando-o, igualmente, existencialista. Após tais apreciações, cita diretamente fragmento do livro de Alceu Amoroso Lima a fim de desnudar o compromisso do católico com o realismo filosófico da obra de Tomás de Aquino, que, por suposto, o obstaculizaria na ultrapassagem para a leitura de uma vertente de pensamento ainda não consagrada discursiva e conceitualmente pela tradição:

Para o realismo filosófico, o pensamento é medido pelo ser. A abstração no verdadeiro realismo, longe de diminuir o ser ou privá-lo de suas contradições e variedades infinitas, é o meio de incluir todas as manifestações do Ente, por mais complexas que sejam, reduzindo-as às suas linhas gerais e aos pontos de contato e de afastamento entre as diferentes categorias de entes, do mais concreto ao mais abstrato. A filosofia passa assim a ser, como de fato é, uma incorporação total e objetiva dos entes reduzidos, sem perda de sua individualidade diferencial, ao denominador comum do pensamento, que é sempre a forma mais ampla e mais profunda pela qual as coisas e os homens podem ser apreendidos e reduzidos, sem perda de sua particularidade, a um índice comum.<sup>258</sup>

Em réplica ao trecho utilizado, Buarque de Holanda se vale, mais uma vez, tal como empregado na crítica a Freyre, da noção de impressionismo para acusar o seu adversário de pensamento. Ao apontar para supostas contradições nos predicados propostos por Amoroso Lima, reafirmando, dessa vez a partir dos próprios enunciados do católico, aquelas mesmas críticas assinaladas no início do seu artigo, isto é, que as concepções daquele sobre o existencialismo partem de um ponto de vista filosófico estático e, conseqüentemente, confrontante com a proposta de uma filosofia radical do pós-guerra, assevera: “O quadro grandioso de uma filosofia em que ‘as coisas e os homens’, apesar de apreendidos em linhas gerais e reduzidos ao seu índice comum, nada perdem, no entanto, de sua particularidade, de sua ‘individualidade diferencial’ é, com

<sup>256</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Existencialismo”, *op. cit.*, p. 63.

<sup>257</sup> Cf. *Loc. cit.*

<sup>258</sup> *Idem, Ibidem*, p. 63, 64.

efeito, *para impressionar*".<sup>259</sup> Após continuar a apreciação, abalizando o afirmado caráter paralisante na concepção filosófica de Alceu, "tudo se reduz ao geral sem o mínimo prejuízo do particular, noção essa que a escolástica teria herdado do aristotelismo",<sup>260</sup> evoca Heidegger para contestar o pensador fluminense mediante retórica da modéstia. Referindo-se na terceira pessoa, afirma ser "um simples curioso desses problemas" o "autor do presente comentário".<sup>261</sup> Leiamos o excerto:

[...] há de parecer quase um escândalo o fato de Heidegger, por exemplo – que forma sua filosofia no assíduo contato com os antigos teólogos, que principiou sua carreira de pensador com uma tese sobre a doutrina das categorias e dos conceitos de Duns Scotus e que insiste, ainda hoje, em citar frequentemente os escritos de Santo Agostinho e de Doutor Angélico – abandonar, não por ignorância, provavelmente, mas por mero capricho, tão clara e generosa concepção em benefício de um pensamento que procura "passar do indefinido ao definido, do claro ao obscuro, do delimitado ao extralimitado". Pois conhecer, em última análise, segundo o pensamento tradicional, consiste em definir, diz Amoroso Lima.<sup>262</sup>

E prossegue o autor de *Caminhos e Fronteiras* em sua agonística contra o propalado conservadorismo de fundo do seu velho interlocutor. A sua investida parece se dar, com efeito, a uma prática filosófica não mais adequada aos tempos modernos, ineficaz à compreensão de um mundo que se viu diante do abismo das duas grandes guerras e de regimes totalitários, onde qualquer tentativa de fixidez e retorno aos parâmetros supostamente seguros das sociedades tradicionais soariam artificiais:

Mas, por outro lado, a curiosa atitude dos que desprezam o edifício pujante da escolástica e do tomismo, transviando-se para lúgubres veredas, não nasceria precisamente de uma desconfiança, talvez bem fundada, na precisão e no valor perene daquelas definições?<sup>263</sup>

Ao longo dos parágrafos finais de sua resenha sobre *O existencialismo e outros mitos do nosso tempo*, Sérgio Buarque de Holanda discorre sobre a noção de *Ser* implicada na obra capital de Heidegger, argumentando que, desde a era pós-Socrática, ela caíra no esquecimento, convertendo-se, a partir principalmente da escolástica medieval, "numa verdade axiomática de clareza solar, numa evidência que é impossível pôr em questão, sem praticar, com isso, um erro metódico".<sup>264</sup> E indaga: "Não seria, em suma, essa claridade suspeita o que tanto admira Alceu Amoroso Lima no 'realismo' "

---

<sup>259</sup> *Idem, Ibidem*, p. 64.

<sup>260</sup> *Loc. cit.*

<sup>261</sup> *Loc. cit.*

<sup>262</sup> *Idem, Ibidem*, p. 64, 65.

<sup>263</sup> *Idem, Ibidem*, p. 65.

<sup>264</sup> *Idem, Ibidem*, p. 66.

filosófico posto em contraste com o negrume das filosofias da existência?”<sup>265</sup> Ao retomar, na conclusão, aquele movimento de bate e assopra, já pontuado ao longo dos trechos deste capítulo, principalmente, o historiador paulista principia, num primeiro momento, por reforçar elipticamente o ponto de vista tradicionalista do intelectual católico, afirmando que, contra os filósofos da existência, Alceu Amoroso Lima limita-se a enaltecer uma sabedoria “que não os satisfaz e que eles têm aparentemente razões para repudiar”. Por isso mesmo, assevera Holanda, “ocorreu-me dizer que os argumentos críticos do autor só podem convencer os que já estão convencidos”.<sup>266</sup> Num segundo momento, e concluindo definitivamente as suas considerações, adota o assopra – não destituído de certa entrecortante ironia:

É certo que esses comentários não envolvem, nem poderiam envolver, o conteúdo da obra que acaba de publicar Amoroso Lima. Livro como esse, tão rico em sugestões de toda sorte, sobre tema de tão flagrante atualidade, sugere observações que embora sumárias e incompletas, não cabem em um único artigo de jornal.<sup>267</sup>

A partir de publicação datada de 1º de abril de 1951, Sérgio Buarque de Holanda volta, em “Ainda o existencialismo”, a dedicar algumas linhas ao livro de Alceu Amoroso Lima. A tônica é, ainda, o tradicionalismo do intelectual católico ante a filosofia contemporânea. Ou, como quer o historiador, a “filosofia de crise” que responde pelo nome de existencialismo. Ao tratar do alegado apego do autor do livro em questão ao pensamento medieval, que “pretenderia abarcar céu e terra numa ‘incorporação total’, em que o abstrato não excluiu o concreto e o geral não suprime o particular”,<sup>268</sup> indaga o resenhista:

Pois não é a legitimidade de tamanha pretensão o que procuram pôr em choque, servindo-se de bons ou maus argumentos, as tendências filosóficas denunciadas nesse livro? E não seria de justiça que seu autor se detivesse em examinar esses argumentos em vez de se restringir simplesmente, como se restringe, a enaltecer aquilo mesmo que eles tendem a negar?<sup>269</sup>

Para se opor ao caráter totalizante da reação que julga ter Amoroso Lima posto em curso, Sérgio Buarque recorre a um texto mimeografado de Jean Wahl, “intérprete francês das filosofias da existência”, do qual cita o trecho: “‘Se ao pensamento filosófico original’, dizia, ‘foi possível possuir simultaneamente profundidade e amplitude, isso já

<sup>265</sup> *Loc. cit.*

<sup>266</sup> *Loc. cit.*

<sup>267</sup> *Idem, Ibidem*, p. 67.

<sup>268</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Ainda o existencialismo”, *op. cit.*, p. 68. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 1º de abril de 1951)

<sup>269</sup> *Loc. cit.*



não se dá atualmente. Nossa força é a separação. Nós perdemos a ingenuidade”.<sup>270</sup> Primeiramente, é pertinente atentar-se para a postura *up-to-date* do intelectual, e com a qual se coloca no debate de modo vanguardista, pois que munido de um texto sobre o assunto, proferido em curso na Sorbonne, no calor da voga dessa corrente de pensamento naquela espacialidade. Em seguida, presencia-se acusação de que o crítico católico estaria incorrendo implicitamente em certo historicismo. Mais uma vez, tem-se que o autor mobiliza tal significativo com o intuito de sugerir o seletivo apego do seu rival pelo passado, como vimos no capítulo anterior, a partir das muitas estratégias textuais e discursivas engendradas em sua agonística com Alceu Amoroso:

De passagem, caberia perguntar se a própria tendência de Amoroso Lima para amarrar constantemente certas formas de pensamento a épocas determinadas, e só a elas, por exemplo – “As duas filosofias mais representativas do século XX estão, assim, presas ao século XIX. São filosofias anacrônicas” – também não constitui, a seu modo, uma forma de tributo ao historicismo.<sup>271</sup>

Ainda nessa toada, o crítico paulista insiste em vincular o ponto de partida do fluminense à escolástica medieval, e a partir do qual aponta para suas imprecisões conceituais nas apreciações sobre a candente corrente filosófica daquela segunda metade do século XX:

A segunda imprecisão, e neste caso a mais importante, está em que Alceu Amoroso Lima toma, do começo ao fim, a palavra “existência” rigorosamente no sentido que tinha a palavra para a filosofia escolástica. A vantagem de semelhante interpretação está em que lhe permite uma das suas sugestivas construções dialéticas. Para ele o “existencialismo” situa-se no polo oposto ao “essencialismo” platônico; entre um e outro está a boa solução, a do verdadeiro realismo, quer dizer a da filosofia tomista, com seu *equilíbrio* entre essência e existência.<sup>272</sup>

A fim de reforçar a sua credencial crítica, Holanda evoca, mais uma vez, uma das proeminentes figuras da filosofia contemporânea, Heidegger, no sentido de retificar a alegada imprecisão cometida pelo seu interlocutor brasileiro:

Em sua obra mestra, já observava Heidegger, há mais de vinte anos, que a palavra existência, na única acepção em que a emprega, “não tem e nem pode ter o sentido ontológico do termo tradicional *existentia*”. E em sua recente carta sobre o humanismo pôde reafirmar com alguma veemência esse ponto de vista.<sup>273</sup>

Para concluir, Sérgio Buarque de Holanda, diferentemente do artigo anterior sobre o mesmo tema e mesma abordagem, não lança mão daquele movimento de bate e

<sup>270</sup> *Idem, Ibidem*, p. 69

<sup>271</sup> *Idem, Ibidem*, p. 71.

<sup>272</sup> *Idem, Ibidem*, p. 72. (grifo do autor)

<sup>273</sup> *Loc. cit.*

assopra. Dessa vez, o faz de modo bastante severo, acusando o católico de empreender uma reação inócua ao existencialismo, abdicando da “inquirição metódica” – preocupação essa vislumbrada em vários dos textos do autor nesse período de consolidação do modelo universitário para as humanidades e ciências sociais no Brasil –, “que estaria à altura de empreender, se o quisesse”, para adotar a “atitude doutrinária”.<sup>274</sup> Escreve o articulista:

Não penso que seja esse o modo feliz de descrever e combater um pensamento que principia por contestar a legitimidade daquelas mesmas definições. Ao radicalismo crítico só é possível contrapor uma crítica radical, isto é, atenta aos seus verdadeiros fundamentos, não uma posição simplesmente doutrinária, que afirma ou nega, mais em verdade não rebate. E por se ter esquivado a semelhante crítica, tenho a convicção de que não feriu o alvo.<sup>275</sup>

Podemos afirmar, por fim, a partir das considerações ao longo de todo esse capítulo, tendo em vista os combates que o paulista trava com o pernambucano e o fluminense, que os componentes mobilizados para a construção da sua memória e afirmação do campo disciplinar do qual fazia parte encontram a sua medida no fator político-epistemológico. Porém, como já salientado, tais construções são, a depender da situação e do contexto, cambiantes e permeáveis. Nesse caso, propriamente dito, prevalece a crítica formal-epistemológica aos trabalhos de Freyre e de Amoroso Lima, no entanto, o fator político-institucional não deixa de exercer o seu empuxo de fundo. A disputa entre Sérgio Buarque de Holanda e Alceu Amoroso Lima, para além do nível propriamente intelectual, estava atrelada, também, aos espaços institucionais e às estruturas de poder que cada um ocupava. No caso do debate filosófico – mas não menos aquele relacionado à apropriação, pelo católico, das ideias liberais nas décadas de 1930 e 1940, logo, mais ligado à economia política e ao mundo do trabalho –, deve ser inserido no escopo mais amplo das disputas, que, cada um com seus legítimos interesses e suas estratégias políticas, estavam orientadas pela batalha simbólica travada entre uma eminente prática universitária e uma cultura de ensino e pesquisa a se estabelecer paulatinamente como eixo hegemônico para a vida cultural do país, representada, como vimos, pela Universidade de São Paulo e aquelas instituições ligadas à Igreja Católica, cujo maior expoente era, sem sombra de dúvida, o Centro Dom Vital. Especificamente dedicada à esfera da intelectualidade, essa entidade buscou, como já dito, “não apenas responder aos desafios postos à Igreja num contexto de conflitos sociais próprios da

---

<sup>274</sup> *Loc. cit.*

<sup>275</sup> *Idem, Ibidem*, p. 73.

sociedade moderna emergente nos anos 1920, como ainda influenciar as políticas do Estado para a área da educação e cultura”.<sup>276</sup> Nesse sentido, além do Centro, outra instituição de “enquadramento ideológico” que recebeu a missão de agrupar o “núcleo de intelectuais leigos que passariam a atuar como porta-vozes orgânicos dos interesses da corporação religiosa” foi a já mencionada revista *A Ordem*, criada em 1921.<sup>277</sup> Implementadas, num primeiro momento, como “centros de reunião e de difusão das doutrinas e tomadas de posição de intelectuais católicos acerca de inúmeras questões temporais, essas instituições acabaram assumindo um elenco cada vez mais diversificado de tarefas e funções”.<sup>278</sup> Nesse contexto, foram criados, entre outros, o Instituto Católico de Estudos Superiores, embrião da futura Pontifícia Universidade Católica,<sup>279</sup> na qual, nesse período em que escreve sobre o existencialismo, Amoroso Lima atua como professor de literatura, e a editora Agir, fundada pelo próprio intelectual, em 1944, e por onde publica, entre muitos outros, *O existencialismo e outros mitos do nosso tempo*. Gilberto Freyre, por sua vez, se vê agraciado, ainda em 1946 – mais ou menos dois anos antes de *Raízes do Brasil* ter a sua segunda edição, frisemos –, com a marca da quinta edição de *Casa-grande & Senzala*, além daquela publicada na Argentina, em 1942, e nos Estados Unidos e na Inglaterra, em 1946 e 1947, respectivamente. Entre as décadas de 1950 e 1960, já à frente do Instituto Joaquim Nabuco, portanto, vem a lume as edições italiana – essa com introdução de Fernand Braudel<sup>280</sup> –, francesa e alemã. A “fortaleza incomparável” na qual se encontra o pernambucano e seu seminal livro dá-se a ver, ainda, por meio de outra reedição norte-americana no ano de 1956; antes, a edição francesa é “rapidamente devorada e reeditada por Gallimard”, em 1953; depois, em 1957, tem-se uma edição em Portugal e atinge-se a marca de 50 mil exemplares vendidos em língua portuguesa. No ano de 1956 – data de publicação da terceira edição de *Raízes do Brasil*, diga-se de passagem –, *Casa-grande & Senzala* fora matéria de um seminário de estudos no Castelo de Cerisy, na França, organizado pela Universidade de Sorbonne, “ao qual assistiram os papas

<sup>276</sup> BASTOS, Elide Rugai; BOTELHO, André. “Para uma sociologia dos intelectuais”, *op. cit.*, p. 902.

<sup>277</sup> MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, *op. cit.*, p. 128.

<sup>278</sup> *Loc. cit.*

<sup>279</sup> *Loc. cit.*

<sup>280</sup> Cf. BRAUDEL, Fernand. “Introduzione di Fernand Braudel”. In: FREYRE, Gilberto. *Padroni e schiavi: la formazione della famiglia brasiliana in regime di economia patriarcale*. Trad. Alberto Pescetto. Torino: Giulio Einaudi, 1965, p. IX-XI. A propósito, para as já conhecidas semelhanças – não influências! – de abordagens, objetos e métodos entre alguns dos renomados “intérpretes” brasileiros, mais especificamente Gilberto Freyre, e os proeminentes membros dos *Annales*, cf. BURKE, Peter. “Gilberto Freyre e a nova história”. In: *Tempo Social, revista de sociologia da USP*. 9(2): 1-12, outubro de 1997.

internacionais da Sociologia e da História como Braudel, Gurvitch, Sombart”. Ainda nesse ano, Freyre fora nomeado um dos quatro conferencistas da reunião mundial de sociólogos em Amsterdã, além de ser convidado a participar, como representante da Sociologia mundial, de um Radio-Symposium em Washington. Em 1957, recebera o prêmio Anisfeld Wolf pelo livro de 1933, como “o melhor trabalho mundial sobre relações raciais. Durante os anos 50, também recebeu títulos honoríficos em numerosas universidades na Europa, Estados Unidos e América Latina”.<sup>281</sup>

Tendo em vista, por fim, tal mínima e, obviamente, lacunar descrição da magnitude das inserções de ambos os autores nos meandros do universo intelectual circunscrito por esse arco temporal de 40 anos, podemos dizer que são duas das figuras maiores a não poderem não habitar o campo da batalha simbólica engendrada pelo paulista. Pernambucano e fluminense, como vimos, inscritos como pares antitéticos, porém complementares, no fito de dotar de substancialidade o intento duplo e conectado de construção de uma identidade intelectual – porque, podemos dizer, está para além da historiadora, propriamente dita – e de afirmação de um projeto universitário cujo afã da especialização mobilizou seus signos e seus significantes múltiplos em prol de suas escolas, seus nomes próprios e suas classificações de toda sorte a delinear as linhas de força a presidir o “novo”, fazendo “*existir uma nova posição para além das posições ocupadas, à frente dessas posições, na vanguarda*”.<sup>282</sup> Mirar o alvo, construir o alvo, portanto.

---

<sup>281</sup> SORÁ, Gustavo. “A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande & Senzala* de Gilberto Freyre”, *op. cit.*, p. 13.

<sup>282</sup> BOURDIEU, Pierre. “La production de la croyance”, *op. cit.*, p. 39. (grifos do autor)

## Considerações finais

Vimos que o primeiro tempo da agonística buarquiana, na década de 1920, orientou-se por uma postura que chamamos estético-política, e a partir da qual tentou-se impor, no ambiente dos modernismos, uma interpretação ainda de cunho estético em busca do que se convencionou chamar “expressão nacional”, ou seja, uma forma de política que perpassava ainda pela literatura e, de um modo geral, pelas elaborações artísticas em sentido amplo. Projetadas como espelho da nação, tais políticas literárias pautavam-se pelo sentido de uma arte empenhada que pudesse conduzir à formação de uma unidade do sentimento de brasilidade que tinha como vetor o significante popular. Nesse quadrante, notamos que, da alegada afinidade que Buarque de Holanda antevia entre os escritos de Amoroso Lima e os imperativos andradianos sobre a tarefa de “nacionalização” das artes daquele período, como “arte de circunstância”, “interessada”, “de construção”, encetou-se a querela do “construtivismo” entre o paulista e o fluminense. O primeiro procurou, ainda sob uma postura incisivamente projetiva, se representar sob vários matizes e estratégias discursivas, tomando Gilberto Freyre, autoproclamado bastião do modernismo no Nordeste, e Alceu Amoroso Lima como pares antitéticos concorrentes de matrizes consideradas antípodas, mas que, ao fim, resguardavam mais afinidades do que ele próprio poderia admitir, principalmente em se tratando de Freyre, que, admirado pela sua competência no trato da crítica literária e assumido inicialmente, ainda que de modo não declarado pelo futuro autor de *Raízes do Brasil*, como um sólido ponto de apoio e inspiração intelectual, dele paulatinamente se distanciava.

No segundo tempo, já na década de 1930 e em parte da próxima – cujas marcas de historicidade privilegiadas foram as fundamentais permutas constituintes da primeira para a segunda edição de *Raízes do Brasil* –, tivemos o que se compreendeu como uma postura político-interpretativa, isto é, de ambiciosos projetos acerca da interpretação do passado brasileiro cujos pressupostos estético-políticos, já relativamente lânguidos em sua legitimidade intelectual e prática a oferecer elementos para a compleição da nacionalidade, deram lugar àqueles ético-políticos acerca de leituras e introspecções sobre os passados nacionais. Das afinidades – antevistas, como vimos, entre *Casa-grande & Senzala* e *Raízes do Brasil*, por exemplo – e disputas entre matrizes que se queriam as mais plausíveis, legítimas e originais acerca da formação

sociocultural brasileira, seguiram-se apagamentos, construções identitárias múltiplas, tentativas de projetos institucionais e seus fitos de hegemonia, além, obviamente, das batalhas político-econômicas em torno de apropriações de autores consagrados no espectro das ideias liberais do Brasil oitocentista, como foi o caso das disputas por Cairu entre Sérgio Buarque e Amoroso Lima. De tais vicissitudes, foram-se engendrando as condições de possibilidades epistemológicas e as lutas delas decorrentes para se inscrever e assentar práticas e padrões de cientificidade de distintas ordens e perspectivas, bem como promover a profissionalização do campo das humanidades e ciências sociais daquele ambiente, o que implicará no que concebemos como sendo o terceiro tempo.

Esse tempo, portanto, é aquele concernente a finais da década de 1940, e que alcança, como vimos, seu ponto culminante na década de 1950. Compreendido como político-epistemológico – e para o qual selecionamos uma extensa série de escritos publicados nos grandes jornais da época –, Sérgio Buarque, assim como Gilberto Freyre e Alceu Amoroso Lima, encontravam-se nele já assentados em suas respectivas instituições. A partir do primeiro, vimos como, organicamente inserido na dinâmica injuntiva daquele dado campo intelectual, tentou, por múltiplas vias e estratégias, instituir um projeto disciplinar dentro do qual, entre as críticas mais cerradas acerca de obras historiográficas, sociológicas, literárias e filosóficas, inseriam-se as obras de Alceu Amoroso Lima, então respeitado diretor do Centro Dom Vital e professor de literatura da Pontifícia Universidade Católica do Rio, e as obras de Gilberto Freyre, idealizador, por sua vez, do Instituto Joaquim Nabuco, no Recife. Em relação ao primeiro oponente, reconstituímos os embates em torno do existencialismo a partir do seu livro, que, ao mesmo tempo em que era tachado por Holanda mediante a velha chave do dogmatismo, servia ao intento de, estrategicamente, criar condições para se afirmar como autoridade, também, no campo da filosofia, que se profissionalizava na Universidade de São Paulo, naquele momento. Quanto às obras de Freyre, enfatizamos, entre outras coisas, as acusações de impressionismo feitas a elas pelo paulista, e cujo intuito foi o de evidenciar apreciações acerca do problema da linguagem, por sua vez relacionado ao ensaio como forma de escrita, desautorizado por Sérgio Buarque de Holanda no âmbito da ordem do discurso disciplinar que presidia os seus combates pela história e pela sociologia naquele ambiente de significativa mudança das condições de produção intelectual. Se

Alceu Amoroso era acusado de projetar o seu tomismo na apreciação, por exemplo, de uma corrente de pensamento imanente e radical como era, de acordo com Holanda, o existencialismo, imputava-se ao pernambucano, por sua vez, o expediente de, metonimicamente, espriar para as análises da formação sociocultural do Brasil as particularidades que diziam respeito às memórias vincadas às suas paragens. Ora, para ambos os casos procuramos, a partir do que chamamos significantes bélicos, trazer à baila alguns signos e sintagmas que, por múltiplas estratégias, revelaram as formas com as quais se constituiu – conformando e conformado pelas instituições e estruturas do poder constitutivas do campo intelectual e cultural nos quais atuou – um dos mais representativos intelectuais do país.

Para além das noções de clássico já bastante repisadas para definir obras e autores como Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Alceu Amoroso Lima e outros, propusemos, neste trabalho, aquela que se adéqua melhor ao que podemos chamar uma simbiose-problema, isto é, a ideia de clássico que constitui a relação autor-obra não como um texto totalizador, mas sim e essencialmente como o paradigma de um jogo de forças tensionadas que se conflitam incessantemente, permitindo que, independentemente do tempo e do espaço em que se produziu, seja lido sob múltiplas finalidades, interesses e perspectivas. Leituras que vão, às vezes, contra os próprios autores e suas obras naquelas partes menos conspícuas, donde se infere o exato contrário daquilo que enunciam nos seus eixos centrais. Para falarmos, uma vez mais com Lacapra, o clássico, nessa acepção, portanto, “é crítico e transformador, porque desconstrói e reconstrói o dado, em um sentido repetindo-o, mas também trazendo ao mundo, nessa variação, modificação ou transformação significativa, algo que não existia antes”.<sup>1</sup> Ao lermos, com essa lente, os três intelectuais, uns com – e contra – os outros, não estamos lendo apenas textos que vazaram fatos e acontecimentos circunscritamente em suas narrativas, mas sim anseios, dilemas e afetividades de uma época projetados em si próprios. Ora, a depender dos períodos e das curvas de suas recepções perante os problemas enfrentados por determinada geração, esses textos podem sair da inércia, e, assim, o que seria uma aparente fraqueza ou menoridade numa determinada situação, metamorfoseia-se em força, já contida em seu cerne como inesgotável e autoimpugnadora em seus enunciados e suas interpretações. Grandes leitores, como

---

<sup>1</sup> LACAPRA, Dominick. “Repensar la historia intelectual e leer textos”, *op. cit.*, p. 246.

Derrida, são exemplares dessa capacidade de “farejar” tais tipos de clássicos, uma vez que, mediante a análise da “estruturalidade da estrutura”<sup>2</sup> dos textos, os lia contra eles próprios, mostrando-nos, no limite, que suas linhas de força, em última instância, nunca realizam por completo aquilo que, nas suas partes centrais, anunciam. Ora, é preciso que o bom intérprete percorra as partes ex-cêntricas da escritura, como suas frases subordinadas, circunlóquios, obliquidades etc., a fim de revelar os não-ditos e os interditos de seus enunciados, chamando a atenção para o que, antes, se figurava como mero detalhe secundário, mas que, em sua recorrência no percurso da narrativa, se revela como índices que dizem do autor e da obra tanto ou mais do que as partes principais.

Por fim, para retornarmos a Nietzsche e ao seu “A disputa de Homero”, podemos dizer que, antes de persistir um só vitorioso que impera soberano sobre os outros, tal como na exclusividade do gênio cultivada modernamente, os três autores, cada qual à sua maneira, vicissitudes e apropriações ininterruptas no debate presente, dentro e fora dos muros da universidade, compõem-se como gênios que se estimulam – nos estimulando – mutuamente para a ação, assim como se mantêm – nos mantendo – mutuamente nos limites da medida. Ainda que vivamos em tempos de má *Eris*, aquela da “cruel selvageria do ódio e do desejo de aniquilamento”, como salienta o alemão, prevalece e resiste, em alguma medida, o combate orientado pela boa *Eris*, ou seja, aquela que, no dissenso, cobiça, como proteção contra o gênio – outros gênios a manter vivas as competições, as disputas e as rivalidades na arena aberta, pública e respeitosa entre os cidadãos da *pólis*. Longe de pretendermos aplinar as tensões inerentes a cada um dos três intelectuais em questão, pode-se dizer, como já se disse, que, se, por um lado, os seus livros inventaram o Brasil, por outro, o Brasil os inventou e incessantemente os reinventa e os seus autores-antonomásias, ensinando-nos, a cada reinscrição de suas proposições no debate contemporâneo, a aceitar a fundamental convivência no contraditório da esfera pública. Por diversas vias, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Alceu Amoroso Lima – queiramos ou não – nos interpelam no presente, fornecendo-nos imagens, imaginários e autoimagens da nacionalidade que, de tempos em tempos, parecem renitentemente confirmar o oxímoro segundo o qual temos um longo passado pela frente.

---

<sup>2</sup> DERRIDA, Jacques. “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. In: \_\_\_\_\_. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 230.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes mobilizadas:

ANDRADE, Mário de. “Ensaio sobre a música brasileira” [1928]. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre a música brasileira*. 3ª ed. São Paulo; Brasília: INL, 1972.

\_\_\_\_\_. *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968.

\_\_\_\_\_. “O movimento modernista” [1942]. In: \_\_\_\_\_. *Aspectos da literatura brasileira*. 5ª ed. São Paulo, Martins, 1974.

ATHAYDE, Tristão de [Alceu Amoroso Lima]. “Constructivismo e destructivismo” [1926]. In: \_\_\_\_\_. *Estudos (1ª série)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edição de “A Ordem”, 1929.

\_\_\_\_\_. [Alceu Amoroso Lima]. “De volta” [1936]. In: TELES, Gilberto Mendonça (org.). *Teoria, crítica e história literária*. São Paulo: Edusp, 1980.

\_\_\_\_\_. [Alceu Amoroso Lima]. “No limiar dos cruzamentos”. In: BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Revista do Brasil. Número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Rioarte – Fundação Rio, Ano 3, n. 6, 1987. (publicado originalmente na *Folha de São Paulo*, em 18 de abril de 1982)

\_\_\_\_\_. [Alceu Amoroso Lima]. “Obedecendo”. In: *A Ordem*. Jan./fev., 1929.

\_\_\_\_\_. [Alceu Amoroso Lima]. “Tendências” [1927]. In: \_\_\_\_\_. *Estudos (1ª série)*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edição de “A Ordem”, 1929.

AVELINO FILHO, George. “As raízes de *Raízes do Brasil*”. In: *Novos Estudos CEBRAP*, n. 18, setembro de 1987.

BANDEIRA, Manuel. “Casa-grande & Senzala” [1965]. In: FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* [1933]. São Paulo: Global, 2003.

BARBOSA, Francisco de Assis. “Introdução”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Francisco de Assis Barbosa (org.). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2ª ed., 1989.

\_\_\_\_\_. “Os verdes anos de Sérgio Buarque de Holanda: ensaio sobre sua formação intelectual até ‘Raízes do Brasil’”. In: NOGUEIRA, Arlinda Rocha *et al.* (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo do Estado; IEB, 1988.

\_\_\_\_\_. (org.). *Revista do Brasil. Número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Rioarte – Fundação Rio, Ano 3, n. 6, 1987.

BRAUDEL, Fernand. "Introduzione di Fernand Braudel". In: FREYRE, Gilberto. *Padroni e schiavi: la formazione della famiglia brasiliana in regime di economia patriarcale*. Trad. Alberto Pescetto. Torino: Giulio Einaudi, 1965.

CANDIDO, Antonio. "Apresentação". In: \_\_\_\_ (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

\_\_\_\_. "Introdução". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Francisco de Assis Barbosa (org.). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2ª ed., 1989.

\_\_\_\_. "Literatura e cultura de 1900 a 1945". [1965]. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. 7ª edição. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

\_\_\_\_. "O significado de *Raízes do Brasil*". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 1969.

\_\_\_\_. "O significado de *Raízes do Brasil*". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_. "O significado de *Raízes do Brasil*". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil. Edição comemorativa dos 70 anos*. Ricardo Benzaquen de Araújo e Lilia Moritz Schwarcz (orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_. "Prefácio". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 4ª ed. Brasília, Editora UnB, 1963.

\_\_\_\_. "Prefácio". In: MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)* [1979]. In: \_\_\_\_\_. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*. São Paulo: Paz e Terra, 2ª Ed., 1977.

\_\_\_\_. "O certo e o errado". In: *O Estado de São Paulo*, 7 fev., 2016.

DIAS, Maria Odila L. da Silva. "Estilo e método na obra de Sérgio Buarque de Holanda". In: NOGUEIRA, Arlinda Rocha *et al.* (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo do Estado; IEB, 1988.

\_\_\_\_. "Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda". In: CANDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.

\_\_\_\_. "Sérgio Buarque de Holanda, historiador". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Ática, 1985. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 51)

ELLIS, Myriam. "Noticiário. Concurso para provimento da cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo". In: *Revista de História*. São Paulo: FFCL-USP, ano X, n. 38, abr./jun., 1959.

FAORO, Raymundo. “Mestre Sérgio”. In: *Folha de São Paulo. Caderno Mais!*. São Paulo, 23 de junho de 2002.

FERNANDES, Florestan. *A sociologia no Brasil. Contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FREYRE, Gilberto. “Acerca de jardins”. In: *Diário de Pernambuco*. Recife, 3 de maio, 1925.

\_\_\_\_\_. “Apresentação”. In: HOLLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936.

\_\_\_\_\_. *Artigos de Jornal*. Recife: Edições Mozart, 1935.

\_\_\_\_\_. *Casa-grande & senzala. Formação da família brasileira sob o regimen de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia & Schimidt Ltda., 1933. (consultado na *Coleção Especial Sérgio Buarque de Holanda – Biblioteca Central Cesar Lattes, Universidade Estadual de Campinas*)

\_\_\_\_\_. *Casa-grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* [1933]. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

\_\_\_\_\_. *Como e por que sou e não sou sociólogo*. Brasília: Editora da UnB, 1968.

\_\_\_\_\_. “Introdução”. In: CUNHA, Euclides da. *Canudos (Diário de uma expedição)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939.

\_\_\_\_\_. “James Joyce: O creador de um rhythmo novo para o rómance”. In: *Diário de Pernambuco*. Recife, 11 dez., 1924.

\_\_\_\_\_. *Nordeste. Aspectos da influencia da canna sobre a vida e a paizagem do nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937. (consultado na *Coleção Especial Sérgio Buarque de Holanda – Biblioteca Central Cesar Lattes, Universidade Estadual de Campinas*)

\_\_\_\_\_. “Sergio, mestre de mestres”. In: Francisco de Assis Barbosa (org.). *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Rioarte – Fundação Rio, Ano 3, n. 6, 1987.

\_\_\_\_\_. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano* [1936]. Global Editora – 1ª ed. digital: São Paulo, 2013.

\_\_\_\_\_. *Tempo morto e outros tempos. Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade 1915-1930* [1975]. Apresentação de Maria Lúcia Pallares-Burke. 1ª edição digital. São Paulo: Global Editora, 2012.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil* [1959]. 32. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

HOLANDA, Maria Amélia Buarque de. “Apontamentos para a cronologia de Sérgio Buarque de Holanda”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil. Edição comemorativa dos 70 anos*. Ricardo Benzaquen de Araújo e Lilia Moritz Schwarcz (orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Ainda o existencialismo”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 1º de abril de 1951)

\_\_\_\_\_. “Ainda um congresso”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 24 de junho de 1951)

\_\_\_\_\_. “A lavoura canavieira em São Paulo”. In: \_\_\_\_\_. *Livro dos Prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. “Apologia da História”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado na *Folha da Manhã*, São Paulo, em 18 de junho de 1950)

\_\_\_\_\_. “Apresentação”. In: \_\_\_\_\_. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

\_\_\_\_\_. “Bandeiras e monções”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 13 de julho de 1951)

\_\_\_\_\_. “Carta a Mário de Andrade. 10 de maio de 1931”. In: Pedro Meira Monteiro (org.). *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: correspondência*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras: Instituto de Estudos Brasileiros: Edusp, 2012.

\_\_\_\_\_. “Clima e raça”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado na *Folha da Manhã*, São Paulo, em 29 de agosto de 1950)

\_\_\_\_\_. *Cobra de Vidro*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944.

\_\_\_\_\_. “Corpo e alma do Brasil – ensaio de psicologia social” [1935]. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda – Perspectivas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2008.

\_\_\_\_\_. “Corpo e Alma do Brasil: entrevista de Sérgio Buarque de Holanda” [1981]. Laura de Mello Souza *et al.*. In: *Novos Estudos CEBRAP*, n. 69, jul., 2004.

\_\_\_\_\_. “Crítica e História”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra (vol. II)*. Antonio Arnoni Prado (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Cultura e Política”. In: \_\_\_\_\_. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

\_\_\_\_\_. “Depois da ‘Semana’”. In: \_\_\_\_\_. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

\_\_\_\_\_. “Depois da Semana”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 24 de fevereiro de 1952)

\_\_\_\_\_. “Do mirante do padre Cardim”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado no *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, em 12 de fevereiro de 1950)

\_\_\_\_\_. “Em torno da Semana”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 17 de fevereiro de 1952)

\_\_\_\_\_. “Em torno de um congresso”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 8 de abril de 1951)

\_\_\_\_\_. “Entre a crítica e o apostolado”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra: estudos de crítica literária (vol. II)*. Antonio Arnoni Prado (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (originalmente publicado em *O Estado de São Paulo*, em 24 de dezembro de 1948)

\_\_\_\_\_. “Erudição e imaginação”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra: estudos de crítica literária (vol. II)*. Antonio Arnoni Prado (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, a 23 de julho de 1950)

\_\_\_\_\_. “Estudos etnológicos”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 1º de julho de 1951)

\_\_\_\_\_. “Essência e existência”. In: \_\_\_\_\_. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

\_\_\_\_\_. “Existencialismo”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 25 de março de 1951)

\_\_\_\_\_. “Hermetismo e crítica” (I, II e Conclusão). In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra: estudos de crítica literária (vol. II)*. Antonio Arnoni Prado (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (originalmente publicados no *Diário Carioca*, respectivamente, em 6 de maio, 13 de maio e 20 de maio de 1951)

HOLANDA, Sérgio Buarque de. “História brasileira num castelo medieval” (entrevista). In: *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 14-15 de novembro, 1959.

\_\_\_\_\_. “História da literatura brasileira: 1870-1920”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado na *Folha da Manhã*, São Paulo, em 7 de junho de 1950)

\_\_\_\_\_. “História e natureza”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 17 de junho de 1951)

\_\_\_\_\_. “‘História’, palestra de Sérgio Buarque de Holanda no Centro de Estudos Históricos Afonso Taunay, Universidade de São Paulo (CEHAT/USP) (1967-1969)”. In: CARVALHO, Raphael Guilherme de. “Em torno da concepção de história de Sérgio Buarque de Holanda”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Brasil, n. 70, p. 306-340, ago., 2018.

\_\_\_\_\_. “Inatualidade de Cairu”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro I (1920-1949)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado em *O Estado de São Paulo*, em 14 de março de 1946)

\_\_\_\_\_. “Linguagem poética”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra: estudos de crítica literária (vol. II)*. Antonio Arnoni Prado (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 14 de dezembro de 1952)

\_\_\_\_\_. “Livros premiados”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra: estudos de crítica literária (vol. II)*. Antonio Arnoni Prado (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (originalmente publicado no jornal *Diário Carioca*, a 31 de dezembro de 1950)

\_\_\_\_\_. “Missão e profissão”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra: estudos de crítica literária (vol. II)*. Antonio Arnoni Prado (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (originalmente publicado no jornal *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, a 22 de agosto de 1948)

\_\_\_\_\_. “Modernismo, tradicionalismo, regionalismo”. In: SENNA, Homero. *República das Letras (20 entrevistas com escritores)*, Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.

\_\_\_\_\_. “Nordeste e Noroeste”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 17 de setembro de 1950)

\_\_\_\_\_. “Novos rumos da Sociologia”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro I (1920-1949)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (publicado originalmente no *Diário Carioca*, em 03 de outubro de 1948)

HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O lado oposto e outros lados”. In: \_\_\_\_\_. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Francisco de Assis Barbosa (org.). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2ª ed., 1989. (publicado originalmente na *Revista do Brasil*, em 15 de outubro de 1926)

\_\_\_\_\_. “O pensamento histórico no Brasil nos últimos cinquenta anos”. In: PEREIRA, Mateus Henrique de F.; SANTOS, Pedro Afonso Cristóvão dos. “Odisséias do conceito moderno de história”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, nº 50, março de 2010. (originalmente publicado no *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1951)

\_\_\_\_\_. “O problema das culturas II”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro I (1920-1949)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado no *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, em 10 de novembro de 1940)

\_\_\_\_\_. “Para uma nova História”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado na *Folha da Manhã*, São Paulo, em 26 de julho de 1950)

\_\_\_\_\_. “Poesia e Positivismo” (I, II, III, IV). In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra: estudos de crítica literária (vol. II)*. Antonio Arnoni Prado (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (originalmente publicados no *Diário Carioca*, respectivamente, em 22 de julho, 29 de julho, 5 de agosto e 11 de novembro de 1951)

\_\_\_\_\_. “Prefácio à segunda edição”. In: \_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. 2ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1948.

\_\_\_\_\_. “Raça, cultura e clima”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 3 de setembro de 1950)

\_\_\_\_\_. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Francisco de Assis Barbosa (org.). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2ª ed., 1989.

\_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. 2ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1948.

\_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil. Edição comemorativa dos 70 anos*. Ricardo Benzaquen de Araújo e Lilia Moritz Schwarcz (orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil. Edição crítica e comemorativa de 80 anos*. Pedro Meira Monteiro e Lilia Moritz Schwarcz (orgs.); estabelecimento de texto e notas: Mauricio Acuña e Marcelo Diego – São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. “Sociedade patriarcal – 1ª parte”. *Folha da Manhã*, 10 de novembro de 1951.

\_\_\_\_\_. “Sociedade patriarcal – 2ª parte”. *Folha da Manhã*, 13 de novembro de 1951.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. “Sociedade patriarcal – 3ª parte”. *Folha da Manhã*, 23 de novembro de 1951.

\_\_\_\_\_. “Sociedade Patriarcal”. In: *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

\_\_\_\_\_. “Tendências filosóficas”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 18 de março de 1951)

\_\_\_\_\_. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

\_\_\_\_\_. “Tristão de Athayde” [1928]. In: \_\_\_\_\_. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Francisco de Assis Barbosa (org.). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2ª ed., 1989.

\_\_\_\_\_. “Uma entrevista”. In: Francisco de Assis Barbosa (org.). *Revista do Brasil. Número especial dedicado a Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Rioarte – Fundação Rio, Ano 3, n. 6, 1987. (originalmente publicada em *The Hispanic American Historical Review*. v. 62, n. 1, fevereiro de 1982. Sua tradução, meses depois, foi publicada na revista *Ciência e Cultura*, v. 34, n. 9, setembro de 1982)

\_\_\_\_\_. “Universalismo e provincianismo em crítica”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra: estudos de crítica literária (vol. II)* Antonio Arnoni Prado (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996. (originalmente publicado no *Diário de Notícias*, em 7 de novembro de 1948)

\_\_\_\_\_. “Verdade e ideologia I”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 11 de maio de 1952)

\_\_\_\_\_. “Verdade e ideologia II”. In: \_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos. Livro II (1950-1979)*. Marcos Costa (org.). – São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011. (originalmente publicado no *Diário Carioca*, em 18 de maio de 1952)

\_\_\_\_\_. *Visão do Paraíso*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959.

HOLLANDA, Sergio Buarque de. “Perspectivas”. In: *Estética*, ano II, vol. 1 (nº 3). Abril-junho, 1925.

\_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936.

IANNI, Octavio. *Raças e classes sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

IGLÉSIAS, Francisco. “A pesquisa histórica no Brasil”. Comunicação apresentada à Mesa-Redonda, promovida pelo Núcleo Regional do Paraná da Associação Nacional de História (ANPUH), Curitiba, 5 de julho de 1971.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia* [1954]. 6 ed. rev. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.



LEONEL FRANCA, S. J. "Caracteres fundamentaes do thomismo". In: *A Ordem*. N. 3, 15 set., 1929.

LIMA, Alceu Amoroso. "Adeus à disponibilidade (Carta a Sérgio Buarque de Holanda)" [1929]. In: \_\_\_\_\_. *Adeus à disponibilidade e outros adeuses*. Rio de Janeiro, Agir, 1969.

\_\_\_\_\_. "Cairú". In: *A Ordem*. Rio de Janeiro. Set./out., 1936.

\_\_\_\_\_. "Ano zero" [1952]. In: TELES, Gilberto Mendonça (org.). *Teoria, crítica e história literária*. São Paulo: Edusp, 1980.

\_\_\_\_\_. "Entrevista ao Canal Livre" [1981]. In: Canal Alceu Amoroso Lima Memórias. <<https://www.youtube.com/watch?v=dy0893I0OrI&t=78s>>

\_\_\_\_\_. "Época, vida e obra de Cairú". In: LISBOA, José da Silva. *Princípios de Economia Política*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1956.

\_\_\_\_\_. "Gilberto Freyre visto por um católico". In: LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA, *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte*. Ensaio sobre o autor de *Casa-grande & Senzala* e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação desse seu livro. Introdução de Gilberto Amado. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1962.

\_\_\_\_\_. "Introdução". In: \_\_\_\_\_. *Revolução Suicida*. Rio de Janeiro: Ed. Brasilia-Rio, 1977.

\_\_\_\_\_. *O existencialismo e outros mitos do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Agir, 1956.

\_\_\_\_\_. *O problema do trabalho (Ensaio de filosofia econômica)*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.

\_\_\_\_\_. "Terrorismo Cultural". In: \_\_\_\_\_. *Revolução, reação ou reforma?* 2ª ed. revista. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1964.

\_\_\_\_\_. *Revolução Suicida*. Rio de Janeiro: Ed. Brasilia-Rio, 1977.

\_\_\_\_\_; FIGUEIREDO, Jackson de. *Correspondência: harmonia dos contrários*. Rio de Janeiro: ABL, 1991.

LISBOA, José da Silva. "Prefacio". In: *Estudos do bem-commum e Economia Política*. Rio de Janeiro – Imprensa Regia, 1819.

MENDES, Oscar. "O liberalismo no Brasil sob o ponto de vista catolico". In: *A Ordem*. Rio de Janeiro. Ano XIII. Vol. VII. Jan., n. 23, 1932.

MORAES FILHO, Evaristo de. *O Ensino da Filosofia no Brasil (Decimália da Biblioteca Nacional)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1959.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira: pontos de partida para uma revisão histórica* [1975]. 9ª edição. São Paulo: Ática, 1994.

SANTOS, Nelson Pereira dos. *Raízes do Brasil – Uma Cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda*. Regina Filmes, Video Filmes e Rio Filme. Patrocínio – Petrobras, 2004.

SIMMEL, Georg. *Philosophie des Geldes*. München: Duncker und Humblot, 1920. (Consultado no acervo da *Coleção Especial Sérgio Buarque de Holanda* – Biblioteca Central Cesar Lattes, Universidade Estadual de Campinas)

VERISSIMO, Erico. “Uma literatura chega à maioridade” [1945]. In: \_\_\_\_\_. *Breve história da literatura brasileira*. Trad. Maria da Glória Bordini. São Paulo: Globo, 1995.

### **Referências gerais:**

ADORNO, Theodor. *Notas de literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. *Stasis: La guerra civile come paradigma politico*. (Homo sacer, II, 2). Bollati Boringhieri editore – Torino, 2015.

ALMEIDA, Rodrigo Davi. *Sartre no Brasil: expectativas e repercussões*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

ANHEZINI, Karina. *Um metódico à brasileira: a História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. “Deuses em Miniatura: Notas sobre genialidade e melancolia em Gilberto Freyre”. In: Universidade Federal de Minas Gerais (org.). *Navegar é Preciso, Viver. Escritos para Silviano Santiago*. Belo Horizonte/Salvador/Rio de Janeiro: UFMG/EDUFBA/EDUFF, 1997.

\_\_\_\_\_. *Guerra e paz. Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2005.

ARAUJO, Valde; PIMENTA, João Paulo. “História”. In: FERREZ JÚNIOR, João (org.). *Léxico da História dos Conceitos Políticos do Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

ARCANJO JUNIOR, Loque. *O ritmo da mistura e o compasso da história: o modernismo musical nas Bachianas Brasileiras de Heitor Villa-Lobos*. Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado em História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

ARDUINI, Guilherme Ramalho. *Em busca da Idade Nova: Alceu Amoroso Lima e os Projetos Católicos de Organização Social (1928-1945)*. São Paulo: Edusp, 2015.

ARMANI, Carlos Henrique. “História intelectual e redes contextuais”. In: *Anos 90*. Porto Alegre, v. 20, n. 37, jul., 2013.

ARRUDA, Jose Jobson; NOVAIS, Fernando. “Prometeus e Atlantes na Forja da Nação”. In: *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 12, n. 2 (21), 2003.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: la representación en la literatura occidental*. Trad. I. Villanueva e E. Ímaz. Fondo de Cultura Económica: México, 1996.

BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 14 ed. – São Paulo: Hucitec, 2010.

BASTOS, Elide Rugai. “Raízes do Brasil – Sobrados e Mucambos: um diálogo”. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda – Perspectivas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2008, p. 227-244.

\_\_\_\_\_; BOTELHO, André. “Para uma sociologia dos intelectuais”. In: *Dados - Revista de Ciências Sociais*. vol. 53, n. 4, 2010.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3ª edição. São Paulo: Cultrix, 1989.

BOTELHO, André; BRASIL JR., Antonio. “Primos entre si? Rural e urbano em *Raízes do Brasil e Populações meridionais do Brasil*”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil. Edição crítica e comemorativa de 80 anos*. Pedro Meira Monteiro e Lilia Moritz Schwarcz (orgs.); estabelecimento de texto e notas: Mauricio Acuña e Marcelo Diego – São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_; LAHUERTA, Milton. “Interpretações do Brasil, pensamento social e cultura política: tópicos de uma necessária agenda de investigação”. In: *Perspectiva*. São Paulo, nº 28, 2005.

\_\_\_\_\_; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar Quer Dizer*. 2. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. “Campo intelectual e projeto criador”. In: POUILLON, Jean *et al.*. *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

\_\_\_\_\_. *Führer della filosofia? L'ontologia politica di Martin Heidegger*. Traduzione di Girolamo De Michele. Bologna: Società Editrice Il Mulino, 1989.

\_\_\_\_\_. “La production de la croyance: contribution à une économie des biens symboliques”. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 13, 1977.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand Brasil, 1989.

BURKE, Peter. "Gilberto Freyre e a nova história". In: *Tempo Social, revista de sociologia da USP*. 9(2): 1-12, outubro de 1997.

CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. *Outros Lados: Sérgio Buarque de Holanda, Crítica Literária, História e Política*. Tese de Doutorado. Campinas, IFCH-Unicamp, 2003.

CARVALHO, Raphael Guilherme de. "Em torno da concepção de história de Sérgio Buarque de Holanda". In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Brasil, n. 70, ago., 2018.

\_\_\_\_\_. *Sérgio Buarque de Holanda, do mesmo ao outro: escrita de si e memória (1969-1986)*. (Tese de doutorado em História, defendida na Universidade Federal do Paraná) – Curitiba, 2017.

\_\_\_\_\_. *Um "estudo compreensivo": historicidade em Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná – Curitiba, 2013.

COSTA LIMA, Luiz. *Limites da Voz (Montaigne, Schlegel, Kafka)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2ª ed, 2005.

\_\_\_\_\_. *Pensando nos trópicos (Dispersa demanda II)*. Rocco: Rio de Janeiro, 1991.

COSTA, Marcelo Timotheo da. *Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2006.

COUTINHO, Amélia. "Vebete Miguel Reale". In: *FGV – CPDOC*. Rio de Janeiro, s/d.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Alceu Amoroso Lima*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana (Coleção Educadores), 2010.

DAMIÃO, Carla Milani. "A reconfiguração do conceito de sinceridade em teorias pós-modernas". In: *Revista Ideação*, n. 31, jan./jun., 2015.

DE DECCA, Edgar Salvadori. "Decifra-me ou te devoro: as metáforas em *Raízes do Brasil*". In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda – Perspectivas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2008.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

\_\_\_\_\_. *Limited inc*. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1988.

DIMAS, Antonio. "Barco de proa dupla". In: *Revista USP*, São Paulo, n. 54, junho/agosto, 2002.

DOSSE, François. *A História em Migalhas: dos Annales à Nova História*. Bauru – Edusc, 2003.

DO VALLE, Ulisses. “Sérgio Buarque de Holanda leitor de Heidegger? – reflexão sobre um paradoxo do personalismo do Homem Cordial”. In: *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*. v. 8, n. 19, 3 jun., 2016.

EUGÊNIO, João Kennedy. *Um ritmo espontâneo: o organicismo em Raízes do Brasil e Caminhos e fronteiras, de Sérgio Buarque de Holanda*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2010.

FARIA, Daniel. *O mito modernista*. Uberlândia – MG: EDUFU, 2006.

FALCÃO, Joaquim; ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de (orgs.). *O imperador das idéias. Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

FEBVRE, Lucien. *Combats pour l'histoire* [1952]. Paris: Armand Colin, 1992.

FELDMAN, Luiz. “Um clássico por amadurecimento: *Raízes do Brasil*”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, n. 82, jun., 2013.

FERREIRA, Ana L. O. D. “Sérgio Buarque de Holanda: conceitos e métodos de abordagem em *Raízes do Brasil*”, 2007. In: *Proyecto Ensayo Hispánico*. Disponível em: <[www.ensayistas.org/filosofos/brasil](http://www.ensayistas.org/filosofos/brasil)>

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. La Bibliothèque électronique du Québec. Collection *À tous les vents*. Volume 715: version 2.0, s/d..

FRANZINI, Fábio. *À sombra das palmeiras: A coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Tese de doutorado em História. São Paulo: USP, 2006.

\_\_\_\_\_; LOURENÇO, Elaine. “Quando historiadores foram à escola: a *História do Brasil* de Octavio Tarquínio de Sousa e Sérgio Buarque de Holanda (1944) e os ecos da nova historiografia brasileira”. In: *Revista Expedições*. Morrinhos, Goiás, v. 8, n. 1, jan./abr., 2017.

\_\_\_\_\_. “Reconhecimento lento e gradual”. In: *Revista de História*. Rio de Janeiro, dez., 2010.

FREIXO, Andre de Lemos. *A arquitetura do novo: ciência e história da História do Brasil em José Honório Rodrigues*. Tese de doutorado em História. Rio de Janeiro: UFRJ/IH/PPGHIS, 2012.

FREUD, Sigmund. *Obras completas. Volume 10 (1911-1913)*. Trad. e notas Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GENETTE, Gérard. *Paratexts: Thresholds of Interpretation*. Cambridge: Cambridge University Press (Literature, Culture, Theory 20), 1997.

GIUCCI, Guillermo; LARRETA, Enrique Rodríguez. *Gilberto Freyre uma biografia cultural. A formação de um intelectual brasileiro: 1900-1936*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GOMES JÚNIOR, Guilherme Simões. “Crítica, combate e deriva do campo literário em Alceu Amoroso Lima”. In: *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 23, n. 2, nov., 2011.

GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. – Campinas, SP: Papirus, 1998.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “Usos da história, refletindo sobre identidade e sentido”. In: *História em Revista*, Pelotas, v. 6, dezembro de 2000.

KAUFFMANN, Robert Lane. “The Skewed Path: Essaying as Unmethodical Method”. In: *Essays On The Essay: Redefining the Genre*. Alexander J. Butrym (ed). Athens, Georgia: University of Georgia Press, 1989.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC/RJ, 2006.

\_\_\_\_\_. *historia/Historia*. Madrid: Editorial Trotta, 2004.

\_\_\_\_\_. *Los estratos del tiempo: estudios sobre la historia*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2001.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAPRA, Dominick. “Repensar la historia intelectual e leer textos”. In: PALTÍ, Elias (org.). *Giro Lingüístico e historia intelectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: Edusp, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “Introdução à obra de Marcel Mauss”. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

LUKÁCS, Georg. “Sobre a essência e a forma do ensaio: uma carta a Leo Popper”. Trad. Mario Luiz Frungillo. In: *Revista UFG*. Ano 10, nº 04, 2008.

LYNCH, Christian Edward Cyril. “Conservadorismo caleidoscópico: Edmund Burke e o pensamento político do Brasil oitocentista”. In: *Lua Nova. Revista de Cultura e Política*, 2017.

MACÉ, Marielle. *Le temps de l'essai. Histoire d'un genre en France au XXe siècle*. Tours: Belin, 2006.

MANNHEIM, Karl. *Sociologia*. Marialice M. Foracchi (org.). São Paulo: Atica, 1982.

MARQUES, Ivan. *Modernismo em revista: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

MARTINS, Renato. *Tradição, Modernidade e a História das Américas em Visão do paraíso (1946-1969)*. Tese de doutorado em História, defendida no Programa de Pós-graduação em História da Universidade de São Paulo, 2017.

MATA, Sérgio da. "Tentativas de desmitologia: a revolução conservadora em *Raízes do Brasil*". In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 36, n. 73, jul./dez., 2016.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. Trad. Sérgio Milliet. *Montaigne. Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

MONTEIRO, Pedro Meira. "'Coisas sutis, ergo profundas': O diálogo entre Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda". In: \_\_\_\_ (org.). *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: correspondência*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras: Instituto de Estudos Brasileiros: Edusp, 2012.

\_\_\_\_. *Signo e desterro: Sérgio Buarque de Holanda e a imaginação do Brasil*. 1. ed. – São Paulo: Hucitec, 2015.

\_\_\_\_; SCHWARCZ, Lilia Moritz. "Cronologia de *Raízes do Brasil*". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil. Edição crítica e comemorativa de 80 anos*. Pedro Meira Monteiro e Lilia Moritz Schwarcz (orgs.); estabelecimento de texto e notas: Mauricio Acuña e Marcelo Diego – São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda – Perspectivas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2008.

MORESCHI, Marcelo Seravali. *A façanha auto-históricográfica do modernismo brasileiro (Brazilian Modernism as an Auto-históricographical Avant-Garde)*. Tese de doutorado. Santa Barbara: University of California, 2010.

MOTA, Carlos Guilherme. "A universidade brasileira e o pensamento de Gilberto Freyre". In: FALCÃO, Joaquim; ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de (orgs.). *O imperador das idéias. Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

MOTTA, Antonio. "A Fundação Joaquim Nabuco e o legado do departamento de antropologia". In: *Ciência & Trópico*. Recife, v. 33, n. 1, p. 1-180, 2009.

NETO, João Cabral de Melo. *Museu de tudo. Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

NETO, João Cabral de Melo. *Selected Poetry, 1936-1990*. Djelal Kadir, editor. With translations by Elizabeth Bishop *et al.*. Wesleyan University Press. Published by University Press of New England, Hanover, 1994.

NICODEMO, Thiago Lima. “Os planos de historicidade na interpretação do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda”. In: *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*. V. 7, n. 14, 3 set., 2013.

\_\_\_\_\_. “Para além de um prefácio: ditadura e democracia no diálogo entre Antonio Candido e Sérgio Buarque de Holanda”. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 36, n. 73, jul./dez., 2016.

\_\_\_\_\_. “Sérgio Buarque de Holanda e a dinâmica das instituições culturais no Brasil 1930-1960”. In: MARRAS, Stelio (org.). *Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Edusp/ Instituto de Estudos Brasileiros, 2012.

\_\_\_\_\_. *Urdidura do Vivido: Visão do Paraíso e a Obra de Sérgio Buarque de Holanda nos Anos 1950*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

NICOLAZZI, Fernando. “À sombra de um mestre: Gilberto Freyre leitor de Euclides da Cunha”. In: *História* [online]. São Paulo. vol. 29, n. 1, 2010.

\_\_\_\_\_. “As virtudes do herege: ensaio, modernismo e escrita da história em *Casa-grande & senzala*”. In: *Remate De Males*, 31 (1-2), 2012.

\_\_\_\_\_. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio. Sobre Casa-grande & Senzala e a representação do passado*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Trad. Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 1996.

NOBRE, Marcos. “Depois da formação. Cultura e política da nova modernização”. In: *Revista Piauí*, n. 74, nov., 2012.

OLIVEIRA, Francisco. *Brasil: uma biografia não autorizada*. São Paulo: Boitempo, 2018.

OLIVEIRA, José Luiz de. “Tristão de Athayde: O conceito tomasiano de sindérese na fundamentação dos direitos humanos”. In: *Revista Estudos Filosóficos* nº 14 - São João del-Rei-MG, 2015.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. “‘Um Livro Marcante’, ou uma Autobiografia à Prestação”. In: FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos: Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade 1915-1930* [1975]. Apresentação de Maria Lúcia Pallares-Burke. 1ª edição digital. São Paulo: Global Editora, 2012.

PÉCORA, Alcir. “A importância de ser prudente”. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda – Perspectivas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2008.



PEREIRA, Mateus Henrique de F. “Fim do tempo das sínteses? Questões a partir da perspectiva de Mircea Eliade em *História das Crenças e das Idéias Religiosas (1976-1983)*: um ‘estudo de caso’ como motivo à reflexão teórica e metodológica”. In: *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*. Vol. 8, ano VIII, nº 2, maio/junho/julho/agosto, 2011.

\_\_\_\_\_; SANTOS, Pedro Afonso Cristóvão dos. “Odisseias do conceito moderno de história”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, nº 50, março de 2010.

PEREIRA, José Flávio; PEREIRA, Lupércio Antônio. “Instituições jurídicas, propriedade fundiária e desenvolvimento econômico no pensamento de José Da Silva Lisboa (1829)”. In: *História*, São Paulo, v. 25, n. 2, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Um historiador nas fronteiras: o Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

PRADO, Antonio Arnoni. “Introdução”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra: estudos de crítica literária (vol. I)*. Antonio Arnoni Prado (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. “Introdução”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra: estudos de crítica literária (vol. II)*. Antonio Arnoni Prado (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

QUADROS, Eduardo Gusmão. “O catolicismo integral: fé e política em Alceu Amoroso Lima”. In: *PLURA*, Revista de Estudos de Religião. Vol. 5, nº 2, 2014.

RICUPERO, Bernardo. “O conservadorismo difícil”. In: FERREIRA, Gabriela Nunes; BOTELHO, André (orgs.). *Revisão do pensamento conservador*. São Paulo: Hucitec, 2010.

ROCHA, Antonio Penalves. “Introdução”. In: CAIRU, Visconde de. *Visconde de Cairu*. Organização e Introdução de Antonio Penalves Rocha – São Paulo: Editora 34, 2001.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Literatura e cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira*. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

\_\_\_\_\_. “Notas para uma futura pesquisa: Gilberto Freyre e a Escola Paulista”. In: FALCÃO, Joaquim; ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de (orgs.). *O imperador das idéias. Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

\_\_\_\_\_. *O exílio do homem cordial; ensaios e revisões*. – Rio de Janeiro: Museu da República, 2004.

\_\_\_\_\_. “Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre: raízes de uma rivalidade literária”. In: *Dicta&contradicta*, n. 9, Guilherme Malzoi Rabello (org.) – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: IFE, 2012.

RODRIGUES, Cândido Moreira. “Fontes para pensar a trajetória do intelectual Alceu Amoroso Lima”. In: *Patrimônio e Memória*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 1, n. 2, 2005.

RODRIGUES, Henrique Estrada. *Fronteiras da democracia em Sérgio Buarque de Holanda*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. “O conceito de formação na historiografia brasileira”. In: SOUZA, Francisco Gouveia; PEREIRA, Mateus *et al.* (orgs.). *Teoria e historiografia: debates contemporâneos*. 1ª ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

\_\_\_\_\_. “Uma história cordial: Oswald de Andrade leitor de Sérgio Buarque de Holanda”. In: CLOCLET, Ana Rosa; NICOLAZZI, Fernando; PEREIRA, Mateus (orgs.). *Contribuições à história da historiografia luso-brasileira*. São Paulo: Ucitec/Belo Horizonte: Fapemig, 2013.

RODRIGUES, Leandro Garcia. “Cartas de Esperança em Tempos de Ditadura – Frei Betto e Leonardo Boff escrevem a Alceu Amoroso Lima”. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano IX, n. 25, maio/agosto, 2016.

RODRIGUES, Lidiane. “Um desejo chamado ensaio”. In: *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*. v. 7, n. 16, 2014.

SALOMÃO, Jayme (dir.). *Sérgio Buarque de Holanda*. 3º COLÓQUIO UERJ. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SANCHES, Dalton. *Entre “formas hesitantes e bastardas”: ensaísmo, modernismo e escrita da história em Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Mariana, Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto (Dissertação de mestrado), 2013.

\_\_\_\_\_. “As escritas de (e sobre) *Raízes do Brasil*: possibilidades e desafios à história da historiografia”. In: *História da Historiografia*. Ouro Preto (UFOP), n. 9, agosto, 2012.

\_\_\_\_\_. “Debates sobre Cairu: política e historicidade em *Raízes do Brasil*”. In: *Revista Ágora* (Vitória), v. 21, 2015.

\_\_\_\_\_. “*Raízes do Brasil*: a passadidade do 'passado agrário' como 'herança rural'”. In: MOLLO, Helena Miranda; SILVA, Rodrigo Machado da (orgs.). In: *Abordagens e representações narrativas: problemas para a história da historiografia*. 1ed. Ouro Preto: Editora Ufop, 2015.

SCHLEGEL, Friedrich von. *Philosophical fragments*. Translated by Peter Firchow. Foreword by Rodolphe Gasche. Minnesota: University of Minnesota Press, 1991.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloísa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

\_\_\_\_\_. *Que horas são?: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Trad. Millôr Fernandes. L&PM Pocket (versão Kindle).

SILVA, Breno Carlos da. *Gustavo Capanema: A Construção das Relações entre a Intelligentsia Nacional e o Estado no Brasil (1934-1945)*. Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. (Dissertação de Mestrado), 2010.

SILVA, Bruno Diniz. *Da Restauração à Regeneração: Linguagens políticas em José da Silva Lisboa (1808-1830)*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-graduação em História, 2010.

SILVA, Gabriel Santos da. *Sua fraqueza foi sua força: a plasticidade em Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio, 2012.

SILVA, Rafael Pereira da. *A morte do Homem cordial: trajetória e memória na invenção de um personagem (Sérgio Buarque de Holanda, 1902-1982)*. (tese de doutorado em História, defendida da Universidade Estadual de Campinas) – Campinas, 2015.

SORÁ, Gustavo. “A construção sociológica de uma posição regionalista. Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa-grande & Senzala* de Gilberto Freyre”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – vol. 13, nº 36, 1998.

SOUSA JUNIOR, Walter de. *Mixórdia no picadeiro: circo, circo-teatro e circularidade cultural na São Paulo das décadas de 1930 a 1970*. São Paulo: Tese de Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2009.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

SOUZA, Jessé. *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*. São Paulo: LeYa, 2015.

STAROBINSKI, Jean. *Pour un temps/Jean Starobinski*. Paris: Centre Georges Pompidou, 1985.

SÜSSEKIND, Flora. “Outra Nota – Comentário ao texto ‘Nota breve sobre Sérgio crítico’, de Antônio Arnoni Prado”. In: SALOMÃO, J. (dir.). *Sérgio Buarque de Holanda*. 3<sup>o</sup> COLÓQUIO UERJ. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SYDOW, Evanize Martins. *Alceu Amoroso Lima e o regime militar (1964-1968)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História,

Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2007.

TRILLING, Lionel. *Sinceridade e Autenticidade: a vida em sociedade e a afirmação do eu*. Trad. Hugo Langone. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

VECCHI, Roberto. “A insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e ressentimento do tempo dentro e fora do cânone modernista”. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (Res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2004.

\_\_\_\_\_. “Atlas intersticial do tempo do fim: Nossa Revolução”. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Um historiador nas fronteiras: o Brasil de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

\_\_\_\_\_. “Contrapontos à brasileira: Raízes do Brasil e o jogo das metáforas”. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda – Perspectivas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2008.

\_\_\_\_\_. “Periphery as a Work Eccentric Modernities and Lusophone-Tropical Rearrangements”. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 58, jun., 2014.

VELLOSO, Mônica Pimenta. “A literatura como espelho da nação”. In: *Estudos Históricos*. Vol. 1, n. 2, 1988.

VENANCIO, Giselle; WEGNER, Robert. “Uma vez mais, Sérgio e Gilberto: debates sobre o ensaísmo no suplemento literário do *Diário de Notícias* (1948-1953)”. In: *Varia Historia*. Belo Horizonte, vol. 34, n. 66, set/dez 2018.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil. 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

VIRNO, Paolo. *Saggio sulla negazione. Per una antropologia linguistica*. Bollati Boringhieri editore – Torino, 2013.

WAIZBORT, Leopoldo. “O mal-entendido da democracia: Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, 1936”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 26, n. 76, jul., 2011.

WEGNER, Robert. *A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2000.

\_\_\_\_\_. “Da genialidade à poeira dos arquivos: Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda”. Comunicação apresentada no GT “Pensamento social no Brasil”, no *XXVII Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu, 2003.

WEGNER, Robert. "Latas de leite em pó e garrafas de uísque: um modernista na universidade". In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda – Perspectivas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2008.

WHITE, Hayden. *Meta-história: A Imaginação Histórica do Século XIX*. Trad. José Laurênio de Melo. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

WILLIAMS, Raymond. *Culture and Society (1780-1950)*. Anchor Books. Doubleday & Company, Inc. Garden City: New York, 1960.

\_\_\_\_\_. "My Cambridge". In: HAYMAN, Ronald. *My Cambridge*. London: Robson Books, 1977.

WOOD, James. *Como funciona a ficção*. Trad. Denise Bottmann. 1ª ed. Cosac Naify Portátil. – São Paulo: Cosac Naify, 2012.

#### **Sites consultados:**

*Almanaque – Banco de dados Folha*: <<http://almanaque.folha.uol.com.br>>

*Biblioteca Nacional Digital do Brasil*: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

*Base Acervus do Sistema de Bibliotecas da Unicamp*: <<http://acervus.unicamp.br>>

*Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil*: <<http://cpdoc.fgv.br/>>

*Freie Universität Berlin*: <<https://www.lai.fu-berlin.de/pt/brasil/gastprofessur/index.html>>

*Origem da Palavra – Site de etimologia*: <http://origemdapalavra.com.br>

*Revista Piauí*: <<https://piaui.folha.uol.com.br>>

*YouTube*: <<https://www.youtube.com>>